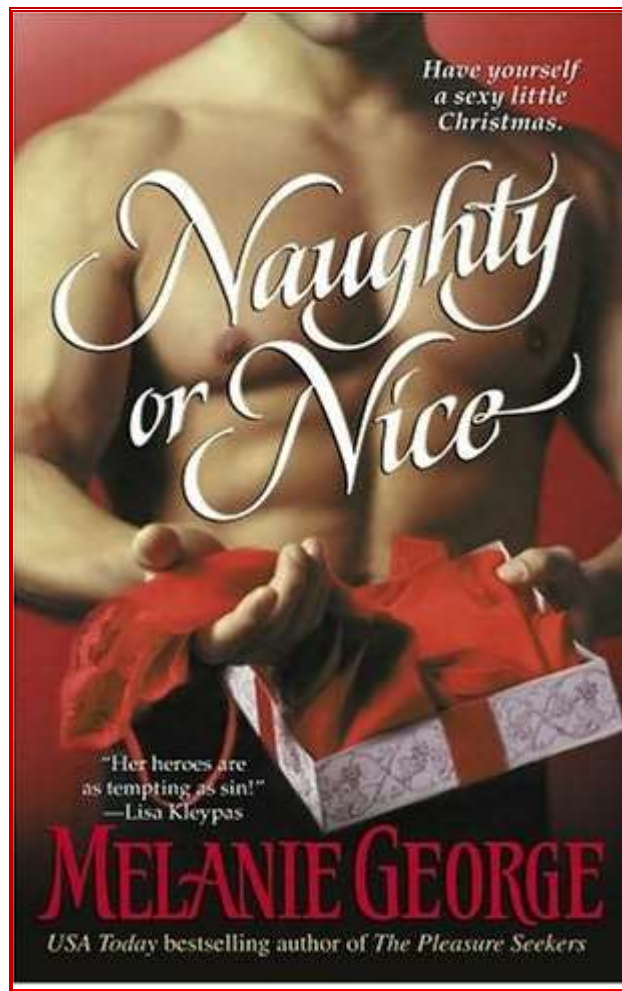


Seduzir a Donzela

SÉRIE OS BUSCADORES DE PRAZER - 02

Melanie George



Projeto Revisoras Traduções

PRT

Este livro faz parte, da união de pessoas que gostam da leitura e o repasse,
sem fins lucrativos, é de fãs para fãs.

A comercialização deste produto é estritamente proibida.



É uma época festiva e alegre, mas a idéia de que lhe imponham um tutor, faz Lady Francine Fitz Hugh se sentir pouco feliz. Terá que fazer com que seu tutor mal-humorado vá embora de uma vez! Porém... Desgraçadamente, Lucien Kendall é alto, moreno e pecaminosamente atraente. A paixão que vê em seus olhos ao olhá-la revela a Francine que ele não irá tão cedo... pior ainda, ela na realidade não deseja que o faça.

Por ser sua pupila, Fancy está proibida para Lucien, mas o atrevido encanto da jovem, sua lealdade e suas graciosas curvas, são uma tentação insuportável. Não pode evitar imaginar como seria guiá-la pelos ardentes caminhos da paixão... e como a inocência da moça poderia aliviar sua tortura. Entretanto, se o escuro passado de Lucien for revelado, a verdade poderá destruí-los. Na época do ano em que reinam o amor e a boa vontade, será que seria muito, esperar um milagre?

Capítulo I

Do ponto de vista de um perito, o traseiro que tão docemente se elevava para o céu, a uns seis metros diante de Lucien, era o mais provocante que tinha tido a sorte de admirar: sensualmente arredondado, firme, arrebitado, prolongamento de pernas torneadas e delicados pés. O efeito final era tão atraente que as horrendas calças de um cinza indefinido não quebravam a harmonia do conjunto.

O espetáculo era uma compensação por todas as desgraças que tinha sofrido até esse momento, o que incluía a eterna garoa que caía sem parar há três dias, quando sua carruagem tinha entrado estralando ruidosamente no purgatório cheio de buracos e infestado de *tojós* dos ermos montes da Cornualha.

Bem, se pelo menos pudesse ver o resto do pacote que vinha com esse doce traseiro, pensou Lucien, reclinando-se contra a porta do estábulo.

Mas a pequena continuava revirando os bolsos do bêbado. Este estava completamente inconsciente e seus roncoss rressonavam mais que um moinho madeireiro, e isso podia ser a causa da moça não ter ouvido Lucien chegar, com o cavalo por trás dela.

Seu carro afundou numa daquelas malditos fossas tão comuns neste miserável ponto do universo, e tinha ficado parado até que Tahj, (a sombra e consciência budista de Lucien), pudesse enviar ajuda.

Feliz por poder observar, Lucien se acomodou em uma posição mais confortável e se absteve de mostrar sua presença à moça. Bem, devia aproveitar quando lhe davam uma oportunidade de observar algo tão belo, e com toda certeza esse era o caso.

Um confuso delírio se apossou dele enquanto permanecia ali de pé, perguntando-se distraidamente se seria possível que alguém ficasse prisioneiro de um traseiro, sentindo uma leve curiosidade a respeito do que seria que a dona daquele traseiro lindo pretendia roubar, já que não parecia estar pegando nada.

Aquele pensamento ficou relegado ao esquecimento quando o leve chapéu da jovem caiu da cabeça, revelando uma sedosa cascata de cabelo negro azulado que se derramou sobre o atoleiro junto à cabeça do bêbado.

Lucien apertou os punhos só lado de seu corpo enquanto sua excitação aumentava até converter-se em uma pontada quase intolerável que o fez lembrar, com muita intensidade, que há muito tempo não tinha sexo com uma mulher.

Cinco meses, seis dias e doze horas, nem um minuto mais, nem um minuto a menos.

Fez as contas, e se perguntava quando acabaria aquela anomalia. Deveria alegrar-se de que seus negócios o tivessem tirado de Londres; de outro modo, sua reputação de libertino de primeira classe teria se arruinado completamente. Seu juramento como *Buscador de Prazer* corria perigo. Mas finalmente parecia ter achado uma cura para seu mal na forma de uma linda ladra de carteira.

Despojada de seu disfarce pouco criativo, a moça balbuciou uma cômica maldição e rapidamente seus longos dedos enrolaram a sedosa cabeleira sobre a cabeça, embutindo-a novamente no chapéu. Erguendo-se, olhou fixamente o homem que jazia inconsciente e seus ombros curvados revelaram que não tinha encontrado o que procurava.

A menor coisa que Lucien podia fazer era lhe emprestar sua ajuda. E de maneira urgente.

— Precisa de ajuda, docinho? —perguntou.

A pequena ladra se voltou com tal rapidez que quase tornou a perder o chapéu. Não teve tanta sorte com respeito ao lenço sujo que usava para esconder o rosto e que deslizou até o pescoço, deixando Lucien mudo de assombro.

Há muito se conformara com o fato de que o Senhor geralmente não alinhava todas as características femininas por igual. O Todo-Poderoso gostava da brincadeira de dar à mesma mulher um corpo escultural e uma cara de pardal, ou o rosto de uma deusa com o corpo de Buda.

Mas isto... Deus santo, a pequena trombadinha era uma obra encantadora, das escuras sobrancelhas até os grandes olhos exoticamente rasgados, de um verde penetrante, o nariz impertinente, os maçãs do rosto altos e uma boca tão carnuda e ampla que ele já estava pensando nas possibilidades que oferecia.

Ela o examinou com a mesma intensidade, começando pelas pontas das botas salpicadas de barro, seguindo pela roupa, não exatamente antiga, a camisa manchada de barro na tentativa idiota de reparar o carro, o cabelo e o capote úmidos.

Em linhas gerais, não estava em um de seus melhores dias.

Recuperando-se da surpresa, ela deu um passo atrás e disse:

— Não se aproxime.

Ela fez um inútil esforço por voltar a cobrir o rosto, uma visão que ele não esqueceria pelo resto de sua vida. Algum dia sua sorte se esgotaria e alguém conseguiria atravessar o seu coração com uma bala, mas esperava que aquilo não acontecesse antes de ter podido provar a tentadora fruta que tinha diante.

— E o que poderia acontecer se ousasse me aproximar? —Avançou um passo, divertido por esta mocinha que o advertia. Ele podia colocá-la sob o braço sem nenhum esforço, dominá-la com uma só mão. Segurar sua cintura com essas mesmas mãos e colocá-la dócil como uma deusa em cima dele, sobre sua ereção, completamente penetrada, frágil e delicada, com os mamilos tensos e a pele ruborizada de prazer.

Ela dissipou a imagem ao dizer com voz surpreendentemente calma:

— Então, suponho que teria que disparar. — Uma arma apareceu detrás de suas costas.

Sua delicada flor silvestre tinha se mostrado ser uma felina cheia de determinação.

— Isso é um exagero, não é verdade? —Seu olhar se moveu rapidamente para a mão que, tremendo como uma folha sustentava a arma. Evidentemente ela não fora feita para ser uma criminosa.

— Falo sério.

— Estou certo disso. Mas posso sugerir que no futuro escolha um ponto menos freqüentado para roubar a suas vítimas?

— Não estava roubando este homem. Estava...

Calou e olhou para Lucien com o cenho franzido.

— Estava...?

Ela levantou o queixo:

— Não é assunto seu.

— Mas você o converteu em meu assunto, me apontando essa sua arma. A propósito o que planeja fazer comigo? Não tenho intenção alguma de por a menor resistência. Ao contrário, prometo ser o melhor dos prisioneiros.

Provocadoras imagens novas substituíram as anteriores: as mãos dele atadas à coluna da cama. Talvez esta terra esquecida da mão de Deus não fosse o inferno, depois de tudo.

Apontou a arma em direção ao coração.

— Saia do caminho, por favor.

Lucien tinha visto o cano de uma arma muitas vezes para acreditar que a morte decidisse levá-lo em um estábulo fracamente iluminado, para morrer pelas mãos de uma linda ladra de carteira suja de terra.

— Como quiser — disse ele, baixando o braço e despedindo-se da moça com um movimento de mão. Teve que refrear a vontade de rir ao vê-la duvidar. Demonstrava ser uma garota esperta ao não confiar nele.

Ela se moveu lentamente passando perto das cocheiras até chegar à porta do estábulo, apenas a um metro e meio dele. Com uma só investida ele podia jogá-la contra a parede, idéia que pareceu a ele terrivelmente tentadora quando ela avançou até ficar banhada pela luz da lua, cujos raios brilhantes rodearam de sua delgada figura.

Se não fosse pela beleza desses olhos verdes que o olhavam com tanta intensidade e por aquele impressionante traseiro, ele poderia facilmente achar que era uma menina por causa de sua estrutura miúda. Embora ao lançar uma olhada notou que sua dianteira era igualmente impactante. A larga camisa de linho que usava não contribuía muito para disfarçar suas curvas.

Incomodamente excitado, Lucien se reclinou contra o marco da porta. Ela balançou a arma em direção a ele.

— Fique onde está.

Ele tirou um cigarro do bolso.

— Eu gostaria de muito mais ficar onde está você.

Ela o olhou com o cenho franzido.

—Vire-se e conte até cem.

Lucien decidiu não lembrá-la que já lhe tinha visto seu rosto, assim se ela tinha em mente qualquer tipo de fuga, deveria disparar, e no mínimo ver se ele tinha uma arma, coisa que sem dúvida alguma ele gostaria muito. Mas tudo isso parecia ser contraproducente. Ele se voltou para o interior do estábulo e acendeu o cigarro, soltando um espiral de fumaça antes de dizer:

— Da próxima vez, engatilhe a arma. Sua ameaça será muito mais convincente.

— Comece a contar — disse ela bruscamente.

— Um... dois... três... — contaria até cinco e logo começaria a perseguição.

Quando chegou ao quatro, algo o golpeou violentamente na parte de atrás da cabeça. Enquanto uns pontos negros saltavam diante de seus olhos, sentiu que as pernas afrouxaram. O último pensamento coerente de Lucien foi que Tahj ia rir muito se chegasse a inteirar-se de que seu melhor aluno tinha sido derrubado por uma garota.

Então desabou.

"Que sorte cadela", pensou Fancy ao olhar o corpo do homem mais bonito que tinha visto em sua vida. O cabelo negro e liso chegava mais abaixo da gola do capote. Seu perfil cinzelado, que as sombras e a luz da lua desenhavam, as folhas das árvores sobre suas cabeças projetando figuras no chão que lembrava o glorioso gigante Golias...

A jovem fez um gesto de dor ao ver o sangue na parte de trás da cabeça dele. Não estava em seus planos golpeá-lo com a pedra. Honestamente não tinha acreditado ter força suficiente para deixá-lo fora de combate, só pretendia tonteá-lo um pouco para poder escapar. O brilho malicioso nos olhos dele tinha sido o fator decisivo. Não parecera preocupado pelo fato de que ela pudesse disparar como se soubesse que a arma não estava carregada. Mas não podia arriscar-se que a seguisse, ou a que a denunciasse para as autoridades muito rapidamente. Só esperava que ele não tivesse olhado para ela o suficiente para dar uma descrição precisa de seu rosto.

Ajoelhando-se junto dele, Fancy pressionou dois dedos contra seu pescoço. Sentiu uma onda de alívio ao sentir o batimento do forte e regular do coração e a pele firme e quente. As costeletas deixavam a mandíbula áspera. Notou que tinha cílios escandalosamente longos, e que emolduravam olhos difíceis de se esquecer, de uma pálida cor azul contrastando com a sua pele morena. Precisara de um minuto para recuperar o fôlego ao vê-lo apoiado contra a porta de entrada. De onde tinha saído? Estaria hospedado na estalagem? Embora desejasse que a resposta fosse não, esse pensamento a deixava estranhamente deprimida. Eram tão poucas as coisas interessantes que aconteciam neste lugar onde havia decidido viver...

Ansiosa por tocá-lo, sabendo que nunca mais teria oportunidade de fazê-lo, tomou suavemente seu cabelo entre os dedos, alisando as suaves mechas para trás enquanto sussurrava ao ouvido:

— Lamento muito.

Ficou de pé sem vontade e continuou olhando-o fixamente, admirando descaradamente o modo como suas calças moldavam seu traseiro. Era musculoso, costas largas e muito alto. Nem sequer Heath, seu vizinho e velho amigo, cuja estatura e constituição eram impressionantes, podia competir com este estranho.

Mas este não era momento para frivolidades. Tinha que encontrar o cúmplice do bêbado e rogar que desse tão pouco trabalho como seu amigo, que tão convenientemente tinha desmaiado no estábulo. Precisava conseguir provas de que Calder, o meio-irmão de Rosalyn estava por trás da tentativa de seqüestro de Rosalyn que tinha ocorrido essa manhã.

Sem provas, seria a palavra de Rosalyn contra a de Calder. E agora que o pai deste tinha morrido e ele tinha se autodesignado juiz do distrito, destituindo o homem justo e honrado que tinha tido esse posto durante quase vinte anos, seria quase impossível encontrar aliados que testemunhassem que Calder era o

suficientemente mal para obrigar sua meio-irmã se casar.

A lembrança do que poderia ter acontecido com sua amiga, fez Fancy tremer. Calder tinha se enfurecido ao inteirar-se de que seu pai tinha deixado para Rosalyn uma considerável fortuna (uma boa porção dos bens de seu falecido pai a que ela tinha pleno direito), suficiente para que ela não tivesse que depender de Calder nem de homem nenhum se ela quisesse assim.

Todo mundo sabia que o incontrolável vício de jogo e os caros gostos de Calder o levariam à bancarrota em poucos anos, mesmo tendo herdado várias propriedades que davam lucro, incluindo Westcott Manor, o lar de Rosalyn até sua fuga dois dias atrás.

Atualmente Rosalyn estava no Moor's End, à casa de Fancy, protegida somente por Jaines, o amado, mas velho mordomo de sua avó, e por sua esposa Olinda, a governanta. Ambos tinham trabalhado no Moor's End desde sua juventude e, permaneciam ali mesmo Fancy não podendo pagá-los.

Se não fosse pela avó, Fancy e seu irmão George teriam ido parar num orfanato depois da morte de seus pais. A família de seu pai não teria movido um dedo para ajudá-los. Quando o Coronel Samuel Fitz Hugh, Conde de Porthaven, conheceu e se casou com uma plebéia da Cornualha, sua família rompeu relações com ele.

Agora Fancy estava sozinha. Sua avó tinha morrido um ano atrás; seu irmão George, dois meses depois. Ao receber a notícia da morte de seu irmão tinha ficado desolada. Apenas umas semanas antes ele tinha escrito dizendo que retornaria pra casa.

Embora desejasse muito que ele voltasse para casa, sabia que o fazia porque ainda pensava nela como na menina de quatorze anos que deixara quando saíra para cumprir seus deveres para com Deus e seu país, e não na jovem de vinte e um anos em que se tornou. Mas se alegrava pelo fato de seu irmão querer protegê-la, se isto o trazia de volta.

E com sua melhor amiga em perigo necessitavam muito do amparo de um homem. Ela tinha subestimado a determinação de Calder, mas nunca mais seria tão ingênua.

Esse pensamento impulsionou Fancy novamente à ação. Olhou pela última vez o estranho, com uma pontada de pesar em seu interior porque não ia voltar a vê-lo. Com suspiro profundo, perdeu-se na escuridão da noite para ir em busca de sua presa.

Lucien despertou com uma forte dor na parte de trás do crânio. Logo retornou a lembrança de uma moça apontando pra ele uma pistola, cuja intenção ele obviamente tinha julgado equivocadamente. Nunca acreditaria que ela fosse capaz de matar uma mosca, menos ainda de quebrar a cabeça de um homem que pesava pelo menos uns trinta quilos a mais que ela.

Com uma careta de dor, Lucien se levantou do chão. Calculava que tinha estado inconsciente por uns minutos, o suficiente para que a ladra escapasse. Maldição tinha sido mais esperta que ele e essa sensação não era nada engraçada.

Seu cavalo se pôs a perambular pelo estábulo e estava mascando feno. Lucien aguçou o ouvido, mas só ouviu o assobio do vento entre as árvores e a farra de bêbados numa taberna ali perto, onde tinha a intenção de desfrutar de mais uma noite de liberdade antes de encarregar-se a contragosto de Lady Francine Fitz Hugh, que de agora em diante estaria sob sua tutela. A irmã de George.

Lucien passou lentamente uma mão pelo cabelo e a retirou com sangue na ponta dos dedos. Essa era sua recompensa por seu comportamento honrável e seu temerário pacto de vir a este lugar de ignorantes. George estaria aqui, se ele o tivesse protegido melhor. Afinal, ele tinha sido o comandante do moço. Do primeiro dia, George tinha sido muito entusiasta, preparado para a ação, desejoso de agradar a Deus e ao diabo. Deveria ter ficado na Cornualha com sua família.

Em vez disso, tinha ido parar no regimento de Lucien, onde todos os soldados endurecidos pela guerra entendia que seu líder não era infalível e não eram tão tolos para adorá-lo. A maioria sabia como ele ganhou o apelido de *Renegado*.

Deus deveria ter saído antes. Antes que seus demônios o dominassem. Antes de causar a morte de um rapaz de vinte e quatro anos.

Uma angústia que conhecia bem retorceu suas vísceras enquanto pegava as rédeas do cavalo e o conduzia a uma baia, o desensilhava e escovava antes de lhe dar feno e água.

Quando Lucien se preparava para partir, o rapaz chegou sem pressa, desalinhado, de cabelo castanho claro e rosto pálido semeado de sardas, tirando as remelas dos olhos, que aumentaram ao notar a presença de Lucien.

— Caramba, Senhor... me assustou... — Piscou enquanto levantava os olhos para ver a alta silhueta do Lucien. — Você sim, é grande, de verdade!

A reação do guri não era estranha. Com mais de um metro noventa de altura, Lucien geralmente recebia um segundo olhar. Tinha que abaixar-se para entrar na maioria dos bares, um problema quando a pessoa estava bêbada.

— Onde tinha se metido, menino?

O rubor salpicou as bochechas de maçã do moço.

— Fiquei dormindo no anexo lá atrás, Senhor. É o único lugar seco numa noite como esta.

— Tem nome?

— Sim, senhor. Jimmy.

— Que idade tem Jimmy?

— Dez, senhor.

Demônios, há essa hora o moço deveria estar em sua casa, metido na cama, dormido sob o olhar atento de seus pais, não atendendo a um punhado de porcos ébrios em uma noite chuvosa.

Lucien olhou os pés descalços e os farrapos do menino. Eram um aviso do quão terrível podia ser a pobreza, quando os meninos tinham que trabalhar para ganhar o pão para eles e suas famílias, e as necessidades cotidianas se convertiam em luxos. Lucien conhecia muito bem essa vida e via o menino que ele tinha sido, olhando para Jimmy que o olhava fixamente. Não gostava dessa sensação.

— Por favor, não conte a ninguém — suplicou Jimmy. — Prometo que não voltará a acontecer mais.

Sabia que o moço perderia o trabalho se seu patrão soubesse que tinha dormido. E a perda desse trabalho, por pior que fosse, poderia ser horrível para sua família.

Lucien tinha crescido em um bairro pobre de Londres, entre a imundície e a pior miséria. Quem o ensinara a sobreviver tinham sido os mendigos, as prostitutas, os que catavam o lixo e os estelionatários. Essa classe de pessoas marcava a fogo um homem, manchando-o para sempre.

— Tenho um trabalho pra você — disse Lucien.

O moço o olhou com receio e retrocedeu.

— Trabalho do que?

Um sabor amargo subiu pela garganta de Lucien ao perceber o que Jimmy pensava que estava propondo: alguns homens se sentiam atraídos meninos.

Apontou para a cocheira de *Sire*.

— Dê ao meu cavalo um pouco mais de aveia esta noite. Teve um dia longo.

Tirou a nota de uma libra e deu ao moço, que ficou olhando o dinheiro boquiaberto e com os olhos exageradamente abertos.

— Obrigado, senhor! Cuidarei muito bem. Verá.

Lucien deu um passo e logo se deteve, em sua mente a repentina imagem de um par de olhos verdes.

— Viu alguma pessoa estranha rondando por aqui esta noite? — perguntou.

Jimmy inclinou a cabeça.

— Pessoa estranha, senhor?

Lucien não sabia por que se negava a fazer a verdadeira pergunta, quer dizer, se o guri tinha visto uma mulher disfarçada em roupas de homem.

— Não importa. — De toda maneira, era melhor esquecê-la.

Encaminhou-se para a taverna, onde o tênue resplendor dos abajures

brilhava através dos sujos vidros das janelas e, dentro, a escória da humanidade se afogava em cerveja e genebra, com uma alegria que não tinha nada que ver com a festividade vindoura. Lucien sabia bem do que se tratava isso. Era o tipo de vida da qual jamais tinha conseguido escapar.

Atravessou a porta. Uma nuvem de fumaça ia até o teto; o passar do tempo tinha escurecido as vigas, o cheiro do licor barato era familiar. Precisava de um gole. Precisava de uma mulher. E pediu a Deus que não precisasse de mais nada essa noite. Sentou-se à mesa mais afastada, de costas para a parede, enquanto dava uma olhada na concorrência. Uma garçonne gordinha caminhava sem pressa para ele, com generosos seios, amplos quadris e luxúria nos olhos.

— O que posso trazer pra você, carinho?

— Uma garrafa de uísque.

— Planeja tomá-lo todo?

— Todo.

— Sozinho?

Sua pergunta era tão sutil como a pedra com que a impertinente trombadinha o tinha golpeado.

— Espero que não.

Não poderia suportar outra noite de solidão.

Ela sorriu, sedutora.

— Eu saio às duas.

Ele esperava sair pouco depois dessa hora.

— As duas, então.

Lançando um olhar prometededor, ela se afastou para trazer o que tinha pedido.

Reclinando a cabeça contra a parede, Lucien fechou os olhos. Estava cansado. Um mal comum nesses dias. Por que não tinha contratado outra preceptora para sua pupila em vez de vir aqui ele mesmo? Provavelmente, pensou com ironia, porque as últimas duas mulheres tinham renunciado rapidamente, referindo-se a Lady Francine Fitz Hugh *"como uma incorrigível juvenzinha que não podia aspirar chegar a ser jamais uma verdadeira dama."* Em outras palavras, um caso perdido.

Exatamente o que ele precisava: uma moça teimosa que lhe daria mais dores de cabeça do que já tinha. Qual era a idade da moça? Não podia recordar se Fitz tinha falado. George sempre a tinha chamado sua pequena Fancy, um anjo, conforme afirmava ele. Obviamente, o moço tinha estado muito cego para ver sua irmã como a dor de cabeça que era. Lucien só rogava que a mocinha não tivesse jogado, ou matado, os dois velhos serventes que ainda ficavam no Moor's End.

A garçonete retornou com sua garrafa e um copo parcialmente limpo. Inclinou-se para servir a bebida, pressionando sugestivamente seus enormes seios contra ele, dando começo ao jogo preliminar. Normalmente, bastaria para estimulá-lo, mas não esta vez. Não podia deixar de pensar na garota do estábulo. Evidentemente, tinha contraído uma febre cerebral.

— Vamos ver se você é gostoso mesmo. Provavelmente bem-dotado como um garanhão. — Lançou uma olhada entre suas pernas. — Em dez minutos, Sugar dará a você a *trepada* de sua vida. — Com essa promessa, afastou-se pavoneando-se para a seguinte mesa.

O primeiro gole do licor barato golpeou Lucien como uma pedra rodando por sua garganta. Mas logo faria o efeito desejado, embotando sua mente e isso era a única coisa que importava.

Olhou fixamente o interior do copo enquanto deixava seu pensamento voltar dois dias atrás, quando tinha parado em Northcote, a propriedade que tinha pertencido uma vez a seu amigo Caine Ballinger, com a intenção de oferecer ao pensativo moço um pouco de alegria natalina com uma garrafa de conhaque antigo.

Caine era um dos primeiros amigos que Lucien fazira anos atrás quando voltara à Inglaterra. Enfrentaram-se em uma partida de *hazard* (jogo de dados valendo dinheiro) em Dante's, um vulgar antro de jogo nas vísceras de Clerkenwell, o último lugar onde Lucien teria esperado achar o filho de um conde. Embora Lucien tivesse ganhado de Caine uma soma considerável, este tinha aceitado sua derrota com bom humor. Então, ambos tinham tomado um porre e os dois idiotas bêbados partiram para a farra, cantando enquanto cambaleavam a caminho do bordel de Madame Fourche, como que pedindo que algum bandido os despojasse de seu dinheiro.

Saíram ilesos e se divertiram muito aquela noite. No dia seguinte, Caine tinha convidado Lucien a unir-se a uma sociedade secreta, um grupo de homens que formavam um clube de solteiros conhecido como Os Buscadores de Prazer.

Lucien não sabia o que teria sido de sua vida se o destino não tivesse colocado Caine em seu caminho. Tinha sido a única amizade verdadeira que tinha conhecido nos anos posteriores ao descobrir que tinha perdido a sua família. Esta tinha desaparecido como se nunca tivessem existido, feito que Lucien devia a um homem que agora estava morto e que esperava estivesse apodrecendo no inferno.

Caine era o único que conhecia toda a história e tinha sido duro para Lucien aceitar o fato de que seu amigo o tivesse excluído. Só se tinham visto esporadicamente nos dois anos que seguiram à morte do pai de Caine e sempre tinham sido ocasiões tensas. A última vez, Caine tinha se negado a vê-lo.

Ao diabo com ele, imbecil teimoso. Lucien sabia que seu amigo estava sofrendo pelo suicídio de seu pai e pelas circunstâncias em que ele mesmo se achava, com uma relação doentia que mantinha com a viúva do marquês de Buxton, Olivia Hamilton, assim como também sua obsessão pelo lar que tinha perdido e a ira que

concentrava no duque de Exmoor, a quem Caine culpava pela morte de seu pai. Lucien desejava que seu amigo entendesse, mas aquele cara sempre tinha sido teimoso como uma mula.

Bebeu outro gole de seu licor e viu a garçonne chamando-o. Nos olhos a promessa de sexo promíscuo, enquanto fazia um gesto com a mão em direção às escadas que conduziam ao quarto no andar de acima. Lucien pensou em desculpar-se, algo estranho em um homem que sempre tinha desfrutado realmente das mulheres. Possivelmente era porque não podia afastar de sua mente a imagem da pequena e impulsiva golpeadora de cabeças. Ela o tinha alterado e precisava saber se os sentimentos que tinha despertado nele o sustentariam ou se aquele véu de adormecimento o cobriria uma vez mais.

Embora a idéia de ficar só e saber o que o esperava nas horas posteriores à meia-noite, quando sua alma não tinha paz, levou-o a ficar de pé e atravessar as tábuas que tampavam os buracos da sala. Agarrando a mão da garçonne, puxou-a escada acima.

— Você gosta de jogar pesado, não é? — Percorreu as costas com as unhas e sussurrou com sua voz rouca. — Bem, eu também.

Lucien pôs a mente em branco. Isto era o melhor que podia aspirar; estava destinado a servir moças e prostitutas. Aquele menino pobre que vinha das latrinas à beira do rio, no Shadwell, East London, nunca seria livre.

Tinha lutado contra ele. Deus, como o tinha combatido. Mas o selvagem que havia nele resistia em deixá-lo.

No topo das escadas, a garçonne o empurrou contra a parede, rodeando a virilha com a mão enquanto apoiava a boca sobre a dele, os olhos quase selvagens de luxúria.

Lucien a agarrou pelos pulsos, fazendo-a retroceder um passo.

— Paciência, carinho. Meu quarto está aí mesmo.

Guiou-a para a última porta à esquerda, enquanto se perguntava se conseguiria responder com o entusiasmo apropriado, dado que seu corpo se mostrava resistente.

Estava avaliando suas opções, quando com o canto do olho percebeu um movimento que o fez desviar o olhar para uma porta entreaberta. Viu uma perna que lhe parecia familiar, envolta por calças, ouviu uma advertência familiar e logo um golpe surdo familiar. Seus lábios se curvaram em um sorriso forçado.

— Fique aqui — ordenou à garçonne enquanto se movia para investigar, esquecendo sua agitação enquanto imaginava o iminente ajuste de contas com certa trombadinha.

Capítulo II

A falta de planejamento sempre tinha sido sua perdição, pensou Fancy enquanto retrocedia, afastando do homem nu que a espreitava, com os olhos acesos, igualmente de fúria e desejo. O último a preocupava muito mais que o primeiro.

Sabia que fora imprudente, impetuosa e (como tinha ouvido muitas vezes das preceptoras que seu odioso tutor continuava mandando) teimosa, rebelde e completamente inútil para um estilo de vida que demandasse contato com o mundo.

Podia sentir-se inclinada a concordar que era imprudente. Realmente, entrar às escondidas no quarto de um homem enquanto este tomava banho, com apenas uma cortina de seda entre ela e ver-se descoberta, não entrava na categoria de planejamento cuidadoso. Mas tinha parecido à melhor opção, já que a roupa dele, jogada pelo chão, parecia pedir a gritos para ser revistada. Não teria uma oportunidade melhor.

— Então você entrou aqui para me roubar tudo, não é verdade? Pois bem sua golpistazinha... terá muito mais do que merece.

O brilho nos olhos do homem prometia que ele ia desfrutar tanto da golpista como de seus luxuriosos planos.

Embora soubesse que era uma mulher, não sabia quem era ela. Mas nada disso importava enquanto ele avançava para ela até deixá-la com as costas pegada à parede, onde havia uma pequena lareira acesa para protegê-los do frio.

Fancy levantou sua arma pela segunda vez nessa noite, sabendo que não teria outra saída se ele a desafiasse com sua ameaça.

Sorriu de forma arrogante.

— Você não vai disparar em um homem desarmado, não é?

— Farei se você se aproximar mais.

— Me olhe, moça. Estou nu.

Sua mão se moveu para suas partes íntimas com um repugnante floreio, distraindo Fancy momentaneamente e dando a oportunidade que ele precisava.

Arremessou-se contra ela, deixando-a sem ar ao lançá-la com força contra a parede da lareira e fazendo voar a arma de sua mão, que caiu no meio do quarto.

Tentou lutar contra o homem, mas ele era muito forte. Um agudo golpe na no rosto a derrubou ao chão. Ele se aproximou ameaçador, com um brilho malévolo nos olhos enquanto esticava o braço para ela.

Seu olhar aterrorizado viu o atizador e, sem parar para pensar nem um segundo, descarregou-o fazendo-o estalar contra a cabeça do homem. Este pestanejou

uma vez e então desabou junto dela, deixando cair como um pedaço de madeira seu braço esquerdo sobre o seio da moça.

Sufocando um grito, Fancy afastou o grosso braço e saiu engatinhando, com todo o corpo trêmulo, agarrando com tal força o atizador que os nódulos dos dedos ficaram brancos.

Antes desse dia, ela não tinha sido capaz de fazer uma armadilha para o camundongo que entrou na sua casa. E agora, se lançou no mundo e tinha golpeado dois homens na cabeça!

— Alegra-me ver que não é só a mim que se sente inclinada a ferir — disse da porta uma voz que arrastava as palavras, fazendo Fancy erguer os olhos para encontrar uma bota que empurrava a porta e a abria por completo. O musculoso gigante dos penetrantes olhos azuis entrou no quarto, sorrindo enquanto fechava a porta atrás de si.

Céus, no claro ele era ainda mais bonito. Sua presença enchia o quarto, seus ombros eram quase tão largos quanto à porta. Enquanto seus olhos estudavam a jovem, estes pareciam arder tão intensamente como o candelabro de parede que brilhava detrás dele.

— Devo dizer a você, que neste momento as palpitações de meu crânio não me inclinam à benevolência.

Fancy levantou o queixo, embora sentisse remorso por haver golpeado tão forte:

— Sobreviveu, não foi? Obviamente sua cabeça é muito dura para romper-se.

— Considere-se afortunada, moça. Assassinato se paga com a força. E seria uma verdadeira lástima estirar esse lindo pescoço que você tem.

Fancy levou uma mão ao pescoço. Deus misericordioso, o que aconteceria a Jaines, Olinda, Rosalyn e ao Moor's End se a pendurassem na ponta de uma corda? Seu olhar voou para o valentão que jazia no chão.

— Está vivo — disse o outro homem, lendo assombrosamente o pensamento. — Sei por experiência. — esfregou a parte de trás da cabeça. — Sendo assim, me diga, carinho, faz quanto tempo que odeia os homens?

Fancy estava muito esgotada para levar em conta o perigo que ele representava.

— Eu não odeio aos homens.

— Então, gosta dos homens?

— Sim... quer dizer, não... — Sacudiu a cabeça, nervosa pela persistência dele. — O que quer?

— Um pedido de desculpa poderia ser um bom começo. Então podemos

continuar avançando desse ponto.

— Sinto muito. Agora, vá.

Sorriu como se ela fosse um brinquedo que o divertia.

— Realmente deveria escolher seus clientes com mais cuidado. Assim não se veria em situações tão precárias.

Levou alguns segundos para compreender o que ele queria dizer.

— Você não pode pensar de verdade que...

Ele a olhou com um amplo sorriso.

— Então posso me dar por feliz. — Cruzando os braços sobre o peito encostou outra vez contra a porta. — Então, limita suas atividades de delinquência ao roubo?

— Já disse a você que não sou uma ladra!

— Pelo menos não uma ladra muito boa.

— Não sou... Oh, por que me incomodo em falar com você?

— Talvez porque eu exalo beleza por todos os lados e você se sente estranhamente atraída para mim.

— Me atrairia mais o avanço de um caracol sobre uma pedra escorregadia.

Sua gargalhada foi interrompida por fortes batidas na porta, seguidos da voz rouca do proprietário.

— O que está acontecendo aí dentro?

— Parece que estamos quase tendo uma platéia — disse o sacana, com a diversão refletida nos olhos. — Minha companheira desta noite deve ter pensado que aqui dentro estava ocorrendo um crime passionai.

Fancy o olhou com os olhos entrecerrados.

— Quer dizer que sua amante está esperando por você aí fora?

Quando ele sorriu, disse:

— Você é desprezível.

— Pode ser que eu seja desprezível, mas neste momento sou seu salvador.

A porta de madeira tremeu.

— Abram ou entrol

— Decida-se carinho. Um beijo comprará meu cavalheirismo.

— Isso é chantagem!

O amplo sorriso dele se tornou malicioso.

— Sei.

Do outro lado da porta ouviu barulho de chaves. A qualquer momento o proprietário (uma grande besta de olhos pequenos e brilhantes) estaria dentro do quarto e a veria de pé em cima de um homem, com um atigador. Meu Deus, ainda o tinha na mão! Colocou-o atrás de suas costas e ouviu seu "salvador" rir entre dentes.

— Acho que devo deixá-lo entrar — disse, virando-se para a porta.

— De acordo. Você ganhou. O beijarei. Mas só uma vez! —apressou-se a emendar.

— Trato feito. — Deu-lhe uma piscada marota e apoiou o ombro contra a porta quando o dono começou a empurrar para abrí-la, dizendo com um perfeito sotaque dos trabalhadores do leste de Londres:

— Sai daqui merda, maldito, estou ocupado aqui dentro!

O ruído cessou.

— Então, está tudo bem? — perguntou o hospedeiro.

O descarado teve a desfaçatez de olhá-la de novo, enquanto levantava uma sobrancelha de um modo inequivocamente lascivo. Ai! Onde tinha se metido agora?

O homem disse ao dono:

— Interrompeu-me, seu gordo idiota. Se afaste da porta ou juro que o matarei a socos.

Do outro lado da porta veio um indignado bufado. Então o que se havia auto proclamado como seu "salvador" disse com uma voz carregada de intenções pecaminosas:

— Bem, a respeito desse beijo...

Fancy deu um passo para trás e achou uma sólida parede impedindo sua retirada e tinha um sólido homem diante dela disposto a não deixá-la escapar. As chamas que dançavam na lareira davam ao rosto da jovem um aspecto triste e deixavam entrever a determinação em seus olhos. Realmente estava perdida.

Ela espalmou as mãos contra a parede enquanto ele avançava sem pressa, como se tivessem todo o tempo do mundo.

— Um beijo — recordou, a boca mais seca com cada passo que ele se dava.

— Um beijo — repetiu Lucien com calma, para evitar que ela se assustasse e saísse correndo. Lutava contra sua própria necessidade, um calor que ia aumentando invadindo seu sangue, ao mesmo tempo reconfortantemente familiar e temido por sua intensidade, tocado como estava por suas lembranças.

Ele deixou esses pensamentos de lado e se concentrou somente nesses olhos doces que olhavam para ele com uma mescla de alarme e excitação, que abriam-se cada vez mais a cada passo que o aproximava dela, mas de forma fixa e com o queixo em erguido, como um duendezinho que o desafiava. Tirou da sua cabeça o

chapéu ridículo, jogando-o ao chão.

— O que você está fazendo...?

Ele a fez calar, pressionando os lábios com um dedo e sustentou seu olhar enquanto desenhava os suaves contornos de sua boca. Que boca, de lábios cheios e viçosos, da cor de botão de rosa. Uma boca feita para ser beijada. Todos os dias.

Ele se moveu para frente até poder sentir as pontas dos seios dela contra si, seu corpo adaptando-se a cada sutil inflexão, a cada suave fôlego. Deus, ela era tão pequena que o fazia sentir um gigante. A esmagaria se alguma vez ficasse por cima quando fizessem amor, e esperava que ela concedesse a ele essa honra, mesmo se isso significasse ter que salvá-la de todos os problemas em que ela se metesse a partir de agora até o dia do Julgamento Final, obtendo recompensas por cada ato de galanteria.

Então lhe ocorreu uma idéia, algo que nunca antes o tinha preocupado.

— É casada?

Tinha tido sua porção dessa classe particular de mulheres, o que só tinha fortalecido sua decisão de continuar solteiro.

— Não — respondeu ela, e franziu o cenho, como percebendo muito tarde que ele acabava de dar uma escapatória perfeita.

Lucien se sentiu estranhamente aliviado ao ouvir sua resposta.

— Vive por aqui? — Isso faria sua estadia muito mais prazerosa; suspeitava que a moça era uma diabinha tanto na cama como fora dela.

Ela levantou o queixo.

— Não.

Podia notar que ela estava mentindo e, por Deus, isso o fazia desejá-la ainda mais. Para onde ia o mundo se uma mulher mentirosa e ladra se tornava tão diabolicamente fascinante a um homem? Possivelmente encontrasse a resposta quando ela o beijasse.

— Por favor — disse a jovem, quase sem fôlego. — Terminemos já com isto.

Temeraria o contato ou o desejaria tanto como ele?

— Uma antecipação minha pomba. — Pressionou ligeiramente o polegar contra a união dos lábios dela até que os abriu para ele, a superfície acetinada brilhando como um bago amadurecido.

Podia senti-la tremer e se perguntava se ela seria tão inocente como aparentava. Uma garota que freqüentava essa classe de estabelecimento devia ter um pouco de experiência. Ninguém tão audaciosa e linda podia ser casta. Ia usufruir apagando as lembranças de qualquer um que ela tivera antes dele.

Inclinando-se, Lucien capturou com sua boca a respiração entrecortada da jovem e foi como se o desejo desse um murro em pleno peito. Tomou o rosto dela

entre as mãos e fez amor com a boca, persuadindo-a suavemente para que aceitasse sua língua, deslizando-a dentro, provando sua doçura e sentindo uma onda de calor no sangue ao perceber a resposta dela.

Deslizou os dedos entre os cabelos da moça, soltando o pesado coque e deixando que a sedosa cascata caísse em suas mãos. Enroscou um punhado dela na mão fazendo-a inclinar a cabeça mais para trás para poder explorar as profundidades quentes e úmidas de sua boca.

Ele se moveu para raspar com a camisa as endurecidas pontas dos mamilos dela, pequenos casulos erguidos que revelavam que não lhe era indiferente, a ponto de perder o controle para ouvi-la gemer brandamente.

Suas mãos desceram roçando os lados da suave curva dos quadris para em seguida rodear seu traseiro, tornando realidade a fantasia que tinha começado no estábulo. Os firmes globos cabiam perfeitamente nas palmas de suas mãos e a levantou contra sua ereção, esquecendo-se de si mesmo enquanto se balançava levemente contra ela.

No início ela se moveu junto com ele, mas logo separou bruscamente sua boca e as pequenas mãos que se apoiaram em seus ombros o empurraram.

— Para de fazer isso! Me desça.

O corpo de Lucien resistia, mas sua mente acordou depois de um momentâneo lapso. Obedeceu a contra gosto, mas se torturou baixando-a lentamente, deixando-a deslizar ao longo de seu corpo, e essa fricção fez o mesmo efeito em ambos.

Apesar da irritação que agora brilhava nos olhos dela, o desejo não desaparecia, e custava-lhe manter o equilíbrio, por isso apoiou as mãos contra a parede.

— Pediu um beijo, seu porco!

Lucien não podia confiar em si mesmo para reprimir a vontade de tocá-la estando tão perto dela, de modo que retrocedeu e se sentou na única cadeira do lugar, sentindo-se ao ponto de um ataque cardíaco, tão disposto para a ação como estava. Deus, precisava de outro gole.

— Isso foi um beijo, moça.

— Isso não teve nada que ver com um beijo.

— Se meus lábios não se separaram dos teus, então foi só um beijo.

Parecia que ela queria golpeá-lo de novo na cabeça.

— Já conseguiu o que queria; agora vou embora.

— Se acha que deve fazê-lo... Mas me diga onde vive e a buscarei. Ou pode me buscar você. Como preferir.

— Não penso me aproximar de você — disse ela zangada e estava quase convencida de que falava sério.

O homem que estava caído no chão começou a mover-se. Lucien vislumbrou a preocupação nos olhos da moça enquanto ela deu uma olhada à sua segunda, não, terceira vítima da noite. Ela era um enigma. Primeiro, rompeu a cabeça de um pobre infeliz e depois sentiu remorso. Perguntava-se se teria demonstrado alguma compaixão com ele. Se foi assim, lamentava ter perdido.

Levantou-se da cadeira, resolvido a acompanhá-la para fora do estabelecimento e de passagem averiguar onde vivia, mas ela se voltou bruscamente para enfrentá-lo, o atizador apontando certeira para sua masculinidade. Ele, um ás de espadas retrocedeu instantaneamente.

— Você sim, sabe como fazer para que um homem se detenha em seco, céus!!!...

— Quero que fique longe.

— Já que você tem em mira minhas mais preciosas posses, não tenho mais o que fazer. Poderia desejar procriar algum dia.

Ela suspirou ruidosamente:

— Como se já não tivesse deixado sua origem por todo o globo.

Com muita dificuldade ele conseguiu reprimir um sorriso.

— Que calúnia para meu caráter. Quero dizer a você que não tenho um só bastardo. Os meninos, como também suas mães, tendem a ser obstáculos à liberdade de espírito de um homem. Mas se você se preocupa com uma gravidez...

— Pratique suas habilidades com a prostituta que deixou lá fora — disse ela com um tom gélido. — Agora, que tenha boa noite.

Lucien não se sentiu bem ante a possibilidade de voltar a perdê-la. Moveu-se para ela, que levantou o atizador entre as coxas dele, fazendo com que a ponta em espiral pressionasse diretamente entre seu testículo.

Ele elevou as mãos, rendendo-se.

— Você ganhou.

Ela retrocedeu para a porta, sem tirar os olhos dele enquanto se inclinava para recuperar sua arma. Era um espetáculo vê-la de pé ali com uma arma em cada mão.

— Sempre defende sua virtude com tanto ardor? — perguntou ele. Se assim fosse indubitavelmente ela seria um desafio. E ele era um homem que gostava de desafios.

Em vez de responder, ela entreabriu a porta e deu uma olhada no corredor. Desgraçadamente para ele, estava deserto. Lançando em direção a ele um olhar que

estava longe de ser acolhedor, escapuliu para fora.

Lucien saiu atrás dela, mas algo capturou seu tornozelo. Olhou para baixo para ver uma mão gorda ao redor de sua bota e dois olhos injetados de sangue que se elevavam para ele, olhando-o fixo.

— O que aconteceu? — balbuciou o babento golpeador de mulheres.

— Aconteceu isto. — A mão direita de Lucien golpeou a mandíbula do canalha, o derrubando novamente. — Da próxima vez, pense duas vezes antes de maltratar minha futura amante.

Então se dirigiu para a porta e correu escada abaixo, onde notou o leve cheiro do perfume de baunilha dela flutuando no ar enquanto ele irrompia no pátio da taberna.

Amaldiçoou com ferocidade. Tinha escapado. Outra vez. Se aquele condenado infeliz não o tivesse detido não a teria perdido. Lucien se sentia o suficientemente zangado para tornar a subir e golpeá-lo outra vez, por pura diversão.

Ao ouvir o rangido de pés atrás de si, Lucien se virou bruscamente, fazendo o rapaz do estábulo pular para trás, com o rosto pálido sob as grenhas frisadas.

— Sinto muito senhor.

— O que aconteceu? — disse de maneira brusca se arrependendo em seguida do tom que tinha usado. O guri não tinha feito nada de errado. Suspirou e revolveu seu cabelo. — Algum problema?

O menino assentiu com a cabeça.

— Bom, quando o vi sair correndo, pensei que possivelmente podia estar perseguindo o moço que tinha saído disparado um minuto antes.

— Você o viu? — Lucien perguntou ansiosamente.

Assentiu.

— Lembrei do que você tinha me dito antes. Lembra? Sobre ver algo estranho.

— Sabe quem é ele?

— Não pude ver a cara por causa do chapéu que usava, mas vi para onde foi. Para o Leste. — Tinha um pangaré velho amarrado numa árvore.

Lucien olhou a escuridão, pensando que a moça podia estar em qualquer lugar nesse momento. Mas havia uma boa possibilidade de que ela vivesse naquela região. Pelo menos já era alguma coisa.

Enfiou a mão no bolso e ofereceu ao guri outra nota de uma libra, reconhecendo o tremor revelador de sua mão ao dar o dinheiro ao menino. A dor estava começando a subir por suas entranhas e a qualquer momento o demônio o teria à sua mercê.

— Se o vir outra vez, vá me avisar. — Lucien retornou para a taverna, sentindo a necessidade de retirar-se para trás das portas fechadas de seu quarto.

— Eu... eu sei onde foi.

Lucien fez um giro completo para olhar o guri de frente.

— Onde?

— A Moor's End.

O homem franziu o cenho. Esse era o lar de sua pupila. Era possível que a garota fosse uma das serventes dos Fitz Hugh? Podia ser tão fácil?

Se ele a achasse, possivelmente também, achasse paz por umas horas e se desfaria do apetite que aparecia dentro dele no mais profundo da noite. Talvez esta noite seria capaz de deixar pra trás as preocupações.

— Sela meu cavalo — disse e caminhou majestosamente para o estábulo.

Capítulo III

Vendo que já estava suficientemente afastada da taverna, Fancy tirou as rédeas para que Clover deixasse de galopar, embora não fossem os valentões de Calder que a preocupava, e sim o estranho cujo beijo quase a tinha derretido.

As coisas que a língua dele tinha feito... a boca suave embora exigente contra a dela, o corpo duro e quente... Nunca tinha imaginado que pudesse ser assim, como um narcótico, algo que embotava a mente, fazendo esquecer a racionalidade. Do contrário, jamais teria tido a coragem de beijá-lo.

Mas tinha sido muito mais que um beijo. Apertou-se contra ela de um modo muito íntimo e as sensações que isso tinha provocado haviam mergulhado seus pensamentos em um torvelinho, até que o medo de sua própria luxúria a fizera desistir.

Conseguiu acalmar-se quando a velha égua se deteve no começo do longo caminho de terra que conduzia a Moor's End. A mansão cinza com seus desenhos simétricos e seus tetos inclinados, era o único lugar que sempre tinha chamado de verdade "lar". Se erguia como um orgulhoso monumento gótico, os escarpados e o céu como cortina de fundo, rodeada por uma profusão de azaléias silvestres, e o ar trazia até ela, o aroma familiar da água do mar.

Inundaram-na as lembranças dos dias que passavam banhando-se nus nas

enseadas desertas, caminhando pelos pântanos, aprendendo a limpar peixe, a remar e manear um remo, subindo nos cascos podres de navios que tinham naufragado, metendo-se sem permissão em imóveis abandonados, para logo esconder-se dentro das casas e explorar os fantasmas interiores.

Quando era uma menina pequena, antes de seus pais morrerem enquanto viajavam à China em uma das expedições militares de seu pai, Fancy e seu irmão tinham ficado meses com sua avó e tinham aprendido a amar esse lugar.

Muitas vezes ela e George, de cócoras entre as dunas, olhavam o mar, imaginando grandes linhas de embarcações de proa alta entrando, vela ao vento, nos terrenos baixos com a maré crescente. Os capitães que não tinham habilidade para pilotar seus navios não podiam evitar se chocar contra os bancos rochosos, atraindo os contrabandistas que faziam a festa com a pilhagem que a água levava para a costa.

Mas sempre tinha sido melhor chegar por mar, vindo da Irlanda até o estuário de Hayle, como faziam os primeiros comerciantes, para vislumbrar a garra da Cornualha fincada desafiante no oceano, a imponente grandeza de Land's End assombrando até o mais enfastiado marinheiro, com seu interior de colinas de granito abruptas e rochosas, e a aparição da baía do St. Ives, com seus braços protetores em forma de ferradura.

Fancy respirou fundo. Seu lar. Levava este lugar no sangue e faria tudo para preservá-lo.

Dando em Clover um suave empurrãozinho se dirigiu para o estábulo. Uma das portas estava pendurada, perigosamente inclinada, as dobradiças soltas afundadas na madeira podre. Consertaria no dia seguinte, estava sem dinheiro para contratar alguém que fizesse a tarefa.

Uma vez que Clover estava escovada e alimentada, Fancy pôs a manta sobre o lombo da égua e a beijou no focinho.

— Comportou-se muito bem essa noite, garota. — murmurou e saiu na escuridão gelada.

Ao olhar para cima, viu a luz piscando através dos vidros da janela de seu quarto. Suspeitava que Rosalyn a esperava ansiosamente. Sua amiga havia se oposto que Fancy perseguisse os homens, mas considerando o que tinha acontecido aquela manhã, Fancy sabia que Calder não retrocederia em seus intentos para pôr as mãos em Rosalyn a menos que elas encontrassem algo que fosse possível usar contra ele.

Assim que atravessou a porta principal, Jaines surgiu na penumbra do longo corredor. Tinha só uma mecha de cabelo branco aderido à parte traseira da cabeça, enquanto fios tão finos como teia de aranha se entrelaçavam pelo resto de sua cabeça que estava ficando calva. Olhou-a com expressão preocupada, entreabrindo seus olhos castanhos através das grossas lentes dos óculos.

— Graças a Deus que você retornou.

— Tudo tranqüilo essa noite, Jaines?

— Sim, senhorita. Mas estávamos preocupados com você.

— Como pode ver, estou bem.

Logo apareceu Olinda, uma mulher ativa, cujo cabelo prateado emoldurava um rosto perfeitamente ovalado e a beleza de seus olhos cinza claros. Parecia muito mais jovem que seu marido, embora entre eles houvesse apenas cinco anos de diferença. Ela afirmava que era o resultado da forte linhagem escocesa.

— Louvado seja São Ninian, aí está você! Estava a ponto de chamar a cavalaria. Onde esteve, minha querida? Todos estávamos preocupados.

— Sim, ouvi.

— Você sempre foi uma menina que nos preocupou, — disse Olinda.

Fancy abraçou os magros ombros.

— Mas de qualquer maneira me quer bem, não é verdade?

Olinda lhe deu um suave tapinha no braço.

— Sim, moça, claro que a quero bem. Você é como uma filha pra mim.

Fancy não sabia o que teria sido dela no último ano se não tivesse Olinda e Jaines. Depois da morte de seus pais e de seu irmão, havia dias nos que tinha pensado que não sobreviveria, mas eles a tinham animado a seguir. Agora era seu vez de assumir a responsabilidade que outros tinham assumido por ela durante todo esse tempo.

Au..au...! O eco do inconfundível latido se ouviu no vestíbulo abobadado fazendo tremer o teto.

Fancy olhou para o topo da escada, onde apareceu uma cabeça peluda com manchas marrons e brancas. Sadie desceu desajeitadamente e suas enormes patas o fizeram escorregar no piso encerado, chocando-se contra o pobre Jaines, que desabou no chão, onde o peso prodigioso de Sadie o manteve imóvel enquanto dava uma lambida melada em seus óculos e o torcendo no rosto.

— Fora condenada besta! — falou ele em tom de comando.

Considerando seu enorme tamanho (era um cruzamento de galgo irlandês e alguma outra raça igualmente gigantesca), Sadie era tão doce como um cordeirinho. Ela sequer se dava conta de como era grande. Um trovão a fazia esconder-se, tremendo, atrás das pernas de Fancy. E sentia-se aterrorizada por Sassy, uma travessa gata malhada que adorava surpreender as pessoas saltando em cima delas e gostava especialmente de puxar a cauda de Sadie. Sempre conseguia que a pobre cadela encurralada fosse se esconder no colo de Fancy, que quase era esmagada com seus 67 kg.

— Vem, Sadie — Chamou-a Fancy. — Deixa o pobre Jaines em paz; o está

asfixiando.

Os olhos castanhos se voltaram rapidamente para Fancy, olhando-a com adoração, enquanto saltava sobre suas patas e empurrava com sua cabeçorra a mão da jovem, desejosa por um carinho atrás das orelhas.

Fancy se ajoelhou e acariciou o grosso pelo da cadela.

— Fez companhia à nossa hóspede esta noite? — perguntou-lhe — e uma voz feminina respondeu:

— Acompanhou-me maravilhosamente.

Uma visão etérea, embelezada com um vestido de seda azul escuro os contemplava de pé no topo das escadas.

Toda vez que via lady Rosalyn Carmichael, não podia evitar sentir-se comovida por sua beleza.

Era uma criatura impactante, graciosa, com feições angelicais e cabelo loiro claro que chegava até a cintura. A espessa cabeleira era agora uma longa trança que caía pelas costas, com finos cachos escapando para emoldurar seu rosto ovalado e seus olhos de um azul profundo.

Fancy era morena, Rosalyn loira. Fancy era baixa, Rosalyn alta, com as pernas mais longas que Fancy tinha visto. Se alguma vez existira uma imagem do encanto feminino, Rosalyn o encarnava.

— Graças a Deus que voltou — disse ela enquanto deslizava escada abaixo, parando diante de Fancy e segurando suas mãos. — Estava tão preocupada.

Fancy sorriu para dar confiança à seu amiga:

— Um simples homem não vai deter uma Fitz Hugh. —Inclusive antes de terminar de pronunciar essas palavras, uma imagem de cabelo escuro e olhos da cor de uma jóia apareceu diante dela. Ele não era um simples homem. Fancy não estava certa disso.

— Não duvidei nem por um minuto. — O sorriso de Rosalyn a transformou de angelical a arrebatadora, com um deixo pecaminosa nessa expressão celestial que fazia os homens, jovens e velhos, render-se a seus pés.

Todas as moças tinham odiado instantaneamente Rosalyn quando esta tinha chegado ao povoado com sua mãe. Mas Fancy tinha sentido por ela uma imediata camaradagem, sabendo como era ser nova em um lugar onde gerações de famílias tinham vivido e morrido, profundamente enraizadas na margem arenosa.

A primeira vez que viu Rosalyn sentada só no Meadow's Cove, a mocinha parecia tão triste e perdida... O coração de Fancy se compadeceu profundamente dela e naquele momento e lugar tinha prometido que se converteriam em grandes amigas. E assim tinha sido.

— O que aconteceu com seu rosto? — perguntou Rosalyn, com olhos meio

apertados pela suspeita.

Fancy desviou a cabeça, pois tinha esquecido o golpe que aquele horrível valentão tinha lhe desferido.

— Não é nada, bati em um ramo baixo enquanto cavalgava de volta pra casa. Não ia prestando atenção ao caminho.

Seu amiga arqueou uma sobrancelha, obviamente sem acreditar nessa história. Mas Fancy sabia que não diria nada mais. Não queria preocupar Jaines e Olinda.

— Vamos tirar essa roupa úmida e colocá-la em um agradável banho quente.
— Rosalyn acompanhou-a até o banheiro.

Fancy subiu as escadas de boa vontade, com o Sadie colada a seus pés e assegurando que estava bem, conseguiu que Jaines e Olinda fossem dormir, mesmo a contragosto

Tão logo partiram, Rosalyn voltou à carga.

— Quem e golpeou? — antes que Fancy pudesse responder, adicionou: — Ai, por que deixei você ir sozinha? Nunca me perdoaria se tivesse lhe acontecido algo. — Enquanto falava deu um rápido puxão na camisa de Fancy para tirá-la como se esta de repente tivesse se tornado incapaz de fazer isso. — Sabia que esses desprezíveis fariam mal a você. Ir atrás deles foi uma verdadeira tolice de sua parte. Calder não se renderá, sabe disso. Não importa o que façamos. — Empurrou Fancy para a cama e arrancou-lhe as botas. — Terei que partir para a América ou a algum outro lugar para me esconder.

— Não terá que fazer is...

— Não sei como deixei que me convencesse a fazer estas coisas. Este é meu problema, não seu.

— É nosso probl...

— Terei que cortar o cabelo e usar uma peruca. Me fazer passar por uma preceptora ou uma faxineira.

— Isso é um pouco exa... — Rosalyn não deixava terminar nenhuma de suas frases.

— Mas não voltaremos a fazer isto. — Empurrou Fancy dentro da tina de cobre que previamente tinha enchido e mantido quente para ela, — Se algo tivesse acontecido a você...

Os olhos do Rosalyn brilhavam pelas lágrimas contidas.

Fancy tomou as mãos.

— Sou mais dura do que pareço.

— Mas o seu rosto...

— Já nem me lembro.

Mas provavelmente pela manhã estaria roxo, o que faria Rosalyn se sentir pior ainda.

Verdade seja dita: o beijo que tinha seguido à bofetada a tinha afetado muito mais. Estaria ainda na taverna o bonito chantagista? A teria procurado, mesmo pedindo que não o fizesse? Ai, mas por que se importava?

— Se servir de consolo — disse Fancy, — os dois valentões do Calder sentirão a cabeça partir de dor pela manhã.

A risada iluminou os olhos de seu amiga.

— Realmente é a mulher mais extraordinária que conheço. Os homens a adorariam... se tão somente pudessem chegar até aqui para conhecê-la.

— O mesmo digo com respeito a você. A estas alturas deveria estar casada e dirigindo uma casa cheia de meninos.

Rosalyn esfregou as mechas enredadas do Fancy.

— Formamos uma bela dupla, não é?

— Uma força temível. — Com uma piscada, Fancy mergulhou a cabeça na água e enxaguou o sabão do cabelo.

Saiu da tina e se envolveu em uma toalha grossa; cheirava como um jardim na primavera por causa do sabão preferido de Rosalyn.

Seu amiga secou seus cabelos com outra toalha.

— Então, encontrou alguma coisa?

— Não — respondeu Fancy com um suspiro, pegando seu velho penhoar em cima de sua cama. — Mas algo me vai ocorrer.

— Não deveria estar fazendo isto. Já tem preocupação suficiente. Não falta pouco para que vençam os impostos desta casa?

Esse aviso instalou um profundo pesar no coração de Fancy enquanto caminhava para a janela, olhando fixamente à distância, onde sobressaíam do chão as tumbas de granito com figuras de antigas deusas da terra e sacerdotes, cujas superfícies mostravam rastros das inclemências do tempo. As pedras estavam inclinadas formando um teto no alto das colinas, entre *tojos* e matagais, despídos dos tesouros que outrora tinham guardados, e agora eram apenas um aviso de um modo de viver já esquecido... como seria o seu se não conseguisse reverter a situação.

Quanto mais desejava que as coisas não mudassem, mais instáveis pareciam estar sob seus pés as areias do destino. O peso da responsabilidade a curvava. A menos que as circunstâncias mudassem, e logo, perderia Moor's End.

Não tinha visto como sua avó estava atrasada com os impostos até pouco depois de sua morte, quando o cobrador bateu à sua porta para comunicar as más

novas. Tinha dado há Fancy três meses para saldar toda a dívida, caso contrário a casa seria desapropriada e vendida.

Moor's End tinha pertencido à família de sua avó por gerações. Cada pedra desgastada e cada dobradiça tinha sido especial para ela, como também para Fancy. Esta casa tinha sido seu refúgio durante todos os anos difíceis, nada existia para ela além de seus muros. Depois de tudo o que sua avó tinha feito por ela, devia ao menos tentar salvar a casa que ela tinha amado. Só restavam dois meses para fazê-lo.

Forçando um sorriso em seu rosto, voltou-se para o Rosalyn.

— Se preocupa muito. Já tenho a metade do dinheiro. — Tinha apenas um terço. Estava muito difícil trazer coisas da enseada devido ao controle durante os meses passados, para fazer respeitar as novas leis

— O contrabando é muito arriscado. Se a apanharem...

— Não o farão.

— As rochas são traiçoeiras, especialmente de noite.

— Conheço cada greta.

Rosalyn franziu o cenho.

— Mesmo assim...

Fancy atravessou o quarto caminhando lentamente, até chegar diante de seu amiga.

— Prometo tomar cuidado. Agora, o melhor seria dormir um pouco. Quem sabe que diabruras Calder terá preparado para nós amanhã. — Teriam que estar ainda mais atentas a partir de agora. — Quer que Sadie durma com você?

— Não, estarei bem. — Rosalyn se deteve na porta. — Já falei que você é maravilhosa como amiga?

— Já me falou mil vezes. Não se preocupe. Ganharemos de Calder com suas próprias armas. — Com a esperança de que a confiança fosse não apenas no falar, Fancy pegou uma pequena lâmpada de azeite. — Acompanho você até seu quarto.

Enquanto saíam para a escuridão do corredor, Fancy se achou pensando em seu tutor. Só podia agradecer por ele não ter se dignado a aparecer pela Cornualles. A última coisa que precisava era um ex-militar controlando cada um de seus movimentos.

Se perguntava no que estava pensando seu irmão para encarregá-la a um tutor, como se ela não fosse capaz de cuidar de si mesma. E pior ainda, um tutor cujas diabruras freqüentemente apareciam nas páginas de escândalos. George devia estar delirando. Mas enquanto seu misterioso tutor se mantivesse longe dela, tudo estaria bem. Era o que esperava.

— O que foi isso? — sussurrou Rosalyn de repente.

— O que foi o que?

— Ouvi algo lá em baixo.

Fancy virou a cabeça para o patamar e escutou. Até ela só chegaram a respiração ofegante de Sadie e o sussurro do vento atravessando as gretas das pedras.

Então ouviu. Os ruídos abafados que fazia alguém ao mover-se no velho salão de fumar de seu avô. Um frio subiu pelos seus braços arrepiando os pêlos da nuca.

— Talvez seja Jaines — respondeu num sussurro, enquanto Rosalyn e ela se moviam lentamente para as escadas. Mas Jaines não tinha motivo para estar no salão de fumar. O avô tinha sido o último ocupante habitual daquela sala. Velhas garrafas de licor ainda se alinhavam na cristaleira bem envelhecidas e agora muito fortes, suspeitava. Mas ninguém na casa bebia.

Fancy segurou forte corrimão, espiando a luz que brilhava debaixo da porta perto da escada.

— Fique aqui — disse para Rosalyn, apertada contra suas costas.

— Não vou deixar que desça sozinha. Pode ser Calder.

Fancy não queria pensar que novamente tinha subestimado a determinação de Calder.

— Provavelmente não seja mais que um animal que entrou pela chaminé. — O que não explicava a luz, mas isso guardou para si. — Volto em um minuto.

Rosalyn a segurou pelo braço com força.

— Chamemos o Jaines.

Fancy não desejava alarmar seu amiga, mas Rosalyn parecia acreditar que, porque Jaines era um homem podia resolver qualquer situação. O que não se lembrava era que o homem tinha setenta anos pelo menos e sofria de reumatismo.

— Até que se consiga acordar o pobre, sabe que Jaines dorme como uma pedra.

Rosalyn mordeu ansiosamente o lábio inferior. Então seus olhos se iluminaram.

— Espera aqui. — Em menos de um minuto estava de volta e apertou algo frio na mão de Fancy, que olhou para baixo e viu a arma de seu avô. Até esta noite nunca antes a tinha pegado. — Vamos — falou Rosalyn a seguir com expressão decidida enquanto pegava um pesado candelabro de latão.

Fancy sabia reconhecer uma derrota. Respirando profundamente, soltou o ar lentamente. Ambas desceram as escadas silenciosamente, tão juntas que quase pareciam uma só. Até Sadie se apertava trêmula contra sua coxa.

Quando chegaram ao antepenúltimo degrau, a porta do salão de fumar se

abriu de repente e uma sombra grande se projetou sobre o chão antes que uma figura igualmente grande emergisse no vestíbulo. A respiração em uníssono fez o homem levantar bruscamente a cabeça na direção delas.

Imediatamente Sadie latiu e num ataque de valentia sem precedentes, jogou-se sobre o intruso. O homem caiu no chão coberto por um monte de pelo de cão... e de repente a arma que Fancy tinha na mão disparou.

Capítulo IV

Sadie latia enlouquecida, e Rosalyn gritava. Até Sassy, que com muita dificuldade tinha conseguido sair de um escuro armário, miou, com o pelo marrom alaranjado arrepiado.

"Santo Deus", pensou Fancy, tinha disparado em um intruso! Pelo menos era o que acreditava. Não podia ver nada através da densa fumaça cinza que nublava sua visão. A arma de fogo tinha pelo menos vinte anos e nunca tinha esperado que estivesse carregada!

Movendo a mão para afastar a fumaça de seu rosto, Fancy respirou ao ver a figura de barriga para baixo sobre o chão. Voou escada abaixo, o cabelo úmido aderido ao penhoar, caindo como um riacho negro por sobre seus ombros. Ajoelhou-se junto ao homem e pela primeira vez o olhou bem. A surpresa a deixou boquiaberta quando aqueles olhos azuis pousaram sobre ela.

— Ainda não estou morto — grunhiu ele, — mas suspeito que terá êxito em acabar comigo antes que o dia amanheça. — Fechou os olhos e fez uma careta de dor, tirando Fancy de seu atordoamento.

Olhou para o tornozelo e viu a feia ferida que a bala tinha causado.

— Precisaré de alguns pontos.

Rosalyn se ajoelhou do outro lado do homem, pensando com mais clareza que Fancy nesse momento, enquanto arrancava uma tira de sua combinação e a atava no tornozelo dele com a habilidade de uma enfermeira treinada.

— Mandarei Janes procurar o médico — disse Rosalyn, começando a ficar de pé, mas o homem a segurou pelo braço.

— Nada de médico. Só... me costure. — voltou-se para Fancy. — Você. — A palavra era uma ordem.

Antes que Fancy pudesse protestar, apareceram Jaines e Olinda.

— Ai, Senhor, o que aconteceu? — gemeu Jaines.

— Apanhamos um andarilho rondando pela casa — respondeu Rosalyn.

— Não é nenhum andarilho, senhorita. É o senhor Kendall.

Fancy piscou e lentamente olhou para o vulto que estava perto dela no chão.

— Lucien Kendall? — perguntou, rogando que não fosse. Não seu tutor. Não aqui. Não agora. Não assim!

— Em pessoa — respondeu sua vítima. — Ou pelo menos o que resta de minha pessoa.

Fancy fechou os olhos, desejando desaparecer. Dentre todos os homens do mundo, por que tinha que ser este o homem que seu irmão tinha designado como seu tutor? Ela tinha beijado este homem, e tinha gostado.

Nesse momento um gemido que vinha do chão a fez reagir. Preocupada, inclinou-se sobre ele.

— O que está acontecendo?

Ele abriu um olho.

— Quer dizer além do fato de terem disparado em mim? — Enroscou um dedo num longo fio de cabelo da jovem e puxando-a fez baixar a cabeça até poder sussurrar ao ouvido. — Outro beijo seria de grande ajuda para acalmar a dor.

Fancy quase perdeu uma mecha de cabelo pelo modo abrupto como se empertigou, sobressaltada pelo estremecimento em seu interior ao sentir ofôlego quente no seu rosto. Olhou-o zangada e ele sorriu. Então seu sorriso foi se apagando e começou a tremer.

Deus, o que acontecia com ela? O homem estava ferido. Virou-se para Jaines.

— Ainda temos o láudano que usamos quando Bevil rompeu o braço?

— Acredito que sim — disse ele, e saiu depressa em busca do remédio.

— Deveríamos levá-lo para uma das camas lá em cima — sugeriu Olinda.

Fancy assentiu, observando sua textura grande e musculosa.

— Você segura o braço direito — disse para Rosalyn. — Eu ocuparei do esquerdo.

Com grande esforço o puseram de pé. Fancy tinha uma leve suspeita de que ele estava dificultando deliberadamente a tarefa e também gostando muito de jogar sobre ela a maior parte de seu peso.

A mão grande e morena que descansava sobre o ombro da jovem roçou seu seio. Para acabar de mortificá-la, o mamilo se ergueu ante o contato. Procurou

rapidamente o olhar dele, pronta pra brigar, mas seus olhos estavam completamente fechados e apertava a mandíbula.

O primeiro quarto ao que chegaram era o dela. Fancy titubeou, sentindo-se estranhamente nervosa diante da idéia de deitá-lo em sua cama. Mas os outros três quartos de hóspedes estavam cobertos por uma grossa camada de poeira e em nenhum deles havia lençóis. Ela teria que dormir no escritório. Pela manhã o mudaria para outro lugar.

Elas o ajeitaram e o colocaram na cama. Logo que Rosalyn se retirou, o homem tombou pesadamente sobre os travesseiros, arrastando Fancy com ele, que estava despido de sua camisa, sem nada a se interpor entre ela e o corpo masculino maciço e duro que tinha debaixo.

— Assim está melhor.

Embora parecesse doente, sorria maliciosamente, e desta vez, ela estava certa de que ele estava agindo deliberadamente.

— Você vai me soltar — disse entre dentes, com a voz suficientemente alta para que ele a ouvisse, — ou encontrará o que tem nas calças costuradas à ferida.

Ele riu suavemente ante a ameaça, embora sem soltá-la imediatamente, e então abriu os braços. Ela se afastou rapidamente, sentindo a temperatura elevada na zona de seu corpo que acabava de estar em estreito contato com ele.

Então entrou Jaines, com um copo em uma mão e a garrafa de láudano na outra. Quando ia colocar no copo o poderoso remédio, o paciente arrebatou a garrafa de sua mão e bebeu um generoso gole.

Fancy segurou o seu pulso.

— Não vá beber muito.

— Preocupada comigo?— Ergueu uma sobrancelha e tomou outra dose, certamente muito grande, até para um homem de seu tamanho.

Ela o fez baixar a mão.

— Se você morrer, vão me culpar .

— E assassinato é um crime que se castiga com a força —disse ele, sentindo prazer em repetir as palavras que tinha usado antes para zombar dela.

Fancy fez um esforço para não responder e olhou para trás.

— Vou precisar de alguns utensílios para fazer a sutura.

— Tenho aqui. — disse Olinda, dando a ela a desbotada carteira negra que continha uma agulha, fio, pomada balsâmica, ataduras e uma seleção de ervas curativas que sua avó tinha ensinado usar.

Fancy notou que seu paciente estava desabotoando as calças.

— O que está fazendo? — perguntou com voz indignada, como a voz de uma

mulher que nunca tinha visto um homem nu.

Quando ele a olhou, um brilho travesso dançava em seus olhos, embora ela pudesse ver que a droga estava começando a apagá-los.

— Parece que estou me despindo. Precisa chegar até minha ferida, não?

— Posso cortar a metade inferior de suas calças — disse ela em tom sério e desaprovador, implorando que não começasse a desabotoar o próximo botão.

— Está certa disso? — perguntou ele provocador.

— Completamente.

Olinda se adiantou e disse:

— Eu deveria fazer isto, moça. Você não é casada. — E continuou dirigindo-se ao ferido: — Nunca nenhum homem a tocou e tampouco deixou que a tocasse, é uma boa garota, nossa moça.

Fancy se sentia completamente mortificada, sensação que aumentou quando o safado a olhou arqueando uma de suas escuras sobrancelhas, fazendo com que se lembrasse que não só havia tocado um homem, como também tinha gemido enquanto ele a beijava. Era muito canalha!

Olhou para ele irritada, mas o canalha simplesmente riu. Então, suas pálpebras começaram a se fechar à medida que a droga fazia efeito, o que não era sem tempo. A última coisa que precisava, era que tornasse isso mais difícil do que estava sendo.

— Não se aproveitem de mim enquanto eu estiver impossibilitado de defender minha honra, senhoras.

Então sua cabeça pendeu para o lado.

Rosalyn parou junto a seu ombro.

— Dormirá por um bom tempo, considerando a quantidade de láudano que bebeu.

Fancy baixou os olhos para fixá-los no corpo grande estendido em sua cama e uma imagem dele envolto em um laço natalino (um laço colocado em um lugar estratégico, é obvio), apareceu em sua mente. Qualquer outro homem estaria ridículo estendido sobre uma colcha branca, mas ele ali naquela posição, parecia ainda maior e mais impressionante.

Suspirando olhou para Rosalyn, notando o olhar inquisitivo que esta lhe dirigiu. Evitando-a, voltou-se para Jaines e Olinda, que estava parados aos pés da cama, com os dedos entrelaçados, ainda apaixonados já com quase cinquenta anos de casados.

— Por que os dois não vão dormir? Rosalyn e eu podemos resolver este assunto.

Jaines a olhou pesaroso.

— Lamento, senhorita. Tudo isto é só culpa minha. Pensei que você e lady Rosalyn tinha ido dormir. Ouvi o ruído de um cavalo vindo pelo caminho de entrada da casa e me preocupei porque pensei que podia ser lorde Westcott que vinha para levar lady Rosalyn. Saí à porta principal para receber o senhor Kendall com o velho trabuço que estava pendurado na parede da biblioteca do seu avô. Claro que me senti muito mal ao me dar conta de quem se tratava. Não estava informado de que ele ia vir, sabe.

— Nenhum de nós sabia, Jaines. — E Fancy suspeitava que essa tinha sido a intenção do homem. Surpreendê-los com a guarda baixa. Simplesmente era assim o trapaceiro.

— Disse a ele que todos já haviam se retirado para dormir e que não tínhamos um quarto preparado, mas ele disse que por esta noite se deitaria no estúdio. Pareceu-me bastante alegre ao encontrar o armário de licores bem provido, e parecia ansioso para ficar sozinho. Disse que eu fosse descansar. Agora estou pensando: parecia que ele não se sentia muito bem.

Provavelmente devido ao golpe que tinha dado na sua cabeça. De novo aflorou nela o remorso que não a deixava em paz.

— Não considero que seja sua culpa, Jaines. O senhor Kendall não deveria ter aparecido no meio da noite. Agora, por que não vai dormir um pouco? Foi uma longa noite.

E não parecia que fosse terminar logo.

— Está certa, querida? — perguntou Olinda e emendou: — É um homem grandão (como se fosse possível que Fancy não tivesse notado). Tem um aspecto bastante perigoso... e é bonito, além disso. As moças passarão bem com este.

Certamente, as moças passariam bem. Em uma paragem tão remota como Cornualles, seria como um anjo enviado do céu. E era óbvio que ele não sentia compaixão nenhuma por qualquer moça ou circunstância em que prestava seus favores.

— Vamos estar bem — assegurou Fancy, tentando convencer-se disso.

Finalmente Olinda encolheu os ombros.

— Vem, meu marido. Temos algo pendente. Se me lembro bem, estava tentando me fazer desmaiar de emoção por suas declarações de amor.

— Olinda! — falou Jaines envergonhado, enquanto cruzavam a porta e suas vozes suaves de anciãos se apagavam na distância.

— Realmente fazem um casal adorável — comentou Rosalyn.

— Sim — disse Fancy.

Se todos pudessem encontrar esse tipo de amor que compartilhavam Jaines e Olinda... Suspirando, olhou para seu tutor. Lucien Kendall. Lúifer seria um nome muito mais adequado, já que certamente era o diabo, em uma embalagem muito

atraente.

Abrindo a carteira tirou um par de tesouras de costura e começou a cortar a calça logo abaixo do joelho. Uma fina sombra de pêlo escuro salpicava a musciosa panturrilha. Sem poder se conter seus dedos desenharam sobre a pele dele.

Cuidadosamente retirou a faixa de linho em que Rosalyn tinha envolvido a ferida. Esta não era tão grave como tinha temido, mas era desagradável de ver, um corte longo e profundo que formava uma meia lua sobre o tornozelo. Uns poucos centímetros mais e poderia ter sido no pé.

— Quer me contar agora toda a história? — disse Rosalyn enquanto pegava um pedaço de algodão e uma garrafa de anti-séptico para lavar a ferida.

Sem levantar os olhos, Fancy respondeu:

— Encontrei-me com ele na taverna. Surpreendeu-me quando eu estava revirado os bolsos de um dos homens.

— Meu Deus, e o que fez ao vê-la?

— Nada. — Seu desejo era que tivesse feito algo, pois então possivelmente teria uma desculpa para melhor explicar suas ações. — Foi mais o que eu fiz.

— Ai, não O que fez? — "Desta vez", foram as palavras que faltou dizer.

Fancy olhou diretamente para seu amigo.

— Como eu podia saber que ele era meu tutor? De repente estava ali de pé, sorrindo para mim. Eu não sabia o que fazer. Pensei que se ele mandasse chamar as autoridades, levariam você de novo para Calder e eu... bom, não sei o que teria acontecido. Mas duvido que fosse algo inspirador.

— O que fez? — insistiu Rosalyn.

— Não era minha intenção "fazer" nada. Honestamente, simplesmente pensei que se ele visse a arma...

Rosalyn grunhiu.

— Não é possível.

— Só estava tentando de fazer com que saísse do meu caminho! A arma não estava carregada, pelo menos eu pensava que não estava.

— Não disparou lá também, não é?

A exasperação tomou conta de Fancy.

— Não queria disparar nele nem dessa vez! Foi um acidente.

— Então, simplesmente deixou que partisse?

— Bom, sim...

— Algo me diz que há um "mas".

Fancy desviou o olhar, mexendo na bolsa em busca de agulha e linha.

— Tive medo que ele fosse me seguir. Assim... golpeei-o na cabeça com uma pedra. — Rosalyn se afundou na cama.

— Ai, meu Deus! — disse, num tom de calamidade.

— O mesmo digo eu. — Fancy colocou linha na agulha e começou a fechar a ferida, sentindo sob as pontas de seus dedos a pele firme dele. — O que vou fazer?

— Talvez ele desperte com o humor mais inclinado ao perdão. — Mas enquanto se olhavam, Fancy sabia que aquilo era muito pouco provável. Além disso havia o pequeno detalhe: ela tinha ameaçado sua virilidade com um atijador.

E o tinha beijado.

— Por que não podia ter se limitado a enviar outra preceptora? — lamentou. — No ano que George morreu, não se dignou a vir visitar, o que para mim foi conveniente. A culpa é dele, por escolher o pior dos piores momentos para aparecer.

— Pois eu não posso culpá-lo de todo.

A mão de Fancy se deteve na metade de um ponto.

— E por que não?

— Afugentou a todas as preceptoras que ele enviou.

— Todas elas me tratavam como se fosse uma garotinha: "*Não levante o mindinho ao beber o chá, Lady Francine*" — imitou perfeitamente. — "*As costas retas, Lady Francine*", "*Não arraste os pés ao caminhar, Lady Francine*". — Falou de forma desaforada. — Era ridículo. A quem vai importar se eu levantar ou não o mindinho enquanto bebo o chá?

— Poderia se importar, caso quisesse ser apresentada na sociedade.

— A única coisa que desejo é que me deixem em paz.

— Isso é algo que posso compreender muito bem. — Transcorreu um momento de pensativo silêncio antes que Rosalyn dissesse: — E agora o que vamos fazer?

Fancy deu um suspiro.

— Não sei.

Por mais que dissesse que aquele homem a desagradava, pois só tinha vindo para transtornar sua vida, no fundo tê-lo ali provocava nela uma estranha excitação.

Ao deixá-lo na taverna uma estranha tristeza se apoderou dela ante a perspectiva de nunca mais tornar a vê-lo. Possivelmente até tivera a absurda esperança de que a seguisse. Quando o viu estendido no vestíbulo, havia sentido uma secreta emoção.

Sentia emoções desordenadas enquanto dava o último ponto e a assaltou a

repentina urgência de afastar-se dali depressa. Algo lhe dizia que sua vida não seria a mesma a partir deste momento.

— Acha que nos causará problemas? — perguntou Rosalyn.

Fancy baixou os olhos para seu tutor adormecido e suspirou.

— Acredito que não nos causará mais problemas.

Quando Rosalyn se retirou para dormir, Fancy se sentou em uma cadeira em um canto do quarto, com Sadie deitada a seus pés, olhando o peito de seu tutor subir e baixar. O sono tinha tirado do seu rosto toda a arrogância e tinha o aspecto de um anjo cansado. Muito cansada para despi-lo, só tinha tirado a jaqueta. O tinha sido uma camisa branca com a gola engomada estava agora suja de pó e pequenas manchas de sangue. Suas calças estavam arruinadas. Não usava gravata, o que na maioria dos lugares teria sido considerado impróprio. Mas não parecia o tipo de homem que se importava se era ou não apropriado. Era uma pessoa incomum em muitos aspectos. Tinha sido militar. "*Coronel condecorado*", tinha alardeado George em suas cartas. Seu irmão parecia acreditar que o sol saía e permanecia aos pés deste homem. "*É a pessoa mais valente que conheci*", tinha escrito repetidas vezes George, que evidentemente idolatrava seu superior. "*Creio que você gostaria dele*".

Fancy duvidava de que seu irmão tivesse querido que suas palavras fossem tão proféticas. Sim, gostava do seu coronel, no pior dos sentidos. Mas seu comportamento impulsivo a tinha posto em um caminho sem volta. Tinha beijado o homem que queria tomar conta da vida dela. Isso podia provocar uma catástrofe. Mas apenas em olhar para Lucien sentia um nó no estômago, e seus dedos formigavam com vontade de tocar nele. Ficou de pé abruptamente, desgostada pelo rumo que seus pensamentos estavam tomando. Se continuasse olhando-o podia muito bem ceder à imperiosa necessidade de tocá-lo para assegurar-se de que seu coração pulsava forte e regularmente sob os dedos dela.

Caminhou lenta e silenciosamente até a janela, onde ficou contemplando a noite. A lua resplandecia suave sobre o oceano, com um brilho de diamante, espalhando reflexos proveniente dos prismas das janelas empoeiradas do jardim de inverno.

Moor's End tinha sido em outros tempos, um magnífico castelo que dava trabalho à metade dos aldeões. Agora a grande cocheira estava quase vazia, os jardins cheios de mato, as ameixeiras silvestres precisavam ser podados...

Dentro de três dias ia se encontrar com Bodie no Mariner's Nook para ver o carregamento que, esperava ser o suficiente para saldar a dívida de sua avó. A inesperada vigilância de seu tutor dificultaria muito as coisas.

Um suave gemido trouxe Fancy de volta à realidade. Voltou-se, esperando ver fixo nela o olhar acusador de uns olhos verde azulado, mas Lucien ainda dormia, embora inquieto. E quando se aproximou, ele começou a debater-se nos espasmos de um pesadelo que ela suspeitava que tivesse sido provocado pelo excesso de láudano.

Ela se sentou pesadamente sobre a cama perto dele que murmurava palavras em um idioma desconhecido para ela, salvo por algumas frases inteligíveis.

— *Não* — balbuciava ele, movendo a cabeça de um lado para outro sobre o travesseiro. — *Não faça isso! Não!* — De repente suas mãos se fecharam com ferocidade ao redor dos braços dela.

A jovem retrocedeu bruscamente, sobressaltada. Mas não a machucou, simplesmente continuou segurando fortemente o braço dela, que sabia que ele não sabia estava fazendo.

— Shh — murmurou, tentando acalmá-lo. — Está bem. Está tudo bem.

— *Sanji* — disse ele com voz gutural, o rosto contraído de dor. — *Eu sinto... sinto muito.*

Fancy podia ouvir o arrependimento na voz dele e se perguntou quem seria Sanji. Talvez um de seus soldados, que não tinha podido salvar, como tinha acontecido com o irmão dela?

— Está perdoado. Agora descansa.

Quando ele afrouxou a pressão, ela libertou seus braços de um puxão, mas não se afastou. Em troca, tomou entre suas mãos o rosto dele, e pôde sentir a tensão do músculo. Ele pareceu acalmar-se enquanto ela o acariciava, deslizando seus dedos através do sedoso cabelo enquanto sussurrava suavemente. A pele estava tão quente que temia uma infecção. Passou um pano molhado em sua testa tentando baixar a temperatura.

Quando estava enxaguando o pano se virou e viu os olhos nublados pela droga fixos nela.

— Agora dorme — disse ela em voz baixa. — Se sentirá melhor amanhã.

Ele segurou a parte superior do braço dela a atraiu-a para si, até que estivessem com o rosto próximo um do outro, os seios dela apertados contra o peito dele. Então, puxando a parte de trás da cabeça, atraiu para si a boca de Fancy. Ela não resistiu, não podia. Desejava saber se o que tinha sentido da primeira vez tinha sido real.

Fechando os olhos, deixou-se levar. A boca masculina tomou a dela, forte e suave ao mesmo tempo, e a língua deslizou dentro para saboreá-la, para persuadi-la.

O beijo foi tudo o que ela tinha esperado, e mais. Mas terminou muito depressa. Quando os dedos dele se deslizaram soltando o cabelo dela e seus olhos se fecharam lentamente. No minuto seguinte, estava novamente dormido.

Fancy duvidava que ao chegar a manhã ele se lembrasse do que tinha acontecido. Mas ela demoraria para esquecer.

Capítulo v

Lucien despertou sentindo como se uma faca tivesse atravessado seu crânio. Pequenos martelos batiam contra suas têmporas e parecia que um rato tinha morrido dentro de sua boca. "Efeito do láudano", raciocinou sua mente turva. A droga preferida dos pobres.

Depois de uns instantes a névoa começou a dissipar-se. Por que havia em cima de sua cabeça um dossel branco transparente e uma colcha com babados que o cobria até o queixo?

Se isto era o inferno, não era como ele o tinha imaginado.

Esfregou os olhos e voltou a abri-los. O dossel ainda estava ali. Também a colcha. Que diabos estava acontecendo? Se lembrava vagamente de uma prostituta chamada Sugar e uma dor que parecia queimar seu tornozelo. Então, a lembrança dos olhos verde samambaia penetrou em sua mente, a imagem vacilante de uma menina incrivelmente imprudente. Ele tinha saído da taverna para encontrá-la. E tinha conseguido (em grande detrimento de sua pessoa).

Nesse momento um estranho som retumbou no ouvido de Lucien e sentiu um calor úmido no lado de seu rosto. Cautelosamente, virou a cabeça e encontrou um par de penetrantes olhos marrons do tamanho de um pires de chá, de um cão gigantesco. Seus dentes eram enormes, sua mandíbula suficientemente grande para rasgar sua traquéia.

O cão inclinou a cabeça e o olhou sem piscar. Então abriu a boca e sua larga língua rosada e babou sua cara.

— Tome cuidado, maldito farejador. — Lucien secou o rosto com a mão. — Saiba que em alguns países os cães são considerados um manjar exótico.

A ameaça não surtiu efeito no atrapalhado animal e Lucien virtualmente caiu da cama quando o cão apoiou as patas dianteiras sobre o colchão para farejar sua virilha.

— A menos que seja uma mulher disfarçada — disse ele afastando o focinho do cão — essa zona está estritamente proibida para você. — Tentou espantar o animal de cima da cama. — Meu Deus, pesa tanto como um cavalo de arrastar coisas muito pesadas. O que come? Desça, já...

O resto da ordem ficou parada no ar quando o cão deixou escapar um uivo que soou como proveniente das profundezas do Hades. No minuto seguinte, a besta estava esparramada sobre Lucien, tentando se meter sob as mantas e tremendo com tanta violência, que toda a cama se sacudia.

Um segundo mais tarde, o gato mais feio que Lucien tinha visto, apareceu repentinamente sobre a mesa de cabeceira mostrando as garras, arranhando a beirada

da colcha e provocando angustiados uivos de parte do cão.

— Ai, meu Deus! — Uma voz nova se somou à baderna. — Sadie, desça! Sassy, chega!

Essa voz... Lucien olhou por cima da grande cabeça canina e encontrou a golpeadora de crânios da taverna correndo em seu auxílio. A moça afugentou o gato, que saiu do quarto pavoneando-se, fazendo ondear a cauda como a bandeira de um navio de guerra.

Para se assegurar de que seu *Nêmesis* não estava esperando para atacar, o cão olhou para a beirada da cama antes de tirar seu pesado corpo, o qual eliminou todas as barreiras entre Lucien e a mulher, que o olhava com cautela. Se antes ela parecera linda, era ainda mais à luz do dia. O cabelo negro se formava como uma nuvem suave ao redor do rosto dela. Seus olhos eram brilhantes, e o tom era verde escuro. Quando tinha disparado a arma ela estava vestida com roupas de dormir. Agora vestia um singelo vestido matinal de cor rosa pálido que acentuava cada curva de seu corpo.

— Voltamos a nos encontrar — disse ele.

— É verdade.

— Não te parece interessante que um de nós esteja na cama? — girou sobre si para apoiar-se sobre um cotovelo e deu um tapinha sobre o lugar junto dele. — Você gostaria de vir me fazer companhia?

Ela o ignorou.

— Como está seu tornozelo esta manhã?

Lucien olhou para a bandagem de linho envolto ao redor de sua ferida e olhou de novo para sua enfermeira.

— Vejo que ainda faz parte do meu corpo.

— Dói?

Graças a Deus, não sentia dor. Entretanto, não podia deixar por menos. Afinal de contas, ela tinha atirado nele.

— Dói bastante — mentiu.

Ela franziu ligeiramente as sobrancelhas.

— Quer mais láudano?

— Não. — Na realidade, o forte remédio nem teria sido necessário na noite anterior. Não para essa ferida. — Talvez pudesse massagear a perna? — sugeriu.

Ela o olhou cheia de suspeitas, e então olhou para a sua perna. Lucien notou que tocá-lo não era precisamente um dos desejos dela nesse momento. A maior parte dos homens não considerariam isso um bom sinal. Ele sim.

Planejava se fazer de inválido pelo todo o tempo que fosse possível. Era o

castigo perfeito para ela e uma retribuição apropriada para acalmá-lo. Ele percebia que a jovem tinha dentro de si um grande caudal de paixão desperdiçado e tinha a intenção de trazer para fora.

Ela se sentou sobre a cama, tão perto da beirada que ele se surpreendeu que não caísse. Umedeceu os lábios, gesto que prendeu a atenção dele e deu início a um lento início de calor na virilha de Lucien. Ele recordava vividamente o doce sabor dela e a agradável sensação de tê-la entre os braços.

Fechou os olhos enquanto ela apoiava as mãos sobre ele e começava a massagear suavemente a parte inferior da perna. Seus dedos eram quentes e surpreendentemente peritos.

Abrindo os olhos, ele a observou e notou que ela não sustentava o seu olhar.

— Então, como te chama, carinho?

Ela parou o que estava fazendo e o olhou.

— Não sabe?

— Como poderia saber? Nós ainda não fomos apresentados formalmente.

Olhou para a perna e mordiscou o lábio inferior.

— Quem acha que sou?

Maldição. Ela se dispunha a torturá-lo.

— Embora ontem à noite este jogo tenha parecido divertido, hoje não sinto vontade de jogá-lo. — Grunhiu para dar força ao que dizia e mudou a perna de posição, satisfeito quando ela voltou rapidamente para friccionar os seus músculos. — O guri da cocheira disse que trabalhava aqui.

Ela levantou a cabeça de repente.

— Verdade?

Lucien encolheu os ombros com indiferença.

— Bem, pode não ser exatamente com essas palavras, mas essa era a idéia. Então, imagino que estive na taverna ontem à noite para fazer um pouco de dinheiro extra. Não lhe pagam o suficiente aqui?

Fancy ficou sem palavras. Era possível que não se desse conta de que ela era sua pupila? Será que seu irmão alguma vez a havia descrito?

Isso era realmente incrível para ser verdade, mas realmente parecia que ele a tinha tomado por uma criada (ou por coisa pior, aparentemente). Embora devesse sentir-se ofendida, não podia culpá-lo. Era verdade que ela não se comportava como a senhora da casa, nem se vestia como tal. Não podia consertar uma porta estragada da cocheira ou uma escada podre nem estava usando um primoroso vestido. Mas, por causa da maneira inquietante com que ele a tinha olhado na noite anterior, preferia estar vestindo suas calças.

Sobressaltou-se quando de repente ele pegou uma mecha dos seus cabelos entre os dedos.

— O problema é o dinheiro, querida? Existem homens que pagariam com prazer para ter você embelezando suas camas. Incluo-me neste rol.

Como na noite anterior, puxou-a para si pelo cabelo, até que estiveram cara a cara. Ela se perguntava se a beijaria de novo. E desejava que o fizesse.

— Se fechasse a porta com chave — murmurou ele, — poderíamos discutir os detalhes. Prometo fazer com que valha a pena para você.

Fancy não podia deixar de observá-lo, hipnotizada por seu olhar e pelo modo como a cor de seus olhos parecia mudar de verde para azul.

— Está fazendo uma proposta indecente, senhor Kendall?

O sorriso dele irradiava pecado.

— Parece que é isso. Não vou negar que me atraí.

Fancy mal podia respirar. Ele se sentia atraído por ela. Tinha achado que na noite anterior ele simplesmente tinha estado brincando com ela.

Nunca tinha sido o tipo de mulher que inspirava paixão nos homens, mas sim amizade, como a que compartilhava com Heath, embora ele tivesse começado a falar com ela de casamento no ano passado. Mas sabia que ele se sentia equivocadamente responsável por cuidar dela, agora que George já não estava.

Heath e o irmão de Fancy tinham sido amigos íntimos desde meninos, às vezes inseparáveis. Agora que pensava nisso, era estranho que George tivesse designado um estranho como seu tutor em vez de seu amigo mais íntimo, e que seria a escolha que Fancy poderia ter aceitado com muita mais facilidade.

Mesmo que Heath gostasse de passar sermão (como a maioria dos homens), ele nunca tinha interferido em seus planos. Na realidade, nas últimas duas vezes que Bodie tinha chegado com a maré da meia-noite a ajudou a carregar o conhaque e os tecidos franceses contrabandeados, embora a transação não tenha se concretizado devido à repentina aparição dos fiscais. Se não fosse pela densa névoa que sempre cobria a praia nas madrugadas, não teriam escapado.

— O que me diz? — incitava-a seu paciente. — Não conto para a sua senhora. Ambos poderíamos passar muito bem. Certamente minha estadia aqui se tornaria muito mais prazerosa.

Sem dúvida alguma.

— Você não queria vir? — perguntou ela.

— Não — respondeu ele sem vacilar. — A última coisa que desejo é ser responsável por uma mocinha muito briguenta que aterrorizou a todas as preceptoras que enviei para cuidar de seu bem-estar.

O comentário pareceu ferir para Fancy.

— Pode ser que ela não goste que você interfira. Ou talvez pensou que você deveria vir em pessoa, em vez de enviar mercenárias para fazer o trabalho sujo.

— Ela te disse isso? — Ele arqueou uma sobrancelha e Fancy se deu conta de que estava revelando muito. Mas prosseguiu como se sua resposta não tivesse importância. — Me deu muitíssimo trabalho achar essas preceptoras. Não foi fácil convencer alguém a vir até esta costa desolada.

Como era presunçoso e condescendente!

— Estava muito bem em Londres até que as rabugices de sua excelência interferiram — acrescentou.

— Apostando, bebendo e freqüentando prostitutas, suponho.

Ela tinha lido sobre suas diabruras nas páginas de escândalos. Recentemente tinha ganhado uma importante propriedade do filho de um conde.

— Mais apostando que bebendo e que freqüentando prostitutas — disse ele, acariciando seu rosto com o polegar e fazendo arrepiar pele. — Poucas me interessaram na verdade. Mas você... você tem fogo. Faríamos um belo casal. Você tem uma necessidade e eu a capacidade de satisfazê-la.

Fancy não era capaz de pensar com ele tocando-a desse modo. Seduzia-a com muita facilidade. Ficou de pé abruptamente e caminhou até os pés da cama para lhe tirar a bandagem.

— Então, o que planeja fazer com sua pupila agora que está aqui?

— Decidi me ocupar dela e fazê-la saber exatamente como serão as coisas a partir deste momento. Não tolerarei desobediência.

Suas palavras confirmaram os temores de Fancy.

— E se não gostar do tipo de disciplina que você impõe?

— Aprenderá a gostar — respondeu ele com sombria determinação.

— Provavelmente acha que é capaz de cuidar de si mesma.

— Se tivesse sido capaz de semelhante façanha, eu não estaria aqui. Consegui afugentar duas preceptoras perfeitamente saudáveis.

Fancy teve que morder a língua. Atila o Huno teriam sido melhor que qualquer uma das que seu tutor tinha enviado.

— Eu diria que essa mocinha vai precisar de uma boa nádega — disse ele, como se estivesse pensando seriamente em aplicar o castigo.

Fancy sentiu irritação ante o ridículo do comentário.

— E suponho que está você pensando em dar se for necessário.

— Se fosse necessário.

— Lamento desiludi-lo, mas ela está muito crescida para esse tipo de castigo (e arrancaria seus olhos antes encostasse nela).

Ele a olhou, com os olhos apertados.

— O que quer dizer com "*muito crescida*"? Quantos anos tem?

A duras penas Fancy conseguiu conter um sorriso ao responder:

— Vinte.

— Vinte! — Ela pulou para trás quando a colcha caiu no chão quando ele lançou as pernas fora da cama, soltando algumas palavrões quando seu pé ferido tocou o chão. — Meu Deus! Isto sim tem graça! — passou uma mão pelo cabelo. — Por que ninguém me disse isso?

Fancy não tinha esperado que seu comentário provocasse uma resposta assim.

— Possivelmente teriam feito se você tivesse perguntado.

A olhou com irritação o que dava a ele um aspecto realmente formidável. E ao sentar-se ereto, parecia muito musculoso e perigoso também.

— E o que você que eu vou fazer com uma mocinha de vinte?

— Você age como se ela fosse uma cascavel venenosa.

— Por mim tanto faz, já que vou casá-la.

Quando ouviu essa última afirmação, Fancy sentiu uma opressão no peito:

— Casá-la?

— O que mais vou fazer com ela? — Ele esfregou a nuca, então se deteve abruptamente e franziu o cenho. — Ontem à noite havia uma moça loira. Alta e extraordinariamente bonita. Era ela?

— Se era quem?

Ele a olhou com irritação e impaciência.

— Sua senhora, Lady Francine.

Tinha chegado a hora da verdade.

— E se fosse? — perguntou evasivamente. "*Alta e extraordinariamente bonita.*" A Fancy nunca tinha incomodado com a beleza de seu amiga, mas nesse momento se sentia visivelmente pouco atraente comparada com Rosalyn.

— Então teria que me perguntar por que nenhum homem a pediu em casamento. Parece um anjo.

— Um anjo que você queria estrangular faz menos de cinco minutos — recordou Fancy.

Ele deu de ombros.

— Estava zangado.

Fancy duvidava que essa irritação se aplacaria tão de repente se Rosalyn fosse um duende repugnante.

— Me ajude a levantar — disse ele, esticando o braço. — Quero ver como é este buraco infernal à luz do dia.

A ira fez Fancy atravessar a distância que tinha posto entre eles, imaginando este homem como um bonequinho de vodu em que cravava grandes alfinetes no traseiro.

— Devagar, carinho — murmurou ele, rindo entre dentes quando ela, com um movimento brusco, passou o braço ao redor da cintura ajudando-o a ficar de pé; uma façanha considerando que estava a ponto de desabar sob o peso dele. — Me ajude a chegar até a janela. — Começou a mancar junto dela, passando o braço por cima dos ombros.

Sentia intimidada em tê-lo tão perto e ele não cedia nem um centímetro para que respirasse.

Ele correu as finas cortinas para olhar fora. O sol matinal tinha revestido o mar com reflexos dourados, as ondas provocadas pela tempestade da noite anterior estavam agitadas, enviando redemoinhos de areia ao ar e então depois de retorno ao chão para abafar os juncos e salgueiros.

Fancy olhou o homem de pé a seu lado.

— Quanto tempo pensa ficar?

Ele olhou para a moça de maneira ardente e ligeiramente irônica.

— Minha resposta teria sido muito diferente tivesse me perguntado isso ontem.

— Por quê?

— Porque ontem não tinha nenhum motivo para me demorar sem necessidade.

Fancy tremeu por dentro pelo significado dessas palavras. Seus pensamentos eram contraditórios. Uma parte dela queria lhe dizer que a mulher que ele desejava era a mesma que ele não via a hora de se livrar. Ela não deveria desejar que sua estadia se prolongasse mais do necessário. Nada de bom podia resultar de tal situação. Tinha coisas a fazer e ele seria um obstáculo. Mas para seu grande desgosto, ele já a tinha fascinada: seu modo de se mover, com a graça sutil de um predador; seu perfume, mistura de uísque, cigarro e couro; seu físico, que parecia especialmente desenhado para aninhar o corpo de uma mulher, firmeza contra suavidade, pele morena contra pele clara.

Deveria dizer a verdade e que ele seguisse com sua vida o mais breve possível. Mas confessar sua verdadeira identidade não aplainaria em nada seu caminho.

Em dois dias se reuniria novamente com Bodie e o novo carregamento seria de grande ajuda para juntar o dinheiro e saldar a dívida que pesava sobre seus ombros. Precisava desesperadamente dessas mercadorias. Já que seus dois últimos encontros tinham fracassado, não podia permitir que seu tutor interferisse neste.

— Não conseguirá nada atrasando sua partida. — Se ela não conseguia tomar uma decisão a respeito do que fazer, ao menos tinha que esclarecer que entre eles não aconteceria o que ele pensava, fosse o que fosse. — O melhor a fazer é que você siga seu caminho.

Seu meio sorriso revelava que não tinha conseguido dissuadi-lo.

— Então é assim são as coisas não é?

— Assim são as coisas — respondeu ela firmemente olhando-o nos olhos.

— Poderia fazer você mudar de opinião — ele a desafiou com voz sedutora, fazendo-a virar para olhá-lo. Sua camisa tinha perdido vários botões de modo que ela se viu olhando diretamente para o seu peito. Com um dedo sob seu queixo fez com que levantasse a cabeça. — Na realidade, sinto-me obrigado a tentar.

Só de pensar no que ele podia fazer era muito inquietante.

— Perderia seu tempo — disse ela serenamente.

— Possivelmente. Mas tempo é o que me sobra neste momento. Vai cuidar de mim até que recupere minha saúde, não é verdade?

— Eu o vejo mais que saudável.

— Pois se engana. Acredito que minha recuperação levará um tempo considerável. Espero que possa com a tarefa.

Fancy trocou de assunto antes que ele descobrisse sua identidade

— Quem é Sanji? — perguntou.

Ele ficou petrificado, com expressão tensa e desorientada.

— Passou a noite aqui comigo?

Mais que uma pergunta, suas palavras eram uma acusação.

— Precisava me assegurar que você não sucumbisse à febre ou a uma infecção.

— E o que foi que eu falei?—perguntou ele.

Fancy meneou a cabeça.

— Nada, só balbuciou esse nome. Mas nesse momento estava dominado *"pelos do Outro Mundo"*.

Durante um momento, ele permaneceu observando um ponto fixo por cima do ombro dela, como se sua mente estivesse longe dali. Então, lentamente, seu olhar desceu para a ela.

—“Os do Outro Mundo”?

— Espíritos — explicou ela. — Espíritos que atormentavam seu sonho.

— Não acredito nessas coisas.

Fancy se sentiu idiota por ter iniciado esse assunto. Certamente ele não entenderia.

— As pessoas daqui, acreditam muito em superstições. Acreditam que há um jeito de nos livrar de quase tudo o que nos aflige.

— Inclusive “dos do Outro Mundo”? — perguntou ele, desenhando lentamente um sorriso; o que quer que fosse que o estava incomodando tinha desaparecido.

Ela assentiu.

— Tudo o que tem que fazer é atravessar engatinhando as pedras postas em círculo no *Men-an-Tol*, que são pedras curativas ou banhar-se nas águas do *Madron Wells*.

— Interessante. De que outros estranhos costumes deveria estar atento?

Fancy não estava certa de que ele realmente queria saber ou se estava zombando dela. Sua avó tinha lhe ensinado estas tradições e lendas e, embora repudiasse algumas por considerar ridículas, levava a sério a maioria porque tinham sido parte das crenças de sua avó.

— Se alguém sofrer de loucura — disse ela de maneira mordaz, — deve ser submergido em um lago pelos homens mais fortes do condado até ser curado da demência.

Os olhos dele brilharam divertidos.

— Demência, não é? Pois possivelmente tem razão. Teria que estar louco para querer ficar aqui. A próxima coisa que farão será me empurrar do escarpado? — Acariciou ligeiramente o braço de Fancy que se soltou.

— Vamos, deite-se outra vez na cama.

Prontamente obedeceu. E como era de se esperar, ao ajudá-lo a reclinar-se novamente contra os travesseiros, ficaram muito perto um do outro.

— Acho que você iria gostar de ficar comigo cama. Está certa de que não quer deitar-se aqui comigo?

— Não haveria lugar pra mim e seu ego inflado.

— Bem — disse ele, com um suspiro de mártir, — parece que você me pôs no meu lugar. Bem, chame sua senhora e espero que ele seja mais amável.

O pânico invadiu Fancy.

— A minha senhora? — Engoliu a saliva, com a garganta apertada. — Cre...

acredito que esteja no banho.

— Tomando banho?

— Sim, há uma fonte de águas termais no lado oeste da propriedade. Poderá passar horas ali.

— Então manda alguém buscá-la.

"*Mula cabeçada*", pensou Fancy, rogando que ele não se impacientasse e decidisse sair do quarto. Tinha que reunir as tropas e obter o consenso de todos para... bom... para mentir de maneira convincente.

Conhecendo quais eram os planos de seu tutor para ela, não tinha outra opção senão o enganar, pelo menos até poder conseguir o dinheiro que necessitava para saldar a dívida de sua avó. Girou sobre seus pés para partir, mas ele a segurou pelo braço:

— Não me disse seu nome. Lembro ter perguntado, mas continuo sem receber resposta.

Fancy procurou um nome apropriado.

— Mary — disse. — Mary... Purdy.

Ele meneou a cabeça.

— Não.

— O que quer você dizer com "não"?

— Mary não parece com você.

— Pois é meu nome.

— Então terei que achar um melhor. — Pensou por um segundo e então sorriu. — Já sei: Vou te chamar de Anjo. Meu anjo de misericórdia, que vem me aliviar com uma mão e a me esbofetear com a outra.

Ai, sim como gostaria de esbofeteá-lo nesse instante.

— Agora que resolvemos isso, seja boazinha e vá chamar a sua senhora. Mas, Anjo — pronunciou o nome sentindo prazer em provocá-la, enquanto ela libertava seu braço — Não se afaste. Sou um inválido, lembra?

Fancy desejava ter algo para jogar nessa cabeça arrogante, mas a única coisa que iria conseguir era arruinar o objeto. Já o tinha golpeado com uma pedra, ameaçado com um atizador, disparado na perna, e isso a tinha conduzido pra onde? À sua insustentável situação atual, era pra onde a tinha conduzido!

O melhor que podia fazer era manter a cabeça erguida e a dignidade intacta enquanto batia a porta com violência e a risada masculina a seguia pelo corredor.

— Que loucura a possuiu, querida, para dizer a esse homem semelhante mentira?

Fancy tinha à sua frente as três pessoas que mais lhe importavam no mundo e sentia fraquejar sua determinação. O que propunha a eles parecia agora muito mais desatinado do que quando tinha ocorrido a idéia.

— Não vejo outra alternativa — respondeu. — Não posso permitir que sua repentina aparição altere todos meus planos. Como vou me encontrar com Bodie se o senhor Kendall está me vigiando todo o tempo? Além disso, não está de um ânimo muito generoso para comigo neste momento (não duvidaria nada que aquele miserável fosse capaz de prendê-la em seu quarto apenas para deixá-la zangada).

— Ele ficará muito mais indisposto com você se descobrir o que está fazendo — disse Rosalyn, sempre a voz da razão.

Fancy suspirou e olhou sua amiga, que usava um encantador vestido estampado, de musselina que combinava com seus olhos e cuja cintura alta acentuava seu colo esbelto e seus generosos seios. Ela encarnava todas as qualidades de uma mulher bem criada, embora Rosalyn tivesse sido tão impulsiva como Fancy. A diferença era que Fancy nunca tinha deixado para trás sua impulsividade.

— Ele já acredita que você seja eu — lembrou à sua amiga. — De modo que esta é a solução perfeita para todos os nossos problemas. Posso continuar me encontrando com Bodie e você pode cativar e distrair o nosso hóspede. — Afugentou a imagem que suas palavras trouxeram à sua mente. — Você sabe tudo sobre mim. Jaines e Olinda podem nos ajudar a manter as aparências. E de verdade, me sentiria melhor sabendo que há alguém mais te vigiando além de nós três.

— Não sei — Rosalyn parecia pensativa. — parece muito arriscado e o senhor Kendall não me dá a impressão de ser o tipo de homem que reagem bem quando é enganado.

Fancy não tinha dúvidas a respeito disso. Seu tutor era um homem lindo. Se não fosse tão irascível, até diria que seu irmão tinha escolhido para ela um protetor inigualável. Ex-militar, pertencente à elite da cavalaria. E não tinha desenvolvido todos aqueles músculos levantando livros, com toda certeza.

Recordava a carta que ele tinha enviado informando da morte de seu irmão, o remorso que transparecia em cada uma de suas palavras. Com eloqüência tinha falado da valentia de George no cumprimento do dever. Tinham sido atacados ferozmente durante as semanas que seguiram à última carta que George tinha lhe enviado. Seu irmão tinha salvado a vida de outro homem, era um herói, diziam. Mas ela teria preferido que George tivesse retornado são e salvo e não um herói morto. Para a jovem ele sempre tinha sido um herói.

— Quantas vezes espera ir à enseada, senhorita? — perguntou Jaines.

— Três, no máximo quatro. Não quero me arriscar ser descoberta fazendo Bodie vir com muita frequência, mas suponho que teremos que correr o risco. — Fancy respirou fundo para se acalmar e viu o olhar preocupado de Rosalyn. — Seu amo e senhor a espera, Lady Francine, — falou para Rosalyn.

Capítulo VI

Fancy andava pelo corredor fora de seu quarto, onde neste momento estavam sua melhor amiga e seu tutor. O que estavam fazendo lá dentro? Por que demoravam tanto?

Roia as unhas, olhando continuamente para a porta fechada. Será que Lucien acreditaria que Rosalyn era sua pupila? E se ele fizesse alguma pergunta que ela não soubesse responder?

Fancy levou um tremendo susto quando a porta se abriu de repente e Rosalyn saiu, com o sorriso que tinha desenhado sobre seu rosto ao entrar na jaula do leão apagando-se logo que a porta se fechou atrás dela.

— O que aconteceu? — perguntou Fancy num sussurro. — O que disse?

Rosalyn a pegou pelo braço e a afastou dali. Uma vez fora do alcance do ouvido dele, disse:

— Creio que saiu tudo bem. Estou bastante certa de que acredita que eu sou você. Como não sabe muito a seu respeito, não percebi muita coisa. Embora tenha comentado que George e eu somos diferentes fisicamente.

— Tampouco eu e George fomos parecidos. Seu cabelo era vermelho escuro e tinha os olhos mais puxados para avelãs que a verdes. Puxou nosso lado materno. — Fancy se calou. A atenção de Rosalyn parecia despesa. — Aconteceu alguma coisa? — perguntou repentinamente preocupada.

— Mmm? — Rosalyn piscou e a olhou com ar confuso. — Se aconteceu alguma coisa?

— É. Você parecia imersa em seus pensamentos.

— Estava pensando como é incrivelmente bonito o senhor Kendall, embora seu cabelo seja muito comprido e selvagem do que se costuma usar. E acho que já usou um brinco. Atrevo-me a dizer que é verdadeiramente impactante para os sentidos de uma garota.

— Sim — balbuciou Fancy. Rosalyn e Lucien fariam um casal maravilhoso. A

altura e os traços morenos dele seriam o complemento ideal para a figura de *sílfide* e a suavidade de deusa loira dela.

— Parece ter ficado fascinado por você — disse Rosalyn olhando atentamente para a amiga.

Fancy não gostou nada do ligeiro pulo que deu seu coração.

— É? — respondeu, tentando deixar transparecer apenas uma leve curiosidade.

— Perguntou onde estava e há quanto tempo trabalha pra mim e habilmente perguntou se estava envolvida com alguém. Pra mim isso soa sem sombra de dúvidas como interesse. Está certa de que entre vocês não houve mais nada, além do malfadado encontro na taverna?

Não era próprio de Fancy ocultar alguma coisa de sua melhor amiga, mas simplesmente não estava pronta para confessar do beijo (os beijos, na realidade) entre ela e seu tutor.

— Não houve nada — esperando que um trovão proclamasse sua mentirinha.

Rosalyn parecia não acreditar muito, mas tudo o que disse foi:

— Está a sua espera. — Então um grito fez vibrar as paredes e ela emendou rindo entre dentes. — Impaciente, ao que parece. Deveria levar uma *carabina*.

Fancy esteve a ponto de concordar. Seu tutor tinha um lado travesso e duvidava que fosse se comportar, mas levar "*reforços*", serviria para divertir aquele rufião. Além disso, ele achava que ela era uma criada, o que mudava bastante as regras. Agora que "*tinha feito a cama, teria que deitar nela*", como afirmava o ditado popular.

E enquanto caminhava para a porta de seu quarto com as costas rígidas e a cabeça erguida, ia pensando que a seu tutor essa analogia teria parecido muito interessante.

— Pelo amor de Deus, mulher, onde esteve? — perguntou Lucien enquanto a desafiante moça entrava em seu quarto com expressão severa mostrando que estava pronta para o repreender. Bem. Estava ansioso para ver que tipo de tortura ela infligiria nele. Estava inquieto e tinha se deitado um segundo antes que abrisse a porta. Se ela soubesse que podia caminhar (e que até podia fazer sua ginástica matinal), ele não poderia desfrutar tanto como pretendia de sua estadia.

— Continua mal-humorada pelo que vejo. Estou aborrecido e a perna dói — adicionou como uma ocorrência tardia. Em Londres, há esta hora estaria sentado diante de uma mesa de *whist* jogando cartas num dos antros de jogos. Ao contrário, estava condenado a passar a manhã vendo uma aranha tecer sua teia em um canto do quarto.

Contemplou sua enfermeira mover-se para ele graciosamente, parando há uns 30 cm da cama, olhando-o sem nenhuma paixão. Mulher cruel.

— Se você deixasse as manias de criança manhosa, — disse ela — provavelmente não se sentiria tão mal.

A essas alturas normalmente teria desistido do intento de seduzi-la. Mas havia algo fascinante nesta fogaosa mulherzinha que nenhum homem poderia passar por cima. Pagava um com a mesma moeda e ele se sentia inexplicavelmente atraído por ela. Tinha a beleza e o ar de quem nasceu como uma dama, mas carregava o pecado das ruas em seu sangue.

— Tenho comichão — disse ele. Um comichão que tinha começado na noite anterior e que duvidava que ela quisesse aliviar.

— Por acaso seus braços perderam repentinamente a capacidade de movimento?

— Não alcanço.

Ela o olhou com os olhos meio fechados e se aproximou cautelosamente, como esperando que ele fizesse um movimento. Lucien sorriu para si enquanto virava para ficar de lado e oferecer as costas.

Os magros dedos de unhas curtas raspavam a carne, tocando como se ela sentisse prazer nisso. Mas suspeitava que se a olhasse, ela reagiria de um modo nada amistoso.

— Mais abaixo — murmurou ele, sentindo-a vacilar enquanto sua mão descia pela coluna, pressionando o arco com os dedos desejando ter estar sem camisa. Não desejava coisa alguma interpondo-se entre sua pele e as mãos dela. Fazia muito que uma mulher não o tocava de um modo tão simples. — Mais abaixo. — deu-se conta de que acabava de soltar um gemido quando os dedos dela se imobilizaram. Amaldiçoou-se por estragar o momento.

Ao virar para olhá-la, viu confusão em seus olhos e isso não lhe deu a menor satisfação. Ouviu-se um toque na porta e ela se virou bruscamente com ar de culpa.

Sua pupila apareceu, com o mesmo sorriso encantador que tinha lhe dedicado mais cedo. Era difícil imaginar uma criatura tão etérea com a pessoa que as preceptoras tinham descrito de maneira mordaz.

— Não queria interromper, mas há alguém que deseja ver o senhor Kendall.

— Lucien — falou ele.

Ela se ruborizou de um modo muito bonito e assentiu com a cabeça. Realmente era muito encantadora e não conseguia imaginar por que nenhum homem tinha pedido sua mão até agora. Possivelmente por que suas opções eram muito escassas no país das ovelhas. Teria que levá-la a Londres e pedir ajuda da única "dama" que conhecia, Clarisse Templeton, viúva do Marquês de Dane. Clarisse era uma

mariposa social, podia apresentá-la à sociedade. Já que Lady Francine era filha de um conde, merecia encontrar um homem que fosse de sua mesma condição.

— Quem é? — perguntou.

— Diz que seu nome é Tahj.

Lucien deixou cair novamente a cabeça sobre seu travesseiro.

— Maldição — balbuciou. Esqueceu-se por completo do homem e de sua carruagem avariada.

— Quem é Tahj? — perguntou sua reticente enfermeira.

— Acho que saberá em um momento.

Sua predição demonstrou ser correta, pois nesse momento apareceu na soleira um homem de rosto redondo, olhos rasgados, pele azeitonada e cabeça completamente raspada. Vestia uma folgada túnica flutuante de cor alaranjada e uma bandagem negra ao redor da cintura, calças alaranjadas presar por trás e pantufas negras com a imagem de um dragão bordado em fio de seda vermelho.

Com as mãos nos quadris, o homem concentrou seu olhar em Lucien. Seus penetrantes olhos negros mostravam uma aguda inteligência. Mesmo sendo de estatura pequena, algo nele irradiava poder.

— Uma noite longe de mim — disse, enfatizando cada palavra — e já está em problemas.

Lucien suspirou fundo.

— Senhoras, me permitam apresentar meu companheiro de viagem *Rahmatahj Vajrayana*, ou Tahj, como eu o chamo.

Tahj juntou as mãos e fez uma reverência a ambas.

— Que Buda abençoe essas flores celestiais — falou num inglês quase perfeito a não ser por um sotaque que Fancy não conseguiu reconhecer. — Ambas serão profusamente recompensadas na vida vindoura por suportar as diabruras de *namak haraam*.

— *Namak haraam*? — perguntou Fancy, confusa.

— *Indigno* é uma de suas muitas conotações — respondeu Lucien. — *Menos que um fungo ou a sujeira de seus sapatos depois de ter atravessado a pé um campo de esterco*.

— É verdade — confirmou Tahj, assentindo com a cabeça. — Esse — apontou para Lucien, — é indisciplinado, teimoso, e vai pelo caminho dos perdidos. Ai, é minha carga!

— Não te pedi que me seguisse por onde eu vou durante os últimos dez anos, chato insuportável. Poderia ter ficado na Índia.

— É a vontade de Buda que você seja minha tribulação. Não posso chegar ao

Nirvana Final até o dia em que você tenha encontrado o caminho da luz. — Tahj suspirou esgotado. — Temo ficar murcho e morrer sem que minha busca me santifique.

Fancy mordia os lábios para não rir. Embora conhecesse seu tutor apenas há um dia, compreendia perfeitamente a frustração do Tahj.

— Por que está na cama? O que está planejando agora?

— Atiraram em mim.

Tahj lançou um longo suspiro.

— Está perfeitamente bem. Só está enganando estas duas jovens.

— Na verdade eu atirei nele — interveio Fancy. — Pensei que era um ladrão.

Com arrogância, Lucien arqueou a sobrancelha em direção ao estranho homenzinho e cruzou os braços sobre o peito.

— Viu?

O que aconteceu a seguir foi tão rápido que Fancy mal teve tempo de piscar. Tahj saltou para a cama com a perna estirada, apoiando com força o calcanhar onde Lucien tinha estado até momentos antes. Este tinha pulado fora da cama à velocidade de um raio, levantando o braço direito para interceptar a "machadada" que, ia direto para sua cabeça, jogando a palma de sua outra mão para o diafragma do velho, movimento que conseguiu derrubá-lo para trás.

— Yaaaa!!! — Gritou Lucien. — Sua idade está de deixando lento, velho

— Nunca muito velho para dar uma lição a um cachorro como você.

Tahj agarrou o pilar da cama e balançou as pernas em arco, atingindo seu oponente justo no peito fazendo -o soltar o ar com força enquanto retrocedia precipitando-se para a cama.

Os movimentos que seguiram foram como uma imagem imprecisa: braços, mãos e pernas interceptavam um golpe atrás do outro em um frenesi de fintas e paradas que eram um espetáculo incrível. Em um momento, Lucien estava em cima de Tahj, no seguinte, era este que estava sobre aquele. Custava acreditar que um homem tão magro pudesse defender-se contra um brutamontes do tamanho de Lucien.

O combate terminou pouco depois, quando Tahj estirou a perna, capturando o tornozelo ferido de Lucien e o derrubando ao chão, pndo o joleho sobre seu peito.

— Está fraco *vajra*. Está fora de forma se um velho pode te derrotar. Já não é duro como *diamante*.

— Foi só um golpe de sorte.

— Não existem golpes de sorte. Construimos nosso próprio destino. — Segurou Lucien pela mão para ajudá-lo a levantar-se. — Agora, vista-se. Tenho que colocar juízo nessa sua cabeça dura.

Lucien se sentou sobre a cama.

— Minha enfermeira disse que preciso descansar. — Olhou para Fancy esperando que o ajudasse. — Não é verdade, Anjo?

O rubor coloriu o rosto de Fancy.

— Já falei para não me chamar assim — sussurrou entre dentes furiosa, e ele riu suavemente e ela girou sobre seus calcanhares e se dirigiu para a porta. — Espero que ele acabe com sua vontade de se vangloriar.

Lucien ainda ria quando ela desapareceu batendo a porta violentamente. Ela era uma verdadeira tentação quando estava zangada. Os olhos brilhavam como fogo e o rubor tornavam sua pele acetinada. Um perigo para sua paz mental.

Deixou-se cair contra os travesseiros, seus músculos doloridos pareciam estar protestando. A sova de Tahj tinha sido outra das lições do monge. Este acreditava que a força do corpo fortalecia a mente, a qual ele tinha tentado reforçar através da meditação. Mas Lucien não desejava afundar muito em sua própria mente. A única coisa que conseguia ao fazê-lo, era reviver seu passado. As duas vidas que tinha vivido. Uma delas, perdida para sempre, a outra, muito arraigada nele para esquecê-la.

— Não gosto desse teu olhar — disse Tahj, olhando Lucien com uma expressão de franca desaprovação no rosto redondo.

— Como de costume, está vendo coisas que não existem.

— Vejo muito claramente. Está de olho na moça de cabelo escuro.

— E o que você tem a ver com isso?

— É uma inocente.

— Inocente? — gritou ele. — Mas atirou em mim. E isso depois de ter me deixado inconsciente e por pouco não me deixou estéril depois de resgatá-la de um valentão. E ainda não sei o que ela procurava aquela noite.

— É uma inocente — repetiu firmemente Tahj, sem ouvir ou sem se importar com o que Lucien dizia. — Este último sem dúvida. Não praticou seu *Shaolin*. Está lento. Não está preparado.

— Não estou preparado para que? Meus dias de batalha ficaram para trás. — Mas nunca esquecidos. Ainda podia ver os rostos de todos os homens cansados, toda aquela perda de vidas sem sentido. Para que? Para subordinar um povo ao domínio britânico? Para forçá-los a aceitar o cristianismo em vez de sua própria religião?

Mas tinha cumprido seu dever levado por sua necessidade interior de matar, por seu desejo de infligir um justo castigo às pessoas que o tinha aprisionado, golpeado e drogado para que não pudesse escapar, fazendo-o escravo de sua própria debilidade até agora, tantos anos mais tarde.

— As batalhas ainda não terminaram para você. Ainda guarda amargura em seu coração.

— Alguma vez você se dá por vencido?

— Já que tenho estado com você todos esses anos, deveria responder sua pergunta. Deve exorcizar *ashura* dentro de você para encontrar a paz.

Uma ira familiar cresceu dentro de Lucien.

— Paz? Acha que é isso o que me falta? Perdi quinze anos da minha vida. Como sugere que supere isso? Toda minha família desapareceu. Dorian, Jillian, Hugh, Gavin, Jensyn. Meus pais.

Caminhou rigidamente para a janela, observando um corvo sacudido pelo vento. Fazia muito tempo que tinha perdido sua família, só os escombros marcavam o que restava do pequeno barracão onde tinha passado quase toda sua juventude, amontoado em um só cômodo com seus irmãos. Ele era o maior, o protetor. Mas não percebeu que não estava preparado para os proteger quando precisou e suas tolas bravatas tinham sido o princípio do fim.

Mas já não era aquele juvenzinho panaca. Tinha tido muitos anos para endurecer-se, anos que o tinham convertido em um homem cheio de amargura. Não podia voltar atrás e desfazer o que tinha feito, mas podia castigar a quem merecia agora que tinha os meios para fazê-lo.

— O ódio o dominará se você permitir — disse Tahj para Lucien, que ouvia o mesmo discurso desde o dia em que acordou sobre um colchão de palha no interior do templo, lugar que seria seu santuário pelos dois anos seguintes.

— Pois então permitirei — retrucou Lucien.

— Já procurou vingança contra o filho do homem que chama Redding.

Lucien se virou e o olhou.

— Vingança? Ganhei uma casa, Tahj. Só uma casa das muitas que possui Christian Slade. Isso fará retornar dos mortos o pai desse desgraçado? Ou devolverá minha família? Isso apaga os anos que vivi no inferno? — Apertou os punhos ao lado do corpo — Isso vai trazer Sanji de volta?

— A morte de Sanji não foi culpa sua.

Lucien resistiu à necessidade de fechar os olhos a essa lembrança.

— Sim, foi minha culpa. Assim também como foi minha culpa a morte do irmão da minha pupila.

Massageou a testa e olhou outra vez pela janela, vislumbrando a magra silhueta de sua enfermeira, vestindo outra vez calças e movendo-se rapidamente ao longo de um deteriorado muro de pedra, apressando-se em direção a um grupo de árvores. O vento sobre seu cabelo fez as presilhas caírem, soltando-o sobre suas costas.

O que havia nela que o atraía com tanta força? Tinha conhecido mulheres muito mais bonitas. Alguns homens inclusive, diriam que sua pupila era a mais bonita

das duas.

Perguntava-se se sua falta de atração por Lady Francine se devia ao fato dela ser uma dama, pois as mantinha à distância, sendo Clarisse, Lady Dane, a única exceção a esta regra. Mas havia algo mais na senhorita Mary Purdy que sua singular criação. Havia exuberância, amor pela vida. E desejava aproximar-se, banhar-se em seu resplendor.

Sua irmã Jillian teria agora a mesma idade de Mary. Imaginava que ambas teriam sido amigas, pois também em Jillian havia uma veia selvagem.

Onde estaria ela agora? E o resto de seus irmãos? Vivos ou mortos? Achariam que estava morto? Partiu uma noite para enfrentar o conde de Redding e nunca mais tinha retornado. Em troca, tinham atado suas mãos e pés e o embarcaram para uma vida de escravidão na Índia. Lucien suspirou e sacudiu a cabeça. O que tinha feito com que viesse à Cornualles? Não podia ficar. A inquietação o consumiria logo. Tinha que se manter em movimento, e escapar das lembranças que o atormentavam.

Desde que tinha deixado a Índia, seus dias se transformaram em uma passagem imprecisa de infinitos lugares e noites esquecidas, de mulheres que tocavam só o corpo, sem chegar ao fundo. Havia nele uma frieza inata, uma incapacidade de sentir. Às vezes o aterrorizava a sensação de que havia outro olhando através de seus olhos, de que tinha perdido em algum lugar uma parte essencial de si mesmo. Sua alma, talvez. A tinha deixado na Índia, pendurada na árvore *bodh* (árvore da vida) no *Punjab*.

Lucien se obrigou a afastar essas imagens e se virou para Tahj. Ninguém suspeitaria jamais que sob o humilde exterior do monge pulsava o coração de um dragão, que um homem de constituição física tão delicada possuía suficiente força na palma da mão para matar outro ser humano.

— Chamarei alguém para que o acompanhe aos seus aposentos — disse Lucien.

— Tenho meu *jergón*. Meu colchão de palha. É tudo o que necessito.

— Bem. É só não ficar roncando perto de mim.

— Sendo que raras vezes você dorme em sua própria cama, pergunto-me como acha que conhece meus hábitos ao dormir — Olhando para Lucien com um olhar penetrante, adicionou: — Seus desejos só o levarão para o caminho da destruição.

— Não tenho interesse em passar a vida meditando e evitando o pecado. Acontece que eu gosto do pecado.

— Sei. Cada ano adquire mais riqueza e mais posses, e não precisa de nada disso.

— Riqueza é poder. — O conde de Redding tinha lhe ensinado essa lição.

— O que você quer é a parte má do poder. Não conduzirá a nada.

Lucien voltou a olhar pela janela e observou a única mulher que o tinha superado desaparecer em bosque como um duende. Perguntava-se que coisas impressionariam a senhorita Mary Purdy. Algo lhe dizia que riqueza e poder não estavam entre elas.

— Amanhã praticaremos — disse Tahj enquanto se afastava.

— Amanhã — Hoje satisfaria seus desejos. Riu com gosto.

Capítulo VII

Fancy seguiu sua gata à distância, pisando devagar sobre as pedras soltas do muro construído há muitos séculos possivelmente por algum ancestral celta para evitar que as altas ondas que quebravam contra o escarpado se derramassem sobre a casa.

Precisava dar uma escapada e estava usando Sassy como desculpa. Durante os últimos dias, sua travessa gata listrada tinha desaparecido repetidas vezes. Hoje averiguaria por que.

Seguir o escorregadio felino dava a Fancy algo com que ocupar sua mente para não pensar em seu temerário tutor. Odiava admitir que suas habilidades para a luta a tinham impressionado. Nunca antes tinha visto um método assim. Movia-se com a graça de uma pantera, cada golpe fluía de modo calculado, cada ataque era verdadeiro. Sem dúvida os dois homens tinham representado essa cena numerosas vezes, antes.

Perguntava-se quem era Tahj para Lucien. Parecia a ela uma dupla estranha, considerando que britânicos e indianos não sentiam muita simpatia uns pelos outros.

Teriam se conhecido durante a rebelião? Seria possível que Tahj tivesse lutado contra seu próprio povo? Fancy nunca concordara com o papel da Inglaterra no governo da Índia, ditando leis, pressionando as seitas religiosas para que se convertessem ao cristianismo e impondo o idioma inglês ao povo da Índia. O país a que pertencia escravizava gente e nunca achara correto que George lutasse por essa causa.

Deteve-se e contemplou as ondas do oceano, que pareciam coroadas de diamantes, inalando uma profunda lufada de ar marinho. O dia era temperado, as praias estavam bem lavadas pela chuva da noite anterior. Os pássaros já tinham saído de seu refúgio depois da tormenta. Um bando de gaivotas revoavam sobre um pesqueiro voando baixo para arrebatam um ocasional bocado, os *ostreros* se equilibravam sobre os bancos de lodo em um relâmpago de branco e preto, enquanto os *archibebes* e os *correlimos* corriam rapidamente para explorar a pedra.

Rio acima, onde estava um grosso ramo arrancado pelo vendaval, uma garça caminhava erguida, abrindo caminho como um homem de pernas longas, antes de ficar parada com ar meditativo, as asas abertas e a cabeça escondida entre as penas.

Um ressonante miado agitou Fancy fazendo-a retomar sua caminhada atravessando o passar do muro de pedra. Saltou, seguindo os miados até encontrar o que estava procurando.

Sassy a olhou com suavidade, saudando-a com um ronronar. Estava deitada de lado, com quatro gatinhos que se contorciam mamando avidamente.

— Ai, meu Deus — Fancy se ajoelhou e pegou um gatinho negro com um dos olhos rodeado por um círculo branco. — É precioso —disse suavemente, acariciando o bichano entre as orelhas cobertas de pelo suave e morno. Era tão pequenino que sem dúvida tinha nascido fazia só uma ou duas semanas.

O gatinho cravou as unhas na palmada sua mão, impaciente com Fancy por interromper sua comida. Com uma suave risada, a jovem o devolveu à teta de Sassy, onde começou a empurrar seus irmãos e irmã.

— Quem acreditaria que você tem instinto materno? —murmurou Fancy, fazendo cócegas sob o queixo da sua gata. — Me diga, de onde tirou estes gatinhos? Sassy não tinha estado prenhe, então as crias não eram dela. Mas estava dando de mamar quando Fancy a encontrou, dois meses atrás.

Ficando de pé, a jovem olhou ao redor procurando a mamãe gata, mas com um mau pressentimento em seu interior. Sua suspeita se confirmou quando encontrou junto a uma pedra o corpo sem vida do felino, com o pescoço quebrado Quem ou o que a tinha matado? Era o segundo animal morto que encontrava em uma semana.

Uma lágrima rodou por seu rosto. Ficando de cócoras junto à gata morta, viu o ninho debaixo da pedra onde provavelmente tinha dado a luz a seus gatinhos e os tinha escondido. Com certeza os pobres teriam tentado mamar no corpo sem vida da mãe. Fancy sabia que se Sassy não tivesse chegado a tempo, não estaria enterrando apenas a mãe morta.

Cavou o chão macio. Quando o buraco estava suficientemente profundo, depositou suavemente a gata, rezando silenciosamente antes de tampar o corpo com terra.

Ficou de pé olhando fixamente a terra recém removida. Manchas de luz filtravam através do dossel de folhas sobre sua cabeça e foram dar sobre a tumba. Colocou várias pedras pesadas em cima para manter livre de animais carniceiros.

Um choroso miado a fez olhar por cima do ombro. Sassy estava de pé, tentando encurralar os inquietos gatinhos que já tinham se alimentado. Ela contou três. Faltava o negro.

Levantou a cabeça para ouvir melhor o assustado miado e procurou entre os galhos, até que viu o gatinho sobre um ramo, petrificado de medo. Espreitava-o um grande falcão ameaçador que deve ter descido voando tentando arrebatá-lo. Tanto o falcão como uma queda daquela precária localização matariam o diminuto animal.

— Fique aí, meu amor — falou Fancy suavemente, mantendo os olhos fixos no gatinho enquanto se aproximava com muito cuidado de um ponto debaixo da árvore, temerosa de que um movimento repentino pudesse sobressaltar à assustada criatura.

Durante sua infância tinha subido em muitas árvores, escondendo-se entre os frondosos ramos, divertida enquanto seu irmão a procurava por toda parte. Embora seu corpo já não fosse tão atlético e forte como antes, se preparou para escalar o tronco com destreza antes de se agarrar ao ramo mais próximo, fazendo com que o falcão levantasse vôo e pondo nervoso o gatinho que retrocedeu para o ângulo que formavam o galho e o tronco da árvore.

Fancy olhou para baixo. O solo estava mais longe que o esperado. Se caísse sobre as pedras pontiagudas que estavam perto da árvore, podia facilmente quebrar uma perna. Afugentou esse pensamento e se segurou mais firmemente sobre o ramo. Não era tão leve como em outros tempos e o ramo debaixo dela não era tão forte como gostaria.

O gatinho negro a observava a alguns metros de distância e vários galinhos se projetavam dispersadas, interpondo-se entre eles.

A distância entre eles era maior do que Fancy desejava, mas não havia maneira de aproximar-se.

Apoiando uma mão ao redor do galho, se inclinou para frente, esticou o mais que pôde seus dedos não conseguiram chegar ao gatinho. O bichano agitou uma pata para ela, miando cada vez com mais insistência.

— Vamos, carinho — tentou, chamando suavemente, e ao mesmo tempo se esticava uns centímetros, roçando seu pelo. — Não vou te fazer mal.

Tremendo, o bichano escapuliu para o beirada do galho, suas jovens patas ainda instáveis. Fancy observou horrorizada o pequeno felino cambalear e então, começava a dar cambalhotas no ar.

— Não! — Fancy se equilibrou e desesperadamente tentou apanhar o gatinho e de repente o ramo debaixo dela estalou.

Lucien percorreu com os olhos os sombrios bosques onde tinha visto a moça entrar e falou um palavrão. Maldita seja, perdeu-a de novo, mesmo tendo se vestido à velocidade da luz e praticamente saltado escada abaixo, descendo os degraus de dois em dois, esquecendo da dor no tornozelo.

Não estava certo do porquê de sua necessidade de vê-la. Talvez quisesse simplesmente descobrir se a sensação da noite anterior tinha sido algo mais que um forte desejo sexual que qualquer mulher podia satisfazer. Sabia que devia manter-se longe desta mulher, mas nunca tinha conhecida outra com semelhante fogo em seu interior. Ele precisava desse fogo. Precisava que o ajudasse a livrar-se da sua frieza.

Entrou no bosque, detendo-se ao ouvir uma voz baixinha, quase cantando. Aguçou os ouvidos, franzindo o cenho. Ela estaria com um namorado? Será que os

surpreenderia em alguma situação delicada?

Caminhou para o som, afastando um arbusto muito grande com os cotovelos, até que algo o fez deter-se abruptamente. A gata de aspecto sarnento que tinha visto essa manhã empurrava suavemente com o focinho uma ninhada de gatinhos, tentando fazê-los se comportar.

De algum lugar acima da cabeça do Lucien, chegou a voz de Mary. Apertando os olhos olhou para cima e então vislumbrou um pequeno pé, calçado com botas antes que seu olhar continuasse subindo para encontrar uma torneada perna.

Estava se posicionando melhor debaixo da árvore para ter uma visão melhor, quando a ouviu dar um grito de alarme e viu uma pequena bola de pelo negro cair voando para ele. Estendeu os braços e agarrou a criatura que se contorcia.

Podia sentir o coração do pequeno animal pulsando enlouquecidamente. Os olhos de cor chocolate, muito grandes para sua carinha, olhavam para Lucien sem pestanejar. Com ar ausente fez uma carícia na cabeça, entre as diminutas orelhas enquanto o devolia ao quente círculo de seus irmãos. Nem bem se endireitou, ouviu o rangido de um galho seguido de um barulho enquanto Mary caía do céu. Aterrissou em cima dele, o derrubando. A batida que deu no quadril contra uma afiada pedra tirou todo o ar dos seus pulmões.

Ao abrir os olhos Fancy viu tudo escuro. Levou uns instantes até perceber que seu próprio cabelo cobria seu rosto, escondendo-a em um escuro casulo.

Levou menos tempo para perceber que estava ilesa e que não estava estendida sobre a relva, e sim sobre um homem (um homem muito grande e muito musculoso). A sensação de formigamento na nuca revelou exatamente sobre quem tinha caído.

Engolindo em seco, afastou a cortina de cabelo e se encontrou cara a cara com seu perseguido tutor, em cujos olhos azuis, percebia traços de diversão e irritação igualmente. A sensação do corpo estendido tão perto do seu, despertou em Fancy perigosos lembranças da última vez que o tivera a uma distância similar.

E do que tinha ocorrido aquela vez.

Abriu a boca, mas ele a fez calar colocando um dedo contra os lábios.

— Agradeceria se não falasse, porque sei que se o fizer, só ouvirei reprimenda pelo que fiz para te fazer cair da árvore, ou que foi minha culpa que jogou uma pedra na minha cabeça ou, o pior de tudo, que tenha ameaçado minha masculinidade.

— Isso teria sido bem merecido.

Dirigiu a ela um sorriso torto, afastando uma mecha de cabelo do rosto e pondo atrás da orelha, onde seus dedos deslizaram, desenhando ligeiramente a curva externa antes de descer lentamente roçando a mandíbula.

Fancy rogava que ele não visse seu tremor, embora ao mesmo tempo olhava a sua boca perguntando-se se ele tentaria beijá-la outra vez.

— Você sim, é uma carga pesada, senhorita Purdy. Posso me atrever a abrigar esperanças de sobreviver à minha estadia aqui?

— Possivelmente se deixasse de me seguir, você não teria que temer por sua vida.

— Mas então, quem teria te salvado de cair da árvore, minha querida moça? *Eta!* Tinha razão.

— Pensei que estava se encontrando com um namorado —disse ele.

— Com um namorado? — zombou Fancy. — Você deve estar delirando.

— Por quê? — correu as pontas do cabelo dela entre seus dedos. — É uma mulher atraente. — Olhou-a atentamente. — É verdade que ainda não teve nenhum namorado? É realmente tão pura como parece?

Sua voz rouca e o calor em seus olhos a hipnotizavam.

— Isso não é assunto seu, senhor Kendall.

— Lucien — disse ele, fazendo cócegas no pescoço com o cabelo dela. — Estamos muito perto para falar com tanta formalidade.

O aviso de que estava em cima dele, quadril contra quadril, seio contra peito, sacudiu Fancy. Tentou com dificuldade afastar-se, e ele enlaçou a cintura com um braço, sem violência mas sem permitir que escapasse..

— Acredito que temos um assunto pendente — disse ele.

Fancy lutava para livrar-se de seu abraço.

— Não temos nenhum assunto pendente, besta torpe.

— Lamento não estar de acordo. E se parasse de se mexer, poderia se dar conta de que deseja me beijar tanto quanto eu a você.

O desejava. Ai, e como!

— Você deve ter batido com a cabeça muitas vezes.

— Se estou confuso devo isso a você, adorável duende das árvores. — Levantou a cabeça para sussurrar em seu ouvido. — Seus mamilos estão duros, carinho. Sinto-os contra meu peito. Mas —murmurou, roçando a face com o fôlego, — na realidade preferiria senti-los dentro de minha boca.

Fancy mordeu o lábio inferior para conter um gemido e fechou os olhos, tentando afugentar as imagens evocadas por suas palavras.

— Resiste de um modo muito mais estóico do que eu poderia fazer — lhe disse ele.

Esforçou-se por permanecer completamente imóvel quando os olhares se

cruzaram.

— Por favor, me solte.

— Você é uma mulher de coração duro, senhorita Purdy. Já fui resgatá-la duas vezes. Antigamente um homem recebia alguma lembrança como amostra de gratidão por fazer algo assim.

— Você receberá algo muito mais memorável se não me soltar neste instante.

Ele riu entre dentes e beijou seu nariz.

— Vou acreditar em você, porque sei que está ansiosa para me dar rápido a recompensa final. — Abriu os braços.

— Está livre. No momento — completou mordazmente.

Fancy se apressou em afastar dele e ficou de pé. Quanto mais tempo passava sobre ele, mais clara era a sensação de que tinham marcado seu corpo com ferro em brasa. Ainda a sentia em toda a pele.

Com um sorriso indolente, ele permaneceu no chão, olhando-a enquanto entrelaçava as mãos debaixo da cabeça e cruzava os tornozelos.

— Faz freqüentemente isto, subir em árvores para salvar gatinhos?

Sacudindo o pó, Fancy o olhou com o cenho franzido:

— Você não deveria estar cuidando de seu tornozelo ferido, senhor farsante?

— A farsa era necessária. Precisava provocar um pouco de compaixão em ti. Considera como uma prova para ver se havia em ti sequer um rastro desse sentimento. Além disso, neste momento tenho outras coisas com que me preocupar.

O brilho de zombaria em seus olhos, levou o olhar de Fancy instintivamente para os quadris dele, onde uma calça indecentemente ajustada, cobria como uma luva as partes masculinas das quais se orgulhava tanto. A jovem se esforçou para não ficar vermelha.

Obviamente, sua bagagem tinha chegado com o servente. Seu traje, uma ampla camisa branca e calça cinza escuro, que estavam engomadas até que fosse derrubado ao chão. Agora a camisa estava rasgada em um dos lados e oferecia uma tentadora visão de um torso muito bem formado que distraía completamente sua atenção.

A cena ficou ainda mais irresistível, quando o gatinho negro que ele tinha salvado, passou por cima do seu ombro para então fazer plaf! sobre seu peito parecendo uma mancha de tinta. Fancy sabia que tinha que escapar antes de sucumbir ao desejo de imitar o bichinho.

Girou sobre seus calcanhares e tentou escapar.

— Onde vai? — gritou Lucien. Ela não respondeu nem se deteve. Apenas se aprumou para uma retirada digna quando o que verdadeiramente queria era escapar correndo.

Ouviu-o ficar de pé e ir atrás dela. Resistiu o impulso de olhar para trás, embora se sentisse como uma gazela presa na mira de um caçador. Precisava procurar refúgio.

No instante em que saía das sombras protetoras do bosque, aquele maldito homem a alcançou. De repente, ela se lembrou dos gatinhos e se deteve.

Como se lesse seu pensamento, ele disse:

— Todos estão dormindo sob a atenta vigilância daquela gata horrorosa.

Fancy se relaxou, mas fez uma anotação mental, para retornar e buscá-los. Ia levá-los para casa, onde estivessem seguros.

— Me diga, você sempre viveu aqui? — Perguntou ele depois de um breve silêncio.

Olhou-o. A brisa brincava com seus cabelos, acariciando-os com dedos invisíveis. Mesmo com todos os seus esforços, não conseguia desfazer a imagem do bichano, como um novelo, tão confiantemente sobre seu peito. Quase invejava o felino;

— Sim — respondeu, sem faltar de tudo à verdade. Sentia-se como se tivesse vivido sempre na Cornualles. Pouco se lembrava de sua vida antes de vir: vagas imagens de uma interminável série de canções de ninar e incontáveis casas de campo muito bonitas para estragar com as travessuras de um par de guris revoltosos.

— Não se sente sozinha, tão longe da civilização? — Inquiriu ele, pegando uma florzinha silvestre e colocando atrás da orelha dela.

— Tudo o que conheço está aqui — respondeu ela, tirando a flor para pô-la atrás da orelha dele.

Com um sorriso zombador ele a pegou pela cintura, imobilizando os braços ao lado do corpo enquanto lentamente deslizava pelo peito a flor silvestre, brincando com ela dentro de seu decote. Ela se contorceu de desejo e irritação. Então a soltou e de um salto ficou fora do alcance da iminente bofetada, deixando que ela enfiasse a mão em busca da flor (gostoso se a tivesse ajudado!) ou deixá-la ali no momento.

Quando ela retomou a caminhada ele voltou a carga.

— Me diga, alguma vez quis viver em algum outro lugar? Ou talvez ir a Londres para se ambientar à cidade?

Não, nunca tinha desejado isso. Heath fazia algumas viagens a Londres para comprar materiais e conseguir mão de obra adicional para ajudar nos campos de seu pai. Depois do Calder Westcott, os Courtenay eram os fazendeiros mais ricos do distrito.

— Um amigo me contou que Londres é ruidosa e está cheia de gente, que os

vendedores ambulantes vendem suas mercadorias em quase todas as esquinas e são tantos os que vivem ali que praticamente todos os espaços estão ocupados. — Fancy olhou rapidamente para Lucien antes de acrescentar: — Inclusive disse que em alguns lugares, mulheres com pouca roupa se oferecem aos homens por dinheiro. É verdade?

Ele encolheu os ombros.

— Londres tem zonas que são perdidas. Mas outras são completamente diferentes. Há uma clara distinção de classes.

— E a qual dessas classes você pertence?

Ele a olhou.

— Acredito que você e eu pertencemos à mesma classe.

— E qual seria?

— A classe operária.

— Você não me dá a impressão de ser um homem que trabalha.

Embora tenha estado no exército, suas roupas e sua atitude irradiavam o ar da alta burguesia. Mas ela sabia que parte de sua riqueza provinha das apostas. Ao que parece, seu tutor era um jogador profissional.

Ela ignorava tudo sobre sua origem, onde tinha crescido, se tinha família, ou o que tinha feito de sua vida antes da sua vida militar.

— É em Londres que você viveu a maior parte de sua vida? —inquiriu ela.

— Uma boa parte.

— E sua família?

O coração de Lucien bateu mais forte antes de responder.

— Também.

— Estão lá agora?

— Não.

— Onde estão?

— Você pergunta demais!

— Como se tem respostas se não for fazendo perguntas?

Permaneceu calado, mas ela não estava disposta a se dar por vencida ainda.

— Foram embora da Inglaterra?

Um músculo se moveu em sua mandíbula, enquanto seu olhar se fixava na dela.

— Minha família já não está, senhorita Purdy. Agora deixe esse assunto.

Já não estava? O que significava isso? Desaparecida? Ou morta? E de quais familiares estavam falando? Pais, somente? Ou pais e irmãos? Parou com as perguntas

quando chegaram à entrada da aldeia. Um desordenado punhado de cabanas com paredes de tijolo cru, pintadas de amarelo e de uma cor marfim semelhante ao do creme de leite, construídos de qualquer maneira serpenteando ao longo do caminho de terra cheio de buracos por causa das rodas das carruagens.

Altas sebes se erguiam em ambos os lados do caminho ladeado de olmos. Muitos dos dias de sua infância tinha passado com outros meninos da aldeia, escondendo-se entre essas sebes e saltando por trás deles para surpreendê-los. Aqui ela sempre tinha sido Fancy. Não Lady Francine.

— Olhe! — disse Fancy apontando para o porto. — Entrou o *krill*!

Longas franjas vermelhas pintavam as águas enquanto milhares e milhares dos pequenos crustáceos revestidos de vermelho faziam sua viagem anual rodeando o cabo.

Sem pensar, agarrou a mão do Lucien e o arrastou cruzando o caminho até a beira do precipício. A primeira visão do krill era sempre emocionante.

Fancy saudou com a mão o grupo de pescadores que se reuniram no cais de baixo para examinar suas redes. Conhecia bem a todos, já que tinha crescido com seus filhos e comido em suas mesas. Não podia imaginar tão acolhedora familiaridade na ruidosa cidade de Londres.

Fancy sentiu sobre a mão uma sensação suave como uma pluma e se virou para ver. Lucien roçava os nós de seus dedos com os lábios.

— Se você florescesse por mim com semelhante paixão — murmurou ele — me consideraria um homem afortunado.

Ela o olhou aturdida antes de voltar para a realidade e retirar bruscamente a mão.

— Vou recolher algumas ostras — disse um tanto agitada.

Sem aguardar resposta, ela foi descendo o íngreme atalho que conduzia a um grupo de rochas perto de uma enseada afastada onde podia achar grande quantidade desse manjar exótico.

Fancy tirou os sapatos, arregaçou as calças e começou a caminhar em uma parte rasa do mar, com a areia escorrendo entre os dedos de seus pés enquanto os peixinhos roçavam seus tornozelos.

De cócoras, começou passar a mão no fundo e pouco tempo depois, pescou sua primeira ostra e colocou sobre uma pedra a seu lado.

Uma sombra caiu sobre ela e o coração deu um pulo. Tinha pensado que ele não ia querer sujar a roupa, mas se agachou a seu lado, muito perto para sentir-se cômoda.

— Não tenho feito isto em anos — disse.

O olhou de soslaio, furtivamente. Nesse momento não parecia o homem

imponente que se deleitava em afligir seus sentidos. Em seu perfil de linhas puras vislumbrou o moço que fora em outros tempos.

O olhar inquisidor dela o surpreendeu.

— Meu pai era pescador — explicou, tirando um punhado de ásperas conchas cinza e as jogando sobre a rocha junto às dela.

— Onde seu pai está agora?

Imprimiu à pergunta um tom coloquial, com a esperança de que ele baixasse o guarda.

— Não se dá por vencida, não é?

Lhe devolveu o olhar.

— Você sim?

Sorrindo ligeiramente ele meneou a cabeça.

— Não quando quero algo.

Fancy não se iludia sobre o que ele queria dizer. A desejava. Cada vez que se permitia assumir esse fato seu coração fazia loucuras. Ele era tão bonito, tão incrivelmente sedutor, com penetrantes olhos que mudavam de cor e essa boca... E seu corpo, puro pecado. Em apenas se lembrar da sensação de ter debaixo de si esse corpo musculoso e sentir seus braços fortes, se sentia estranhamente frágil.

— Há quanto tempo Tahj está com você? — perguntou obrigando seus pensamentos retornarem ao presente.

— Muito tempo — respondeu ele num tom que denotava sofrimento, roçando com seus dedos o pé dela enquanto continuava sua busca, seu antebraço nu tocando ligeiramente a panturrilha da jovem. Levantou a vista para ela e Fancy conteve o fôlego, pensando que queria beijá-la. Então ele levantou a mão, balançando um caranguejo. — Ia direto a seu dedão do pé. — Piscou um único olho e jogou o caranguejo sobre a areia úmida, de onde escapuliu indo em direção às ondas.

Fancy se sentia estranhamente desiludida enquanto explorava entre as algas.

— E onde se conheceram?

— Punjab

Ela estranhou o tom tenso da voz dele. Morria de vontade de fazer perguntas sobre George, mas sabia que teria que esperar até receber o último carregamento de Bodie, quando por fim poderia dizer quem era e aceitar as conseqüências.

— Estive por muito tempo na Índia?

— Estive designado ali por três anos.

— Havia muitos enfrentamentos

— Havia guerrilhas. Mas a situação era instável. Os indianos não iriam aceitar o domínio inglês por muito tempo. Havia uma ferrenha oposição a qualquer tipo de mudança, especialmente aquelas que eram contra o que mandava sua religião.

As cartas do George não transmitiam muito a respeito do que estava vivendo na Índia. Fancy sabia que ele não tinha querido preocupá-la, mas a falta de informação tinha sido pior. Ainda agora não entendia em que circunstâncias tinha morrido.

— Alguma vez teve que matar alguém?

— Sim — disse ele, com os olhos fixos em suas mãos através da água turva.

Fancy se sentia desorientada. O que na verdade ela sabia a respeito da guerra? Mesmo sendo mais culta que a maioria das mulheres, não podia compreender as razões dos homens para lançar mão de armas,

— Você se incomoda? — perguntou ele em voz baixa.

Fancy piscou e se voltou para Lucien, que a observava fixamente.

— Me incomodar com o que?

— Que tenha matado outros homens.

Por seu modo de olhá-la, Fancy notou que sua resposta era importante para ele. Mas ela podia consentir que matasse?

— Deve ter tido suas razões.

— E se te dissesse que não tinha? E se te dissesse que simplesmente queria que esses desgraçados morressem?

Ela sentiu um frio percorrer sua espinha.

— Eu... — Sacudiu a cabeça. — Não sei.

Ele assentiu e desviou o olhar. Seguiram minutos de tenso silêncio enquanto ela pensava sobre o que ele estava contando: que tinha matado pessoas sem razão. Sua mente não podia aceitar isso.

Deslizou as mãos de novo na água fresca e procurou um tema neutro.

— Por que Tahj se veste com essas túnicas alaranjadas?

— É um monge budista. Essa roupa é parte de sua cultura.

— Os monges geralmente não moram em monastérios?

— A maioria deles sim. Mas, para minha desgraça, Tahj se autodesignou meu guardião.

Embora tentasse parecer ofendido, Fancy percebeu que ele simplesmente gostava de resmungar.

— Ele deve acreditar que você necessita de um guardião. — O olhou de esguelha. — Precisa?

Ela falava meio como brincadeira, mas a expressão de seus olhos quando levantou a cabeça para o olhar estava longe de ser divertida.

— Não. — Parecia estar falando muito sério. — O que necessito, senhorita Purdy, é que me deixem em paz de uma vez. Minha vida é o que eu faço dela e diz respeito apenas mim e a ninguém mais.

Fancy não sabia por que, mas a advertência realmente a feriu.

— O deixarei sozinho, então. — Levantou-se, mas ele a segurou pelo braço, olhando-a com um brilho desafiante nos olhos.

— Não pensei que você fosse do tipo que foge. Tem medo?

— De você? É obvio que não — zombou ela. Não o temia fisicamente, pois sabia que não lhe faria mal. Não tinha levantado a mão contra ela, mesmo dando motivos de sobra para fazê-lo.

Mas sim tinha acendido algo nela, um sentimento que a invadia cada vez que sorria pra ela e se sentia agonizar quando a tocava.

— Então fique e aprenda algo — disse ele, como um desafio em suas palavras, como se soubesse o que a atraía. A cada segundo que se passava, este homem se tornava mais enigmático para ela e isso só acrescentava seu desejo de saber mais a respeito dele.

— E o que eu poderia aprender com você?

Enquanto perguntava se ajoelhou novamente junto dele.

Os olhos de Lucien tinham recuperado aquele brilho maldoso quando respondeu.

— Pra começar, aprender a beijar um homem do jeito certo.

Capítulo VIII

Lucien caiu na gargalhada ao vê-la ficar ofegante, ofendida, e a atraiu para seus braços.

— Tire suas garras de mim, diabos! Só estava brincando.

Ele se inclinou, aproximando-se, seus lábios muito perto dos dela enquanto acrescentava:

— Eu adoro sua forma de me beijar. Você não se reprime e esses suaves gemidos que sobem do fundo de sua garganta me enlouquecem.

— Eu, não...

Silenciou o protesto, aprisionando sua boca, e Fancy se derreteu em um segundo. Valha-me Deus: beijava maravilhosamente. O beijo era ao mesmo tempo suave e intenso, apaixonado e brincalhão, e fazia com que esquecesse seu propósito de manter distância dele.

Ele retrocedeu e ergueu o rosto dela para que o olhasse.

— Melhor? — murmurou, e tudo o que ela pôde fazer foi assentir quando deveria brigar por ter tomado tanta liberdade com ela. — Outra vez amigos? — falou rindo baixinho.

— Por quê? — perguntou ela, com voz que era quase um sussurro.

— Quer dizer, por que quero ser seu amigo?

Ela assentiu com a cabeça.

— Porque me faz sorrir. E faz minha vida muito mais interessante ao ser parte dela. Mas principalmente, mantém-me sobre brasas. Nunca sei se vai atirar em mim ou se vai me beijar docemente fazendo meu coração quase parar. Se soubesse o quanto desejo te estender sobre a relva e saborear cada centímetro de você... As imagens que tenho de você neste momento não são próprias de um cavalheiro.

As imagens na mente dela tampouco eram inocentes. Se via tomando-o pela mão e levando-o até a beirada do mar, tremendo de expectativa até que ele se lançasse sobre ela como um glorioso anjo sombrio. Ela tinha vontades e desejos que nunca tinha sentido com tanta força como nesse momento.

Fechou os olhos enquanto os dedos roçavam seu pescoço, fazendo-a jogar a cabeça para trás.

— Começaria por aqui — rugiu com voz rouca, roçando de leve a garganta com seus lábios. — Lentamente descenderia por suas clavículas, então seguiria descendo entre o vale dos seus seios, saboreando cada centímetro da sua pele sedosa... até chegar a seus mamilos, doces e erguidos. — Respirava em seu ouvido. — Os estimularia com a boca e a língua até deixá-los tão sensíveis que de apenas soprar sobre eles a faria explodir de desejo por mim. Em troca seguiria semeando beijos sobre seu ventre e deslizando entre suas coxas, onde me demoraria, te saboreando, até tirar a última gota de doçura.

O erotismo de suas palavras fazia Fancy estremecer, e o calor crescia entre suas coxas, onde sentia pulsar sua feminilidade... e ele não a tinha tocado nem com um dedo.

Soltou-a e ela crivou seu olhar em seus olhos ardentes. Não sabia o que fazer. Não podia tocá-lo, seria um convite a compartilhar sua cama.

Ele respirou profundamente e se virou, apertando os punhos ao longo do corpo antes de inundá-los na água para desenterrar mais ostras.

Fancy o observou por um momento, tentando aquietar o alvoroço de sensações em seu interior. A camisa arregaçada até os cotovelos deixava ver seus reluzentes antebraços molhados. Suas mãos eram tão grandes... e ela as desejava sobre seu corpo.

Ela sacudiu a cabeça e afugentou o pensamento, deixando que a brisa marinha refrescasse sua pele ruborizada e que o bramido das ondas a acalmasse até que voltasse a ser ela mesma.

— Onde aprendeu a lutar? — perguntou ela.

— Quem crescia na rua, tinha que saber lutar, ou receber muitas surras. Mas foi Tahj quem me ensinou *Shaolin*.

— Recebeu você muitas surras quando era mais jovem? — Custava-lhe imaginar alguém o vencendo em uma briga.

— Uma ou duas vezes.

— Lembra por quê?

— Olhar para alguém de modo equivocado era razão suficiente para que lhe dessem uma.

Fancy assentou-se sobre o ângulo de uma rocha, deixando que o sol aquecesse suas pernas geladas.

— Parece que você cresceu em um lugar muito difícil.

Ele fez espuma com uma pedra lisa.

— Não era pior que a maioria dos lugares.

O que tinha acontecido para querer manter tão em segredo seu passado?

— Foram pobres?

Seu braço se deteve na metade do gesto de jogar outra pedra e respondeu sucintamente:

— Sim.

— O quanto eram pobres?

— Há uma medida para a pobreza?

— Suponho que não. — Até esse ano, Fancy não tinha pensado em dinheiro. Embora sua avó não tenha sido rica, George e ela nunca tinham ficado sem dinheiro. Havia coisas que poderiam ter tido se não tivesse perdido seus pais, mas não sentiam falta, quaisquer que fossem. Tinham-se o um ao outro e tinham a terra, com todos seus mistérios e beleza, e estavam contentes.

— E você? — perguntou ele, tirando da água um peixe com as mãos em

concha e soltando nas mãos dela o pequeno bichinho que se contorcia. Ela o observou nadar em círculos até que a água terminou de filtrar-se e o peixe caiu no seu colo.

— E eu o que? — Abrindo a mão, devolveu o peixe à água, onde este se impulsionou freneticamente com a cauda até entrar na fenda escura.

— Onde está sua família?

A pergunta trouxe num *flash*, uma rajada de dor ao coração de Fancy. O passar do tempo não tinha aliviado a dor e duvidava que esta desaparecesse algum dia.

— Foi-se — disse ela, repetindo a resposta que ele tinha dado e percebendo nesse momento quanta verdade havia nela. Sua família tinha se ido para sempre. As lágrimas queimavam seus olhos e desviou o olhar.

Lucien rodeou seu tornozelo, esfregando suavemente o pé com a mão.

— Parece que ambos estamos sozinhos.

A emoção brotou da garganta de Fancy.

— Sim — sussurrou, sentindo que entre eles surgia uma estranha afinidade que nunca tinha esperado sentir. Nesse momento detestava estar enganando-o, sabendo que qualquer vínculo que chegasse a se formar entre eles, seriam derrubados como os muros de Jericó, quando ela revelasse a verdade.

Mas ela tinha que pensar em seu futuro, assim como também no perigo que rondava em cada esquina.

A falta de sua família a fazia desejar prender-se tanto às pessoas que ainda estava com ela... Nem sequer deveria se permitir passar este tempo com Lucien enquanto a vida de Rosalyn corria perigo. Mas ele a fazia descontrolar-se. "Só alguns minutos mais", prometeu para si. Então iria embora.

Com um gesto indolente arrancou um galho de algas, enquanto uma idéia tomava corpo em sua mente. Olhou de esguelha para Lucien, tentando calcular se ele estaria ou não, receptivo a seu pedido.

— Você faria algo por mim? — perguntou-lhe.

— Por alguma razão suspeito que sim. — Honrou-a com um sorriso torcido.

— O que é o que deseja que faça?

Resolutamente, ela respondeu:

— Quero aprender a lutar.

— A lutar? — Franziu o cenho. — Por quê?

Ela deu uma encolhida de ombros.

— Simplesmente porque eu gostaria de aprender a me defender sozinha. — Então homens como Calder e seus valentões não mais a intimidariam

— Se defender de quem?

— De ninguém em particular —disse ela, evitando o olhar inquisitivo de Lucien, desejando poder confiar nele. Estava bastante segura de que entenderia. Possivelmente até ajudaria.

Mas então se inteiraria da verdade e ela não podia arriscar-se que ele interferisse em seus planos. Quando se reunisse com Bodie, faria os acertos necessários para aumentar os carregamentos. Uma vez que tivesse assegurado o pagamento, poderia respirar tranqüila de novo. Talvez então pudesse elaborar uma estratégia para frustrar as intenções de Calder.

Não sabia o que fariam. A única solução, parecia ser partir de Moor's End. Mas viajar de carro significava arriscar-se a que armassem uma emboscada no caminho e os capangas de Calder sem dúvida as estariam esperando. De qualquer modo, onde iriam? Como viveriam com o pouco dinheiro que tinham?

Se pelo menos tivesse acesso ao dinheiro guardado para ela em um banco, mas o testamento de seu pai estipulava que só podia ter acesso a ele quando se casasse. Até então, o controle de suas finanças correspondia só a seu tutor.

Possivelmente poderia persuadir Lucien que o desse. Mas será que o fato de ser enganado o zangaria a ponto de negar-se a fazê-lo? Poderia pelo menos convencê-lo do complô de Calder? Será que seria tão insensível a ponto de enviar Rosalyn de volta ao seu meio-irmão?

Ou pior ainda, exigiria que Fancy se casasse com ele? Poderia parecer ingênua, mas sempre imaginou que seu casamento fosse um sublime assunto do coração, como a história de *Isolda* esperando o seu *Tristão*.

A jovem deixou escapar um suspiro.

— Vem. —A voz profunda de Lucien a arrancou de suas reflexões enquanto ele ficava de pé lhe estendendo a mão para ajudá-la a levantar-se.

Fancy o olhou piscando.

— Onde vamos?

— Não queria aprender a lutar? — Puxou-a pela mão até que ficasse de frente pra ele. — Te ensinarei, desde que não use nenhum dos movimentos contra mim — acrescentou com um olhar divertido.

— Não farei.

— Bem. — Girou-a de modo que suas costas ficaram encostadas no peito dele, colocou uma de suas grandes mãos contra o ventre dela, segurando-a firmemente, a sensação da proximidade do corpo dele foi como um afrodisíaco para os sentidos da jovem. — O *Shaolin* é uma arte marcial secreta — disse ele, — passado do professor ao discípulo, mas nunca aos *profanos*.

— Mas você não era um profano?

— Sim, mas Tahj me considerava uma exceção.

— Por quê?

Ele apoiou um dedo sobre os lábios da jovem, e com seu fôlego quente moveu algumas mechas do cabelo dela.

— Uma boca fechada abre a mente para escutar melhor. — Roçou sua têmpora com um beijo rápido antes de continuar. — Há centenas de movimentos, mas estão representados por cinco estilos. — Seus braços moldaram os dela e começou a balançar suas mãos, fazendo pequenos movimentos rítmicos e fluídos. — *Dragão, Tigre, Leopardo, Serpente e Grou*, que complementam as cinco essências. O *Dragão* cultiva o espírito. O *Tigre* representa o treinamento dos ossos. O *Leopardo* desenvolve a força. O *Grou* exercita os músculos. E a *Serpente* fomenta o *ch'i*

— O que é o *ch'i*?

— É a energia intrínseca, um estado em que a vida e a morte perdem a capacidade de inspirar medo e se converte no seu verdadeiro senhor. Os budistas professam a doutrina do *samsara*, que fala que todos os seres atravessam um ciclo contínuo de nascimento, morte e renascimento e então são livres. Rechaçam a noção de uma entidade imutável que transmigra de um encarnação a outra.

— Quer dizer que eles não acreditam que as pessoas tenham alma?

— Preferem a noção de que uma pessoa é um conjunto de elementos. O corpo físico. Os sentidos. A disposição mental. E a consciência que se cria quando a mente e o corpo entram em contato com o mundo exterior.

— É muito complexo, não é mesmo?

— Entender os segredos leva anos de estudo. Algumas das doutrinas são intelectualmente estimulantes, mas não estou de acordo com o princípio básico.

— Qual é?

— Que o sofrimento é necessário para alcançar a iluminação espiritual, o *ch'i*, e que precisamos passar a vida expiando pecados do passado. Não quero ter que ser tão bom.

— Por quê?

— Porque — murmurou, com a mandíbula contra o pescoço da jovem e seus dedos procurando os dela, — ser bom significaria não poder te tocar. Porque o desejo, em todas suas formas, condenaria o pecador a um interminável ciclo de inferno na terra.

Fancy apenas podia pensar com ele acariciando-a desse modo. Se o desejo a condenaria, aceitaria o castigo. Qualquer outra forma de vê-lo significava uma vida cheia de privações.

— Deve-se evitar o prazer — prosseguiu, enquanto roçava seu queixo com os lábios — porque é temporário. O desejo — sussurrou, fazendo-a suspender o rosto para ele, com seus lábios muito perto dos dela — é escravidão.

Fancy fechou os olhos e tentou respirar enquanto a fazia virar a cabeça. Ele ampliou a postura dela, controlando suas ações, fazendo com que seu corpo vibrasse.

— Sua energia vem de dentro de você. Acalme sua mente, de modo que se fique plena de graça e harmonia. Concentre-se na respiração. Inspire lentamente. Daqui. — Espalmou a mão contra o seu diafragma.

Fancy se sentia frágil, emocionada com cada carícia ligeira das mãos dele através de seu corpo.

— Se concentre no ponto de ataque. — Estendeu seu braço, esticando-o para frente com a palma da mão para cima. — Use a força de seu inimigo para vencê-lo. Se ele for forte, ataque pelos lados. — Fez um amplo movimento para baixo. — Se for fraco, golpeia de frente. — Guiou o braço da moça transversalmente ao seu próprio corpo. — Se te agarrar por trás... — Seu braço envolveu sua cintura com mais força, com uma de suas grandes mãos perigosamente perto dos seios — leva sua cabeça para trás contra seu nariz, ou libera seus braços... — mostrou-lhe o lugar — e lhe dê uma cotovelada no plexo solar. — Mostrou-lhe como. — Se isso não der resultado... — aproximou-se e ela pode sentir apoiados contra suas nádegas um calor e uma dureza tentadores — então sobe o pé e golpeia-o na virilha.

Fancy fechou os olhos sentindo que o ar faltava nos pulmões, enquanto instintivamente se movia contra ele, cujo gemido saiu do fundo de sua garganta elevou o calor a um novo nível.

Ele respirou fundo e a virou para olhá-la de frente.

— Quanto mais simples o método — a instruiu, — melhor.

Então a soltou, deixando-a com a estranha sensação de ter perdido algo.

— Por que Tahj ensinou *Shaolin* a você, se este conhecimento só deve ser passado a outros monges?

— Porque me considerava um exemplar patético da humanidade e se compadeceu de mim.

Fancy riu diante de tão absurda afirmação.

— Não brinque.

— Falo sério. O pequeno desgraçado me derrubou sobre meu traseiro durante nossa primeira saída. Uma experiência humilhante, asseguro-lhe isso.

Se Fancy não tivesse visto um desdobramento da habilidade de Tahj, nunca teria acreditado na história que Lucien estava contando..

— O que impulsionou Tahj realizar essa boa ação?

— Ele acredita que um corpo forte pode superar as deficiências da mente.

Com toda certeza, Lucien tinha um corpo forte. Seu olhar percorreu sem

vergonha a sólida amplitude de seu peito, os músculos dos braços... e mais abaixo.

— E que deficiências tem a sua mente? — perguntou ela, seu corpo estremecendo-se pelo contato com o corpo de Lucien.

Estendeu a mão e acariciou uma mecha de cabelo que estava sobre o rosto da jovem.

— Muitas, para que alguém tão inocente como você compreenda.

— Eu não sou inocente.

— Deus, espero que não — disse ele com voz áspera, enquanto se inclinava e roçava os lábios com um beijo ligeiro como uma pluma. A carícia terminou antes que ela pudesse saboreá-la. Cada vez que ele a tocava, o contato parecia tornar-se mais natural e necessário.

Ao recuperar o fôlego, ela perguntou:

— Por que Tahj ensinou a você estas técnicas secretas?

Ele fez um gesto de descaso com os ombros e se inclinou para deslizar os dedos através da água, pressionando-os contra a nuca.

— Porque eu tinha tempo.

— Por quê?

— Acaso um homem não pode vagabundear?

— Não posso imaginar você vagabundeando.

Ele a olhou, virando-se para trás.

— Deveria tomar isso como um...?

— Como um comentário.

— Suspeito que tenha muitos assim.

Essa era uma das razões pelas quais ela nunca se encaixaria no modelo de sociedade londrina, que se caracterizava por afetação e refinamento. Tinha uma tendência a ser sempre franca e a dizer o que pensava. Heath tinha lhe contado, que em Londres o que se considerava mais atraente em uma mulher era o acanhamento e o recato ao cortejar. Para Fancy tudo isso parecia tolo e sem sentido. Ela preferiria mil vezes ler uma novela interessante e discutir seus méritos que assistir a reuniões sociais onde o tema da conversa mais interessante era a última moda. Sufocaria em um ambiente tão restritivo. Como se podia viver em um lugar onde não era possível ver o oceano ou aspirar o perfume do ar marinho todos os dias?

— Distraída?

Ao se virar, Fancy percebeu que Lucien a olhava com expressão curiosa.

— Desculpe. Deixei a imaginação voar.

— Estou te aborrecendo?

Embora ele tivesse acabado de lhe dar um pretexto para partir, tudo o que ela disse foi:

— Não.

— Bem, porque pesquei pra você ostras para toda uma semana.

O olhar de Fancy o seguiu até a rocha onde ela tinha deixado sua primeira ostra. Agora as ostras empilhadas ali formavam uma pequena montanha. Sorriu.

— Foi você muito *laborioso*, senhor.

— Claro que sim, mas tenho meus motivos. Tenho a intenção de te convidar a comer comigo cada uma delas.

— Não poderia comer nem a terceira parte. Terei que retornar depois com um balde.

— Vou pedir a Tahj que venha buscá-las. Não quero que desça sozinha por essa costa; poderia cair e quebrar a perna.

Por um momento, Fancy ficou olhando para sem dizer nada, depois começou a rir.

— Isso sim, é um absurdo. Explorei estes penhascos desde que era uma menina.

— E alguém deveria ter te controlado. Possivelmente hoje não seria tão teimosa.

— Você se propôs a se transformar em meu pai? —perguntou ela incrédula, já sem o traço de bom humor, devido à atitude ditatorial dele.

— Não retornará aqui sem mim e essa é minha última palavra. Entendido?

Como se atrevia a ser tão prepotente? Quem acreditava que era para lhe dar ordens desse modo? Seu amo e senhor, era o que parecia. E como ele achava que ela era uma empregada, tinha que obedecer.

Assentindo bruscamente, girou sobre seus pés e se afastou dele, com a intenção de deixá-lo sozinho onde estava. Abafou um grito ao percebê-lo atrás dela, com o silêncio de um fantasma.

Ficou rígida quando ele a abraçou.

— Você tem o costume de seduzir as empregadas?

— Só com quem me golpeia — disse ele, passando os lábios em seus cabelos.

— Isso explica por que você está completamente atordoado.

Inesperadamente, ele riu.

— Você é terrível, minha pequena *Valquíria*, minha virgem guerreira.

Fancy detestava a facilidade com que ele podia derretê-la.

— Me deixe em paz.

— Está ofendida comigo porque não quero que se machuque?

— Sim — respondeu ela com frieza.

— Você é uma mulher estranha, senhorita Purdy.

Seu comentário a feriu. Ela já sabia que era uma raridade.

— Se você não gostar da maneira como sou...

— Oh, sim! Eu gosto de você como é — respondeu ele, acariciando sua pele com suas palavras. — Você faz um homem desejar te domar e capturar seu fogo para si mesmo.

— Não sou um cavalo selvagem que pode ser domado com uma maçã ou um torrão de açúcar. Sou...

— Inferno! — amaldiçoou ele, e de repente ela deixou de sentir o calor do seu corpo contra as suas costas.

Preocupada, Fancy se virou.

— O que aconteceu?

Ele se deixou cair sobre uma pedra, segurando o pé.

— Acho que algum bicho me picou.

Fancy se ajoelhou diante dele.

— Me deixe ver.

Como ele não tirava a mão, irritou-se.

— Não seja infantil.

Ele arqueou uma sobrancelha, mas ela ignorou e suavemente foi levantando os dedos, um por um. Tocou delicadamente a sola do pé e franziu o cenho.

— Eu não vejo nada.

Ao erguer a cabeça, encontrou-se com um brilho divertido nos olhos dele e soube que a tinha enganado.

— Ai! Que homem mais odioso!

Lucien riu e ela o salpicou com água, molhando o peito da sua camisa, fazendo com que ela ficasse imediatamente séria quando o olhar seguiu a gota de água descendo sobre o peito e se escondendo sob o tecido.

Tocou-a no queixo, levantando sua cabeça e fazendo seu olhar encontrar-se com o seu.

— Tinha que fazer algo para que voltasse a ser compassiva comigo.

— Você não joga limpo.

— Sei. Mas é que você é incrivelmente tentadora. — Ele baixou o olhar. —

Sua blusa está molhada.

Fancy olhou para baixo e sentiu seu rosto arder. Ao salpicar água não tinha molhado apenas a camisa dele mas também a dela, revelando a linha escura de seus mamilos erguidos.

— Posso abrigar a esperança de fazer em você o mesmo efeito que faz em mim? —perguntou ele.

Fancy sabia que devia se mover, fazer algo, mas suas pernas se negavam a obedecer. Tudo que pôde fazer foi sacudir a cabeça.

— Isto não está certo.

— Sei que se sente bem — murmurou ele com voz rouca que fez com que estremecesse, enquanto a pegava pelo braço e a colocava entre suas coxas. Lucien abriu a mão e mostrou a ela uma flor de *ranúnculo*.

Deslizou-a pelo seu queixo, para então prendê-lo atrás de sua orelha. Depois segurou a mão da jovem, fazendo com que abrisse os dedos para deixar ver várias ostras, apertadas e esquecidas ali.

Ele procurou em seu bolso e tirou um pequeno canivete. Fazendo pressão, abriu a dura concha. Levando para trás a cabeça, deixou a ostra deslizar dentro de sua boca, deleitando-se nisso de um modo quase pecaminoso.

Seu olhar carregado de sensualidade desceu para ela, de cuja mão pegou outra ostra e a abriu. Dessa vez ofereceu a ela.

— Abra a boca.

Ela obedeceu e ele pôs contra seus lábios a concha úmida e observou enquanto ela sorvia a ostra. A sensação era a de estar compartilhando um ato íntimo e o modo como ele a olhava, fazia com que sentisse o peito apertado.

— Dizem que as ostras são afrodisíacas — murmurou ele, aproximando outra de seus lábios, e ela tragou obedientemente, com o ar fechando sua garganta enquanto ele se inclinava para sussurrar ao seu ouvido:— Elas lembram ao homem as partes mais íntimas de uma mulher. Sabe a de que partes falo, doçura?

Fancy sentiu sua boca secar e só atinou a menear a cabeça, absorta, enquanto ele jogava outra vez a cabeça para trás e com cuidado colocava na boca outra ostra, um quadro assombrosamente erótico, como o ligeiro sorriso que curvava os cantos de seus lábios quando a olhou.

Apoiou a palma da mão no rosto da moça, tocando suavemente o lábio inferior com o polegar.

— Sabe que quero fazer amor com você, não é sabe?

— Sim — disse ela, num sussurro, sentindo que o mundo conspirava contra ela, ao sentir uma suave brisa percorrendo sua pele, e a água escondendo-se entre as pedras adormecendo os seus sentidos.

Sentia atração por ele e não pôde articular um único protesto quando ele a abraçou pela cintura, puxando-a para si.

Ambos estavam molhados do peito para baixo e a água que os rodeava só realçava o momento.

Beijou-a com insistência. Ela podia reconhecer o desejo e sabia que isso era o que sentia por ele, como também era consciente de que devia renunciar a essa sensação. Ele era seu tutor, o homem a quem seu irmão tinha encarregado cuidar de sua virtude. Se ele soubesse quem ela era, não a desejaria. Quando ela finalmente dissesse quem era, ele a detestaria.

Mas todas essas coisas pareciam muito distantes quando ele segurou seus seios entre as mãos, enroscando sua língua na dela enquanto acariciava um mamilo com o polegar.

Sentia-se tonta, sua mente girava em deleite enquanto a languidez invadia o corpo. Não queria que as sensações parassem. E quando Lucien tomou entre as mãos seu outro seio, apertando-os delicadamente, ela se apertou contra ele, o desejando ainda mais.

Salpicou o pescoço com beijos fazendo-a estremecer.

— Me deixe te ensinar sobre o prazer, Anjo. Prometo que irei devagar. Mas preciso te tocar.

Ergueu-a e ela instintivamente passou as pernas ao redor da cintura dele, que se moveu entrando mais para um lugar isolado, onde a deitou sobre a fina areia, um ligeiro fio de água movendo-se contra as costas dela.

— Alguma vez lhe deram prazer, Céu? — perguntou ele, enquanto lentamente desabotoava sua blusa, uma blusa de menina que era tudo o que o impedia de ver os seus seios nus. — Alguém te saboreou alguma vez?

Fancy sacudiu a cabeça.

Ele sorriu e apoiou as mãos em ambos os lados da cabeça da jovem, bloqueando o sol com seu corpo forte, tendo como fundo os dourados raios, enquanto a olhava fixamente, seus longos cabelos escuros caindo para frente, as suaves mechas sussurrando através dos seios dela enquanto ele soltava os laços de sua blusa e beijava cada centímetro de pele que ia descobrindo, até...

A jovem gemeu e se arqueou para cima, quando ele levou a boca num de seus mamilos e começou a chupá-lo com força. Ela podia sentir cada puxão, cada provocadora lambida de sua língua, mais abaixo.

— É tão inocente, tão nova nisto — sussurrou contra a pele dela, olhando-a ao mesmo tempo em que a língua riscava um círculo ao redor do mamilo. Os seios subiam e desciam ao compasso da respiração agitada enquanto ele brincava, lambendo cada vez que o peito se elevava. — Isto é tudo o que vou fazer. Por agora. Mas cada

vez que vier para mim, te ensinarei um pouco mais. Quer? — Formulou a pergunta enquanto atraía o mamilo para o interior de sua boca quente e úmida. Tudo que Fancy pôde fazer foi apertar-se nervosamente contra ele. — Você gosta do que estou fazendo?

Fazendo um esforço para recuperar o fôlego, Fancy respondeu em voz baixa.

— Sim — palavra que foi um sussurro que o enfeitiçava.

Ele apertou os mamilos entre o polegar e o indicador dando neles um ligeiro puxão antes de aliviá-los com sua boca.

— Está tão cheia de paixão que mal pode se conter. — Gemeu profundamente quando ela elevou os quadris contra seu corpo. — Sabe disso, não é verdade? Instintivamente entende. Logo, Céu. Quando estiver pronta pra mim. Por agora, tudo que desejo fazer é viver e respirar o prazer que posso te dar.

Desenhou com a língua o contorno dos lábios dela. Tinham sabor de mar e avidez. As bocas se fundiram com sensual abandono, separando-se só para procurar um novo ângulo, cada suspiro entrecortado nascendo e morrendo na boca do outro.

Tomando ambos os seios entre as mãos, levantou-os juntando-os para que sua boca e língua deixassem um úmido caminho entre os sensíveis bicos. Como uma seta, a sensação chegou abaixo, ao centro de sua feminilidade, enchendo de rubor o corpo da jovem.

— Minha deusa do mar. — Sua respiração ardente a percorria e enquanto a segurava pelos ombros ele sentiu um tremor percorrendo o seu corpo. — Adoro sentir o seu sabor. — Passou a língua num dos bicos duros, enquanto seus dedos brincavam com o outro.

Fancy se arqueou contra seu corpo, quando lhe beijou um mamilo, logo o outro.

— Por favor — gemeu ela.

Ele se apertou contra ela, seu membro duro a marcou a como fogo, enquanto abria mais suas pernas sem deixar de tocá-la incansavelmente, com as mãos e a boca.

Fancy jogou a cabeça para trás quando o clímax atravessou seu corpo como uma flexa, sentindo todo seu corpo palpitar profundamente, úmida onde o corpo de Lucien se balançava contra o dela enquanto o prazer a invadia, deixando-a fraca e saciada.

E muito consciente do homem estendido em cima dela, que suavemente acariciava seu cabelo, tirando-o do seu rosto.

Capítulo IX

O que era a paixão, que podia nublار por completo o julgamento de uma pessoa?

Fancy olhava fixamente o céu do meio da tarde, onde nuvens parecidas com algodão flutuavam impulsionadas pela brisa, enquanto Lucien arrumava com suavidade a sua roupa, fazendo-a mudar de posição de modo que sua cabeça descansasse sobre o ombro dele.

Todos os sutis contatos e as carícias a tinham levado a cometer um engano irreversível. Não era que não o tivesse desejado, ao contrário. E se ele não a tivesse seduzido, ela o teria seduzido.

Mais uma vez, sua precipitação a tinha metido em problemas.

— No que está pensando? — Perguntou Lucien acariciando seu braço com ar ausente.

— Que eu preciso voltar para casa — respondeu ela, o que era verdade, mas não era o que mais a preocupava nesse momento. — Já devem ter notado minha ausência. — E já imaginava o sermão que teria que escutar se alguém soubesse que ficara sozinha com Lucien. Olinda castraria Lucien e então, com a espada na mão o obrigaria a dizer "aceito". As repercussões eram muito terríveis para serem consideradas.

Ele ergueu o seu queixo.

— Espero não ter metido você em problemas com sua senhora. Se ela brigar com você, eu assumirei a culpa.

Fancy não tinha esperado que ele se preocupasse com as consequências que uma simples criada teria que enfrentar.

— E o que você dirá? — perguntou ela.

— Que pedi que você fosse minha guia num *tour* pela propriedade — disse ele, deslizando o polegar pelo lábio inferior dela. — Não deixarei que nada de mal aconteça com você. Prometo.

Fancy desviou o olhar. Ele estava conseguindo fazer com que gostasse dele mais do que podia permitir-se; ela tinha que apegar-se à imagem de Lucien como um jogador profissional e um mulherengo. Eram suas características e não podia esquecer isso.

Livrando-se de seu abraço, ela se levantou. Sem dizer uma palavra, empreendeu a volta subindo pelo atalho, pensando na facilidade com que cada decisão, até a mais simples, podia conduzir ao desastre.

— Olá! — alguém gritou de longe enquanto Fancy subia a costa, fazendo-a

descer das nuvens e levantar os olhos rapidamente.

Viu uma figura que se aproximava. Um homem. Sua mente pensava depressa. Seria Calder? Senhor, como podia ter se esquecido dele por tanta tempo? Sua traição tinha sido o que a tinha levado à taverna e ao fatídico primeiro encontro com Lucien.

Mas não se tratava de Calder, percebeu aliviada enquanto o homem se aproximava, tratava-se de Heath. O corpo alto e magro se materializou entre os juncos movendo-se com seu passo longo tão familiar, enquanto seu cabelo loiro resplandecia com os últimos raios do sol.

Os Courtenay asseguravam que eram descendentes dos reis de Cornualles e todos sempre os tinha tratado com deferência. Todas as jovens casadoiras da região abrigavam a esperança de "pegar" Heath e converter-se na afortunada mulher que ganharia um lugar em tão ilustre família.

O moço acenou com a mão e Fancy instintivamente respondeu a saudação. Então a jovem se deteve abruptamente, sentindo que o coração dava cambalhotas. Hoje ela não era Lady Francine Fitz Hugh, e sim uma impostora e tinha que tinha que avisar Heath antes que este dissesse a Lucien algo que pudesse jogar por terra todos seus planos.

— Volto em seguida — se apressou a dizer a Lucien, torcendo pra que ele não a seguisse enquanto ia deter Heath.

Quando se encontraram, Heath repentinamente a agarrou pela cintura, girando-a antes de lhe dar um fraternal beijo na boca, com um brilho travesso nos olhos castanhos, enquanto a depositava novamente no chão e dava um passo atrás para observá-la.

— Meu Deus, Fancy... moça, como você enche bem essas calças! Vira pra eu te olhar. — Antes que ela pudesse protestar, girou-a pelos ombros e dando um pequeno assobio de aprovação. — Os rapazes cairão a seus pés se continuar se vestindo assim. — Rindo deu uma palmada em seu traseiro como se ainda fosse uma garotinha.

Fancy deu um tapa em suas mãos e o olhou com o cenho franzido.

— Pare de fazer isso.

— Parar de fazer o que? — replicou inocentemente. — Só estava me divertindo um pouco.

— Não é momento para se divertir. Tenho que falar com você. — Fancy olhou para Lucien que agora estava no alto da colina, jogando faíscas pelos olhos. A qualquer momento chegaria até eles, o que significava que não havia um segundo a perder.

Infelizmente, Heath tinha seguido seu olhar e agora franzia o cenho.

— Quem é ele? — perguntou.

Fancy suspirou.

— Meu tutor, Lucien Kendall.

Por um segundo, Heath a olhou aturdido.

— O Coronel Lucien Kendall? O comandante de George?

Heath sabia tudo sobre Lucien. Fancy tinha estado tão segura de que o homem jamais se dignaria a pôr os pés em Cornualles, que tinha contado tudo. Até ontem, nunca tinha pensado que tinha motivos para se preocupar.

— O próprio — disse ela.

— E o que ele está fazendo aqui? Pensei que sua preocupação era apenas contratar uma nova preceptora pra você.

— E eu afugentei muitas. — E seu comportamento inconsciente poderia ser o vendaval que jogaria por terra seu precário castelo de cartas. — Não tenho tempo pra te explicar tudo agora, exceto que ele não sabe quem sou eu;

Heath a olhou com a testa franzida.

— Não sabe?

— Por favor, só ouça. Não pude lhe dizer a verdade. Disse que tem a intenção de me casar.

O jovem a contemplou com expressão pensativa.

— Isso não seria tão mau — disse, suavemente e tocando ligeiramente a face de Fancy. — Sabe que sempre fica o recurso de se casar comigo. Eu cuidarei de você.

— Sim, eu sei. — também sabia que fariam infelizes um ao outro. Heath não a amava nem ela a ele. — Mas tenho que fazer isto sozinha. Não posso perder Moor's End.

— Não estou tão certo, garota. Acredito que seu tutor deveria estar a par do problema que você está enfrentando.

— Não. — Ela sacudiu a cabeça energicamente. — Moor's End pertenceu à minha família por mais de um século. Não serei eu quem a perderá. Pertence às futuras gerações.

— Que futuras gerações? — perguntou Heath, sem querer ser cruel, mas ainda assim suas palavras provocaram uma pontada de dor no coração da jovem.

Não haveria futuro sem crianças; sem marido. Não que ela não quisesse se casar, pelo contrário. Mas no seu devido tempo. Com um homem que a amasse.

— Sinto muito. — murmurou ele abraçando-a. — Sei que isso a magoa. Se pelo menos me deixasse cuidar de você...

Por um momento, Fancy permitiu que a consolasse. Então retrocedeu,

olhando para Lucien vendo que ele estava irado. Dirigiu-se para eles e o pânico se apoderou de Fancy.

— Ai, meu Deus, está vindo pra cá. Por favor Heath, não diga a ele quem sou.

— Fancy...

— Ele acha que sou Mary Purdy, uma criada — se apressou a contar. — Prometo que direi a verdade a ele. Mas não agora. Por favor, Heath. Me ajude.

— Preciso conversar com você.

— Bem, só que não pode ser agora.

— Quando então?

— Vou te ver esta noite no Rincão do Marinheiro. Poderá falar então. Por agora, peço que não me delate.

Nesse momento se acabou o tempo e Lucien se deteve junto dela, com um olhar possessivo que revelava muito mais do que Fancy queria. A única coisa que podia fazer era rezar.

— Heath — disse esperando não demonstrar seu nervosismo — esse é Lucien Kendall, o tutor de Lady Francine. Chegou de Londres apenas ontem. Senhor Kendall, me permita lhe apresentar a Heath Courtenay, vizinho de Lady Francine.

Lucien inclinou a cabeça.

— Courtenay — disse friamente.

Heath lhe devolveu o gesto.

— Kendall.

Com as palmas das mãos frias e úmidas, Fancy os viu se estudarem mutuamente. Heath era alguns anos mais jovem que Lucien, mas seu tutor o superava em altura por vários centímetros, além de ter uns seis quilos a mais de músculos bem firmes.

Ansiosa, Fancy segurou o braço de Lucien com força.

— O Senhor Kendall estava me acompanhando até em casa.

Lucien baixou o olhar para ela, com as sobrancelhas franzidas. Não parecia satisfeito.

— É isso mesmo — disse asperamente.

A tensão era evidente e a única coisa que Fancy queria era sair dali.

— Tenha bom dia, senhor Courtenay — disse sem deixar de notar o olhar glacial de Heath cujo desgosto era perceptível.

— Bom dia Senhorita Purdy. Possivelmente logo voltaremos a nos encontrar. — Seu olhar expressava exatamente o que tinha querido dizer.

— Estou certa que sim.

Saudando ambos com uma inclinação de cabeça, Heath girou sobre seus pés. Fancy o seguiu com o olhar até que o perdeu de vista. Logo que Heath desapareceu pelo atalho que levava à casa dos Courtenays, Fancy soltou um suspiro de alívio.

Então percebeu que seus dedos seguravam firmemente o braço de Lucien. Soltou-se imediatamente. Mas ele prendeu a sua mão.

— Não tão rápido.

— Deveríamos voltar para casa.

— Quem é ele?

Deus, acaso ela tinha sido tão óbvia? Percebeu que ela ocultava algo? Se apurou para lhe devolver um olhar calmo.

— Um vizinho, como já disse.

— Sabe muito bem o que estou perguntando. O que ele é pra você?

— Um amigo.

— Um amigo muito íntimo?

Por um momento Fancy só pôde olhá-lo fixamente; logo sentiu uma grande irritação pelo que ele estava insinuando. Libertou seu braço do dele.

— Isso não é assunto seu.

Virou-se para sair caminhando, mas ele fechou o passo.

— É assunto meu enquanto eu permaneça aqui.

— Pois parta. Para começar, ninguém pediu a você que viesse. — Deu uma cotovelada no peito e se soltou, encostando nele ao passar e deixando-o para trás.

Ele a alcançou com grande rapidez, pegou com força seu braço e a virou para ele.

— Não compartilho o que é meu e até que eu parta, você é minha.

Fancy respirou fundo zangada.

— Seu grandessíssimo arrogante e teimoso. Eu não pertencço a nenhum homem.

Mas no momento em que pronunciava estas palavras, a idéia de pertencer a Lucien, de se aconchegar em seu abraço protetor e permanecer ali, era tentadora. Seria tão possessivo quando soubesse a verdade?

Rodeou-a com seus braços, seu corpo era um muro quente e sólido que a acalmava, e ela sentiu um forte desejo de recostar a cabeça sobre seu ombro. Embora soubesse o que ele estava fazendo, reclamando posse, não podia obrigar seu corpo a opor-se.

Percebia com muita clareza, que mais do que nunca tinha que lhe dizer a verdade e o quanto antes, melhor. Já se tinha surpreendida desejando estar perto dele e perguntando-se quando a beijaria outra vez. Era muito perigoso.

Tinha só uma maneira de conseguir mais rápido o dinheiro que devia, algo que até agora tinha evitado resolutamente. Mas agora não tinha outra saída. Daria a Bodie o antigo broche de madrepérola que sua avó lhe tinha dado pouco antes de morrer para que o vendesse por ela. Apenas a idéia fez que as lágrimas se amontoassem em seus olhos e desviou o olhar.

Lucien levantou seu queixo e a obrigou a olhá-lo.

— Não chore. — Deslizou gentilmente o polegar através do sulco de uma lágrima solitária. — Não foi minha intenção gritar — disse, confundindo o motivo de suas lágrimas. — Simplesmente a desejo. Não sei como, mas você me enfeitiçou por completo.

Inclinou a cabeça para ela e Fancy não teve forças para o rejeitar.

Suspirando, fechou os olhos enquanto a boca de Lucien se apertava contra seus lábios, delineando-os delicadamente. O beijo foi uma comunhão mútua de desejo. Ao sentir o contato de seu corpo, Fancy se estremeceu.

Lucien interrompeu o beijo e ela soltou um som de protesto. Então seu olhar seguiu o dele e mostrou o motivo. Tinham companhia. Sorriu.

O gatinho negro se afastou de Sassy outra vez e agora brincava junto à bota do Lucien, sem irar os olhos dele.

— O que está acontecendo com essa bola de pelo? — resmungou, franzindo o cenho ao olhar o gatinho, que era completamente indiferente à ferocidade de seu semblante.

— Acha que pensa que você é sua mãe.

Lucien levantou a cabeça de repente e a olhou zangado.

Fancy teve que morder os lábios para não rir.

— Parece muito engraçado, não é mesmo?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você o salvou, depois de tudo. E dizem que quando alguém salva uma vida, o destino de ambos está ligado para sempre.

— Eu a salvei — murmurou, tomando suavemente seu rosto entre suas mãos. — Isso faz com que estejamos ligados para sempre?

Fancy o olhou e sentiu o desejo percorrer seu corpo, mas disfarçou, ou pelo menos tentou.

— É melhor que recolhamos os gatinhos. É muito perigoso para eles ficar aqui na intempérie. — Agachando-se pegou com as duas mãos o bichinho que tinha

dormido junto à bota dele. — Estenda a mão.

— Diabos! Não vai me fazer criar essa coisa, não é?

— Sim. — Apressou-se a colocar o gatinho sobre a palma da mão dele; a diferença de tamanho entre o homem e o felino era bastante peculiar.

Ele parecia incrivelmente incomodado, especialmente quando o gatinho começou a lamber seu polegar com uma língua áspera e rosada. Franziu o cenho e Fancy desfrutava de cada minuto do espetáculo enquanto reunia os outros três gatinhos. As bolas de pelo, se contorcendo todo o tempo, mantinham Lucien ocupado enquanto caminhavam de retorno à casa.

Acabavam de sair do bosque quando ouviu Lucien dizer:

— Sai daí de trás.

Ao virar-se, Fancy viu um arbusto que sussurrava. Um minuto depois, apareceram uma cabeça e um par de assustados olhos castanhos.

— Jimmy? —disse ela.

Ele saiu de seu esconderijo.

— Sim, senhora.

— O que está fazendo? — Então lhe ocorreu um terrível pensamento. — Aconteceu algo à sua mãe?

Ele meneou rapidamente a cabeça.

— Não, senhora. Está muito melhor agora, com o cataplasma que você lhe deu. Só vim a... pois... — Engoliu a saliva e observou Lucien, intimidante em sua monumental estatura, inclusive com gatinhos subindo por sua camisa.

— Tinha que ver se você estava bem.

— Não compreendo.

— Eu sim — comentou Lucien atraindo o olhar de Fancy. — Jimmy e eu já nos vimos antes.

— Já se viram?

— Ontem à noite.

Fancy levou somente um minuto para imaginar onde. Na taverna.

— Então a conhece, não é guri? — Não havia rancor na voz de Lucien, que falava em tom risonho. — Pensava que eu ia fazer mal a ela e se preocupou?

Jimmy tinha os olhos baixos, fixos em suas mãos, enquanto girava nervosamente sua boina.

— Não quis ser desonesto com você, senhor. Disse-lhe quase toda a verdade.

— Mas precisava do dinheiro.

Ele assentiu, com um aspecto completamente abatido, olhando inquisitivamente para Fancy com olhos que tinham visto muito dor.

— Sinto muito, senhorita. Não quis delatá-la.

Fancy se compadeceu dele. Os pais de Jimmy tinham trazido ele e sua irmã Lisbeth de Londres para a Cornualles com a esperança de ter uma vida melhor. Mas o pai tinha morrido seis meses atrás em um acidente na mina Wheal Rose e a mãe tinha contraído uma infecção pulmonar no mês passado. Estava melhorando, mas lentamente, pondo sobre seus filhos com uma pesada carga. Fancy fazia o que era possível, levando comida e lendo um conto para aos meninos para dormir, mas freqüentemente isso parecia a ela muito pouco.

— Vem aqui, Jimmy. — Arrastando os pés, o menino se aproximou dela, e inclinou a cabeça ao parar diante da jovem. Fancy acariciou seu cabelo. — Olinda está fazendo bolinhos doces esta manhã. Por que não entra e vê se já estão prontos?

— Então, você me perdoa? — perguntou ele com uma vozinha fraca.

— É obvio — assegurou Fancy o beijando na testa. — Agora vê se consegue um bolinho enquanto ainda estejam quentes. E leve alguns para casa — gritou Fancy enquanto o menino saía em disparada para a porta da cozinha.

Então Fancy se voltou para Lucien, que estava tentando capturar um gatinho de patas brancas enquanto este subia por seu ombro.

— Por que esse olhar? — queixou-se ele, obviamente contrariado, porque como prêmio por seus esforços os gatinhos cravavam as diminutas unhas no peito.

— Você subornou o pobre menino para tirar informação dele?

Ele franziu o cenho.

— Não, ele se ofereceu a me dar a informação.

— Jimmy é o menino mais honesto que já jamais.

— Então, quer dizer que eu sou desonesto?

Deu a ele um olhar que expressava sua opinião e girou sobre seus calcanhares.

— Espera só um minuto. — Mas ela não esperou, e ele ficou ali plantado fazendo malabares com os gatinhos.

Foi só enquanto Lucien passou pela porta da cozinha, Sadie foi trotando a seu encontro e por pouco não o derrubou ao chão.

— Fora daqui, sua vira-lata! — Tal como sua dona, o cão o ignorou, farejando os gatinhos que golpeavam seu focinho com as patinhas. — Só espere que os ponha no chão — resmungou Lucien. — Então se esconderá tremendo no armário do corredor.

Inclinou-se com a intenção de levar a cabo sua ameaça, quando ouviu:

— Pelo amor de Deus, aí não! Vão pisar neles. Aqui. Preparei uma cama para eles.

Resmungando baixo, Lucien levantou os olhos para ver a governanta, abafando um risinho, enquanto Jimmy comia seus doces, muito absorto para interessar-se da difícil situação de Lucien. *Lady Imperiosa* estava de pé impaciente, apontando uma gaveta colocada ao lado, revestida com uma manta macia.

Lucien caminhou rigidamente para a gaveta, ficou de cócoras e depositou sua carga, um a um, mais que disposto a dar por encerrada esta situação ridícula.

De pé, olhou zangado para o rosto altivo da jovem, virado para cima em direção a ele, e sentiu um desejo incontido de beijá-la. Que Deus o protegesse, ela o tinha enfeitado.

— Satisfeita?

— Sim.

— Excelente.

— Bem.

Trocaram olhares de irritação e em seguida Lucien saiu a passos largos do aposento. Fancy se permitiu seguir com os olhos a retirada dele; suas magníficas formas não deixavam de ser uma beleza, sem importar o quanto estivesse zangado.

— Boa tarde, senhor Kendall — gorjeou Rosalyn em tom alegre ao cruzar com ele no corredor, recebendo um grunhido como resposta. Entrando na cozinha com expressão perplexa, a jovem perguntou:

— O que aconteceu?

Fancy observou Lucien até que este desapareceu em uma área do vestíbulo banhada pela luz dos últimos raios do sol. Então disse com brutalidade:

— É homem.

Enquanto se afastava em direção contrária a Lucien, Olinda e Rosalyn trocaram olhares desconcertadas.

Capítulo X

A casa aprisionava Lucien como uma tumba. As quatro paredes pareciam abater-se sobre ele enquanto permanecia de pé no meio da biblioteca. Rodeado pelo aroma de couro antigo e em desuso, tentava não pensar no contínuo aumento de agitação que uma mocinha de temperamento explosivo e sorriso mais radiante que o sol provocava nele.

Rodeou com uma mão a desgastado suporte da lareira, enquanto o relógio anunciava que faltava um quarto de hora para a meia-noite. Baixou os olhos, vendo a madeira que ardia crepitando sobre os escuros tijolos da lareira e lutando contra o desejo que crescia dentro dele. Sabia que logo seu corpo se veria atormentado por tremores se não satisfizesse sua necessidade. Estendeu uma mão para as chamas, mas não sentiu o calor, só um terrível frio cada vez mais intenso.

Esforçava-se para se concentrar no cair da chuva contra os cristais, no uivo do vento que castigava uma persiana fazendo-a golpear contra a casa.

Inquieto, caminhou até a cristaleira dos licores e tirou uma garrafa de conhaque antigo, seu passo ainda não era o de um ébrio, embora já tivesse bebido bastante, inclusive tinha terminado o que restava de uma garrafa de *bourbon*.

Por que tinha vindo a este lugar esquecido por Deus? Deveria estar em Londres, fazendo o que melhor sabia, jogar, e não se meter em enredos. E aceitar ser responsável por Lady Francine Fitz Hugh era um enorme enredo. Os seus dias de coerência estavam por um fio.

Mas, o que o esperava em Londres? Uma residência vazia? Lembranças que tinham começado a acosar sua mente, deixando cada vez menos lugares onde se esconder?

Olhou para trás, para a fina caixa negra sobre a mesa oposta ao sofá, encarapitada ali como um ave de presa agudas, só esperando que ele levantasse a tampa. Tinha acreditado ter força suficiente para conquistar o enorme vazio em seu interior e ao princípio tinha deixado a caixa guardada em Charring House. Mas depois que tinha viajado uma hora, foi forçado a retornar e levá-la consigo. Sua vida estava amarrada a essa caixa, em corpo e alma.

Terminou o copo de conhaque e serviu outro, caminhando além da mesa mais uma vez e apoiando a mão sobre a janela para olhar para fora, para a noite de tormenta, os trovões entre as nuvens negras, os relâmpagos iluminando os cabos desolados e sombrios, as folhas tiritando em meio das rajadas geladas.

Quanto mais o tempo passava, mais profundamente sentia a guilhotina em seu pescoço.

Precisava de Mary. Precisava dela tanto quanto das coisas que guardava

naquela caixa. Havia algo nela que o acalmava, que o fazia esquecer por um momento as imagens de um homem jovem que tinha agonizado três dias antes de morrer por causa de uma bala que estava destinada a ele. Os soluços de uma mulher cujo único engano tinha sido amá-lo, e os assustados olhos de sua mãe enquanto se submetia à brutalidade de seu marido... e uma vergonha inexplicável.

Deus, como odiava a noite.

De pé diante da janela, Fancy olhava a densa cortina de chuva deslizar sobre os cristais. As tempestades eram freqüentes durante as noites outonais. No início intimidavam mas cessavam antes do amanhecer.

Houve um tempo em que ela costumava amar a chuva, quando se sentava nesta mesma janela, o nariz apertado contra o vidro, olhando as grossas gotas cair como *xelins* de prata sobre o caminho, tranformando-o num rio escuro.

Se pelo menos as gotas de chuva fossem *xelins*, seus problemas estariam resolvidos. Mas nem isso mudaria o fato de que agora as tempestades provocavam nela terrores noturnos.

Seus pais tinham morrido em uma tempestade em alta mar. Sua avó havia falecido em uma noite em que a chuva açoitava a terra. A notícia da morte de seu irmão tinha chegado durante um inesperado temporal.

Nunca esqueceria o rosto sombrio do jovem militar que tinha contado sobre a valente luta de George para sobreviver, sobre suas heróicas façanhas pelo país. Sobre seu amor e devoção por ela. Durante os primeiros momentos, Fancy só tinha sido capaz de pensar, egoístamente, que agora tinha ficado sozinha. Então ela chorou durante meses até conseguir ir em frente com sua rotina.

Sadie chocou contra uma de suas coxas e ao baixar o olhar Fancy viu fixos nela aqueles imensos olhos castanhos que compreendiam sua dor.

Deu um tapinha em sua cabeça.

— Sei — a consolou. — Mas devemos ser valentes. Tudo isto terminará logo.

Afastando-se da janela, olhou fixamente para sua cama. Lucien tinha saído do quarto dela nessa manhã. Olinda o acomodou em um quarto no outro extremo do corredor. Entretanto, seu rastro ainda não tinha se apagado, as imagens de seu corpo estendido sobre a colcha, seus lábios carnudos curvados em um sorriso provocante enquanto a acariciava com o olhar.

Fancy fechou os olhos e pois a mão sobre o seio, deslizando suavemente um dedo sobre um de seus mamilos e sentindo-o responder ao contato. Lucien tinha despertado dentro dela algo que não podia simplesmente reverter ou ser encerrado novamente.

Deixou cair a mão, desprezando esse pensamento e Heath lhe veio à mente.

O que ele queria lhe dizer de tão importante para terem que se encontrar em um lugar isolado à meia-noite? Estaria esperando-a na enseada em uma noite tão chuvosa?

A mente racional de Fancy lhe dizia que nada mau lhe aconteceria, ela conhecia bem o terreno. Era a tempestade o que a imobilizava.

Decidiu que iria ver como estavam os gatinhos, para assegurar-se de que Sassy não havia se cansado de seus novos deveres e abandonado os bebês para que as arrumassem sozinhos.

Havia um em particular que era menor que o resto, um pequeno gatinho manchado que não tinha querido mamar. Não sobreviveria se não comesse logo.

Fancy saiu de seu quarto e caminhou para o final do escuro corredor, rodeada pelo uivo do vento e o chiado da casa.

Quantas noites esses mesmos sons a tinham amedrontado? E com que frequência ia se deitar na cama de sua avó para escutar seus relatos sobre o passado de Cornualles, repleto de lendas, de como tinha sido crescer sendo a única menina em uma família com cinco irmãos maiores, funileiros e mineiros por toda a vida, e que todos, com o tempo, tinham morrido por envenenamento pulmonar? Aqueles tinham sido tempos difíceis e tinham sobrevivido graças à força do amor que os unia. Havia momentos, tarde de noite, em que Fancy parecia ouvir suas risadas e o ruído de pés correndo. Os sons de uma casa que tinha alma.

Entrou na cozinha pelo corredor de serviço. Ouvia-se o som das unhas de Sadie contra o piso de madeira. Depois de apoiar o castiçal sobre um pote de farinha, Fancy se ajoelhou diante da gaveta.

O espetáculo apresentado a fez sorrir. Os gatinhos estavam encostados na grande barriga de Sassy, profundamente adormecidos, e o ruidoso ronronar de satisfação enchia a silenciosa cozinha. Ela tinha batizado a três gatinhos como *Winkin*, *Blinkin* e *Nod*. Ao negro, que ela considerava como o gato de Lucien, tinha-o chamado *Inkwell*.

Depois de uma segunda olhada nos gatinhos, Fancy franziu o cenho. Estavam ali apenas três. Faltava *Inkwell*. Sabia que o pequeno felino tinha ânsias de conhecer mundo, mas à meia-noite? A casa tinha muitas curvas e gretas onde podia se meter e lugares de onde podia cair se machucar.

Levantando a vela, Fancy se propôs encontrar o gatinho, embora localizar a um gato negro na escuridão seria uma empreitada difícil. Só esperava que o pequeno *Inkwell* tivesse algum lugar para passar a noite.

Já na metade do corredor perto do fosso da escada, um som fez com que Fancy parasse subitamente. Uma nota triste flutuava atravessando o ar, seguida um momento mais tarde por um acorde ligeiramente desafinado.

Alguém estava tocando o piano na biblioteca.

Enquanto se aproximava, Fancy notou um feixe de luz passando por baixo da porta fechada. Não pensou na possibilidade de ser um intruso. Os valentões de Calder não teriam a sensibilidade de acariciar as teclas ou de produzir um som nostálgico que tinha ido direto ao coração de Fancy.

O trinco fez só um ligeiro barulho quando ela o girou, abrindo a porta apenas para olhar dentro. Na penumbra do aposento, a única coisa que se via com clareza, era o perfil de ângulos perfeitos e o cabelo escuro de Lucien roçando os ombros, ligeiramente tingido pelo brilho do fogo.

Algo nele dava a impressão de que estava ferido, havia uma certa vulnerabilidade nessa pose austera. Sentiu que por fim o estava vendo tal qual era. Debaixo dessa imagem de patife encantador parecia esconder uma dor que vinha do mais profundo, de um lugar que ninguém tinha curado ou que possivelmente ninguém podia curar.

Embalava Inkwell contra o peito, acariciando de maneira suave o gato adormecido, com tal angustia no rosto que quase partiu o coração de Fancy. Tinha protestado tanto por ter que cuidar dos gatinhos, mas agora suas ações desmentiam seu descontentamento dessa tarde.

Ao notar a presença de seu novo amigo, Sadie começou a mover a cauda, esmurrando a parede antes que Fancy pudesse retroceder para sair da sala.

Lucien levantou bruscamente a cabeça e atravessou a jovem com o olhar, fazendo que permanecesse cravada onde estava. Tinha os olhos frágeis e era óbvio que tinha estado bebendo. Parecia estar a ponto de uma reação violenta, não era o mesmo homem que essa tarde tinha recolhido ostras com ela.

— Desculpe — murmurou ela. — Não era minha intenção incomodá-lo. — Viu a garrafa de bourbon vazia e a outra pela metade.

Então a jovem notou outras coisas, como a camisa dele, aberta e solta fora do cinto deixando o peito descoberto, e o primeiro botão de suas calças negligentemente desabotoado.

Seu peito era liso, firme, sem um só pêlo que maculasse sua perfeição, de músculos sólidos, rijo, e a pele morena, dourada de sol.

— Você esteve me incomodando desde que a conheci — disse ele em voz baixa, em um tom ligeiramente áspero. — Por que deveria ser diferente agora? Depositou gatinho sobre uma desgastada poltrona e fez gestos para Fancy. — Adiante, senhorita Purdy.

— Só estava procurando o gatinho.

— Acaba de encontrar.

Seu olhar não se separou de Fancy nem por um momento enquanto levava o copo aos lábios.

Algo na expressão de seus olhos fez a jovem estremecer.

— Devo devolvê-lo para Sassy.

— Ah, mas não pode.

Fancy parou de repente.

— Por que não?

— Porque o tomei como refém. O preço de sua liberdade é sua companhia. Beba algo comigo.

— Creio que você já bebeu o suficiente.

— Acha isso? Vou ver com peritos. Vamos ver, do que gosta? — Foi para a cristaleira e tirou outro copo. — Xerez? Vinho do Porto, talvez?

Fancy titubeou, sua voz interior emitia advertências que ela estava a ponto de ouvir.

— Xerez — disse, prometendo para si mesma ficar somente uns minutos.

Uma vez tendo servido a bebida, ele deu meia volta, encostando na beirada da cristaleira.

— Sai da porta, moça. Venha pegar sua bebida.

Havia algo provocante na maneira como que ele a estudava enquanto esta se aproximava, um certo brilho feroz que ela não conseguia compreender enquanto estendia o copo com uma mão que tremia.

— Obrigada — murmurou ela, tentando não olhar para o peito dele, mesmo que a escultural beleza desta parte de seu corpo fizessem que seus dedos ardessem de desejos de tocá-lo.

— Não conseguia dormir? — perguntou ele.

Os dedos da jovem apertaram com mais força o copo.

— A tempestade... me manteve acordada. E você?

— Razões diferentes — Parecia não ter intenção de compartilhar nenhuma com ela. — Creio que esta noite ambos pertencemos à fila dos insones.

Fancy se perguntava quais seriam os motivos da insônia dele. Nesse momento viu uma estranha caixa negra sobre a mesa atrás dele.

— O que é isso?

— É curiosa, não é? — Ele mudou ligeiramente a posição de seu corpo para tampar a maior parte da caixa. — Termina sua bebida — disse, apontando o copo.

Depois de uma breve pausa, ela tomou um gole. O licor antigo e suave lhe transmitiu uma sensação de calor enquanto descia por sua garganta, espantando o frio. Seu olhar deslizou outra vez para a caixa.

Fancy deu um salto quando a mão de Lucien envolveu os seus pulsos, puxando-a e a colocando de pé entre suas coxas.

— O que você tem senhorita Purdy, que enlouquece assim um homem? — Sua voz era um sussurro suave e incrivelmente sedutor.

— Você parece ser o único homem sobre o qual tenho esse efeito.

— Por alguma razão, custo a acreditar.

— Não duvido. De outra maneira seu comportamento escandaloso seria evidente.

O sorriso que de repente ele dirigiu a ela era irresistível.

— Se não me falha a memória, eu fui o cavaleiro andante que lutou para te salvar.

— Você me beijou.

— Me permita discordar. Fizemos um trato. Beijei-a com seu consentimento.

— Você me chantageou para que o fizesse.

— Chantagem é uma palavra dura. Prefiro dizer que é um presente para obter ajuda no futuro.

— Quer dizer que você espera um beijo cada vez que eu precise de sua ajuda.

— Um beijo ou algo com que queira negociar. — Deslizou um dedo pelo braço de Fancy, deixando-a arrepiada. — Verá que sou um tipo muito conciliador.

O calor começou a inundar o corpo de Fancy e se ele a tivesse beijado nesse momento, se renderia. Levantando o queixo, disse:

— Você não vai conseguir mais nada de mim.

— Não?

Pelo modo como seus olhos brilharam, Fancy percebeu que ele se sentia na obrigação de mostrar que não era verdade, enquanto se inclinava e apertava seus lábios contra a curva de seu pescoço.

Instintivamente, inclinou a cabeça e fechou os olhos, deleitando-se na cálida pressão da boca de Lucien, enquanto seus lábios deslizavam descendo pela garganta, até a base e retornar então até o centro, deixando delicados beijos sobre o queixo até que as bocas ficaram muito perto uma da outra e o azul líquido de seus olhos penetrou nos olhos dela.

— Seus mamilos estão duros — murmurou ele com voz rouca.

Fancy ficou boquiaberta com o descaramento do comentário e retrocedeu bruscamente, mas as mãos de prendiam seus pulsos impediram o gesto.

— Pode ser que você queira me desprezar, mas seu corpo não pode.

— Já chega!

— Desejam-me, carinho? Querem minha boca de novo?

Sim, queria gritar Fancy. Seu corpo desleal estava traindo-a.

Ele moveu os quadris contra ela, deixando-a sentir sua excitação.

— Se soubesse quanto tempo fazia que eu não sentia algo assim...

Fancy jogou a cabeça para trás e o olhou zangada, embora se apertasse mais contra seu membro duro.

— Uma semana?

— Que tal se te dissesse que seis meses? Até mais, se for honesto comigo mesmo. E agora aparece você. — Suavemente acariciou com o polegar a parte interna do seu pulso. — O que vou fazer?

— Respirar profundo, talvez?

— Preciso de você.

— Nem sequer me conhece.

— Mas a conheço. Embora deteste admitir, sim, assimilei alguns dos ensinamentos de Tahj e uma parte de mim a conhece, e a compreende.

Fancy sentia o mesmo. Era como se toda a vida estivesse esperando por este homem e embora sua mente resistisse aceitá-lo, seu coração sabia.

Então ele a beijou, de um modo suave embora implacável que ela estava começando a sentir falta. Tentou dizer as palavras que podiam terminar com essa maravilhosa tortura, mas elas não saíram de seus lábios.

Lucien embriagava de tal maneira seus sentidos, era tão difícil resistir a ele. Era um conhecido mulherengo, suas façanhas estavam muito bem documentadas. Com frequência o via em companhia de outros vagabundos e patifes. Mesmo assim, Fancy acreditava quando afirmava que ela o tinha enfeitado, porque também ele a tinha feito presa de um encantamento parecido.

Apelando pra toda sua força de vontade, a jovem se libertou de seu abraço. O perfume dele, uma combinação amadeirada de sândalo e almíscar, ficou impresso no corpo dela. Se dirigiu para a poltrona e acariciou o pelo suave de Inkwell.

Sabia que Lucien ia atrás dela. Sentia sua presença por trás, a ponto de quase sentir seu fôlego na nuca.

Um relâmpago brilhou atravessando a noite com a brevidade de sua luz claríssima e o estrondo do trovão fez tremer toda a casa. Ela se abraçou o próprio corpo assustada.

— Tem medo de tempestade?

Ela se voltou de repente, por um momento tinha esquecido que Lucien estava ali. De pé, a poucos centímetros dela, com uma mão afundada no bolso da calça, e uma das abas da camisa levantada, deixando ver sua cintura fina.

— Está acostumado a se vestir assim na frente das mulheres? — perguntou ela, com um tom santarrão.

— É uma ofensa para seus sentidos, senhorita Purdy?

Seus sentidos estavam indignados, mas só porque ele despertava nela o desejo de tocá-lo.

— Não é decoroso.

— Assim como não era decoroso que beijasse seu corpo na praia?

Fancy empalideceu, scandalizada com a audácia do comentário.

— Um cavalheiro não lembraria isso. — Parecia mais uma donzela devota que uma criada, mas já era muito tarde para voltar atrás.

— Nunca pretendi ser um cavalheiro. — Deu um passo para ela, que correu para se proteger atrás da poltrona, e com isso o que conseguiu foi que se divertisse. — Vou ter que perseguir você pela sala? Sabe que o farei.

— E seria você capaz de me forçar?

Um brilho de irritação faiscou nos olhos dele.

— Por acaso a forcei esta tarde?

— Não — disse ela. — Mas isso não está certo.

— Por quê? Há alguém mais? — Lentamente avançava em torno dela. — Talvez o parvo desta tarde?

— Heath não é nenhum parvo! — disse ela jogando fogo pelo nariz. — É um bom amigo.

— E te deseja. É cega se ainda não percebeu.

— Somos amigos, nada mais. Mesmo se não fosse assim, isso não é assunto seu.

— Virou assunto meu.

Ele era o mais exasperante e arrogante caipira que tinha conhecido em sua vida. E ela pretendia vencê-lo.

— Então, espero igual cortesia de sua parte.

Ele acariciou seu copo.

— Exatamente o que está pensando em conseguir com essa palavra, céu?

Ela ergueu o queixo.

— Quero que você me conte sobre sua família.

Ele ficou imóvel, estudando o rosto dela com o olhar. Logo sacudiu a cabeça.

— O que há entre nós não tem nada que ver com minha família.

— Se você for se intrometer em minha vida, deve estar disposto a oferecer algo em troca.

— É isso o que estou fazendo, me entremetendo em sua vida?

— Você está sempre criando problemas de propósito.

— É o que melhor sei fazer.

— Não vou facilitar as coisas pra você.

— Não sei por que, mas não achava que fosse facilitar. Contemplou-a longamente e então disse: — Bom... e o que vai me dar por compartilhar estas confidências com você?

— Dar?

— Que parte de você — Ao ver sua expressão escandalizada, ele sorriu. — Tenho a intenção de explorar esta oportunidade, amor, que paire a menor dúvida.

— Isso é pecaminoso e desprezível!

Ele riu.

— Vendo essa sua língua tão reprovadora, não me admira que ainda seja uma donzela. Suspeito que a maioria dos homens têm medo de se aproximar de você.

— Mas não você.

— Não. Eu não. É como o fogo. — Estendeu a mão para as chamas, aproximando-a cada vez mais até que ela pensou que certamente sua carne se chamuscaria. — Deixa que a olhem, mas não que a toquem. Você brinca, assobia e adverte aos incautos, mas se joga algo volátil na mistura ... — Jogou o resto de sua bebida ao fogo, acendendo uma explosão de calor, fazendo que as chamas subissem — arde descontrolada. Eu, minha querida mocinha, sou esse elemento volátil. — Se moveu para ficar diante da cadeira em que ela se refugiou. — E você arderá por mim. Então, volto a perguntar: o que me dará?

A perspectiva a emocionava e atemorizava ao mesmo tempo.

— O que é o que quer?

— Igual compensação por cada revelação.

— Isso é muito vago. — Ouvindo o som da capitulação em sua própria voz, ela acrescentou: — E inescrupuloso.

— É mesmo, não é verdade? — Sorriu com cinismo. — Agora que chegamos a um acordo, por onde começamos?

— Eu não concordei com nada.

— Mas o fará. Tem uma curiosidade que precisa ser aplacada, não pode

evitá-lo.

Será que ela era tão transparente?

— Possivelmente o faça, mas primeiro você terá que me dizer seu preço.

— Bem. O que é o que quer saber?

Fancy pensou a respeito de sua pergunta por um momento e então disse:

— Quero que você me conte sobre sua vida e sua família.

Uma estranha tensão se apoderou dele enquanto baixava o olhar para Inkwell, que se esticou enquanto dormia. Fancy se alarmou ao ver a repentina palidez de seu rosto.

— Sente-se mal? — perguntou, preocupada que seu ferimento fosse maior que o revelado.

— O que? — A olhou com olhos confusos que logo desnublou, levando a jovem a perguntar-se se as sombras estariam enganando seus sentidos.

— Estou bem — disse ele, em um tom ligeiramente brusco. — E já decidi qual será o preço.

— E qual é? — quis saber Fancy.

— Te abraçar.

Fancy piscou, surpreendida pelo pedido.

— Isso é tudo o que quer? Só me abraçar? — Tinha temido que ele pedisse muito mais... e mesmo assim tinha que pensar nessas suas condições.

— Sim. Isso é tudo o que quero. Estamos de acordo?

A jovem pensou, então assentiu lentamente com a cabeça.

O olhar dele se afastou de Fancy e se encaminhou para a cristaleira dos licores, pegou seu copo vazio e inclinou a garrafa para servir-se de conhaque.

— Não beba mais — se ouviu dizendo, sem saber bem por que o pedia; só sabia que o queria sóbrio. Percebia que algo o estava incomodando e estava usando o licor como um bálsamo.

Ele olhou fixamente a garrafa, então tornou a colocar a tampa e a licoreira.

O silêncio invadiu a biblioteca e Fancy se perguntou se ele estaria arrependido do trato que tinham feito.

Então Lucien começou a falar.

— Tenho uma viva lembrança de Church Lane, em St. Giles. Meu pai me levou a um bordel ali quando eu tinha treze anos. Ele achava que já era hora de eu me tornar um homem. Então me fez olhar enquanto ele *fodia* uma prostituta chamada Blythe.

Fancy ficou petrificada e um frio a invadiu por dentro.

— Mas não era mais que um menino.

Ele não tirava os olhos da parede.

— Nesses bairros miseráveis treze anos é idade suficiente para ser pai de um bastardo, e tem fornicar com uma puta. Não era estranho ver uma mocinha, pouco mais que uma menina, carregando um bebê chorão sobre os quadris. East End é um mundo à parte e o que se consideraria inconcebível no resto da sociedade não é estranho dentro de seus limites.

Fancy nunca teria imaginado ações tão deploráveis por parte de um pai. Embora os seus não tenham sido os mais dedicados, jamais a tinham submetido a práticas depravadas.

— Sua mãe já não estava viva? — perguntou a jovem, dando-se conta pela tensão nos ombros qual seria a resposta.

— Estava bem viva. Nunca contei pra ela.

— Sinto muito.

Ele se virou para olhá-la.

— Não te contei a história para que se compadecesse de mim. Não quero que sinta pena.

— Não acredito que o que você queira minha pena.

— Conhece-me tão bem, não é?

Ela enfrentou seu olhar sem alterar-se.

— Por que me contou essa história?

Ele deu de ombros.

— Foi a primeiro que me veio à mente.

— É muito curioso que tenha pensado em uma coisa assim depois de tantos anos.

— Tenho uma memória muito boa.

Fancy se perguntava se seriam essas lembranças que o impediam de dormir à noite.

— E o que você fez?

— O que fiz? Com o que?

— Com a prostituta. Compartilhou-a com seu pai?

Seus olhos se tornaram sem vida e adquiriu uma expressão glacial.

— Não se permitem mais perguntas.

— Mas sua história está incompleta — protestou ela. — Não posso respeitar

nosso acordo sem ouvir o princípio e o fim do relato.

Deu um passo para ela, com um semblante que lembrava uma nuvem de tempestade.

— Acha que pode me manipular, não é verdade?

— Desejo saber o que aconteceu. Não poderia ser mais espantoso do que o que me contou. Eu diria que o pior já passou.

Fancy aguardou, perguntando-se o que faria ele a seguir. O estava pressionando, mas provavelmente era necessário que alguém o fizesse. Sentia que ele queria falar e não encontrava as palavras.

— Não — disse ele.

— Não o que?

— Não, não a toquei.

— Foi o que pensei.

Seu olhar capturou a dela e perguntou agressivamente:

— Pensa que tinha medo?

— Penso que estava apavorado e que tinha todo o direito de estar. Era só um rapazinho.

— Sabe muito, pra uma moça tão inocente.

— A gente não precisa conhecer o mundo para compreender a natureza humana. O que fez seu pai foi repreensível. Se o tivesse diante de mim, lhe daria uma surra.

Lucien esfregou o queixo e contemplou a jovem com um reticente meio sorriso abrindo-se em seus lábios.

— Sempre teve esse temperamento violento?

Fancy se ergueu.

— Se me proteger e proteger a minha família é violência, então, sim. Não vou permitir que façam mal aos que amo.

— Tamanha devoção é admirável.

Fancy percebeu amargura na voz dele e também algo mais, nostalgia, talvez. Será que ninguém nunca teria sentido devoção por ele? Alguma vez ele tinha sentido devoção para outra pessoa? Voltou a perguntar-se quem seria Sanji e por que a só menção do nome, provocava nele tanta angústia.

— Por favor, continue com sua história.

— Se por acaso você não notou, pus ponto final nessa história e agora espero meu pagamento. — Rodeou o sofá e se sentou. — Venha aqui, senhorita Purdy.

O coração de Fancy deu um salto. Envergonhava-se por desejar tanto sentir os braços dele rodeando-a.

— Somente me contou algo a respeito de um membro de sua família mas não sei nada da sua vida.

— Falei de ambos e você bem sabe. Vamos, pare de se esconder atrás dessa cadeira.

Tecnicamente ele tinha respondido sua pergunta, mas ela queria mais.

— Farei o que me pede você, se...

— Não aceito mais condições, carinho. Venha aqui agora.

Com um suspiro, Fancy aceitou seu destino. Na realidade não era assim tão mau. Ainda assim, de pé, diante de Lucien, sua consciência não parava de atormentá-la. Tinha que contar a verdade a ele. A prova era o que tinha ocorrido entre eles na tarde anterior.

Mas ela queria um pouco mais de tempo. Só esperava que quando ela finalmente confessasse, ele fosse capaz de entender a dificuldade de sua situação e se chegassem a se entender bem, permitisse fazer o que era preciso para salvar a casa de sua avó.

Respirou profundo e se sentou junto de Lucien. Então deixou escapar suspiro surpreso quando ele a levantou para acomodá-la então no seu colo.

— O que está a...

— Te abraçando. Não disse como ou onde devia fazê-lo. Não é a única que sabe jogar este jogo.

Fancy cravou o olhar em seus olhos ardentes e sentiu que ficava sem fôlego quando ele se esticou e começou a soltar seu cabelo.

— *Ssh* — murmurou ele quando ela começou a protestar. — Só quero vê-lo solto. Enrola-o em um coque tão apertado que me surpreende que ainda tenha cabelo. — Com dedos hábeis desfez o coque e deixou que a cabeleira se derramasse sobre os ombros da jovem. Pegou uma mecha e o abriu entre os dedos.

— O contraste é incrível.

— Que contraste?

— Entre a moça casta que parece ser quando o tem preso e a sedutora em que se transforma quando o deixa solto. Quase me apaixonei quando a vi pela primeira vez nos estábulos.

— Você deve estar louco. Esse dia vestia como moleque.

— A roupa masculina jamais poderia camuflar sua beleza.

— Está acostumado a jogar galanteios às mulheres?

— Quase nunca, embora a maioria das mulheres espera que o faça.

— E suponho que você, por ser homem, é imune aos galanteios.

— Por quê? — perguntou com um brilho diabólico nos olhos. — Tem algum galanteio que me fazer?

Sim.

— Você não leva nada a sério?

— Tento não fazê-lo. A vida é na verdade suficientemente dura e sem necessidade de complicar mais as coisas.

— E estar encarregado de sua pupila é uma dessas complicações? — Fancy amaldiçoou sua língua quando as palavras saíram de sua boca.

— Sim, ela é um desses problemas — disse ele, ficando sério.

— Então, por que aceitou a responsabilidade?

— Porque o devia ao irmão da dama.

O modo como ficou com o olhar perdido, esquecido que ela estava ali, revelava que estava recordando esses últimos dias com George. Esforçava-se em aparentar indiferença, mas debaixo de seu exterior em calma pulsava um coração.

— Sofreu muito? — ouviu-se perguntando em voz baixa. Sabia que George tinha vivido durante quase três dias depois de receber um disparo no estômago e que por momentos tinham pensado que sobreviveria. Mas ao final tinha sucumbido.

A mão de Lucien jazia imóvel sobre uma das coxas dela e ele a olhava fixamente.

— Ele dizia que não sentia nada, mas sempre tinha sido mais forte que o resto de nós. Nesse momento soube. Era um oficial excelente.

As lágrimas queimavam os olhos de Fancy, que lutava para não as deixar sair.

— Estou certa de que ficaria feliz se soubesse que você tinha tão boa opinião dele.

— Fitz era o que nos impulsionava a seguir. Sempre tinha uma palavra amável na boca. Sempre tirava da manga uma piada ou uma história extravagante para nos fazer rir.

Uma emoção agri-doce fluía através das veias de Fancy.

— Esse era George — murmurou.

— Conhecia-o bem? — perguntou Lucien.

— Como todos os outros.

Olhou para ela e então desviou o olhar, concentrando-se no ombro da jovem.

— E sua irmã esteve... ela recebeu muito mal a notícia de sua morte?

— Estava destroçada — respondeu Fancy com franqueza, sentindo que ressurgiam as lembranças que já acreditava superados em todos esses meses de luta para aceitar a idéia da morte de George, ameaçando libertar toda a dor que ela cria ter deixado sair durante todo o tempo que tinha chorado a seu irmão.

— Acho que foi também por isso que não vim antes — disse ele, alisando distraidamente o tecido do vestido entre seus dedos. — Não podia suportar me encontrar com ela.

Ao ouvir esta emocionada confissão, Fancy sentiu um aperto no coração. Todo este tempo tinha pensado que ele não se importava com ela, que estava muito ocupado apostando e divertindo-se para dedicar-lhe sequer um pensamento. Agora percebia que Lucien também se sentira desolado pela morte de George. Percebeu que ele se sentia arrasado pela culpa. Choraria por todos os homens que tinha perdido? Sentia que poderia ter evitado suas mortes de alguma maneira? Possivelmente isso seria a raiz da tristeza que havia nele.

— Estou certa de que ela teria compreendido, se tivesse sabido — sussurrou Fancy, enquanto em suas costas se ouvia o suave crepitar da lenha da lareira.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não pude. Nunca fui bom com as palavras. — Suspirou e esfregou a nuca.
— Escrevi pra ela.

— Sei.

Quando ele a olhou, a jovem pôde ver a dor em seus olhos.

— Mostrou a carta pra você?

— Sim. — Fancy desejava jogar os braços em torno do seu pescoço e o consolar. Diria a verdade. Ele não era o homem indiferente que tinha acreditado; simplesmente não tinha sabido o que fazer.

— Lucien, tenho que...

— Diga outra vez.

— Dizer o que?

— Meu nome. Diga de novo.

Sem entender os sentimentos formavam redemoinhos em seu interior, Fancy audazmente colocou uma mão na face e sussurrou.

— Lucien.

Ele tirou a mão do seu queixo, imobilizando-a enquanto cobria a boca com a sua, movendo com insistência os lábios em um beijo que a deixou sem fôlego, o ar ao redor deles repentinamente carregado de emoção. Ele cheirava a conhaque e

sensualidade.

Fancy se apertou mais contra ele, obstinada ao peitilho de sua camisa, os músculos firmes, duros e flexíveis movendo-se enquanto lhe rodeava com suas mãos a parte de atrás da cabeça, abraçando-a como se não pensasse soltá-la nunca mais.

Suas mãos desceram pelo pescoço da jovem, enquanto seus dedos se deslizavam por sua pele em uma suave carícia. Fancy continha a respiração, e ele continuou descendo, até que a sensual exploração foi entorpecida pela beirada de sua blusa. Sabia que devia detê-lo, que deveria segurar a mão que lentamente desabotoava os botões, mas não podia.

Ao invés de fazer isso, fechou os olhos, gemendo enquanto as calosas mãos deslizavam através de sua pele quente para segurar seus seios, os polegares acariciando os sensíveis mamilos até que sua mente se nublou quase por completo. E quando ele se inclinou para frente e envolveu com os lábios um dos delicados bicos, todo seu universo se concentrou na doçura dessa pressão contra seu seio, a delícia da sucção sobre seu mamilo, a massagem desses dedos peritos.

Agarrando Lucien pelo cabelo, apertou-o contra si, enquanto a língua dele percorria lentamente o úmido sulco entre os mamilos ardentes de desejo, golpeando suavemente, riscando círculos, lambendo, até que o som entrecortado da respiração dela encheu o ambiente.

Com a chuva como pano de fundo, Fancy sentia que se afogava, imersa em sua própria necessidade, quando o som da voz de Lucien a arrancou de seu nebuloso prazer.

— Olhe pra mim.

Esforçando-se para manter os olhos abertos, Fancy observou Lucien colocar a mão em um pequeno balde de prata que havia sobre a mesinha e tirando um cubinho de gelo. Lambeu-o e, prendendo o olhar de Fancy, deslizou-o por um de seus mamilos. A pele do mamilo se enrugou por efeito do frio e um estremecimento percorreu as costas da jovem. Então pôs a boca sobre o excitado bico realçando a sensação, quente/frio, alternadamente até que a doce tortura levou o Fancy a achar que iria desmaiar.

Nesse momento sentiu a mão dele debaixo da saia e ficou tensa.

— Não farei mal a você — murmurou enquanto sua mão subia deslizando-se por uma de suas coxas e seus dedos apertavam suavemente a carne ao empurrar delicadamente para abrir suas pernas. — Só quero tocá-la. — Seus dedos roçaram ligeiramente seu monte de vênus. — Se quiser que eu pare, eu paro. Não vou fazer nada que você não deseje. — Ficando quieto, olhou-a nos olhos. — Quer que me pare?

Fancy sabia que devia dizer "*sim*", mas sua sede interior, unida ao desejo que sentia por Lucien, fizeram-na sacudir a cabeça. Queria esta nova experiência e mesmo assim instintivamente tentava fechar as coxas quando os dedos dele

encontraram a abertura de suas calcinhas e audaciosamente começaram a acariciar a protuberância quente aninhada ali dentro.

Sua carícia perita a acalmou e abriu mais as pernas para ele, gemendo e contorcendo-se enquanto ele chupava e lambia um de seus mamilos, deslizando ao mesmo tempo um dedo entre seus outros lábios, levando-a ao êxtase, até que seu corpo ficou rígido, percorrido por intensas pulsações, deixando- por fim cair saciada contra o peito de Lucien, que a abraçou forte, beijando seu cabelo.

Durante longos minutos Fancy ficou entre seus braços, sem querer abrir os olhos, quando a realidade voltou a entrar em seu cérebro para repreendê-la. A primeira vez que Lucien a tocara, podia ter justificado suas ações como um engano que não voltaria a repetir-se. Mas, duas vezes?

Quando juntou coragem suficiente para erguer os olhos para ele, quase se desmanchou sob o olhar lânguido que a fitavam fixamente. Abriu a boca, mas ele falou primeiro.

— Não sei por que não posso evitar tocar em você. Penso que sou o suficientemente forte para resistir, mas quando a vejo e minha resolução se desvanece.

Ante semelhante franqueza, Fancy percebeu que já não podia continuar ocultando a verdade dele.

— Lucien, há algo que devo...

O repentino barulho de algo que se estilhaçava rasgou o ar, fazendo que ambos saltassem da poltrona.

Tirando-a dos braços, Lucien ordenou com expressão decidida:

— Fique aqui.

Então se dirigiu para a porta, parando para escutar por um momento, o corpo alerta, mostrando o militar que havia nele.

Fancy respirou aliviada enquanto ele girava o trinco, sem fazer o menor ruído. Depois da porta, o corredor se estendia negro como boca de um lobo. Imediatamente Lucien desapareceu entrando na escuridão.

Um segundo mais tarde, Fancy o seguiu, tragada pelo aterrador labirinto do desconhecido.

Capítulo XI

— Lucien — chamou Fancy num sussurro enquanto se guiava apalpando a parede, envolta pela mais absoluta escuridão.

Um estremecimento percorreu sua coluna. Pareceu sentir a respiração de alguém em sua nuca. Abandonou essa idéia por lhe parecer ridícula, mas mesmo assim procurou com a mão a cabeça de Sadie, pois a companhia do grande cão lhe dava segurança.

O barulho tinha parecido o som de uma janela que se quebrava, e o pensamento que tinha estado no fundo de sua mente ficou evidente.

Calder. Ou seus valentões. Ou todos juntos.

O que a tinha levado a acreditar que ele não viria atrás de Rosalyn na primeira oportunidade? Ainda não podia estar informado da chegada de seu tutor, então certamente supunha que só havia na casa dois criados velhos e duas mulheres. Quer dizer, uma disparidade total de forças.

Fancy ouviu o rangido da tábua do chão muito tardiamente. O medo retesou seus músculos, impedindo seus movimentos e quando se virou uma mão cobriu firmemente sua boca.

— Não se mova — sussurrou em seu ouvido uma voz que ela reconheceu imediatamente. Calder.

Ao seu lado, Sadie começou a ladrar furiosamente.

— Cale-se, vira-lata! — resmungou ele, e Sadie deu um ganido.

Fancy reagiu furiosa, enfiando com força o salto de sua bota no pé de Calder, gostando de ouvir seu grunhido de dor.

— Cadela — replicou ele com ira, e apertou com mais força sua cintura, de maneira que apenas a permitia respirar.

Ela tentou gritar, mas tudo o que saiu de sua boca foi um som abafado que saiu através dos dedos carnudos dolorosamente apertados contra seu rosto.

— Agora sim apanhei você, bruxa intrometida. Onde está minha querida meio-irmã?

O coração de Fancy pulsava rapidamente. Estava asfixiando-a!

Começou a sentir-se enjoada, em perigo de desmaiar. Mas se recusava a se render sem lutar.

Com a lição de Lucien ainda fresca em sua mente, Fancy jogou bruscamente a cabeça para trás contra o rosto de Calder, que, tomado de surpresa, lançou um uivo.

Ele afrouxou a pressão, oportunidade que ela aproveitou para inclinar-se

para frente e meter o pé na virilha, fazendo com que ele se dobrasse de dor e libertando-a.

— Corre, Sadie!

Enquanto Fancy corria depressa atrás do cão, seu veloz passo pelo corredor foi abruptamente interrompido. Chocou contra algo sólido. Ai, Deus, quantos eram?

— Me solte! — debateu-se contra o estranho que a sujeitava com força, dando um chute na tíbia.

— Diabos! — grunhiu ele. — Esse era meu maldito tornozelo ferido.

— Lucien? Graças a Deus! — Jogou os braços em seu pescoço, lhe apertando com força ao mesmo tempo em que os braços dele a rodeavam para atraí-la contra si.

— Ouvi Sadie latir.

— O intruso me atacou.

— Onde ele está? — inquiriu ele.

— No final do corredor. Acho que arrebentei o nariz dele.

— Desta vez arrancarei sua pele se sair daqui.

Desapareceu outra vez entrando na escuridão.

— Fancy? — Era Rosalyn, que vinha para ela da direção contrária.

— Aqui — respondeu Fancy.

Um raio de lua que filtrava através da janela iluminou o pálido rosto de Rosalyn, cujo corpo alto e magro estava vestido só com uma camisola, confirmando que acabava de sair da cama. Duas figuras familiares apareceram atrás dela.

— Moça — falou Olinda, — em nome do céu, o que está acontecendo aqui?

— Alguém entrou na casa.

— Oh, Meu deus — suspirou Rosalyn. — Você?e está bem?

— Estou bem. Sadie levou um golpe.

— Meu doce e valente Sadie — murmurou Rosalyn, acariciando o cão antes de olhar de maneira preocupada para Fancy. — Foi Calder não é verdade?

— Sim.

Rosalyn tocou em seu rosto machucado.

— Tudo isto é por minha culpa. Nunca devia ter envolvido você em meus problemas.

— Nosso problema — falou Fancy. — É minha amiga, e enquanto viver não permitirei que aconteça nada com você.

— Fez algum mal a você senhorita? — perguntou Jaines.

— Não. — Só tinha sido um susto. A lição dada por Lucien tinha lhe dado

força para defender-se e estava radiante por essa façanha.

— Quem quer que fosse, já partiu — comentou Lucien, materializando-se entre as sombras do corredor, atraindo para si quatro atentos olhares. — Sem dúvida dei nele um belo golpe — disse para Fancy. — Havia uma mancha de sangue no chão.

— O golpeou? — exclamou Rosalyn, com os olhos muito abertos. — Ai, que tolice de sua parte! Sabe como é Calder. Nunca a perdoará.

Fancy fez uma careta de dor, percebendo antes que os outros o impacto que teriam as palavras sua amiga acabava de dizer.

Lucien franziu o cenho.

— Quem demônios é Calder? — Concentrando seu olhar unicamente no Fancy, inquiriu: — Conhecia a pessoa que a atacou?

Fancy suspirou, reconhecendo o final do caminho. Tinha planejado contar a verdade para Lucien, mas não assim, rodeada de pessoas que só tinham feito o que ela pedira que fizessem. Tinha chegado o momento.

— Sim — disse, em tom resignado. — O conhecia.

O olhar aterrorizante de Lucien se intensificou enquanto a contemplava.

— E quem é ele, para se meter na casa no meio da noite?

— Um vizinho.

Lucien apertou a mandíbula do Lucien.

— Outro vizinho. E este também está apaixonado por você?

— Quem está apaixonado por você? — quis saber Rosalyn, virando-se para o Fancy. — Alguém está apaixonado por você?

Fancy lançou um olhar exasperado para Lucien antes de voltar sua atenção para Rosalyn.

— Ninguém está apaixonado por mim. Ele está falando do Heath.

— Ah. Bom, Heath está apaixonado por você, ou ao menos ele acha que está.

Por quê? perguntava-se Fancy. Alguma vez tinha imaginado ter esta conversa no meio de um corredor, a altas horas da noite, depois de ser atacada pelo meio-irmão enlouquecido de uma amiga? Deveria ter esperado isso, considerando que sua vida nunca tinha seguido um curso normal.

— Carinho, sabe que esse moço esteve suspirando por você desde que seu corpo se transformou no de uma mulher — interpôs Olinda.

Fancy fechou os olhos e se ruborizou até as orelhas.

— É um patife — disse Jaines sem inflexão alguma na voz, as sobrancelhas fechadas movendo-se nervosamente.

— Você diria o mesmo a respeito de qualquer homem que olhasse com olhos

de apaixonado a nossa moça — protestou sua esposa.

— Heath é como uma grande incógnita — interpôs Rosalyn, os três reunidos em *corriola* discutindo a respeito da vida de Fancy como se ela não estivesse ali. — Não estou muito certa de suas intenções.

— Nisso você tem razão — respondeu Olinda assentindo com a cabeça. — Mas é um moço bonito, você tem que admitir.

— É verdade — concordou Rosalyn. — E ainda assim, eu...

— É o suficiente! — bramiu Lucien, fazendo-as calar com um olhar que finalmente recaiu sobre Fancy. — Vejamos... perguntarei isso só uma vez: quem é, em nome dos infernos, o homem que atacou você?

Fancy vacilou, mas finalmente disse:

— Calder Westcott.

— E por que esse Calder Westcott andaria atrás de você?

— Ele não veio aqui por ela. Era por mim que ele procurava.

Lucien olhou para o teto.

— O que me fez achar que podia obter uma resposta simples? — Baixando a cabeça, atravessou Rosalyn com seu olhar áspero. — Espero que você esteja a ponto de me contar porque este vizinho demente a persegue.

Rosalyn piscou, olhando para Fancy inquisitivamente, antes de voltar a enfrentar os olhos de Lucien.

— Eu... Bom, pois... Calder é...

Fancy se compadeceu de sua amiga. O olhar zangado de Lucien bastava para intimidar o homem mais duro, quanto mais a uma jovem bem criada.

— Calder é seu meio-irmão.

Sua resposta fez que o semblante furioso dele se dirigisse para ela outra vez.

— Lady Francine não tem nenhum meio-irmão.

— Ela não é Lady Francine.

— Ela não é Lady Francine — repetiu ele, enquanto começava a acusar um *tic* na mandíbula. — E quem é ela, posso saber?

Fancy respirou profundamente e disse:

— Lucien Kendall, me permita apresentar-lhe Lady Rosalyn Carmichael.

— Lady Rosalyn.

O restante de suas palavras pareciam haver obstruído sua garganta e ela observou como a irritação ia lentamente tingindo seu pescoço de vermelho. Então ele

rugiu:

— E onde diabos está Lady Francine?

Com as mãos pegajosas pelo suor frio, Fancy recolheu as saias inclinando-se em uma reverência um pouco torpe:

— Para o servir.

Antes que ela pudesse voltar a respirar, sentiu o pulso agarrado firmemente por Lucien, que a arrastou pelo corredor, seguidos pelos protestos de quem provavelmente foram as últimas pessoas a vê-la com vida.

A mataria, pensava Lucien enquanto suas botas castigavam com a violência de suas pegadas o chão de madeira. Caminhava em companhia da verdadeira Lady Francine, que avançava dando tropeções para não ficar atrás. Torceria esse *cangote* branco e magro com suas próprias mãos e então se mataria por ser tão estúpido.

Bruxa embusteira.

Mas bom Deus, o que esperava? Acaso não o tinham advertido repetidas vezes sobre o campo minado em que estava entrando? Deveria ter imaginado que estava tramando algo quando tinham apresentado a ele, aquela etérea criatura loira que parecia incapaz de levantar a voz e menos ainda de fazer as coisas estrambóticas das que tinha sido acusada sua pupila.

Deixando de lado toda gentileza, Lucien empurrou com brutalidade a moça para dentro da biblioteca, bateu a porta e a fez sentar-se no mesmo sofá onde há menos de meia hora a teve em seu colo, contando a ela seus segredos que nunca tinha revelado.

Nem sequer podia aplacar sua consciência atribuindo seu comportamento ao álcool. Nunca antes tinha cometido esse tipo de deslize. Não, ela o tinha enfeitado e o mantinha em um estado de demente escravidão.

Jesus, sua pupila. A irmã de George.

O moço provavelmente estaria revolvendo-se em sua tumba e Lucien não o culpava. George podia tê-lo elegido para ser o tutor, mas não para ser o amante de sua irmã. E maldita seja, ela nunca saberia como estivera perto de fazer amor com ela esta noite.

Por mais de cinco meses acreditou ter perdido seus instintos sexuais; que seu impulso sexual era coisa do passado. Mas somente numa tarde, Lady Francine Fitz Hugh tinha mudado tudo isso.

E ele não ia poder tocá-la outra vez.

— Posso explicar tudo — se antecipou Fancy, com o coração pulsando como um martelo num reservatório de água, enquanto Lucien a olhava fixamente com os olhos obscurecidos pela fúria. Parecia que estava decidindo o destino dela e a que a balança não estava inclinada a seu favor.

— Pode explicar, senhorita? Estou morrendo de vontade de ouvir.

— Tive que enganá-lo.

— É mesmo? E tinha que continuar a me enganar ao se contorcer nos meus braços sob seu próprio teto?

Fancy estremeceu. Poderia ter dito a ele quem era ela. Ou pelo menos não aceitá-lo. Mas em vez disso preferira o silêncio.

— Não sabia que as coisas chegariam tão longe.

Até a seus próprios ouvidos essa resposta soou patética.

— Pode ter certeza de que nunca teriam chegado até esse ponto, se eu soubesse quem era você.

Esta afirmação confirmava o que Fancy tinha pensado. Não teria posto um dedo em cima dela se conhecesse sua verdadeira identidade e ela tinha desejado tanto que a tocasse. "Arrebatada", gritava sua voz interior.

— Que embusteira talentosa é você — prosseguiu ele afastando dois passos e lhe dando as costas. — É capaz de olhar um homem nos olhos e o fazer acreditar que você é sincera e autêntica.

— Sou sincera e autêntica! — protestou ela, e franzindo o cenho, acrescentou: — A maior parte do tempo. Mas você não me deixou muitas opções.

— Então, agora o culpado sou eu? Não sei por que, mas não me surpreende. Então me diga, minha senhora, deveria incluir ser *ligeira de cascos* * entre seus talentos?

(** ser um porra-louca*).

Fancy ficou sem ar.

— Como se atreve a jogar a culpa em mim? Você é que não pôde controlar seus instintos animais.

— Sim, mas eu achava que estava flertando com uma criada. — Agachando-se para ficar cara a cara com ela, alfinetou: — Qual sua desculpa?

Fancy se rebelou.

— Não quero continuar falando sobre isto.

— Suspeito que não, mas não vai escapar tão facilmente desse assunto.

— Sinto muito. O que mais posso dizer?

— Pra começar, a verdade. Ou será que isso vai além de suas habilidades?

Como se já não pudesse suportar olhar para ela, afastou e serviu outro gole.

Pela extremidade do olho, Fancy viu que uma de suas mãos estava sobre a caixa negra que tinha chamado sua atenção antes. Então fechou os punhos e se voltou para ela.

— Fale — exigiu ele.

Fancy desejava mandá-lo para o diabo, mas isso não ia melhorar sua situação.

— Calder Westcott é um canalha inescrupuloso.

— Bom, e isso esclarece tudo, não é verdade? — disse ele arrastando as palavras.

— Está querendo se casar com Rosalyn.

— Se ela for tão indomável quanto você, provavelmente seria bom se casar.

Fancy o olhou zangada.

— Por que deveria esperar alguma compreensão por parte de um homem? São todos iguais.

— Oh não querida minha. Outro homem ia te colocar no colo e dar boas palmadas no seu bonito traseiro, ou mesmo torcer o seu pescoço.

— Me defenderia até morrer.

— Isso já ouvi antes. Afastando-se da cristaleira começou a caminhar lentamente para a jovem.

Fancy se encolheu no sofá.

— Se você puser um só dedo em cima...

— Nada mais longe de minhas intenções — disse ele secamente, deixando cair em uma poltrona de couro. — Vamos ver, porque esse tal Calder está tentando se casar com sua meio-irmã?

— Porque o padrasto de Rosalyn, Lord Westcott, deixou-lhe uma fortuna considerável ao morrer há algumas semanas.

— E suponho que o inescrupuloso Calder queira se apoderar dessa fortuna.

Fancy assentiu com a cabeça.

— Ele também herdou uma boa quantia, mas Rosalyn descobriu que seu meio-irmão contraiu uma dívida enorme, em sua maioria com tipos mais desprezíveis que ele mesmo. Rosalyn escutou por acaso Calder dizer a um de seus valentões que sua intenção era casar-se e logo desfazer-se dela. Nessa mesma noite fugiu de sua casa e veio prá cá. Eu não sabia o que fazer. Calder é o novo juiz do distrito e dono das terras onde está a aldeia. Poucos o enfrentariam, e até se alguns estivessem dispostos a nos ajudar, não queriam atrair sobre eles esse tipo de ira.

— Um verdadeiro dilema — Lucien, murmurou com o rosto parcialmente escondido pelas sombras.

— Me ocorreu que se eu encontrasse alguma prova de suas maldades, ele deixaria Rosalyn em paz.

— Duvido — disse ele. — Quando a mente de um homem está obcecada por uma mulher, já tem a corda no pescoço.

Bebeu um gole de sua bebida, deixando ao Fancy pensativa se a mente dele esteve alguma vez obcecada por uma mulher.

Recordou o pesadelo que o tinha apossado e o nome que tinha gritado. Sanji. Seria uma mulher? A teria conhecido durante sua estadia na Índia? Possivelmente Tahj soubesse. Perguntaria pra ele no dia seguinte.

Seu tutor a olhou fixamente por um momento, com semblante inexpressivo, como um estranho.

— Temo perguntar, mas o que você estava fazendo na taverna?

— Dois dos homens de Calder, tentaram seqüestrar Rosalyn ontem enquanto estávamos dando um passeio a cavalo. Tínhamos pensado que Calder não tentaria nada estando Rosalyn comigo, nem durante o dia com potenciais testemunhas. Mas estávamos equivocadas.

Os dedos de Lucien apertaram com mais força o copo.

— Me deixe adivinhar... você saiu para rastrear esses homens e os seguiu até a taverna.

— Sim. — respondeu Fancy impressionada. — Como você soube?

Ele apertou a mandíbula.

— Porque você é uma retardada que arrisca sua vida da forma mais idiota.

Fancy se enfureceu.

— E suponho que a você ocorreria um plano melhor?

— Sim, se tivesse mandado me chamar.

— Claro! A que bordel ou antro de jogo me dirigiria? — A expressão do rosto de Lucien poderia congelar a água, mas Fancy não prestou atenção. — Você não se interessou absolutamente por nada do que aconteceu aqui durante este último ano. Estava muito ocupado com seu harém ou apontando seu dedo mandão em direção a alguma preceptora de lábios franzidos e corcunda que o livrasse de sua obrigação. Não consigo imaginar no que pensava George quando o pôs como guardião da minha vida.

— Nem eu. Você, minha querida Lady Francine, significa apenas problemas.

— Fancy.

— O que?

— Ninguém me chama de Lady Fancine.

— É melhor que vá se acostumando. Amanhã partimos para Londres.

— Londres? — Fancy se levantou do sofá de um salto. — Mas não posso!

— Pode e fará, mesmo que tenha que amarrar seus pés e mãos e carregá-la sobre os ombros. Posso até gostar da idéia de carregá-la por aí como um saco.

— Você não pode decidir sobre minha vida. Eu tenho responsabilidades aqui.

— Essas responsabilidades agora são minhas. Sua única responsabilidade é sorrir e ficar bonita. Possivelmente se não falar, um homem até poderia pedir sua mão.

Fancy o olhou fixamente, incrédula.

— É por isso que vai me levar para Londres? Para me casar?

— O que pensava, querida? Que eu tinha a intenção de tê-la presa ao meu pescoço o resto da minha vida? Lembro a você que sou um homem solteiro.

— E é obvio que tem que retornar às suas amantes — replicou ela mordazmente, detestando descobrir que essa imagem a incomodava.

Ele se limitou a olhá-la de maneira indecifrável.

— Não se importa comigo, não é verdade? — doía dar-se conta disso.

— Quero casá-la. Então você se transformará em uma carga para seu marido em vez de minha.

— Você me entregaria ao primeiro homem que aparecesse?

— Não seja ridícula. Procurarei alguém da mesma condição social que você, que posso suprir todas as suas necessidades. Será melhor se você sentir um pouco de afeto pelo pobre idiota.

A frustração cresceu dentro de Fancy.

— Tenho que ficar aqui.

— Não.

— Por favor.

— Fim da discussão.

O desespero enchia o coração de Fancy

— Heath se casará comigo.

— Courtenay não é uma opção.

— Por quê?

— Porque estou dizendo.

— Você não está sendo razoável.

— Estou em todo meu direito.

Sem parar para pensar, Fancy agarrou um pequeno vaso de cristal da mesa e o jogou nele. Por causa de sua péssima pontaria a jarro foi parar depois da poltrona, além da poltrona. Mas não teve tempo nem de amaldiçoar por não ter conseguido, nem de procurar outro objeto para jogar, porque ele saltou da cadeira num piscar de olhos e circundou o sofá.

Fancy retrocedia enquanto ele a espreitava.

— Não me toque. Estou falando...

Um músculo se moveu no queixo de Lucien.

— Já é hora de alguém ensinar a você que seus atos têm consequências mocinha egoísta.

— Se puser a mão em cima de mim, vou...

— O que vai fazer? — criticou ele, sem deixar de avançar para ela.

O olhar de Fancy se movia desesperadamente da esquerda para a direita. Estava encurralada. Para qualquer direção que fosse ele estaria em cima dela imediatamente. Continuou retrocedendo até sentir suas costas contra a parede, com o peito oprimido e respirando apenas quando Lucien parou na frente dela.

Erguendo o queixo, Fancy o olhou com irritação. Tremia quando ele estendeu o braço e passou os dedos por seu rosto, sem deixar de olhá-la nos olhos.

— Você é uma mocinha impetuosa — disse ele, mas falava com suavidade, enquanto o polegar acariciava ligeiramente o contorno do rosto.

O desejo começou a arder dentro dela, uma vontade que ele tinha despertado. Seus olhos devem ter mostrado, porque ele deixou cair a mão e novamente a olhou sem nenhuma paixão.

— Deixarei que seu marido ponha você na linha. — afastou-se dela. — Mas preste atenção ao que digo e fará o que eu mando. Se sentir-se impulsionada a desobedecer a prenderei em seu quarto.

— Já não sou mais uma menina!

— Então não se comporte como uma. Pode se retirar.

"Pode se retirar". Que atrevimento!

— Irei, mas apenas porque desejo sair de sua odiosa presença.

Os olhos dele cintilaram.

— Mas é bom ir se acostumando com minha odiosa presença e trabalhar diligentemente para me manter contente. Do contrário, as quatro paredes de seu quarto se parecerão com uma prisão.

— Serão tão parecidas com uma prisão como o casamento que você decidiu me arranjar!

— Já é hora de crescer, minha senhora. Não pode ficar pela vida como um moleque mau criado; você é filha de um conde. E se seus pais ainda vivessem, já teria tido sua temporada de apresentação na corte. A estas alturas poderia muito bem estar casada e com um filho. Pensa nisso.

Fancy recordava o suficiente a respeito de seus pais para saber que nunca teriam permitido que vagabundeasse pelo campo vestida com calças de homem. Provavelmente estaria levando uma vida muito decorosa no campo, assistindo a reuniões elegantes, tomando chá e indo a bailes. Já teria sido polida, atormentada e penteada por donzelas e costureiras até quase enlouquecê-la.

Como teria feito para suportar uma vida sem os paramos, as enseadas, os escarpados?

Como sobreviveria agora sem tudo isso?

Olhou para o rosto de Lucien, ainda implacável, e viu que nada do que ela dissesse o comoveria. Seu coração pesava. Não podia perder Moor's End; não a perderia. Se devia seguir o jogo de Lucien, ao menos levaria algo dela. Se tinha que se casar, encontraria um homem que a deixaria retornar à Cornualles e lhe daria tanta liberdade como ela desejasse. Um homem amável. Gentil. Um homem que fosse o oposto do seu tutor.

— Bem, — De boa vontade irei a Londres. Mas Rosalyn deve vir comigo e também, Jaines e Olinda.

Ele a estudava com uma expressão quase triste nos olhos.

— Podem ir, mas se a ajudarem com qualquer plano insensato, os considerarei responsáveis. Compreende?

Sua advertência era clara. Seus amigos conheceriam sua ira se fossem contra ele. Fancy jamais havia se sentido tão sozinha.

— Compreendo

— Bem. Então a verei pela manhã.

Deu-lhe as costas e caminhou rigidamente para a janela para olhar para fora. A chuva tinha diminuído até converter-se em um fio de água, e através dos cristais já eram visíveis as formas escuras das árvores arqueadas sob o peso da água.

Fancy parou um instante mais olhando a figura solitária de Lucien, temerosa, pela primeira vez, do futuro e do que ele tinha reservado para ela.

Obrigou seus pés a se moverem. Acabava de abrir a porta quando as palavras de Lucien a detiveram.

— Espero que fique em seu quarto. — disse sem se virar. — Não volte a descer.

Fancy saiu sem fazer ruído.

Lucien ficou de pé imóvel, escutando o ruído dos passos dela perder-se na distância. Então deixou cair a cabeça sobre uma de suas mãos e fechou os olhos, o desprezo que sentia por si mesmo ameaçava arrebentar de um momento para outro. Se ela ficasse um minuto mais...

Girou abruptamente, atravessou zangado a sala e pegou a caixa negra de cima da mesa. Afundando-se no sofá, apoiou-a em seu colo, e suas mãos tremiam.

A imagem dos olhos tristes dela o rondaria a noite toda. "Fancy" o nome combinava com ela. Era tão incorrigível como tinham proclamado as preceptoras e não se comportava como a dama que deveria ser.

E ainda assim Lucien sentia sua perda. Desejava a trombadinha vestida com calças que resgatava gatinhos e ameaçava os libertinos com dano físico. Ao demônio com ela por ser a única mulher no mundo que ele não podia ter.

Esqueceria o que sentia por ela, se desfaria de qualquer culpa, porque tinha aprendido há muito tempo que uma consciência era um estorvo. Tinha levado um bom tempo sem se lembrar da possível bondade do coração humano, e não queria começar agora.

Com mãos banhadas de suor levantou a tampa da caixa. Dentro estava a panacéia para qualquer dor, uma alegria efêmera que podia comprar por apenas um *xelim* e levar despreocupadamente no bolso do colete.

Baixou os olhos, cravando-os em um familiar inferno, um inferno no que tinha vivido por quase dez anos, desde seus primeiros dias na Índia.

Durante os anos que seguiram só tinha conseguido escapar da tortura por períodos curtos. Mas os fantasmas de seu passado se filtravam através do muro cuidadosamente construído e arrasavam com sua força de vontade.

Estava dominado por seu vício ao ópio.

Abriu a caixa e pegou a longa ponta de metal, girando-a sobre a palma da mão, tentando lutar contra vontade de soltar a agulha e fechar a tampa de um golpe. Tinha seguido esta rotina muitas vezes antes e a executava de cor.

Abriu um recipiente e pegou uma das pílulas na ponta da agulha. Estava muito úmida e teria que secá-la. Extraíu uma pequena lamparina de álcool e a acendeu, produzindo um ponto de intenso calor em cima do vidro temperado.

Quando obteve a consistência desejada, colocou a pílula sobre a base do recipiente. Segurou a lamparina até a pílula se derreter, e o cheiro saturou o ar.

Fechou os olhos e rogou pela salvação, mas esta não chegou. Então respirou fundo, inalando os intensos vapores da droga através do canudo de bambu, se odiando por tudo aquilo no que se tornara.

— Vejo que deixou o demônio entrar dentro de você.

Através da nebulosa euforia que entrava em sua corrente sanguínea, Lucien

reconheceu a voz.

— Sai daqui — disse para Tahj

Não podia suportar que seu amigo o visse neste estado, ali de pé, como o sentinela de uma vida fracassada.

Mas como sempre acontecia, Tahj ficou.

— Você sofreu uma recaída.

— Não sofri nenhuma recaída! — resmungou, agarrando com força o *narguile*, uma parte dele querendo libertar-se e a outra parte dizia nunca. — Esta é minha vida; quando vai começar a entender isso? — Apertou os dentes e olhou fixamente o teto. — Jesus, volta para a Índia. Ninguém pediu que me seguisse.

— Buda me pediu isso. E eu cumpro a vontade de Buda.

A droga estava adormecendo Lucien, tirando sua habilidade para lutar. Chupou outra vez e esperou. Esperou pela paz. Esperou por uma iluminação que nunca viria.

Recordou todos os meses que tinha passado em *Limehouse*, no Bairro Chinês do East End londrino, depois de sua volta da Índia. Tinha chegado a ficar uma semana inteira em um *fumadero* de ópio, rodeado de um nimbo de fumaça, espesso e sensual que se elevava e caía como uma onda sobre os pequenos abajures dispersos para dissipar a penumbra.

— Para viver uma vida livre de dor e sofrimento, a pessoa deve se desfazer do apego aos bens terrenos. — Tahj disse numa cantilena tão familiar a ele. — Os homens devem livrar-se da cobiça, o ódio e a ignorância. Só então alcançarão a paz e a felicidade. Então Tahj disse muito sagazmente: — A moça o afetou.

— A única coisa que afetou é meu humor. É uma mentirosa consumada.

— Descobriu o engano.

A categórica afirmação fez levantar Lucien olhar para ele.

— Você sabia?

Tahj inclinou a cabeça.

— Se seus olhos não estivessem tão cheios de luxúria, você teria visto a verdade.

Lucien apertou os dentes, sabendo que tinha estado cego pelo desejo que a moça provocava nele.

— Por que não me disse, maldição?

— Porque a desejava e não teria me dado atenção. Ainda a deseja. — observou, contemplando Lucien com esse olhar onisciente tão característica.

— Talvez ela seja o que você precisa.

— Ela é a última coisa que preciso. Deus, é a maldita irmã de George!

— Antes de mais nada é uma mulher. E você é um homem que precisa de alguém que o ajude a se curar.

Lucien levou uma mão à cabeça e se deixou cair deslizando-se sobre o braço do sofá.

— Jesus, estive a ponto de contar tudo a ela.

— Deveria ter contado. Seria uma carga a menos para a sua alma. Não pode continuar se culpando pelo que estava além do seu controle.

Lucien balançava a cabeça de um lado para outro.

— Eu era o encarregado e não estava preparado. Sou o único que pode ser considerado responsável.

— Conte a ela o que aconteceu. Fale de coração, confia nela e ela o escutará.

Lucien fechou os olhos apertando-os com força.

— Não posso. — deixou o narguile sobre a mesa. — Amanhã partimos para Londres. Se prepare para a viagem.

— Não deveria retornar ainda. Soluciona primeiro esse problema.

— Não há o que solucionar. Vou cumprir minhas obrigações para com a dama e esse será o final para essa história.

— Será?

Deus, tinha a esperança que fosse.

— Ela felizmente ficará no esquecimento — afirmou Lucien, sabendo que esquecer Fancy não seria tão simples. — Agora saia daqui e me deixe em paz. Quando sair, fecha com chave a maldita porta.

— A paz que você busca, nunca será encontrada nessa *pipa*. Precisa olhar pra dentro de si mesmo.

Então, honrando o apelido de fantasma que Lucien tinha dado a ele, deslizou para fora da sala e o sussurro da chave na fechadura pareceu encher o silêncio.

Capítulo XII

O oceano se revolia agitado enquanto Fancy olhava pela janela da carruagem, pronta pra iniciar sua viagem fora de Cornualles desde os seis anos e seus pais tinham deixado ela e George aos cuidados da avó.

A paisagem estava calma, marcando o contraste com os nervos que amarravam seu estômago. Esta poderia ser a última vez que via Moor's End e com dificuldade contia seu desespero. Queria protestar dizendo que não podia ir, que isso não estava certo. Este era seu lar e ninguém a obrigaria a abandoná-lo: entretanto, Lucien a tinha confrontado de maneira selvagem. Ela poderia ter contado a ele a respeito dos impostos devidos pela propriedade, mas o orgulho e a teimosia a impediram. Esse era um problema dela e seria ela quem o solucionaria... até se para isso tivesse que se casar. Apenas a idéia entristecia o coração e nesse momento odiava Lucien.

Olhava-o através da cortina apenas entreaberta. O sol arrancava reflexos de seu cabelo azeviche e delineava seu corpo enquanto de pé falava com Rosalyn, que na noite anterior tinha estado esperando Fancy em seu quarto, cheia de ansiedade.

Apenas Fancy atravessou a soleira, Rosalyn tinha deslocado para ela.

— Bateu em você? — perguntou examinando-a da cabeça aos pés.

— Não, não me bateu. Ordenou que todos partamos para Londres. Vamos amanhã.

O rosto de Rosalyn empalideceu.

— Oh...

— Você vem conosco — se apressou a acrescentar Fancy—. Lucien dará você todo o amparo que necessita enfrentá-lo seria uma tolice por parte de Calder.

— Não sei — disse Rosalyn em tom vacilante. — Não quero expor vocês a nenhum perigo.

Fancy suspirou.

— Como se eu não tivesse colocado você em situações precárias quase todos os dias quando éramos meninas. Mas você sempre ficou do meu lado, não é verdade? — Fancy rodeou seus ombros em um abraço. — Superaremos isto juntas. Tenha fé. Tudo vai ficar bem.

Agora, enquanto observava uma sorridente Rosalyn deslizar-se para a carruagem, Fancy esperava que sua predição se cumprisse.

— Vejo que está contente — disse Fancy enquanto abria a porta do carro para sua amiga, que subiu e sentando-se a seu lado arrumou as saias.

— Devo confessar que meu ânimo melhorou bastante — respondeu Rosalyn,

que parecia mais relaxada do que tinha estado em muito tempo. — O senhor Kendall é realmente um homem maravilhoso, embora sem dúvida terrível por afastar você de seu lar — se apressou a acrescentar, sempre uma amiga.

— O que fez? — perguntou Fancy.

— Foi a Westcott Manor esta manhã para confrontar-se com Calder.

Por um momento Fancy ficou sem palavras. Embora enfrentar Calder era exatamente Lucien devia fazer, sentiu uma pontada de ciúmes. Tinha sido um gesto muito cavalheiro para com Rosalyn e Fancy se sentia mal por seus próprios sentimentos ante esse gesto. Sua amiga precisava de um protetor e Lucien tinha ido em seu resgate. Sem dúvida não era culpa de Rosalyn se os homens se sentissem atraídos por ela como lobos para a luz da lua.

— Como era de esperar, Calder não estava lá — prosseguiu Rosalyn. — Pobre Harold. — Suspirou, se referindo ao mordomo de toda a vida dos Westcott. — Teve que suportar a ira de Calder, que então ordenou que preparasse sua bagagem. Meu meio-irmão partiu ontem à noite.

— Covarde — disse Fancy com expressão de repugnância. — Só é valente quando se trata de aterrorizar a mulheres e velhos. — Embora Jaines e Olinda, que nesse momento fiscalizavam o carregamento das últimas malas que ficavam no baú do carro, resistiriam a ser considerados em outra etapa que não fosse a flor da vida.

— Me pergunto onde terá ido — meditou Rosalyn.

— Com um pouco de sorte, para o inferno.

Nesse momento apareceu Lucien na porta da carruagem.

— Estão cômodas, senhoras?

Ainda furiosa com ele, Fancy não respondeu. Mas ele não pareceu se importar, já que sua pergunta parecia dirigida a Rosalyn.

— Muito cômodas — respondeu sua amiga, dirigido a ele um radiante sorriso, que ele devolveu. — Vocês se importariam se eu viajasse com Tahj no boléia por algum tempo? — Lançou um olhar para eles. — Estava contando a respeito dos *seis reinos do ser*. Verdaderamente fascinante.

Fancy esteve a ponto de pedir a Rosalyn que ficasse. Não queria estar sozinha no carro com Lucien, muito embora Olinda e Jaines viajando com eles, de modo que poderia ignorar sua presença.

— Adiante — disse Fancy, — mas tome cuidado aí em cima.

— Terei — gorjeou Rosalyn, descendendo do carro com a ajuda de Lucien, que ganhou como recompensa outro sorriso.

A expressão cavalheiresca desapareceu de seu rosto ao voltar-se para Fancy.

— Parece que seremos apenas você e eu.

O pânico brotou nas veias do Fancy.

— Olinda e Jaines também viajarão conosco, é óbvio.

— Irão em outro veículo.

Então o pânico floresceu em todo seu esplendor.

— Em outro? Mas por quê?

— Acreditam que os criados devem viajar separados de seus patrões.

— Isso é completamente ridículo.

Ela nunca os tinha tratado como criados. "O que estão tramando?"

— Falei isso com eles, mas se mantiveram inflexíveis.

— Falarei com eles.

Fancy se levantou de seu assento e se encaminhou para a portinhola, mas Lucien estava no meio.

— Deixe-os. Temos que sair já.

Ele entrou, obrigando-a a retroceder até tornar a se sentar sobre as almofadas de veludo.

— Mas...

— Esta situação me dá tanto prazer quanto a você, mas o melhor é que nos acostumemos.

— Sadie...

— Está muito contente com Jaines.

Deu uma batidinha no teto e o carro deu uns solavancos para frente.

Fancy abriu a boca, mas fechou ante o olhar de advertência dele. Bem. O ignoraria, como tinha planejado. Não se preocuparia com Jaines, cuja pele ao final da viagem ia parecer um pergaminho depois de horas sendo amassado por Sadie. E tampouco se preocuparia com a pobre Sassy e os gatinhos, que tinham precisado deixar, embora Lucien tenha contratado uma mulher recomendada por Olinda para que cuidasse deles. Mas isto não aquietava o temor de Fancy pelo destino deles, nem pelo seu próprio. O que teria Londres reservado para ela? Realmente voltaria com um marido? Era muito para ficar pensando. Provavelmente cochilaria; seria uma viagem longa. De todo jeito, não parecia haver em seu companheiro de viagem uma grande disposição de falar com ela. Teria a intenção de olhá-la zangado durante todo o trajeto até Londres?

A jovem acabava de enrolar-se em um ângulo, onde não precisava evitar que as pernas longas de Lucien roçassem suas saias, quando viu com a extremidade do olho um cavalo e um cavaleiro.

— Heath!

Se endireitou de repente ao ver sua última esperança de salvação. Se tivesse aceitado sua proposta de casamento não estaria neste apuro. Mas enquanto pensava, sabia que nunca poderia ter se casado com ele por motivos tão egoístas.

Rapidamente Fancy se inclinou para diante para abrir o vidro, mas Lucien segurou o seu pulso.

— Volte a sentar, senhorita — grunhiu em tom ameaçador. — Courtenay não será de nenhuma ajuda para você.

— Mas você precisa me deixar falar com ele! Não sabe onde estou indo.

— Tanto melhor. Não quero na porta de minha casa um pretendente doente de amor.

Olhando pelo vidro, Fancy viu que Heath ainda cavalgava para eles, com a confusão refletida no rosto, em seguida ficando irritado ao ver que o carro continuava sua marcha sem deter-se.

— Por favor — disse ela, mesmo tendo se prometido não implorar. — Pelo menos me deixe dizer a ele que dê um pouco de atenção ao Jimmy e à sua irmã.

— Eu já me ocupei disso.

Sua resposta sossegou os protestos da jovem. Ele tinha tido a delicadeza de se encarregar do bem-estar de uma família que sofria, assim como também de defender Rosalyn. Uma vez mais a surpreendia. Mesmo assim, ela precisava falar com Heath.

— Mas e se a mãe do Jimmy piorar?

— Ela sabe como fazer contato comigo. Relaxe, senhorita, o moço e sua família receberão todos os cuidados que necessitam.

Fancy olhou nostalgicamente para Heath e então se deixou cair outra vez sobre as macias almofadas, com os braços cruzados sobre o peito, sentindo onda de impotente fúria.

— Pensou em tudo, não é verdade?

— Em quase tudo.

A jovem se obrigou a conter as lágrimas que queimavam seus olhos enquanto observava como a silhueta do Heath se apagava na distância.

— Quase? E que detalhe pode ter passado que você não percebeu?

— Você — respondeu ele simplesmente, contemplando-a de um modo que transformou os batimentos do coração de Fancy em lentos ruídos surdos.

— Em mim?

— Você se converteu em uma peça estragada que impede o avanço de minha

vida.

Fancy deixou escapar um gemido exasperado. Por que tinha esperado que ele dissesse algo conciliador?

— Como se você fosse o Príncipe Azul.

Este último comentário arrancou dele um sorriso que tirou aspereza do seu olhar e fez com que um desejo traiçoeiro voltasse para a vida no interior dela. Por que tinha que ser tão condenadamente bonito? Não era justo, especialmente quando tinha pensado ser exatamente o ogro que ela tinha temido a princípio.

— Parece que nenhum dos dois está entre os favoritos do outro. — Ele mudou de posição e outra vez roçou sua coxa com o joelho, provocando um quente estremecimento dentro dela. — Embora você tenha sido uma encantadora criada — murmurou, com um brilho ardente nos olhos que desapareceu rapidamente.

— Sou a mesma que era ontem.

Mas não era. Ontem ainda não conhecia o contato deste homem, nem desejava sentir de novo. Quase desejava poder voltar a ser simplesmente Mary em vez do Lady Francine.

— Você está totalmente diferente — disse ele. — E seria sensato não voltar a esquecer disso.

Antes que ela pudesse dizer que estava equivocado, ele fechou os olhos e reclinou a cabeça contra a parte superior do assento, deixando a Fancy a opção de o olhar ou desviar os olhos.

Ela escolheu olhá-lo. Era simplesmente muito grande para fazer de conta de que não o via, sua masculinidade era muito poderosa para ignorá-la. Tinha as pestanas mais espessas, jamais vistas em um homem, um marco para esses olhos excepcionais com os que nenhum simples mortal deveria ter sido abençoado.

Em repouso, sua expressão era juvenil embora dura, livre de desprezo, seus lábios carnudos e suaves provocavam na jovem o desejo de inclinar-se e cobri-los com sua boca. Ele beijava de um modo delicioso, e que coisas sabia fazer com a língua...

— Se está pensando em me cravar uma adaga no coração — disse ele em um tom profundo, abrindo de repente um olho e olhando-a. — Pense melhor. Hoje me preparei para me defender de você. Pus um colete de metal debaixo da roupa.

Como percebera que ela estava olhando para ele? Pois não lhe daria a satisfação de saber que a tinha irritado.

Concentrou o olhar no exterior. Era difícil de acreditar que o inverno estivesse se aproximando tão rápido. Também o Natal, uma das épocas do ano de que Fancy mais gostava, chegaria logo e seria a primeira vez que ia passar sem sua família.

Uma pontada de desespero a atravessou ante a solidão da imagem. Como sua avó amava o Natal, decorar a casa com brilhantes bolas, convidar os vizinhos da

aldeia a beber cidra quente em sua casa. Lembranças agridoces brotaram e Fancy se obrigou a pensar só nos bons tempos enquanto o carro estralava descendo para *Louve Bar* por um estreito e íngreme atalho. A repentina aparição do mar levantou o ânimo. Uma ampla extensão de baía se deixava levar entrando nas águas escuras e imóveis de um lago, onde uma faixa de areia servia de ponte entre ambos.

O efeito do limpo céu azul e a dourada luz do sol sobre a água era deslumbrante. Sobre a onda, que reluzia branca, rompiam uma atrás de outra sussurrantes e de cor cobalto. Do outro lado, o lago de água doce beijava suavemente a areia movediça.

Fancy quase podia imaginar Moisés de pé sobre a costa quando a maré transbordava depois de uma tormenta, enviando água sobre a onda de modo que oceano e lago se tornavam um e então a água se retirava abrindo um atalho, como o Mar Vermelho quando as carros do faraó se aproximavam.

Quando seus olhos se fecharam lentamente, Fancy imaginou que era ela quem estava de pé na divisa e que o temível guerreiro que bramava equilibrando-se sobre ela, vestindo nada mais que uma franja escura de tecido atado ajustadamente ao redor da cintura e serpenteantes atira enroladas ao redor de seus musculosos braços, era Lucien preparando-se para o combate.

Do mesmo modo como Lucien percebeu quando Fancy o observava, percebeu agora que ela se deixou levar pelo sonho. A desejava hoje tanto como ontem. Possivelmente mais.

A observara enquanto ela olhava pela janela, e era como se a expressão melancólica de seu lindo rosto estivesse ferindo incessantemente o coração dele. Ele a estava afastando de tudo aquilo que lhe era familiar, e duvidava que ela pudesse perdoá-lo algum dia. Sua vida sempre fora repleta de enganos e podia somar um engano a mais nela.

A jovem necessitava de um protetor. Uma ironia na verdade; do que George tinha desejado resguardá-la a partir de agora viveria com ela sob o mesmo teto.

Mas todo isso mudaria em Londres. Ele ficaria no Blackthorne Manor e pinçaria na ferida do conde de Redding, e Fancy com o restante de seu séquito se alojariam na casa de Lady Dane.

Clarisse não apenas era uma mulher respeitável, mas também tinha contatos em um mundo onde Lucien nunca tinha sido parte e onde nunca seria aceito.

Ele podia ter acumulado grandes riquezas, mas isso nunca compraria linhagem. Isso nunca o incomodara antes... não até que descobriu a identidade de uma moça descarada que golpeava as pessoas na cabeça. Agora quase desejava ter nascido nesse mundo, não ter crescido nas ruas ou conhecido a tragédia da ignorância.

Lucien apertou os olhos, mas sem poder escapar das lembranças: o som dos gritos abafados de sua mãe, rogando com o olhar que ele não fizesse nada e prometendo calar depois, e os gritos de uma mulher cujo único engano tinha sido amá-lo, e por isso ficou desgraçada.

Ele sempre tinha sido uma maldição para as mulheres. Tinha prometido protegê-las (sua mãe, suas irmãs, Sanji) e, no entanto, tinha falhado com todas elas. Em que estava pensando quando aceitou ser tutor de uma mocinha? Jesus, não podia fazê-lo.

Ao sentir a leve pressão de uma mão em seu rosto, Lucien se empertigou de um salto, pronto para capturar alguém, uma resposta nascida nas longas noites que tinha passado no deserto da Índia, esperando um inimigo sem rosto.

Mas o rosto que agora o olhava fixamente, com olhos dilatados, não era o de um estranho e sim o de sua pupila, o contemplando com uma mescla de medo e preocupação.

— Você está bem? — perguntou ela suavemente.

Lucien sabia que deveria soltá-la, mas ainda não queria fazê-lo.

— O que aconteceu? — quis saber ele, endireitando-se, com a mente nublada.

— Teve um pesadelo.

Ele franziu o cenho. Adormeceu sem perceber. Jesus teria dito algo? Nunca tinha se preocupado com isso antes, porque sempre dormia sozinho, nunca baixava a guarda. Estava decaindo.

Deixou cair as mãos que aprisionavam os braços da moça e passou os dedos pelo cabelo.

— Sinto muito.

Tinha que escapar dela antes que revelasse todos os seus escuros segredos; qualquer um deles, faria com que o desprezasse para sempre.

Olhou pela janela e ao ver que estavam a uma meia hora de Londres, sua tensão cedeu.

— Está seguro de que se sente bem?

O olhar de Lucien voltou a penetrar nesses olhos verde musgo nos quais um homem poderia perder-se.

— Bem — disse com mais força do que queria, fazendo-a voltar ao seu assento. — Logo chegaremos — acrescentou, moderando seu tom.

Percebia nela, o medo do que a esperava em uma nova cidade. Logo estaria embelezada com vestidos da moda, assistindo a suntuosos bailes e os homens estariam a seus pés. Exatamente onde ele estaria se pudesse, mas não tinha direito. Ela o tinha

presenteado quando o permitiu conhecer em parte seu corpo voluptuoso, um corpo que outro homem algum dia reclamaria como seu para tocá-lo do modo como Lucien o havia tocado, para queimar-se em seu fogo de um modo em que ele não tinha podido fazê-lo.

A olhou mas em seguida desviou o olhar, mordiscando o canto dos lábios enquanto olhava as mãos apertadas nervosamente sobre seu colo.

— Onde nos alojaremos?

— Fiz acordos para que fiquem hospedados na casa de Lady Dane, uma boa amiga. Clarisse é viúva, embora não seja muito mais velha que você. Seu marido morreu em um duelo no ano passado.

— Que tragédia — murmurou Fancy.

Lucien soltou um muxoxo.

— Era um maldito idiota. Deixou sozinha uma boa mulher.

Fancy se perguntou quais seriam os sentimentos de Lucien para com essa tal Clarisse. Seria ela a mulher que se colocou sob sua pele e esmagado seu coração? Seria sua amante?

Sobressaltou-se quando os dedos do Lucien rodearam seu queixo, fazendo-a olhar para ele.

— Não se preocupe — disse em um tom suave que quase jogou por terra sua resolução de não chorar. — Tudo vai ficar bem. Acredito que Clarisse e você vão ter muito em comum.

Fancy o olhou nos olhos e viu neles uma expressão alentadora. E algo mais. Algo que apertou seu coração. Desejava desesperadamente que a beijasse.

Como adivinhando seu pensamento, Lucien se inclinou para ela envolvendo-a com a suavidade de seu leve perfume. O cabelo sedoso caiu sobre a fronte e Fancy sentiu um forte impulso de ajeitá-lo

Então o carro sofreu um inclinação brusca ao meter-se em um buraco os trazendo de volta à realidade e o olhar apaixonado desapareceu dos olhos de Lucien. Embora este não fosse o momento de perguntar nada, na mente dela surgiam interrogações que necessitavam de resposta, mas que nunca tinham sido feitas por causa da confusão que os envolvia. Esta podia ser a última oportunidade dela para esclarecer suas dúvidas:

— Lucien?

Seu olhar glacial pousou para ela.

— Sim?

Seu tom aconselhava a pensar duas vezes antes de prosseguir, mas parar agora significava admitir que ele tinha conseguido intimidá-la.

— Você poderia me falar de George?

O corpo dele pareceu esticar-se sob a jaqueta azul bem cortada.

— O que gostaria de saber?

Fancy ajeitou sua saia.

— Ele teve medo?

— Não — respondeu ele suavemente. — Pelo menos eu nunca o notei. Comportou-se como um soldado até o último instante. Sua única preocupação era que deixaria você sozinha.

As lágrimas que ela tão corajosamente tinha tentado conter rolaram por seu rosto.

— George era ainda muito jovem quando perdemos nossos pais, e o forçaram a crescer de repente. Foi como se da noite para o dia a alegria de sua juventude o tivesse abandonado. Graduou-se como oficial apenas umas semanas antes de nossos pais morrerem. Meu pai tinha sido militar de carreira e queria que George seguisse seus passos. Não acredito que ele queria ir, mas aceitou seu dever, como esperava meu pai. Em uma de suas cartas me dizia que queria que eu estivesse orgulhosa dele. Nunca entendeu que eu estaria orgulhosa dele da mesma forma se fosse criador de ovelhas... contanto que ainda estivesse aqui.

Fancy fechou os olhos, apertando-os com força, mas as lágrimas continuaram. Ouviu Lucien mover-se e sentiu um lenço enxugando suas lágrimas com suavidade.

— Ele a adorava, sabia? — murmurou. Seu contato fez Fancy desejar encostar a face contra a palma de sua mão. — Acredito que a metade dos homens de minha companhia queriam ser o eleito para cuidar de você. Todos ficaram com ciúmes quando me outorgou essa honra.

Fancy raspou a garganta ruidosamente e abriu os olhos.

— De verdade?

Ele assentiu com a cabeça.

— Todos os homens queriam ver a irmãzinha de George, a angelical Fancy. Todos estávamos certos de que tinha você pele de pó de estrelas e o céu no olhar. Estávamos convencidos de que podia nos redimir a todos.

— Mas você disse...

— Eu digo muitas coisas quando estou zangado. Nem sempre as digo seriamente.

À sua maneira, ele pedindo desculpas e o coração de Fancy se abrandou um pouquinho mais. — Obrigada — sussurrou. — Precisava ouvir isso. — Deixou cair o olhar para onde descansava a mão dele, muito perto da sua, tanto que os dedos de ambos se tocavam. — Durante muito tempo senti uma saudade tão grande de George, que pensei que jamais poderia me recuperar de sua perda. Ele era tudo o que restava, e eu... eu

estava tão sozinha.

— Não ficará mais sozinha, nunca mais — prometeu Lucien suavemente.

Sem parar para pensar, Fancy se inclinou para frente e apertou seus lábios contra os dele. Lucien ficou rígido; percebendo seu engano, ela se separou imediatamente, mas ele a segurou pelos braços sem deixar que se afastasse. Um feroz grunhido retumbou em sua garganta enquanto inclinava sua boca sobre a dela, provocando e mordiscando até que essa boca se abriu para ele e pôde deslizar a língua dentro.

Fancy segurou nele, agarrando com força as lapelas de sua jaqueta, puxando-o para que se aproximasse mais até que estivesse em cima dela. Não importava quão libertina pudesse ser sua conduta, nem tampouco que uma dama não devia beijar primeiro um cavalheiro. "*Impetuosa*", sussurrava sua mente. "*Temerária*" dizia mais alto ainda. Mas ela não prestava atenção alguma enquanto o corpo de Lucien a apertava contra o assento.

Abruptamente, ele se deteve e fechou os olhos; um músculo se movia em sua mandíbula. Quando voltou a abri-los, o fogo se apagou. Contemplou longa e fixamente a moça, a conexão entre eles era muito evidente para que desaparecesse de repente, mas ela percebeu o arrependimento em seus olhos.

Ele voltou a sentar-se, com expressão resolvida.

— Já chegamos — disse ajudando-a a endireitar-se. Seu contato era impessoal. Enquanto, o carro começava a diminuir a velocidade, retumbando ao descer por um caminho de cascalhos com a tênue luz das primeiras horas da noite.

Fancy tentou concentrar-se para ver onde estava. Repetia pra si mesma que tinha sido um engano e que nunca mais voltaria a acontecer, mas o pensamento não servia de consolo.

— Onde estamos? — perguntou, fingindo estar fascinada pelas pitorescas casas em frente as quais passavam, algumas realmente majestosas, com sebes perfeitamente podadas e grandes árvores frondosas.

— *Mayfair* — respondeu ele, enquanto a carruagem parou diante de uma linda casa de tijolo vermelho e com uma cerca negra de metal que rodeava um bem cuidado pátio.

Fancy o olhou.

— Você está certo de não incomodaremos Lady Dane? Pode ser que tenha medo de Sadie.

— São poucas as coisas que assustam Clarisse — disse ele com familiaridade e clareza, despertando em Fancy ciúmes que tentou ocultar.

Enquanto olhava fixamente para essa casa de cidade, ficou nervosa. Realmente ela tinha vivido alguma vez nesta cidade? Não tinha lembranças dessa

época, só uma sensação de estar aflita e rodeada de terra, sem saída para mar. Já sentia saudades dos amplos espaços abertos de Cornualles.

— Vem?

Fancy piscou e se deu conta de que Lucien já tinha descido do carro e estava de pé no caminho de entrada à casa, estendendo para ela uma mão e esperando pacientemente.

Vacilante, colocou sua mão dentro da dele. Ficou presa pela expressão de seus olhos enquanto a ajudava a descer, ele deixou vagar seu olhar sobre ela em uma sensual apreciação que fez correr um calor pelas suas costas.

Ela tinha posto para a viagem seu melhor vestido, de tule rosa pálido com a saia debruada em pregas, corpete alto de nervuras e corte enviesado com uma fina fita de cetim rosa mais escuro. Um pendente presente de sua avó pendia de pescoço, convertendo-se em um prisma para o sol que se punha, cujos raios dourados carmesim se desvaneciam em um cobre ardente à medida que se ocultava no horizonte.

De pé diante de Lucien, Fancy compreendeu o verdadeiro significado de sentir-se aflita.

Até hoje só o tinha visto vestido com roupa informal. Agora parecia um aristocrata com sua jaqueta cinza azulada e suas calças cor piçarra, debaixo uma camisa branca de linho e uma gravata de seda branca ao redor do pescoço, acentuando o ângulo de sua mandíbula e o matiz escuro de sua pele. Estavam em seu território, no mundo que ele entendia, e Fancy soube nesse momento que as coisas tinham mudado irremediavelmente.

Capítulo XIII

Fancy queria que Rosalyn estivesse ali com ela, mas o outro carro ficara para trás.

— Que prazer o ter de volta, senhor Kendall — disse uma voz sem inflexão, arrancando Fancy de seus pensamentos.

Virou-se para encontrar-se com o homem, que presumia era o mordomo, de pé diante deles. Seu aspecto a fez piscar, já que era muito bonito, com o cabelo negro *azeviche*, olhos verde esmeralda e um corpo que igualava o de Lucien em altura e compleição.

— Obrigado, Pierce — disse Lucien. — É bom estar de volta. Lady Dane está em casa?

— Sim, senhor. Está esperado sua chegada. Tenham a amabilidade de me seguir, por favor, você e a jovem dama.

Fancy se sobressaltou ao sentir a mão de Lucien tocando seu cotovelo.

— Não olhe de boca aberta, querida — disse ele, enquanto seguiam Pierce subindo a escadinha da entrada, com uma certa brutalidade no tom. — Não é de boa educação.

Ela se ruborizou.

— Sinto muito. Só estou um pouco surpreendida.

— Pierce está habituado a isso. Lady Dane é a inveja de todas as mulheres da boa sociedade. Durante os últimos dois anos, todas as matronas quiseram roubar Pierce dela, mas ele é dedicado a ela.

Fancy olhou para Lucien.

— Eles são...?

— Não, não são — respondeu em tom de recriminação na voz. — Lady Dane é muito circunspecta e, como você provavelmente tenha notado, socialmente Pierce está muito abaixo dela. Qualquer relação entre eles é impossível.

A jovem suspirou.

— Nunca pude entender por que a classe social é tão importante, especialmente se duas pessoas realmente se querem. Parece-me ridículo.

— Simplesmente assim é como são as coisas.

A amargura nas palavras de Lucien a fez olhá-lo, mas ele não estava olhando-a. Tinha os olhos fixos à frente, enquanto a porta principal se abria ante eles como empurrada por uma mão invisível.

Quando ele a fez passar ao vestíbulo revestido de mármore, Fancy se maravilhou diante de tanta opulência. Um teto coberto de pinturas se elevava muito alto por cima de suas cabeças e obras de arte douradas se alinhavam escada acima ao longo da parede, onde um lindo tapete oriental em tons de bordô, verde e dourado estava pendurado, sustentado por reluzentes traves de latão. Fancy olhou às escondidas o interior do salão a sua esquerda, vislumbrando o flocado verde das paredes, as cortinas de *muaré* de seda e os móveis profusamente esculpidos espalhados no enorme ambiente, cujo centro estava ocupado por uma lareira de mármore esverdeado.

— Lucien! — ouviu-se uma bonita voz, que atraiu o olhar de Fancy para o topo da escada, onde estava de pé uma escultural mulher com um vestido de seda cor creme.

Clarisse Templeton era tudo o que Fancy tinha temido que fosse e o coração caiu aos pés quando viu a mulher deslizar-se elegantemente escada abaixo, com um sorriso suave e acolhedor, e olhos que expressavam a alegria em ver Lucien.

— Lady Dane. — Ele se aproximou para tomar a mão que lhe oferecia e depositar sobre ela um delicado beijo. — Luz você encantadora, como sempre.

Ela pôs sua mão sobre a do Lucien.

— Estou muito contente por voltar a ver você. Espero que tenham tido uma boa viagem.

— Muito boa.

Olharam-se nos olhos por um momento e Fancy se sentiu como uma intrusa.

Então lady Dane se voltou para ela com um brilhante sorriso.

— Você deve ser lady Francine. Meu deus, você é linda, tal como disse Lucien em sua carta.

Surpreendida de que Lucien fizesse mais que um comentário a respeito dela, Fancy se voltou para ele. Seu sorriso tinha sido substituída por um severo cenho franzido dirigido à lady Dane, que parecia estar contendo a risada.

A anfitriã enlaçou seu braço ao de Fancy, afastando-a de Lucien.

— Estou muito contente de que tenham vindo se hospedar em minha casa. Tenho muitos planos para nós e estou certa de que passaremos excelentes momentos. Faz muito tempo que não tenho uma companhia de idade mais próxima à minha. Posso chamá-la Francine?

O bom humor nos olhos de sua anfitriã dificultava Fancy encontrar nela alguma coisa que a desagradasse. Clarisse Templeton parecia tão amigável como seu tom de voz ao falar, e sem dúvida seria bom ter uma amiga que pudesse guiar Rosalyn ela para a sociedade de Londres.

— Meus amigos me chamam de Fancy — respondeu ela sorrindo por sua vez.

— Que encantador! Fique a vontade. — e dando em Lucien um leve tapinha por cima de seu ombro, disse-lhe: — Não fique aí parado, querido, se sirva de um gole no estúdio se desejar ficar. Eu levarei a minha convidada ao seu quarto.

Em um tom de desgosto que condizia com sua expressão, Lucien respondeu:

— Lady Rosalyn dever estar por chegar.

— Maravilhoso! — Enquanto se encaminhavam escada acima, Clarisse apertou levemente o braço de Fancy. — Será uma reunião de garotas, então. Temos tanto que discutir... Precisarei de alguns conselhos sobre o baile que vou oferecer em sua honra.

— Um baile? Oh, mas você não deve se incomodar.

Detendo-se na metade da escada, lady Dane olhou fixamente para Fancy.

— E por que razão não deveria fazê-lo, querida? Todos os homens estão ansiosos para conhecê-la. A temporada está chegando ao seu apogeu. Você vai fazer uma estréia espetacular.

— O que ela está dizendo — interrompeu Lucien do pé da escada, com um braço apoiado sobre o corrimão — é que já é hora de jogar você ao lago de piranhas ironicamente chamado boa sociedade.

— Pelo amor de Deus, Lucien — disse Clarisse com as mãos nos quadris enquanto o enfrentava. — Só porque você está enfastiado da sociedade não significa que tudo nela seja mau.

— Falou a rainha da sociedade.

— Não sei o que deu em você hoje, mas esse comentário não fazia falta.

Lucien sustentou seu olhar por um momento e então baixou os olhos.

— Tem razão. Me desculpe. Possivelmente o melhor seja que eu me vá. Tenho coisas a fazer em Blackthorne.

— Imagino que sim — respondeu ela, em tom aborrecido. — Sabe que ainda há muitos rumores a respeito de seu jogo de cartas contra Redding, embora o conde não tenha dito nenhuma palavra.

— Deixa que murmurem. Eu ganhei a maldita casa conforme a lei.

Girando bruscamente sobre seus calcanhares, dirigiu-se para a saída e partiu batendo a porta.

Clarisse lançou um profundo suspiro e se voltou para Fancy:

— Homens — disse, e então lhe deu o braço para continuar subindo as escadas.

— Quem é Redding? — quis saber Fancy. — E por que Lucien tem tanta aversão por ele?

— Não estou certa a respeito da razão da tensão entre o conde e Lucien. Simplesmente existe. Sempre que tento fazer Lucien falar sobre o assunto, ele guarda absoluto silêncio. Quanto à sua primeira pergunta, estou falando de Christian Slade, Conde de Redding. Uma mulher não poderia achar um exemplar masculino mais atraente nem um melhor partido.

Um brilho travesso faiscou em seus olhos ao acrescentar:

— E é por isso que encabeça a lista dos cavalheiros convidados a sua entrada na sociedade.

— Mas se Lucien não se agrada dele...

— Tanto melhor. Ele tem que levar seu castigo.

Clarisse a fez entrar em um dormitório.

— Gosta deste? — perguntou a anfitriã.

— É lindo — disse Fancy, notando o contraste entre seu espartano quarto em Moor's End e o luxuoso aposento que agora tinha diante de seus olhos.

Cortinas transparentes emolduradas por tecidos de veludo bordô caindo até ao chão, fazendo jogo com o dossel da cama, presa por quatro colunas douradas. A colcha era de seda verde jade com fios carmesim entrelaçados formando uma intrincada estampa de flores.

Na parede mais distante, uma linda lareira de pedra calcária contrastava perfeitamente com as outras cores das paredes do quarto. Havia também uma encantadora mesa e cadeiras, o lugar ideal para desfrutar de um livro ou uma tranqüila comida sem companhia.

A seu lado, lady Dane soltou um risinho.

— Você tem um frescor tão maravilhoso, Fancy. Cada um de seus pensamentos e emoções se reflete em seu rosto. — Tirou as mãos dela. — Na verdade estou muito contente de que você esteja aqui. Não será tão ruim. Confie em mim

— Eu confio. É que Lucien... — se ruborizou, — quer dizer, o senhor Kendall, espera que me case.

— E suponho que você não queira se casar.

— Quero me casar algum dia, mas neste momento há outras coisas mais importantes para mim.

— Se não for muito atrevimento de minha parte, posso lhe perguntar se você deixou a alguém na Cornualles? Há algum homem que tenha capturado seu interesse?

— Não. — A imagem de Heath passou por seu pensamento rapidamente — Ninguém.

— Pois Lucien parecia muito apressado para trazê-la. O conheço a muito tempo e nunca o tinha visto tão apaixonado por uma causa. Está totalmente decidido a ver você casada. Falou a você algum de seus motivos?

Ele tinha expressado com bastante eloquência, pensou Fancy. Queria livrar-se dela o mais rápido possível. Considerava-a uma carga que não desejava suportar nem um minuto mais que o necessário.

Abafando um suspiro, entrou no quarto para que Clarisse não notasse seus temores nem sua nostalgia pelo lar e os lugares familiares.

— Acredito que meu tutor me ache muito rebelde e pensa que o casamento servirá para me domar.

— Mas não servirá, é obvio.

Fancy passeava pelo quarto, passando distraidamente os dedos sobre os móveis.

— Minha maneira de ser parece ser frustrante para a sensibilidade do meu tutor.

— Que surpreendente — disse lady Dane, com um toque de estranheza na voz. — Não refiro a sua natureza impetuosa, mas à reação de Lucien diante dela. Muito raramente se deixa alterar por algo. Muitas mulheres sugeriram que não tem coração.

Se Fancy não tivesse visto Lucien embalando o gatinho, que salvara de cair de uma árvore ou demonstrando a angústia que sentia pela morte de George, poderia até concordar.

Entretanto, o homem em que tinha se tornado depois da revelação dela, parecia tão frio e distante com se realmente não tivesse nenhum sentimento. Se não o conhecesse tão bem, seria muito melhor resguardar o seu coração.

Fancy deu um salto quando Clarisse tocou suavemente seu ombro.

— Me perdoe. Não quis assustá-la. — Fez uma pausa e então perguntou: — Algum problema?

— Estou preocupada com muitas coisas.

— Há algo que eu possa fazer para ajudá-la? — perguntou Clarisse sentando-se no beira da cama. — Sou muito boa para ouvir.

Fancy desejava confiar nela, mas não podia envolver a marquesa em seus problemas. Não queria atrair a ira de Lucien sobre mais alguém.

— Obrigada, mas são coisas que tenho que resolver sozinha. Espero que você compreenda.

— Entendo perfeitamente. Você me lembra muito. Mas já sabe que pode falar comigo ou com Lucien sobre algo que esteja preocupando-a. Como seu tutor ele tem a responsabilidade de ajudá-la em tudo.

"E se ele for parte do problema?" Fancy quase desejava poder voltar atrás e serem simplesmente duas pessoas que estão se conhecendo.

— Meu tutor tem outros assuntos dos quais se ocupar.

E não podia evitar se perguntar se no momento um desses assuntos seria uma amante, porque parecia ter tido pressa para partir.

Sem preâmbulos, Clarisse perguntou:

— Você sente algo por Lucien, Fancy?

— Não. — disse a jovem rapidamente, mas sua negativa foi muito abrupta. — É óbvio que não.

— Suspeito que ele ache você muito tentadora. Sem querer ofender, há em você uma inocência que atrairia Lucien. Na realidade, invejo esse encantador frescor que a faz tão particular. Me lembra o que perdi.

Estaria pensando em seu marido? Fancy se perguntava. Ao que parece. Clarisse tinha se apaixonado por um jogador profissional e mau-caráter, alguém muito parecido com Lucien. Se esse fosse também o destino de Fancy, se ela sentisse o

mesmo por Lucien? Será que ela encontraria alguém para curar suas feridas da juventude?

— Imagino que você pode ser estimulante até para os homens mais enfasiados da sociedade — continuou Clarisse. — Não tenho dúvidas de que terá candidatos para escolher e que estará entrando na igreja antes que termine a temporada.

Era exatamente isso o que Fancy temia. E mesmo assim seus pensamentos voltaram a concentrar-se em Lucien. Sentou-se na cama junto de Clarisse.

— Alguma vez Lucien contou a você algo de sua vida? Simplesmente sinto curiosidade, sabe. Toda a vez que começo o assunto ele se retrai.

— Suponho que você não sabe, não é verdade?

— Que não sei o que?

Clarisse a olhou com olhos cheios de tristeza.

— Lucien perdeu toda sua família.

Fancy a olhou fixamente, enquanto sua mente retornava ao dia em que Lucien havia dito que sua família havia se ido.

— Quer dizer que estão mortos?

— Supõe-se que sim. Ninguém sabe com certeza. A maioria das pessoas não estão a par disso. Eu sei por que minha curiosidade, como a sua foi mais forte e contratei um oficial do Bow Street a polícia londrina, para averiguar o que pudesse. Me contou cada coisa... — Sacudiu a cabeça — Nenhum menino deveria viver como Lucien viveu.

— Sei que era pobre.

— Mais que pobre. Vivia em uma pequena cabana sobre o Tâmsa, na beira do mercado, onde o fedor das águas negras e do pescado podre impregnava tudo. Seu pai conduzia um carro, transportando a pesca do dia. Lucien, seus irmãos e irmãs tinham que limpar o pescado e vender de casa em casa a aqueles que tinham um pouco mais que eles. Os ricos raras vezes põem o pé nessa parte de Londres. Seu pai ficava mais tempo sem trabalhar que trabalhando. Bebia muito a batia em seus filhos com freqüência. Lucien nunca foi às escola Fancy!

— Quer dizer que nunca aprendeu a ler e escrever?

— Aprendeu com o tempo. Acredito que Tahj o ensinou. Mas era virtualmente um ignorante. É surpreendente que tenha chegado tão longe na vida. Agora é muito rico, principalmente porque tem uma habilidade inata para os negócios e muita inteligência para fazer negociações. E nunca houve um homem que soubesse ler um baralho como Lucien. Mas, o que é ainda mais importante, sabe ler as pessoas.

Fancy ainda se sentia paralisada pelo que acabava de saber. Lucien detestaria inteirar-se de que sentia compaixão por ele.

— O que aconteceu à sua família?

— Não sei — respondeu Clarisse com um suspiro. — Ao que parece todos desapareceram quando ele tinha uns dezessete anos. Não estou segura de como acabou na Índia, há algo a respeito dessa época de sua vida que também mantém em segredo. O homem leva sobre os ombros uma carga muito pesada, mas se recusa a falar delas. Estou contando isto Fancy, porque percebo que você tem bons sentimentos por ele e embora Lucien queira não querer ninguém, acredito que ele também guarda sentimentos por você. Vi o modo como a olhava quando você estava distraída. Você abriu algo dentro dele que estava fechado há muito tempo atrás e acredito que você possa ser exatamente o que ele necessita. Eu desejei uma vez ser essa pessoa, muito embora Lucien proteste dizendo que não é um cavalheiro, sim sei que é.

Fancy olhou de esquelha sua anfitriã.

— Você e ele...?

— Não — Clarisse sacudiu a cabeça. — Não foi por falta de intenção de minha parte. Embora ele sempre tenha sido um bom amigo. Me apoiou quando Charles morreu.

— Lamentei muito saber que perdeu você seu marido.

— Agradeço, mas eu não era mais que um quadro para Charles. Meu marido preferia os homens, sabe.

Fancy tentou ocultar seu olhar atônito.

— Não precisa ser cortês. Quando me casei com Charles, eu sabia que ele não me amava, mas minha confiança sofreu ainda mais quando não mostrou interesse algum em me tocar. Quando me inteirei de suas preferências, me senti muito mal.

— Mas isso não tinha nada a ver com você.

— Sei, mas freqüentemente a verdade não é um bálsamo. Não me orgulho do meu comportamento depois que me inteirei do segredo de Charles. Foi durante esses dias de descontrole que conheci Lucien. Devo-lhe muito. — Levantou o queixo. — Mas já chega disso. Temos um baile para preparar. E prometo, minha querida, que sua estréia será o assunto de que se falará durante toda a temporada.

Capítulo XIV

Lucien teve que usar toda a sua força de vontade para não se aproximar de Fancy durante toda a semana anterior ao baile.

Provavelmente era por isso que todas as noites ficou acordado até tarde, com a mente atormentada por imagens de Fancy em companhia de outro homem.

Que Deus o ajudasse, sentia falta dela. Ela tinha tanta paixão, tanta alegria de viver. Muitas vezes ao longo da última semana se lembrou do rosto animado da jovem quando brincava com os gatinhos ou quando andava acompanhada de Sadie, que brincava de correr a seu lado.

Ou pensava na resposta dela ao seu toque.

Enquanto a olhava descer a escada usando vestido de seda amarelo pálido, com um corpete mais recatado que a maioria, mas que acentuava a generosidade de seus seios e a esbelta curva de sua cintura, e que podia fazer um homem desejar rodeá-la com suas mãos e atraí-la para si, quase esqueceu suas boas intenções. Queria escondê-la, jogá-la no ombro e levá-la de volta para a Cornualles e à isolada enseada onde tinham colhido ostras. Queria que ela fosse outra pessoa. Uma Fancy sem título e pompa, sem o irmão que tinha morrido por causa de Lucien.

— Por que o gesto sombrio, meu amigo?

Voltando as costas ao objeto de sua obsessão, Lucien se encontrou com seu amigo e companheiro de *Os Buscadores de Prazer* Derek Hardwicke, de pé junto dele, cortês e impecável como sempre.

Olhando-o, ninguém adivinharia que debaixo dessas roupas de corte perfeito se escondia um homem perigosos, lorde inglês e fazendeiro das *Highlands* escocesas, mandatário com punho de ferro. "Pagão" era o apelido que tinham posto em Derek, apelido esse que lhe caía muito bem.

— Jesus, mas parece menos feio que de costume.

Lucien estendeu a mão a seu amigo, que, rindo, deu-lhe uma palmada nas costas que teria partido a coluna de um homem mais fraco. O que a Derek faltava em altura, com apenas um metro oitenta e cinco, compensava-o com sua força física. Era uma besta musculosa.

Ele e Derek se conheciam da época em que Lucien tinha escapado da Índia, antes que tivesse retornado para liberar uma batalha que nada tinha a ver com os desejos da Inglaterra de esmagar o governo indiano sob seus pés. Derek sabia o que era a rivalidade entre dois países. Sua mãe tinha sido a herdeira de uma grande propriedade inglesa e seu pai o fazendeiro de um dos clãs mais ferozes dos Highlands.

— Se fosse você, não diria nada, amigo — replicou Derek de bom humor,

inclinando a cabeça para uma ruiva miudinha e bem formada, que pestanejava para ele em descarado convite. — Sua cara está como se a tivessem esmurrado muitas vezes. Possivelmente um dia destes alguém arrebente seu para que fique normal de novo. Se não já tivesse outros compromissos para esta noite, veria-me tentado a fazer isso.

— Ponha-se no seu lugar.

— Vejo que segue cativando às massas — disse Derek arrastando as palavras, dirigindo a atenção de Lucien para os olhares voltados em direção a ele, a maioria de homens que tinha despojado de dinheiro em algum momento. — Nunca teve tato.

— Não necessita de tato quando se ganha nas cartas como eu.

Mas o olhar de Derek, como o de todos os outros, desviou-se para a pessoa de amarelo claro que tinha chegado à recepção, onde seus convidados esperavam ansiosamente para serem apresentados.

Um brilho de maldade bailava nos olhos de seu amigo quando olhou de novo para Lucien.

— Sua pupila, suponho.

Lucien não gostava da expressão nos olhos de seu amigo.

— Em pessoa — balbuciou ele.

— E que pessoa adorável. É possível que seja tão inocente como parece?

Lucien recordava com exatidão Fancy era inocente.

— Sim, e espero que permaneça assim.

Derek inclinou uma de suas negras sobrancelhas.

— Parece terrivelmente possessivo, moço.

Maldição, o que tinha dado nele? Seu objetivo era achar um marido para Fancy e Derek era um bom partido. Entretanto, a idéia de Fancy e a seu amigo juntos deixava Lucien exasperado.

— Nada disso — respondeu ele, tomando um gole de sua bebida. — Mas prometi a seu irmão que cuidaria dela.

Derek ficou sério.

— Ainda não se perdoou por isso, não é?

O peito de Lucien se esticou.

— Eu era seu comandante.

— Antes de qualquer coisa, você é humano.

Parecia ter perdido sua humanidade há muito tempo. Havia dias em que esquecia disso, mas quando observava Fancy sorrir a uma pessoa após a outra, sua autêntica ternura, sua risada contagiosa, desejava poder achar o caminho de volta

para o homem que poderia ter sido.

— Então, você vai me apresentar — perguntou Derek — ou vamos nos limitar a ficar contemplando-a pelo resto da noite?

— Tenta não babar sobre ela, se for possível — disse Lucien enquanto começava a cruzar o salão.

Derek riu.

— Nem me ocorreria, a menos que eu quisesse vê-lo muito irritado. O que é tentador, é obvio, mas meus dias de força estão chegando a seu fim.

— Se tivesse a sorte para me dar um golpe — contra-atacou Lucien.

Derek deu um tapinha no seu ombro.

— A sorte não tem nada a ver com isto, moço.

* * *

Pela extremidade do olho, Fancy vislumbrou Lucien que se aproximava acompanhado de outro homem. Tinha estado perguntando-se se ele viria à sua festa, já que não se interessou por ela em toda a semana.

Embora Clarisse tenha honrado sua promessa de manter Fancy e Rosalyn entretidas com provas de vestidos e chás, ela não tinha podido afastar por completo seus pensamentos de Lucien. Parecia que sua família tinha desaparecido sem deixar rastro. Ao menos ela sabia qual tinha sido o destino de sua própria família. Como seria seguir pela vida cheio de perguntas sem resposta?

Sentiu um toque no ombro e se virou para ver Rosalyn de pé a seu lado, com um suave sorriso no rosto. Seu amiga não tinha querido descer a escada com ela, argumentando que essa noite era Fancy quem devia brilhar, embora a festa fosse para ambas.

Fancy desejava poder convencer Rosalyn de que ela não era uma carga, mas a cada dia que passava sua amiga parecia esconder-se cada vez mais.

— Você está irresistível — murmurou Rosalyn, com olhos iluminados pela sinceridade, enquanto contemplava o vestido de Fancy, que a princípio se negara a comprá-lo por considerá-lo muito caro e com um decote muito atrevido. Mas Clarisse tinha insistido, deleitando-se em gastar o dinheiro do Lucien.

— O safado merece — repetia durante os intermináveis passeios de compras, com um brilho travesso nos olhos enquanto percorria as lojas em busca de mais adornos para o guarda-roupa de Fancy, que ia em franco crescimento.

— Você está irresistível — disse Fancy à sua amiga. — Essa cor cai maravilhosamente em você. — O vestido era de cetim cor pêssego com babados de renda combinando com debruns em torno do pescoço e as mangas que penduravam de

maneira suave. Rosalyn usava sua dourada cabeleira presa, com suaves cachos emoldurando seu rosto, estilo que acentuava a graça de seu pescoço de cisne.

— Quem é o aquele que está com o senhor Kendall? —interrogou Rosalyn, atraindo novamente a atenção de Fancy para os dois homens que com passos largos e decididos se encaminhavam para elas. Ambos eram mais altos que a maioria dos cavalheiros presentes e irresistivelmente bonitos, e atraíam os olhares de todas as convidadas.

Ao ver Lucien, Fancy nunca teria acreditado que não era um aristocrata de berço. Seu porte mostrava uma confiada arrogância, e as pessoas se afastavam quando ele passava quase com deferência. Além disso era difícil não notar sua presença, vestido de negro com roupa de gala que se ajustava com perfeição à sua musculatura.

— Milady?

Só quando Clarisse lhe deu uma cotovelada seguido por um leve inclinar de cabeça, foi que ela ouviu a voz profunda e desviou a atenção de Fancy para o homem que estava de pé diante dela.

— Perdoe-me — disse ela levantando os olhos para um par de impactantes olhos ambarinos.

O homem lhe sorria com suavidade.

— Não precisa se desculpar. Imagino que tudo isto seja um tanto assustador.

— Sim — confessou ela devolvendo o sorriso. — Realmente me sinto um pouco como peixe fora da água.

— Olhando-a ninguém notaria. — Tomando a sua mão na dele adicionou: — E se não se incomodar que o diga, a olhei bastante esta noite.

Fancy se ruborizou.

— Ah, que refrescante ver tanta honestidade...

— Meu Deus, que negligência a minha — interveio Clarisse, impactante em um vestido rosa escuro que deixava seus ombros a mostra — Lady Francine Fitz Hugh, me permita lhe apresentar sua excelência, Christian Slade, Conde de Redding, e a sua encantadora irmã, Lady Diana.

Fancy não tinha notado a jovem de pé um pouco atrás do conde, uma morena miúda que tinha algo de etéreo. O coração bateu forte ao perceber com quem estava falando. Seu olhar foi direto para Lucien, cuja expressão era de uma irritação feroz.

O conde tinha seguido seu olhar e uma expressão de desgosto transformou seu rosto.

— Ao que parece seu tutor desaprova a sua companhia.

Lucien não dissimulava sua irritação e Fancy temeu que brigassem. Olhando

para o conde, apressou-se a perguntar:

— Não seria melhor que continuássemos esta conversa em outro momento, milord?

— Aprecio sua preocupação por meu bem-estar, milady, mas nunca me retiro de um confronto, que este exaltado claramente tem vontades de ter. Espero que não pense mal de mim.

— Não pensarei, mas não desejo que acabe numa briga.

— Prometo não atacar seu tutor. A última coisa que quero é arruinar sua festa, você não me perdoaria isso nunca. — Levando os lábios à mão dela, deu um ligeiro beijo no dorso. — Detestaria perder a oportunidade de conhecê-la melhor.

— Tire as mãos de cima dela, Redding — se ouviu o grunhido de advertência de Lucien.

Endireitando-se lentamente, o conde saudou com indiferença o tutor da jovem.

— Então, Kendall, que surpresa desagradável. Pensei que você detestasse festas.

Os olhos de Lucien cintilaram perigosamente.

— Não quando é uma festa oferecida para minha pupila, maldito bode.

— Lucien! — repreendeu-o Clarisse. — O conde é meu convidado. Não permitirei que o insulte.

O olhar de fogo de Lucien se centrou em Lady Dane.

— Sabia que eu não o queria aqui e mesmo assim o convidou.

— Esta festa é para Fancy, não para você.

— Ganhou Blackthorne Manor, Kendall — interveio o conde. — Deveria estar alardeando, entretanto aqui está, bufando como um touro zangado. Você não tem nada melhor para fazer?

— Pense duas vezes antes de usar comigo esse tom condescendente, Redding. Não tenho nenhum problema em amassar sua cabeça contra o chão.

Só a mandíbula apertada do conde revelava sua irritação.

— Prometi a Lady Francine que não converteria seu baile em um espetáculo de luta. Mas se quiser que resolvamos a questão lá fora, vai me agradar muito.

— Bem... — Lucien deu um passo, mas o grandalhão que estava com ele segurou o seu braço.

— Pensa, homem. — disse secamente. — Não é hora nem lugar para isso.

Fancy pedia que Lucien escutasse seu amigo. Seus olhos estavam crispados e eram selvagem os olhos que cravou em seu amigo, que nem pestanejou.

Transcorreram uns momentos tensos e então Lucien libertou seu braço com um puxão. Ao fazê-lo, as costas de sua mão bateu no queixo de Fancy, que com o golpe caiu para trás, sem todavia chegar ao chão ao ser resgatada pelos braços do conde.

— Meu Deus, Lucien! — exclamou Lady Dane, correndo para Fancy. — O que deu em você?

Apertando o lábio, onde uma gota de sangue manchou os dedos, Fancy ergueu os olhos a tempo de ver o olhar aflito de Lucien. Embora o golpe não tenha sido intencional, a culpa estava refletida em seus olhos.

Deu as costas para Fancy que instintivamente estendeu a mão para ele, mas ele girou sobre seus pés e abriu caminho aos empurrões entre os convidados e desapareceu por uma porta lateral.

— Não se preocupe — disse seu amigo, palavras que a mente de Fancy apenas registrou. — Ele ficará bem. A propósito, sou Derek Hardwicke.

— O Marquês de Manchester — se apressou a completar Clarisse.

Derek parecia um pouco incomodado com o título.

— Desejaria que tivéssemos nos conhecido em melhores circunstâncias — disse com franqueza.

Fancy demorou um momento para perceber que falava com ela.

— Sim — disse distraidamente, voltando a olhar para a porta por onde tinha desaparecido Lucien.

— E você é... — Olhou inquisitivamente para Rosalyn.

Fazendo uma reverência, sua amiga respondeu:

— Lady Rosalyn Carmichael, milord

Segurou sua mão.

— É um prazer — murmurou roçando a pele com seus lábios, contato que se prolongou por mais tempo do que permitia o decoro. — Quero voltar a vê-la. Agora, entretanto, devo ir em busca do teimoso do meu amigo.

— Por favor, diga a Lucien que estou bem — pediu Fancy.

— Eu direi. — disse ele gentilmente com um sorriso tranquilizador.

Então inclinou a cabeça.

— Redding — disse com voz inexpressiva. — Senhoras. — Seu olhar ficou audaciosamente em Rosalyn antes de virar as costas e seguir o mesmo caminho que momentos antes tinha tomado Lucien.

* * *

Dando grandes passadas às cegas, Lucien pôs-se a andar pelas ruas escuras e desertas de Londres, enquanto em sua mente revivia a cena do salão de baile e via o sangue que seu gesto tinha feito brotar do lábio de Fancy. Nunca tinha machucado uma mulher. A irritação tinha eclipsado seus sentidos. E nesse breve flash, tinha reconhecido nele mesmo um homem como seu pai e tinha sentido ódio e repugnância.

Também medo.

Medo da ira incontrolável. Dos ciúmes que fervia em seu sangue. Seu pai tivera só um método para livrar-se de seu ciúmes.

E era golpear sua esposa.

Lucien fechou os olhos apertando-os com força. Jesus, ele não podia se deixar dominar por suas emoções. Dizia a si mesmo que tinha sido a presença de Redding o que o tinha feito explodir, não o fato de que o desgraçado tivesse tocado em sua Fancy.

Engasgou-se com uma risada amarga. Sua Fancy? Ela não era dele e jamais o seria. E se fosse honesto veria que Clarisse fazia exatamente o que tinha pedido. Christian Slade era considerado um bom partido. Rico, bonito, privilegiado. Nada do que Lucien seria um dia.

Ouviu o estalo continuado de cascos e rodas que se aproximavam, retumbando em direção a ele. O chofer titubeou em ir mais devagar ao ver Lucien, cujo aspecto na escuridão era ameaçador, sem casaco nem gravata e com a juba alvoroçada, mas este lhe facilitou a decisão ficando diante do veículo.

Os cavalos frearam ruidosamente a somente um metro de Lucien, enquanto o condutor o olhava atentamente e com receio debaixo de sua boina imunda.

— Pra onde, senhor?

— *Limehouse* — grunhiu Lucien entrando na carruagem. — Há cinco libras extras se me levar rápido à *Gruta*.

Com semelhante incentivo, o chofer saiu dando inclinações bruscas e Lucien deixou cair a cabeça contra as almofadas, tentando apagar a imagem de Fancy. Seguiu para a região dos fumadores de ópio.

Muito depois do baile terminado, Fancy ainda permanecia acordada e inquieta, olhando pela janela para a rua onde a tênue luz dos faróis criava estranhos desenhos sobre o chão. Um gato de ruas perambulava pela passagem diante da casa,

colocando o nariz entre as gretas em busca de algum roedor despreparado.

Fancy se afastou, rodeando aos braços em torno de si. Onde Lucien estaria agora? Será que Lorde Manchester o teria encontrado. Se assim fosse, teria dito que não o culpava pelo que tinha acontecido?

Fechou os olhos e suspirou. O resto da noite tinha transcorrido como uma lembrança imprecisa de rostos e intermináveis perguntas, a maioria das quais Fancy respondia de cor. Durante esse tempo, Christian Slade ficou perto dela. Não sabia como, mas ele tinha arquitetado para arrancar dela a promessa de que na manhã seguinte dariam juntos um passeio a cavalo pelo parque. Decidiu que a primeira hora da manhã enviaria uma nota para declinar cordialmente o convite. Não podia ferir assim Lucien.

Os olhos de Fancy se abriram lentamente quando o som de seu nome pareceu surgir do nada, sussurrado persistentemente através dos finos cabelos de sua nuca.

Seu coração pulsava rapidamente enquanto dava meia volta com lentidão, esquadrinhando cada canto, cada lugar na penumbra. "Não há ninguém aqui", repreendeu-se.

Então alguém repetiu seu nome, em voz mais alta, de um modo mais insistente, e então se deu conta de que a voz vinha de fora.

Olhou para a noite apazível, deslizando o olhar pelo pátio de baixo, onde uma silhueta emergiu de trás de uma árvore e ficou de pé iluminada pela luz da lua.

— Lucien — sussurrou a jovem, olhando-o avidamente

Foi então que viu a camisa feita farrapos, com um lado do pescoço manchado por algo que parecia sangue.

Fancy girou sobre seus pés e correu para a porta de seu quarto, com a camisola flutuando atrás dela enquanto corria à pelo corredor fracamente iluminado que dava para a escada de serviço que conduzia ao pátio.

Saiu como uma flexa pela porta, com o ar rasgando os pulmões e as faces ardendo por causa do ar gelado. Então se deteve abruptamente. Embora Lucien estivesse de pé a uns seis metros dela, não podia se mover nem um centímetro mais.

Antes que ela pudesse falar, ele disse:

— Tinha que vê-la.

— O que aconteceu?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não sei.

Fancy finalmente achou forças para caminhar até ele, sem perceber que a luz de lua fazia sua camisola quase transparente, delineando seu corpo e a sombra de

seus mamilos, assim como também o escuro delta entre suas coxas.

Parou na frente de Lucien e levantou a mão para alisar o cabelo e sentir a ferida, mas ele deu um salto para trás, gritando algo em outro idioma e olhando-a fixamente como se não a conhecesse.

— Me deixe ajudá-lo — murmurou ela, pensando que a confusão dele estava relacionada com a ferida que tinha na cabeça.

Estendeu a mão para fazer com que ele virasse o rosto para que pudesse examinar o corte que tinha na têmpora, mas Lucien segurou seu pulso, quase provocando dor.

— Vá para casa, Sanji.

Fancy ficou paralisada. Então se deu conta de que era como se Lucien não estivesse ali, e quando olhou seus olhos vislumbrou uma expressão glacial, carente de reconhecimento ou sentimentos.

— Lucien, sou eu, Fancy.

— Falei a você que não viesse. Não compreende os riscos? Se sua família soubesse do que esteve fazendo...

Fancy entendeu então que ele estava revivendo um fato do passado, e embora não quisesse enganá-lo, algo lhe dizia que era imperativo seguir escutando o que diria a seguir.

— Eles não saberão.

Resmungando um palavrão, soltou a jovem.

— Eles me vigiam o tempo todo. Você não pode me libertar. Não pode me ajudar. Assim, pelo amor de Deus, apenas parta. — Afastou-se dela e apoiou seu antebraço contra a árvore, com a cabeça encurvada.

Respirando fundo, Fancy o rodeou e ficou de pé onde ele pudesse vê-la, esperando até que elevou o olhar para ela.

— O que fiz de tão terrível para que deseje que eu parta?

A mandíbula dele ficou rígida.

— Me amou — disse ele em tom acusador. — Não compreende que eu não posso corresponder ao seu amor? Não posso amar nenhuma mulher.

A revelação pareceu rasgá-lo, assim como rasgou Fancy. Sanji era uma mulher, uma mulher que tinha amado Lucien.

— Por que você não pode me amar?

— Porque ambos morreremos se o fizer. E não vale a pena morrer por mim.

— E se eu achar que vale?

Ele estendeu as mãos em um movimento tão veloz que Fancy nem percebeu

quando ele a deixou contra a árvore.

— Me mantiveram nestes barracos por quatro anos —grunhiu ele. — Me matarão antes de me deixarem ir. Não tenho nada. — Fechou os olhos, com o rosto desfigurado pela dor. — Não quero mais sangue em minhas mãos.

— Lucien — pediu Fancy, com o medo palpitando em seu interior. — Por favor, quero ajudá-lo.

Ele a olhou, finalmente vendo-a com clareza através do brilho úmido das lágrimas. Tomou entre suas mãos o rosto da jovem.

— Não deixe que eu magoe você, Fancy. Não quero fazê-lo.

Ela apoiou a sua mão sobre a mão dele e inclinou a face contra a mão quente dele.

— Você não vai me fazer mal. Não acredito que pudesse fazer.

— Poderia. Aliás tenho feito.

— Não.

— Eles a desfiguraram — disse. — Fizeram cortes em seu rosto.

— Meu Deus. — Fancy estava começando a entender o quão profundas eram suas cicatrizes. Tinha sido escravo na Índia. Uma jovem mulher se apaixonou por ele, e ele pagou caro. — Quem fez mal a ela?

— Seu pai e irmãos.

— Por quê?

— Porque os tinha desonrado.

— Por amar você?

— Por me tocar, por ser vista comigo. Só respirando, eu tinha profanado seu valor como mulher. — Fez uma pausa e acrescentou em um tom apenas audível: — E quando fiz amor com ela, provoquei sua morte. Não fui o suficientemente forte para afastá-la de mim. Jamais fui suficientemente forte quando era realmente importante que fosse.

O horror do que ele tinha sido forçado a suportar, brotou no interior de Fancy.

— Comigo foi — murmurou ela, consertando a gola da camisa com suavidade e vendo um grande hematoma em seu ombro. Tinham lhe dado uma surra e não podia se lembrar onde. Algo estava terrivelmente errado, mas não conseguia perceber o que era.

— Tenho medo de você — disse ele em tom áspero. — Medo do que pode me fazer.

— Não farei nada a você — prometeu ela, o olhando nos olhos. — Nunca foi

minha intenção ferí-lo com minha mentira.

— Se tudo o que tivesse feito em minha vida fosse apenas a mentira... — Sacudiu a cabeça. Então, sem dizer mais nada, deu meia volta, afastando-se.

— Não vá — chamou Fancy, mas obteve como resposta o som da porta de metal ao fechar-se.

Capítulo XV

Duas semanas se passaram sem notícias de Lucien.

Fancy pensou que ele tivesse entendido que podia contar com ela, sem importar o que fosse. Mas deveria ter se lembrado que ele tinha levantado grandes barreiras e não permitiria que ninguém passasse por elas.

Ela não tinha conseguido ainda se recuperar do horror que tinham causado as tragédias que ele tinha contado. A brutalidade da vida que ele tinha levado era algo que ela não conseguia compreender. Queria vê-lo, falar com ele, mas as cartas que mandara para *Charring House* tinham sido devolvidas.

Uns dias atrás o tinha visto em uma elegante reunião na casa de Lady Chatterley. Ele estava com Lorde Manchester, que tinha flertado descaradamente com Rosalyn, chegando inclusive a lhe roubar um beijo. Isto tinha deixado aturdida a geralmente serena Rosalyn, mais ainda quando Ethan, o sem-caráter do irmão do Derek, tão bonito como este, tinha aparecido e começado a competir pela atenção da jovem. Isso tinha confrontado os irmãos, situação que parecia ter acontecido boa parte de suas vidas.

Mesmo se esforçando para escutar com atenção a sua confundida amiga, tinha ficado olhando para Lucien, e ao ver que ele não lhe aproximava tinha decidido ir até ele. Mas no exato momento em que tinha começado a atravessar o salão, uma mulher se aproximou dele sorrindo de um modo, que a fez parar de repente.

A mulher em questão era Diana Slade.

Fancy tinha ouvido rumores a respeito de que ele tinha começado a cortejar Lady Diana, mas não tinha prestado atenção, sabendo quanto Lucien detestava o irmão da dama. Mas embora conhecesse Diana há pouco tempo, Fancy podia ver que ela era o tipo que atrairia um homem como Lucien.

A mulher exsudava uma coquete feminilidade, cada um de seus graciosos movimentos parecia parte de uma coreografia, suas palavras eram suaves e reflexivas.

Uma mulher como Diana nunca andaria dando saltos por aí, vestida com calças, nem atiraria em ninguém.

Fancy soltou um suspiro e se virou para ver sua imagem no espelho. Desde dia seguinte ao baile tinham chovido convites pra elas e Clarisse parecia inclinada a aceitar a cada uma deles. Fancy não se queixou. Faria o que fosse preciso para deixar de pensar em Lucien.

Soou uma batida na porta.

— Adiante — disse, dando meia volta para ver entrar no quarto Rosalyn, cujas escuras manchas debaixo dos olhos eram as únicas coisas que denunciavam que não tinha passado uma noite perfeita.

— Pronta para ir ? — perguntou.

— Tão preparada como deveria estar — respondeu Fancy, alisando a saia de brocado e seda que Clarisse afirmava que seria a inveja de todas as mulheres em trajes de gala de Fordham.

Rosalyn parou diante de Fancy.

— Está tudo bem?

— Sim — se apressou a responder Fancy. Não queria encher sua amiga de problemas, que ainda estava preocupada com Calder, aparentemente com razão.

Rosalyn estava certo de tê-lo visto uma noite, uma semana atrás. E nesse dia, algo suspeito tinha acontecido depois de retornar da casa de Lady Chatterley. A janela do quarto de Rosalyn tinha aparecido quebrada, mas o incidente foi considerado um acidente causado pelos ramos de uma árvore da casa vizinha e uma forte rajada de vento. Fancy não estava convencida disto, e Rosalyn estava aterrorizada.

Desde aquela noite Rosalyn se mudou para outro quarto e tudo se acalmara, mas Fancy não se sentiria tranqüila enquanto não encontrasse Calder. Segundo as cartas que tinham recebido do mordomo dos Westcott, que tinha muito carinho por Rosalyn, ninguém tinha visto Calder ou tido notícias dele desde aquela noite, fazia várias semanas, em que escapuliu na metade da noite.

— O Lorde Manchester virá à reunião desta noite? —inquiriu Fancy, enquanto ambas caminhavam pelo corredor.

— Não sei, nem me importa saber.

Fancy se virou para olhá-la ao perceber a dureza de sua voz.

— Isso não soa promissor. Tentou algo indecoroso?

— O homem vive para fazer coisas indecorosas.

— Está te incomodando? Posso falar sobre isso com Lucien. — Se conseguisse segurá-lo por alguns minutos a seu lado, falaria.

Rosalyn fez uma careta de desgosto.

— Não, não está me incomodando, mas realmente faz as coisas mais descaradas. Eu deveria estar horrorizada, ou pelo menos me mostrar distante. Mas ele é tão...

— Persuasivo? — sugeriu Fancy.

— Exato!

Fancy sabia disso. Ela também parecia ser incapaz de comportar-se prudentemente quando Lucien estava perto. Não importava o quanto a consciência a acusasse.

— Suspeito que o problema tem algo que ver com seu irmão Ethan — disse Fancy.

Rosalyn assentiu com a cabeça.

— O idiota se atreve a pensar que estou tentando atrair a atenção de seu irmão! Chamou-me de coquete. Pode acreditar nisso? Eu! Quando ele sorri para qualquer mulher que passa diante de seus olhos. — Deixou cair os ombros, curvada. — Não sei por que me atrai tanto. Só está se divertindo comigo. Sequer vai ficar muito mais tempo por aqui. Simplesmente deve arrumar alguns assuntos relacionados com o patrimônio de sua mãe e depois retornará à Escócia. É um autêntico chefe dos *Highlands*, sabia? Usa *kilt* e escutei Lady Treadwell dizer —baixou a voz— que os homens escoceses não usam roupa debaixo dessas saias. Não acredito que seja verdade. Quer dizer, imagine o que aconteceria se levantasse um vento. — Franziu a testa e por um momento pareceu perder o fio de seus pensamentos. — Bem imagino que nada disso importa. Partirá e esse será o final da história.

Quando chegaram ao vestíbulo, Clarisse se virou e dirigiu um sorriso a ambas.

— Ambam brilham de maneira maravilhosa! Os homens enlouquecerão esta noite. — Parou no meio das duas, rodeou-as com seus braços para conduzi-las até a porta principal. — Tenho uma surpresa para vocês.

O mordomo abriu a porta e de pé ali fora estavam Lucien e Derek, vestidos de negro, em trajes de gala.

* * *

A viagem de carruagem até a casa dos Foldham em *Grosvenor Square* foi uma tortura. Com a presença dos homens, o interior do carro pareceu encolher-se até ter o tamanho de uma tabaqueira. Derek se sentou junto a Rosalyn, Lucien ao lado de Fancy. Embora não tendo falado mais que duas palavras, viu-se obrigada a sentir a proximidade de seu corpo, sua perna roçando sua coxa, a fricção constante de seu

ombro. Suas mãos grandes descansavam sobre suas coxas, e parecia inexplicavelmente interessado em suas unhas curtas.

A tensão do ambiente era tão densa como a névoa de Cornualles. Fancy deixou escapar um suspiro de alívio quando a carruagem parou diante da casa dos Fordham, afastada da rua e ocupando virtualmente todo quarteirão. Todas as janelas resplandeciam iluminadas e Fancy podia ver a multidão que havia dentro. Não lhe entusiasmava a perspectiva de outra noite tendo que sorrir.

Sobressaltou-se ao sentir uma mão no cotovelo. Virou-se e viu o Lucien contemplando-a com expressão inescrutável.

— Pronta para entrar?

Não estava, mas assentiu e permitiu ajudá-la a desembarcar do carro. De braço com Derek, Rosalyn se adiantou e agora estava de pé na entrada, enquanto o laçao a ajudava a tirar o casaco. Assim Fancy se encontrava a sós com Lucien em um incômodo silêncio. Pegou sua mão e a colocou na curva de seu braço, sua manga suave contra a pontas dos dedos dela, a carne debaixo tão firme como ela se lembrava.

Antes de chegar à porta, ele parou voltando-se para ela.

— Lamento muito — disse.

— O que você lamenta?

Fancy notou o rosto magro, anguloso, seu olhar resignado, um brilho doentio nos olhos. Algo acontecia a Lucien e ela não podia fazer nada se ele não lhe contasse o que era.

— É uma desculpa por tudo. Tenho feito muitas coisas que não devia, começando beijando por beijá-la.

— E lamenta ter me beijado?

— Não deveria lamentar?

— Lamenta?

Ele a olhou enquanto uma ligeira brisa brincava com a cabeleira da jovem, o perfume de cera de abelha flutuava através da porta aberta junto à qual o mordomo aguardava a entrada de ambos.

— Não — admitiu finalmente. — Não lamento. Mas não pode voltar a acontecer. O que for que há entre nós é um engano.

— Por quê?

— Há muitas razões. Nunca foi minha intenção que isto acontecesse. Espero que saiba.

Apertou seu braço.

— Por favor, Lucien, fala comigo. Me diga o que está acontecendo com você.

Mas o rosto dele adotou de novo uma expressão áspera, fazendo Fancy perceber que já era muito tarde. Ele a acompanhou a subir os degraus e entraram juntos no vestíbulo brilhantemente iluminado, onde as taças de cristal cheias de champanha resplandeciam como pequenas tochas sobre a miríade de bandejas que sulcavam o salão.

Enquanto estavam de pé no topo das escadas que levavam ao salão de baile, por um fugaz instante Fancy se permitiu imaginar como seria a vida com Lucien.

Permitiu-se acreditar que ele a amava.

O sonho se desvaneceu quando ele beijou gentilmente sua mão e se afastou. O olhar da jovem seguiu a silhueta que partia até que esta desapareceu no salão de jogos.

— Milady.

Christian Slade estava de pé dois degraus por abaixo dela, resplandecente em uma roupa azul marinho e cinza claro, com uma rosa na mão que estendeu em direção a Fancy.

— Obrigada — murmurou ela, baixando os olhos para a rosa enquanto a dor crescia em seu coração.

— Me honraria em me conceder a primeira dança?

Estendeu a mão e Fancy vacilou antes de tomá-la.

O salão de baile era um resplandecente diamante, e o lustre refletia uma centena de pequenos pontos de luz, a larga janela, totalmente aberta, fazia que com que o quente resplendor se derramasse sobre o balcão mais à frente.

Christian a fez girar em uma valsa, envoltos pelo suave brilho das luzes como uma vaporosa gaze. No conde confluíam todas as virtudes que uma mulher poderia desejar em um potencial companheiro. Era sincero, inteligente, encantador e incrivelmente bonito. Mas não era Lucien. Nunca precisaria dela como Lucien. E nesse momento Fancy compreendeu o quanto se importava com seu tutor, até o ponto dela acreditar que poderia ajudá-lo a deixar pra trás seu sofrimento, não importado qual era a causa deste.

Levou vários segundos para se dar conta de que a valsa tinha terminado.

Christian lhe perguntou:

— Gosta de beber algo?

Ela assentiu e se deixou conduzir até a mesa onde havia uma grande tigela cheia de ponche de champanha com rodela de laranja flutuando em cima.

Entregou-lhe o copo.

— Está se sentindo bem?

— Sem dúvida — respondeu Fancy, bebendo um gole.

No outro lado do salão viu de soslaio Rosalyn trocando umas palavras com Lorde Manchester, então se afastou dele indo ao encontro do irmão do marquês que a conduziu majestosamente até a pista de dança, uma trapaça que, e a julgar pelo olhar furioso no rosto de Derek Hardwicke, estava pronto pra trocar murros com seu irmão.

— Prefere que eu vá? — disse o conde, atraindo de repente a atenção do Fancy.

— O que? Oh, não. — Apoiou uma mão sobre seu braço. — Sinto muito. Ultimamente tenho tido muitas preocupações.

— Notei. Sua preocupação tem algo a ver com Kendall?

O primeiro impulso da jovem foi negar, mas o modo como o conde a olhava, a impediu.

— Provavelmente tenha algo a ver — confessou.

— É por minha culpa? Sei o quanto o desagrado. — Um meio sorriso irônico elevou um dos cantos de seus lábios. — Creio que "desagrado" é uma palavra muito suave neste caso. Esteve empenhado em me incomodar desde que voltou para Londres há um ano.

— Pode me dizer por quê? — Ao vê-lo mudar de posição, incomodado, acrescentou. — Por favor. Preciso saber.

Depois de titubear um momento, ele disse:

— Vamos a um lugar mais privado.

Fancy assentiu e o seguiu para fora do salão de baile.

De pé na penumbra, Lucien observava o casal que cruzava o salão, com as cabeças inclinadas e juntas. Formavam um casal perfeito. Sua pupila e Christian Slade. Uma reação violenta começou crescer em seu interior, sentia-se como um forno a ponto de explodir.

Obrigou sua mente a concentrar-se de novo. Tinha oportunidade de sobra para exercer seu encanto com a irmã de Slade. A jovem em questão estava perto das escadas com duas matronas e vários admiradores. Um desafio perfeito.

Sentia seus olhos sobre ele, sabia que deveria convidá-la para dançar, então contaria a ela mais historia sobre sua vida na infantaria, subtraindo os horrores da guerra para satisfazer a necessidade dela de vê-lo como um herói.

Uma vez tinha imaginado a si mesmo como um herói que salvava a sua família da pobreza e do abuso. Mas, quando chegou o momento, tinha jogado a carta errada e perdido a mão.

Esse era um padrão que se repetiu ao longo de toda sua vida; sempre estava perdendo aquilo que era mais importante para ele.

Nunca tirava o ás quando mais necessitava. Agora ia perder a única pessoa

que significava algo para ele.

A menor probabilidade de Slade ganhando a mão de Fancy o enchia de ira. Se incomodaria que qualquer homem dirigisse sua atenção para ela, mas Slade era seu inimigo. Um inimigo que ele tinha jurado esmagar.

Entretanto, o que tinha feito até agora tinha significado apenas um pequeno amassado na armadura daquele desgraçado. Até agora. O tipinho tinha mantido sua irmã cuidadosamente escondida em um internato para senhoritas na Suíça, mas não podia mantê-la ali para sempre. Tinha completado a maior idade.

Lucien tinha encontrado a arma que necessitava.

Mas nada disso importava enquanto seu olhar insistia em voltar para Fancy e Slade. Seu autocontrole estava por um fio, queria partir a cara desse filho de uma cadela.

— Quem está vivo sempre aparece! — gritou de repente uma voz em tom jovial. — Se não é o “Renegado” em pessoa.

Franzindo o cenho, Lucien se voltou e viu o irmão de Derek, Ethan, que caminhava sem pressa para ele. Mesmo com quatro anos os separando, os dois irmãos eram assombrosamente parecidos em altura, peso e aspecto. O surpreendente nisso, era que Ethan era filho ilegítimo, produto de uma infidelidade de sua mãe. Um fato que nunca permitia que seu meio irmão esquecesse, como se Derek tivesse alguma culpa de sua ilegitimidade.

Ethan guardava um grande ressentimento porque tudo tinha sido para Derek (os títulos, tanto o inglês como o escocês, as propriedades e o dinheiro) enquanto que ele tinha ficado relegado a um pequeno espólio e a viver da generosidade de Derek.

— Faz muito tempo que ninguém me chama de Renegado — disse Lucien em tom cortante, enquanto o outro parava diante dele, segurando um copo de uísque, já meio vazio, que o levaria a uma briga ou a algum outro desatino em público para humilhar seu irmão.

Ostentando um sorriso presunçoso, Ethan respondeu:

— Poderia ser porque está em decadência, velho. Já não está à altura de seus antigos truques, conforme me inteirei. Difícil de acreditar, considerando que é um dos membros fundadores *Dos Buscadores de Prazer*.

— Ainda guarda rancor de Caine porque não permitiu que entrasse? — perguntou Lucien, a contagem regressiva em marcha em sua mente enquanto observava as manobras de Slade para aproximar-se de Fancy.

— Este Caine! — disse Ethan em tom zombador. — Ouvi dizer que se meteu em uma boa confusão. É uma lástima, embora não sinta saudades. Sempre foi um presunçoso.

— Você sim sabe o que é isso, não é verdade?

— Não confunda confiança com presunção. — Ethan sorriu com presunção enquanto levava o copo aos lábios, e engolia um generoso gole. — Então, velho, as damas da casa de Madame Fourche lhe mandam carinhos. Ouvi dizer que faz tempo que não anda por lá, que já não pode levantá-lo. É verdade?

Diante do silêncio de Lucien, Ethan riu entre dentes e levantou o copo em sinal de saudação.

— Sempre foi um desgraçado cara de pau, Kendall. Suponho que é isso que faz com que tenha vantagem nos jogos de cartas. — Bebeu outro gole de uísque e então fez um gesto para a multidão. — Olhe só quem vem ali! Meu querido irmão mais velho resgatá-lo. Por que demorou tanto, Rei Manchester? — zombou quando Derek estava suficientemente perto para ouvir. — Ainda tentando encurralar essa doce potra? Que desgraça para você que as damas me prefiram. Esse semblante ameaçador não inspira sentimentos amorosos nas mulheres. Lembre-se disso.

Um músculo se moveu na mandíbula de Derek.

— Pensei ter dito que não viesse aqui.

— E eu pensei que havia dito a você que ia fazer o que me desse na telha. Pode ser que esses panacas de Escócia tenham medo de você, irmão, mas a mim não impressiona.

— Por acaso não se cansa de si mesmo?

— Enquanto eu tiver meu irmão mais velho para admirar, tenho tudo. Agora terão que me desculpar. Vejo por lá Lady Rosalyn e parece precisar de um pouco de companhia.

Fazendo uma reverência zombeteira, Ethan partiu.

Lucien agarrou Derek pelo braço, arrastando-o de volta quando este arremeteu contra seu irmão.

— Não vale a pena.

— Maldito seja — grunhiu Derek, apertando os dentes. — É meu irmão, pelo amor de Deus.

— Sei, mas Ethan está zangado, e você é o único sobre quem pode descarregar sua irritação. Não ajudou o fato de seu pai apenas o reconhecer.

— Tinha uma razão muito boa. Minha mãe era uma perdida infiel.

Lady Manchester tinha sido conhecida por seus escandalosos namoricos, esfregando-os na cara a seu marido, o transformando em um bobo por não ter feito nada a respeito.

Lucien reconheceu que em uma área de sua vida tinha sido afortunado. Podia não ter tido todas as vantagens que tinha tido Derek (dinheiro, um título, uma

posição garantida na vida), mas sua mãe sempre tinha sido uma bênção.

Ele nunca entenderia o que tinha visto sua mãe em um pescador bruto com pouca educação e ainda menos futuro. Uma vez ela tinha contado o Lucien que seu pai fora diferente. Que tinha sido amável e amoroso, mas que o fracasso constante o tinha desgastado, e então o álcool o tinha convertido em um homem completamente diferente. Ao casar-se, ela tinha prometido permanecer a seu lado, e todos os pedidos de Lucien não bastaram para convencê-la, mesmo que o marido a espancasse e o rapaz tivesse que ficar acordado a metade da noite curando outro lábio partido e outro olho arroxado. E às vezes mais que isso.

Lembrou aquela vez que ele tinha implorado ao médico local que fosse vê-la depois de uma terrível surra que a tinha deixado com um braço quebrado. Mas o homem não se aventurava a sair se não pagassem adiantado e Lucien não tinha dinheiro para lhe dar. Se viu obrigado a ajudar ele mesmo a sua mãe, fazendo uma tala com pedaços velhos de madeira e fixando-os o melhor que pôde com umas tiras de lençol. O braço tinha sarado, mas não tinha ficado totalmente bom

Durante as três semanas seguintes ela tinha dormido no mesmo cômodo que Lucien e seus irmãos. Em quatro ocasiões seu pai tinha ido procurá-la para ter sexo, mas Lucien o tinha enfrentado. Nessa época já era suficientemente grande e fez com que o desgraçado pensasse duas vezes. Depois disso, o porco não havia tornado pôr um dedo em cima dela, a menos que Lucien não estivesse em casa, então retornava e a encontrava acorada no chão, chorando.

Já não se lembrava de quantas vezes jurara que acharia um trabalho estável e cuidaria de sua mãe e irmãos. Poderiam ir, partir para outro lugar melhor. Sua mãe lhe sorria e o fazia acreditar que algum isso dia podia ser possível, mas no fundo ambos sabiam que nunca aconteceria.

— Por que não vai para lá? — disse-lhe Dereck recordando que ele estava ali.

— O que?

— Disse para ir e falar com sua pupila. Se por acaso não notou, quase todos os olhos estão fixos em você. Suspeito que estão fazendo apostas a respeito de quanto tempo vai passar até que jogue Redding pela janela. Não foi assim que terminou a última vez que seus caminhos se cruzaram?

— Foi uma porte de vidro e o porco a buscou.

— Só por ele ser filho do Conde de Redding, suponho.

— Tem que haver alguma outra razão?

— Não acha que já está na hora de acabar com essa história?

Lucien olhou enviesado para seu amigo.

— Você esqueceria?

Derek suspirou e encostou a cabeça contra a parede.

— Provavelmente não. — Olhou de esguelha para Lucien. — Então, o que você vai fazer?

— Dissecá-lo parte por parte.

— Você quer que ela se case, mas não acredito que haja um só homem que se atreva a aproximar-se com você lançando olhares furiosos a quem o faz. Reconheça, meu amigo, sente algo por ela.

Lucien ficou tenso.

— Está interpretando mal minha determinação em me assegurar que chegue virgem a seu leito matrimonial.

— A menos que esse leito matrimonial seja o seu — replicou o amigo. — Como está tão certo de que ainda é virgem?

— Eu sei.

Derek arqueou uma sobrancelha, com um brilho risonho no olhar.

— Sabe? Que interessante. Quer me contar sobre o método com o qual obteve essa informação?

—Vá para o inferno.

Derek rompeu em gargalhadas, fazendo com que várias cabeças (muitas das quais eram mulheres que desejavam poder atrair sua atenção) se voltassem para ver o que tramava a infame dupla. Mas ambos estavam preocupados com outras mulheres, que por sua vez estavam com outros homens. Isto fez com que pouco depois, Derek soltasse uns palavrões, desviando a atenção de Lucien, que seguiu o olhar de seu amigo.

— Cachorro maldito — resmungou Derek.

Ethan tinha arrumado um jeito de afastar Lady Rosalyn das mulheres com as quais tinha estado conversando e agora a conduzia para o balcão, mas não antes de lançar em direção a Derek um olhar triunfante por cima do ombro.

— Esse bode está começando a me zangar de verdade —grunhiu Lucien enquanto se separava da parede.

Uma mão segurou seu ombro com firmeza, o fazendo deter-se.

— Esta briga é minha — disse Derek dirigindo-se para sua presa.

Quando Lucien finalmente voltou a olhar para o lugar onde há apenas uns minutos tinham estado Fancy e Slade, nenhum dos dois estava à vista.

* * *

Enquanto seguia Christian para fora do salão, Fancy olhou para trás para poder ver Lucien, mas seu iracundo tutor olhava em direção oposta, com toda sua

atenção concentrada em Rosalyn e Ethan Hardwicke.

Christian a conduziu para um lindo jardim de inverno, cheio de exuberante vegetação e flores de estufa, uma fonte com uma ninfa que pulava ocupava o centro do lugar.

Fancy se sentou na beirada da fonte, colocando prazerosamente os dedos na água para criar pequenas ondas.

Christian andou alguns segundos diante dela antes olhá-la de frente.

— Mantive esta informação em segredo durante muito tempo. Não pelo bem de Kendall, mas sim pelo de meu pai. E agora pelo de minha irmã. O escândalo poderia muito bem arruinar o nome de nossa família.

Fancy se endireitou.

— Que escândalo?

— O que envolveu seu tutor e minha mãe.

Suas palavras fizeram um profundo impacto nem Fancy, que o olhou durante uns segundos antes de recuperar a voz.

— Lucien e a sua mãe tiveram... tiveram um romance?

Christian passou uma mão pelo cabelo.

— Não foi um romance. Foi somente uma noite. Uma noite que mudou a vida de todos nós. Kendall me culpa por sua perda. Pois eu o culpo pela minha. Ao inteirar-se do que tinha acontecido, meu pai expulsou minha mãe de casa e a enviou para a nossa casa de campo em *Hampshire* e durante dez anos apenas me permitiu vê-la. Estive sempre em internados, um depois do outro. Às vezes pensava que meu pai se perguntava se eu seria seu legítimo herdeiro ou um produto de algum dos numerosos romances de minha mãe. — Afundou as mãos nos bolsos. — Havia vezes em que eu também me perguntava isso.

Fancy não sabia o que dizer.

— Sinto muito.

Ele olhou por cima do ombro.

— Tudo isto aconteceu há muito tempo.

— Mas a dor não passou. Sua irmã sabe?

A expressão dele se endureceu.

— Não. Diana não tem idéia do que aconteceu; era muito pequena para entender. Quando teve idade suficiente para sentir a ausência de uma mãe, nosso pai lhe disse que mamãe sofria uma enfermidade mental e que era melhor se não passavam muito tempo juntas. Diana cresceu aterrorizada com medo de herdar a enfermidade mental de nossa mãe. Levei muito tempo em ajudá-la a superar esse temor. E Por Deus que não permitirei que Kendall a arruíne. Antes o mato — prometeu apertando os

dentes.

Alarmada, Fancy se levantou e foi parar na frente dele.

— Compreendo sua irritação, mas a violência não resolverá nada. Como se sente sua irmã?

— Discute comigo sobre o assunto. Não entende por que me nego a aprovar uma relação entre eles. Mas me escutará.

— E se não o fizer?

— Então Kendall sofrerá as conseqüências — disse em tom profético. — A única coisa que ele quer é vingar-se de mim. Ele sabia que perder *Blackthorne* afetava meu patrimônio. — Suspirou e sacudiu a cabeça. — Eu tinha esperança de que isso lhe poria ponto final em todo este assunto.

— Você o deixou ganhar?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Kendall é realmente um muito bom jogador de cartas. Isso eu concordo. Mas eu tampouco sou mau. Ambos estávamos com muitas cartas em cima e jogando duro. — Cravou a vista no chão. — Eu só quero me esquecer deste assunto e continuar com minha vida. Às vezes odeio a meu pai pelo que fez, por todas as coisas que se destruíram. Mas não há nada que eu possa fazer para mudar isso.

— O que aconteceu a Lucien depois que o pai de você se inteirou do que estava passando?

Christian olhou pela janela para a rua, onde uma infinidade de carruagens ia e vinha.

— Eu não soube a verdade por muitos anos. Possivelmente poderia ter feito algo se fosse mais velho, mas meu pai sempre tinha sido uma figura intimidadora... e eu um covarde.

Fancy apoiou uma mão em seu ombro.

— Você e Lucien têm em comum a tendência a culpar-se a si mesmos. Há coisas que não podemos controlar. Não importa o que seu pai tenha feito, você se transformou em um homem maravilhoso. Sua irmã o adora.

Ele a olhou com olhos quentes.

— Também sente muita simpatia para você. Pensa que você e eu seríamos um casal perfeito. — Olhando-a nos olhos, disse com paixão: — E eu cheguei à conclusão de que ela tem razão.

Fancy percebeu que a conversa tinha dado uma reviravolta inesperada.

— Milord...

— Christian — murmurou ele, rodeando delicadamente a cintura com os braços e atraindo-a para si. — Não sou tão ruim. Você mesma disse.

Quando ela abriu a boca para responder, ele se inclinou e apertou seus lábios contra os dela em um suave beijo. Levantando a cabeça, disse:

— Apenas pense nisso.

Antes que Fancy pudesse dizer que já o tinha catalogado como amigo e que outro homem estava em seu coração, ouviu-se uma voz que arrastando as palavras zombeteiramente disse:

— Se acha que porque você a colocou em uma situação comprometedora permitirei que se case com ela, Redding, é melhor pensar outra vez.

O olhar de Fancy voou para a porta, para encontrar Lucien apoiando um ombro contra o batente; sua pose relaxada e era uma clara contraposição ao fogo assassino que ardia em seus olhos.

Capítulo XVI

Em vez de soltar Fancy, o conde a abraçou mais forte.

— Você sempre foi terrivelmente inoportuno, Kendall.

Pressentindo que se armava uma briga, Fancy tirou as mãos de Christian de sua cintura.

— Isto não é o que parece — disse dirigindo-se a Lucien.

— Verdade? — replicou ele. — O que é, então?

O olhar acusador dele zangou Fancy.

— Simplesmente conversávamos. Nada mais.

— Você não mente bem, querida. Estupidamente me deixei enganar uma vez por essas mentiras. Terá que me perdoar por não ser tão crédulo novamente.

— Não será sua própria consciência culpada que o move a acusar os outros, Kendall? — desafiou-o Christian. — Talvez seus sentimentos pela dama não sejam tão puros como gostaria que todos acreditassem. De modo que, nos diga, homem, você deseja sua pupila?

— Milord! — disse Fancy, ficando sem ar.

— Obrigado, Redding — disse Lucien arrastando as palavras.

— Por quê?

— Por me dar um motivo para arrebentar seus dentes com um murro.

Lucien entrou no recinto como um touro e Fancy se colocou entre os dois homens, empurrando contra os ombros do Lucien, até que este olhou para ela.

— Saia do meio — disse.

— Não. Não os deixarei me pôr no meio de sua guerra. Não me usarão como um motivo para lutar.

Um músculo se moveu na mandíbula de Lucien.

— Resguardar sua honra é minha responsabilidade.

— Não é minha honra o que está você resguardando, a não ser a sua próprio.

— Ela tem razão, velho — disse Christian em tom zombador atrás dela. — Você se vale de qualquer desculpa para me atacar. Não é que me importe, mas é que você escolhe os momentos mais inoportunos.

— Como por exemplo quando está acariciando minha pupila?

O conde deu uma gargalhada.

— Não seja ridículo. Teria tentado de novo beijá-la, se interferido você não tivesse interferido. Tenho sentimentos fortes para esta dama.

— Por favor, milord — implorou Fancy.

— Que curioso que você traga a baila esse assunto sobre sentimentos — replicou Lucien, — já que sua irmã parece ter descoberto que guarda alguns por mim.

O golpe atingiu o alvo; Christian apertou os punhos ao lado do corpo.

— Você não vai se aproximar de minha irmã. Entendeu?

— Isso quem tem que decidir é Diana, não você.

— Diana fará o que eu disser.

— Agora sou uma mulher adulta, Christian — interveio uma outra voz que fez com que todos olhassem para o outro lado do aposento, onde estava de pé Diana Slade, tão jovem e também decidida, com o queixo erguido em gesto desafiador enquanto saía da penumbra para enfrentar seu irmão. — Agradeço sua dedicação em tentar me proteger, mas deve começar a me deixar tomar minhas próprias decisões.

— Isto é entre Kendall e eu, Diana.

— Deve parar de me ver como uma menina, Christian.

— Não a vejo como uma menina.

— Sim, você faz — disse com veemência, enquanto o rubor tingia suas pálidas faces. — Pensa que não sei de mamãe? Sei. Também sei que o que papai fez foi algo ruim. O senhor Kendall não tinha culpa. — Virou-se para Lucien, que tinha

permanecido surpreendentemente calado. — Sinto muito. O que eles fizeram a você foi de uma crueldade inadmissível.

— Diana! — gritou seu irmão zangado. — Não devemos a ele nenhum pedido de desculpas.

— Você se engana, Christian. É hora de essa inimizade herdada chegar ao fim.

— Mas sinto prazer em odiar seu irmão — disse Lucien em um tom enganosamente calmo.

— Você não está falando sério — refutou Diana e Fancy percebeu que a mocinha achava que podia salvar Lucien de si mesmo.

— Oh, estou falando muito sério.

— Já o ouviu, Diana — interveio seu irmão. — Não vê que a única coisa que ele quer é se vingar de mim?

Lucien contemplou Diana sem pestanejar.

— Pode ser que ele tenha razão, milady. Provavelmente você deveria fugir.

Diana sacudiu a cabeça.

— Você não me fará mal, Lucien. Já dei várias oportunidades e você não fez nada que fosse desonroso.

— O que está dizendo, Diana? — Christian exigiu uma resposta, afastando-se de Fancy para agarrar o braço de sua irmã.

— Estou dizendo que me joguei nos braços do senhor Kendall. Inclusive o beijei na outra noite no caramanchão. Poderia ter se aproveitado de mim, eu teria aceitado com prazer. Entretanto agiu como um verdadeiro cavalheiro.

O conde se virou como um furacão para se enfrentar cara a cara com Lucien.

— Maldito desgraçado — começou a xingar agressivamente, dando um passo para seu adversário.

Diana o pegou pelo braço.

— Não me ouviu, Christian? Fui eu quem se comportou mau.

— Ele a corrompeu. Fará o que for preciso para se vingar de nós por causa do que nosso pai fez.

Lucien olhou para Fancy.

— Está vendo tudo isto, Lady Francine? Sou um mau caráter e um patife, totalmente inadequado para ser o tutor de uma jovem. Pode você utilizar esta informação para conseguir que o juiz lhe atribua um novo tutor, querida minha. Poderia livrar-se de minha tirania de uma vez para sempre.

— É isso que você quer? — perguntou Fancy com suavidade, sabendo que Lucien jamais tinha querido ser tutor dela.

Ele a olhou com os olhos entreabertos.

— Você ainda conserva essa irritante propensão de fazer perguntas em vez de responder.

— É isso o que você deseja que eu faça? — insistiu ela.

Ele a olhou furioso e afundou as mãos nos bolsos.

— Não sei, maldição.

— Você não a quer, mas não quer que ninguém mais a tenha, não é assim? — cuspiu o conde.

— Simplesmente não quero que você a tenha.

— Por favor — pediu Fancy, com um soluço a ponto de brotar de sua garganta. — Basta.

Lucien a olhou, com um ar de arrependimento nos olhos.

— Fancy...

— Não. — Ela sacudiu a cabeça, com as lágrimas queimando os olhos enquanto tentava contê-las. — Não diga mais nada. Tudo o que eu queria era ficar na Cornualles, levar uma vida simples com as pessoas que amo. Não queria vestidos caros. — Segurou entre seus dedos o tecido de sua saia. — Não queria chás, nem acompanhantes, nem adulações vãs. Eu só... — Engolindo as lágrimas, Fancy ergueu a saia e fugiu do lugar.

Lucien a seguiu com o olhar, sentindo que o envolvia um enorme vazio enquanto lutava contra cada um de seus instintos que gritavam que corresse atrás dela.

— Espero que se sinta orgulhoso de si mesmo, Kendall — disse o conde sarcasticamente. — Você não tem nem a menor idéia do quanto Fancy vale. Mas eu sim. E se ela ainda falar comigo depois de tudo isto, farei o que for preciso para ganhar seu coração. Já não me importam mais suas vinganças. Não há absolutamente nada que eu possa fazer para mudar o passado, mas eu não tenho intenção de ser como você e passar a vida vivendo nele.

Segurou sua irmã pelo braço e se dirigiu para a porta. Quando passaram junto a Lucien, Diana apoiou uma mão em seu antebraço.

Lucien pousou sobre ela um olhar impessoal.

— Escute seu irmão, milady. Vá a casa.

Ela inclinou a cabeça cortesmente e assentiu. Ele a observou afastar-se, sabendo em seu interior que tinha perdido sua última oportunidade de fazer sofrer o homem que tinha arruinado sua vida. Tinha tido uma oportunidade única de vingar a dor

de sua mãe, o ostracismo de sua família e tinha aberto as mãos, deixando-a escapar.

Jamais tinha sabido dirigir bem nenhum aspecto de sua vida. Era uma maldição com a que também tinha afligido Fancy, arrastando-a com ele ao sofrimento quando na realidade nunca tinha querido feri-la. Deveria achar outro tutor para ela. Ele deveria partir.

Virou-se e se encaminhou para a porta. Mas, mudou de idéia e girando sobre seus pés, e a largas passadas, atravessou a sala e foi em direção ao jardim aonde tinha ido Fancy.

* * *

Fancy escapou pela larga porta e correu escada abaixo para a penumbra reconfortante do jardim dos *Fordham*. O perfume das madressilvas a envolveu enquanto caminhava entre as fileiras de flores e sebes, desejando unicamente um pouco de solidão. Não queria ver outras pessoas.

Mas principalmente não queria ver Lucien.

Ela mesma não entendia o que acabava de acontecer com ela. Esse tipo de ataques emocionais não era próprio dela; sempre tinha se orgulhado de sua calma sensibilidade.

Mas Lucien podia desestabilizá-la profundamente. Estava tão ocupado em sua vingança contra os fantasmas de seu passado que não podia ver o que tinha adiante.

Agora sabia o suficiente para reconstruir uma parte de sua vida, para imaginar a história de um moço seduzido por uma mulher rica e sentenciado ao pior dos castigos pelo cornudo de seu marido. Um moço que, por não possuir dinheiro ou influência, não tinha podido se salvar.

Fancy não culpava Lucien por estar amargurado, por levar uma vida dissoluta. O que partia seu coração, era a incapacidade dele para deixar para trás esse passado, enterrar a amargura. Ela não podia mudar sua vida; só ele podia fazer isso. E não estava disposto ou capacitado para fazê-lo.

— Linda noite.

Fancy girou bruscamente para encontrar Lucien apoiado contra uma árvore, sombrio e imóvel, um charuto iluminando a seu rosto solene, sua insólita beleza, seus olhos atormentados.

Incapaz de suportar esse olhar, ela se virou e fechou os olhos, envolvendo a cintura com seus próprios braços. Queria chorar mas não podia. Talvez as lágrimas levassem embora esse sentimento de perda. Queria que sua vida voltasse a ser simples. Queria voltar atrás no tempo e ser a moça despreocupada que tinha sido, com

um irmão que os tinha rodeado de amor.

— Sente frio?

Fancy levantou de repente a cabeça e viu Lucien de pé junto dela, com uma expressão inescrutável, com os olhos tão carregados de mistério como a noite.

— Não.

Deu um passo para afastar-se dele, ao tempo que a chamada de um mocho à sua companheira enchia o silêncio.

— Quando eu era um moço — disse, cravando a vista em um pedaço de terra coberto de jasmim da noite, — estava acostumado a escapular para West End e espiar os ricos. Olhava as mulheres dançar vestidas de seda e cetim e os homens com suas calças no joelho, sem um só risco nos sapatos. Sempre me perguntava como aqueles *dandis* podiam mover o pescoço em camisas tão engomadas e as gravatas tão ajustadas, com esses nós intrincados. Uma vez pensei que eu era mais afortunado que eles porque era livre. Podia ir e vir, e que eles estavam atados à suas propriedades e títulos. Isso foi até eu ter sete ou oito anos então me dei conta de que ser pobre era uma armadilha em si mesma e que não ter dinheiro significava que alguém era uma pessoa inferior. Até esse momento só tinha conhecido pessoas como eu. Minha mãe nunca tinha permitido que eu me aventurasse longe, mas nesse ano o Tâmesa se congelou e os estivadores não tinham trabalho. De modo que, como eu era o mais velho, consegui um trabalho juntando "*desperdícios*" congelados das ruas.

Obrigada pela curiosidade, Fancy se virou para ele.

— Desperdícios?

— Merda de cavalo congelada — respondeu ele sem rodeios, desafiando-a a mostrar seu desagrado. — Meu pai me levou a *Mayfair* e *Kensington* na esperança de obter um melhor preço por ela. Lembro de como eu estava o excitado. Nunca antes tinha estado tão longe de casa. Pensava que ia ser uma aventura.

A primeira vez que me cuspiram e me chamaram ouriço imundo, me dei conta de que eu não era como essa gente. Sentia-me um estrangeiro em meu próprio país.

Até esse momento, Fancy tinha esforçado por não se deixar levar pelos sentimentos, muito temerosa de abrir seu coração, pois Lucien relatava sua história sem um pinga de compaixão. Mas agora tudo que podia ver era um menino enganado por um mundo que não trata a todos como iguais.

— Quando contei à minha mãe o que tinha acontecido — prosseguiu, — ela me levou para fora da casa e nos sentamos juntos no final do ancoradouro. Disse que todas as pessoas tinham sido criadas como iguais diante os olhos do Senhor, mas que algumas delas não tinham sido abençoadas com muito sabedoria.

Fancy sorriu através da nuvem de lágrimas.

— Sua mãe era uma mulher muito sábia.

Ele esmagou seu charuto com o pé.

— Você me lembra muito ela.

— Eu?

Ele assentiu, com lentos movimentos da cabeça.

— Você tem a mesma sabedoria nos olhos, uma capacidade inata de compreender as pessoas.

Fancy desejava desesperadamente aproximar-se, jogar os braços em torno do seu pescoço e abraçá-lo forte. Ele tinha aberto uma porta e ela pressentia que era a primeira vez em muito tempo que fazia algo assim. Mas as revelações pareciam confissões e no mais profundo de seu ser começou a sentir-se inquieta.

— Poderia me contar o que aconteceu entre sua mãe e o pai de Christian?

Ele mudou de posição, com o olhar perdido e Fancy notou que lutava com a lembrança.

— Esse dia nevava. Lembro como o dia estava escuro. Eu tinha as mãos frias. — Olhou-as, afundando o polegar na palma da outra mão, como se as tivesse esquentando. — Minha mãe temia que passássemos fome nesse inverno porque não havia trabalho e meu pai estava bebendo muito mais que antes. Por mais de um mês ela tinha procurado emprego.

Uma noite desmaiou na rua levando nos braços minha irmã Jensyn, que tinha só seis meses. Minha mãe tinha que ir a todas as partes com ela porque ainda estava amamentando-a.

As sombras delineavam seu perfil severo.

— Acredito que nesse tempo ela tinha chegado a temer o meu pai mais que nunca. Ele havia se tornado mais cruel à medida que passavam os anos, mais propenso aos ataques de ciúmes. Parecia sentir como uma obrigação mantê-la grávida.

Nesse momento olhou para Fancy.

— Mamãe teve três bebês que nasceram mortos e um que morreu quando tinha dois meses.

Respirou profundo e elevou os olhos ao céu.

— Quando minha mãe voltou a si, estava deitada em uma pequeno cama de armar, cara a cara com a corpulenta governanta do conde Redding. Não sei se foi a história de minha mãe sobre sua busca de emprego, ou se por ver o rosto fraco e pálido de minha irmãzinha, o fato é que a governanta sentiu pena dela e foi falar com o conde para que este lhe desse trabalho. Nessa noite, a determinação de minha mãe salvou a todos. Mas quando meu pai se inteirou das notícias a golpeou tão forte que quebrou sua mandíbula. Alegou que algo ela devia ter feito para conseguir o emprego.

Fancy entendeu perfeitamente o que Lucien queria dizer com "algo" e suas mãos começaram a mover-se nervosamente brincando com o tecido da saia.

— Era um valentão.

— Era — concordou Lucien em voz baixa, — mas a deixou conservar o emprego, embora sempre encontrava algo para repreendê-la quando ela chegava em casa. Essa foi a época em que meu irmão Dorian começou a se meter em brigas e a roubar. Não acredito que tivesse outra forma de expressar as emoções que se agitavam em seu interior.

— Como se comportavam seus outros irmãos?

— Jillian se retraiu, mais ainda se os rapazes do bairro olhassem para ela. Penso que achava que todos os homens eram como meu pai. Hugh e Gavin começaram a passar fora de casa a maior parte do tempo.

— Então você era o forte. O protetor.

— Esse era eu — disse em tom amargo. — O protetor. O problema era que eu nunca pude proteger a ninguém. Se tivesse podido, minha mãe não...

Até na escuridão, Fancy podia ver a tensão que subia em espiral através do corpo dele, a postura crispada antecipava que ele estava à beira da destruição.

— Diga, Lucien — sussurrou a jovem. — Já guardou isso tempo suficiente.

Ele soltou o ar e passou a mão pelo rosto.

— O conde violentou minha mãe — disse com voz inexpressiva. —. Ele a violentou e fez com que dois de seus valentões me obrigassem a olhar.

Fancy levou uma mão trêmula aos lábios.

— Oh, meu Deus.

Disse que isso era o que eu merecia por manchar sua esposa com minhas mãos de pescador, que assim aprenderia quem era meus superiores e nunca tentaria voltar a sair dos bairros baixos, aonde pertencia.

Fancy estendeu a mão para Lucien, mas ele se esquivou. Não queria que o tocassem.

— Como você ia imaginar que ele faria algo tão horroroso — murmurou ela.

Ele apertou a boca em uma linha séria.

— O mais idiota foi que eu realmente pensava que Lady Redding sentia algo por mim. Não podia acreditar que alguém tão bonita e socialmente influente pudesse pensar que eu não era um ser desprezível. Para mim, nunca importou o físico. Diabos, acredito que nem sequer olhei seu corpo. Eu somente queria... — deu de ombros. — Não sei.

— O que queria era sentir que encaixava em algum lugar — respondeu por ele Fancy; compreendia-o, pois ela tinha sentido o mesmo, principalmente durante os

anos em que seus pais viviam e sua mãe a vestia como a uma boneca e a fazia desfilar para seus amigos da alta sociedade.

As outras garotinhas de sua idade pareciam gostar de adular suas mães. Podiam permanecer sentadas em uma cadeira durante horas com os tornozelos cruzados com recato e as mãos pregadas sobre o colo. Sabiam fazer reverências perfeitas e sorrir com um talento nato. Fancy nunca pôde.

Ela tinha sido sempre inquieta, sempre tinha querido estudar as coisas e brincar com George e seus amigos. Sua mãe se desesperava. Seu pai não estava em casa tempo suficiente para preocupar-se com a conduta de sua filha.

— Minha mãe não derramou uma só lágrima — disse Lucien, e quando a olhou, Fancy viu uma negrume que eclipsava a noite. — Nenhuma. Não permitiu que ele a derrotasse.

— Era uma mulher forte. — Forte por sua família, pensou Fancy. Forte por seu filho. — Você denunciou o acontecido? — perguntou, temendo já saber a resposta.

— À lei, você quer dizer. À justiça que favorece os ricos e não se importa em nada com o restante de nós? Não. East End tem seus próprios métodos para fazer justiça.

— O que fez você?

— Segui o bastardo toda a noite seguinte, esperando a oportunidade de dar o golpe. Minha ira era tal que me cegava e não me deixava pensar com clareza. Ele estava me esperando. E quando eu fiz minha armadilha, os homens que ele tinha posto pra me vigiar, fizeram a sua. O golpe que me deram na cabeça me pegou desprevenido e eu desperte horas mais tarde e vi que estava preso no porão de um navio com destino à Índia.

Onde o tinha mantido como escravo. Nunca tinha se sentido envergonhada do mundo em que tinha nascido antes. Até agora não tinha tido motivos. Não era de admirar que Lucien desprezasse a aristocracia. Antes pensava que a vida se enfurecera com ela de um modo caprichoso e cruel, levando sua família um a um, mas então não sabia a que abismos pode chegar a crueldade em seu afã por machucar.

— O que seu pai fez quando soube do que tinha acontecido com sua mãe? — perguntou ela.

— Isso jamais aconteceu.

Fancy o olhou fixamente

— Não compreendo.

— Nunca contamos. Minha mãe me fez prometer. Disse que esse tinha que ser nosso segredo, que meu pai a mataria se soubesse e eu sabia que tinha razão. Pensaria que ela tinha feito algo para provocar o ataque. Sempre tinha escapado dos problemas como um covarde.

Fancy fechou os olhos e estremeceu, sentindo brotar em seu interior, a dor por uma mulher que não tinha conhecido e por um homenzinho a quem tinham obrigado guardar tão horrível segredo durante todos estes anos, corroendo sua alma até que dela tivesse restado nada mais que uma sombra.

Dando um passo para ele, a jovem perguntou:

— Acha que é como seu pai Lucien?

Um longo silencio os envolveu, interrompido só pelo rumor das folhas, até que finalmente ele disse:

— Sim.

Fancy ficou diante dele e pegou sua mão.

— Não é.

— Como sabe?

— Porque se importa. Fez o que tinha de fazer. Carregou sobre seus ombros um peso enorme em uma idade muito tenra,

Ela levou a mão dele à boca e beijou suavemente a palma.

— É um homem bom, Lucien Kendall.

Ele se aproximou e rodeou seu rosto, roçando ligeiramente o lábio inferior com o polegar, tocando levemente o pequeno corte:

— Lamento ter machucado você.

— Foi um acidente. — como ele evitava olhá-la nos olhos, ela disse: — Não é seu pai Lucien.

— Às vezes penso que me tornei como ele. Vejo em mim a mesma indiferença e não posso mudar isso. É parte de mim.

— Fez as coisas o melhor que pôde. Viveu no meio da violência e ninguém espera que simule isso que não existiu. Mas não pode permitir que isso governe sua vida.

— Não sabia o que tinha sido feito da minha família. A única coisa que me mantinha vivo era pensar que algum dia retornaria pra eles. Mas quando retornei, não tinha rastro deles. Durante todos estes anos, eles nunca souberam o que tinha ocorrido comigo, se estava vivo ou morto. E meu dinheiro não podia mudar a maldita coisa. Ele era o único homem que sabia da verdade e me disse que levaria o segredo para a sepultura. E assim o fez.

— Entendo porque o odeia tanto. Mas, se você se aferrar para sempre a esse ódio, ele terá ganho. — Acariciou mansamente o seu rosto, sussurrando: — E não quero que ele ganhe.

— Fancy — disse ele em tom ferido, rodeando com seus dedos os dela. — Meu doce, doce Fancy. O que vou fazer sem você?

Ela queria dizer que ele não ia ficar sem ela. Exatamente nesse momento ele se inclinou e a beijou, e a ternura dessa carícia fez com que ondas da mais pura alegria a percorressem enquanto ficava nas pontas dos pés para devolver o beijo carregado com todos seus sentimentos por ele.

Uma das mãos dele deslizou atrás da cabeça de Fancy para mantê-la perto, enquanto a outra a pegava pela cintura, fazendo-a sentir contra o ventre o fogo tentador de sua excitação.

A língua dele se uniu à dela, formando redemoinhos, saboreando e explorando profundamente até embriagá-la. Fancy se apertou mais forte contra ele, precisava de mais.

Apoiou a mão sobre a que estava na sua cintura, entrelaçando os dedos de ambos, sentindo a força contida nessas mãos. E com uma audácia que não tinha sido capaz de reprimir, ela guiou essa mão por cima de seu ventre, fazendo-a subir até rodear um de seus seios, onde o mamilo ardia por seu contato.

Ele gemeu e a segurou com mais força, provocando no interior dela a explosão de algo tão poderoso que ela soube que era amor, porque nunca tinha desejado dar tudo a um homem, oferecer o que possuía. Nunca tinha acreditado ser capaz de abandonar um mundo para viver em outro. Mas o faria se isso significava ter Lucien.

Fancy se deixou levar, até cair apertadamente entre os braços de Lucien, cujo peso sentia sobre ela, envolvida pela mistura embriagadora do aroma de erva esmagada por seus corpos e o perfume madeirado de sândalo de Lucien.

Arqueou-se contra o corpo masculino, quando ele baixou o corpete e começou a lambe o mamilo com a língua, chupando-o com essa linda boca, criando um calor palpitante que a envolveu dos quadris para abaixo.

— Fancy — sussurrava ele, rodeando alternativamente com a língua os bicos congestionados dos seios, ao mesmo tempo em que suas mãos ávidas entravam debaixo da saia, deslizando-a pelas panturrilha até os joelhos para seguir então pelas coxas. Agarrou-os com força para levantá-la apertando-a contra sua virilha, onde sentiu o calor palpitante e a dureza de sua ereção.

Gemendo, ela arremeteu contra ele, cravando os dedos na parte superior dos braços, cujos músculos firmes a sustentavam agora para não deixar todo seu peso sobre ela, enquanto a olhava com o desejo ardendo nos olhos.

— Faça amor comigo, Lucien — pediu ela num sussurro ofegante, estendendo a mão para desabotoar sua camisa, deslizando as palmas das mãos através dos sólidos músculos do peito, e então para baixo por cima do ventre até que o cinto de suas calças a impediu de continuar explorando.

Quando ela desabotoou o primeiro botão, ele segurou sua mão.

— Não faça isto comigo, Fancy.

— Desejo você.

Ele inclinou a cabeça e se apertou forte contra ela, e um gemido gutural saiu e de seus lábios ao senti-la corresponder seu impulso, enquanto rodeava um seio com a mão e brincava com o mamilo antes de se agachar para aprisioná-lo no interior de sua boca.

Fancy gemeu, tentando recuperar o fôlego enquanto estendia suas mãos colocando-as entre os dois, pedindo que ele não a detivesse enquanto desabotoava o próximo botão de suas calças até senti-lo deslizando entre suas mãos, sedoso e duro.

Lucien a olhava segurando-o com ambas as mãos, tocando-o como ele a tocara antes, descobrindo a cada momento o que mais o agradava, enquanto com os dentes apertados o movia para cima e para baixo entre suas mãos.

Quando ele retrocedeu, ela interpretou o gesto como um sinal de recusa e estendeu a mão. Mas, o que ele fez foi afastar para um lado as calcinhas e acariciar com sua ereção as dobras úmidas, guiando a cabeça do pênis sobre o clitóris, e deslizando-o ali repetidas vezes, aumentando o prazer com cada uma delas, até que todo o prazer pareceu vir sobre ela como uma onda que a banhou com surpreendente força.

Ao abrir os olhos, encontrou o olhar do Lucien fixo sobre ela. Afastou o cabelo que caía sobre o rosto da jovem e acariciou o contorno de seu rosto com o polegar.

— Adoro olhar pra você quando se entrega ao prazer —murmurou ele. — Você vai fazer muito feliz algum homem afortunado.

A surpresa congelou Fancy, fazendo com que todo o calor abandonasse seu corpo.

— O que está dizendo?

Ele girou para ficar de barriga para cima, apoiado sobre seus cotovelos.

— Você sabe o que quero dizer.

Olhou-o fixamente.

— Ainda quer me casar.

— Nunca deixei de querer.

— Mas o que acaba de acontecer...

— É outra culpa para acrescentar às demais que acumulei. Meu talento especial sempre foi fazer o que não devo. Mas não piorarei as coisas tomando sua virgindade. Nunca foi minha, Fancy. —Desviou o olhar para seu corpo e disse em voz baixa: — Mas Deus sabe que eu desejaria que fosse.

Ela fechou os olhos.

— Pra você só fui um encargo, não assim?

- Seu irmão nunca teria querido isto.
- E o que tem isso a ver com o que eu quero?
- Se quiser Slade, não farei nada para impedir.

Lutando contra as lágrimas, Fancy permaneceu em silêncio, odiando essa firmeza dele, e a facilidade com que podia feri-la, até mesmo sem querer. E quando finalmente ele ficou de pé e se afastou, a jovem jurou para si mesma que esta seria a última vez.

Capítulo XVII

O bairro baixo era um lugar onde as pessoas só iam por estrita necessidade. Onde qualquer dia uma mãe podia adicionar láudano à água com açúcar de seu bebê para mantê-lo sedado de modo que a deixasse dormir tranqüila ou para que parasse de chorar sem cessar atormentado pela fome.

Era um lugar onde almas frágeis arrastavam suas camas logo que nascia o sol e ficavam acordadas escutando aos ratos correndo debaixo do chão de madeira. Onde quase não chegava o som dos sinos chamando à igreja e onde ninguém acreditava em Deus.

Para Lucien, era o lugar que tinha sido seu lar.

Ficou de pé sobre o meio-fio, olhando o cavalo se afastar em com sons rítmicos até sumir na escuridão. O lampião mais próximo estava a umas doze casas de distância, a calçada cheia de buracos mostrando intermitentes manchas amareladas da luz de gás. Todo o resto era escuridão.

Como na noite em que se aventurou pela primeira vez a retornar ao miserável bairro onde tinha nascido, noite em que tinha despertado de um delírio para ver que estava machucado e sangrando. Desde então tinha tentado se manter longe dali. Mas estava cansado de lutar contra o impulso de ir.

Esta noite precisava esquecer como estivera perto de fazer amor com Fancy. E como, ao final, tinha aberto a porta para Christian Slade. Redding tinha ido longe ao dizer que se casaria com Fancy, e embora essa idéia estivesse matando Lucien, não podia negar a ela a oportunidade de ser feliz.

Ela tinha razão. Era hora de deixar o passado para trás. Ele tinha perdido. Amanhã ou na semana próxima, ou possivelmente no próximo ano começaria de novo

mais uma vez. Mas agora encontraria o paraíso nos braços da única amante a quem não podia machucar.

* * *

Fancy estava de pé no salão principal, olhando pela janela. Logo chegaria Christian para levá-la ao teatro e depois a um jantar. Tinha passado os últimos três dias em sua companhia, se encontrando cada manhã para cavalgar juntos pelo Hyde Park. Enquanto trotavam entre a multidão habitual, ele a divertia com anedotas a respeito de sua juventude, impressionando-a com sua cultura e ela adorava seu sorriso constante. Ele possuía todas as qualidades que uma mulher podia esperar encontrar em um homem, e entretanto Fancy não conseguia sentir nada por ele.

Queria culpar Lucien pela maneira como se sentia, mas ele não tinha culpa de que ela não amasse Christian. Tinha descoberto que não queria a seu lado um homem que fosse tão perfeito, tão previsível. Mas o que queria, não podia o ter.

Soou a campainha e Fancy se moveu para responder à chamada, já que nunca tinha tido um mordomo que atendesse a porta por ela em Moor's End. Embora Pierce a tivesse repreendido gentilmente por fazer seu trabalho, a ela parecia uma tolice ficar simplesmente parada ali, especialmente quando o mais provável era que quem chamava era Christian.

Embora mais cedo uma dor de cabeça quase tinha sido a desculpa perfeita para cancelar a saída da noite, Fancy sabia que não podia continuar protelando o inevitável. Tinha que dizer a Christian o que sentia por ele. Deveria tê-lo feito antes, mas tinha querido dar um castigo em Lucien fazendo exatamente aquilo que ele mandara e para o qual tinha dado sua bênção. Entretanto, logo se deu conta de que isto não faria que Lucien a amasse e além do que, gostava cada vez menos de seu próprio comportamento.

Mas ao abrir a porta, não foi Christian que estava ali de pé, e sim Heath. Por um momento, Fancy não fez outra coisa senão pestanejar.

Ele a agarrou em seus braços.

— Meu Deus, que alegria me dá vê-la! Não sabe o quanto eu estava preocupado com você.

— Heath, me desça. Está me deixando sem ar.

— Desculpe — disse ele, com aspecto envergonhado. — É que pensei que não ia encontrá-la antes que Kendall fizesse algo horrível com você.

Antes que ela pudesse responder, Pierce apareceu, franzindo o cenho com desaprovação, embora não fosse possível saber se sua contrariedade se devia ao feito de Fancy ter aberto a porta ou à aparição do recém-chegado.

— Em que posso servi-lo, senhor? — perguntou a intimidadora figura de negro.

— Vim ver Fancy. — respondeu Heath, claramente desgostoso pela interrupção.

— Refere-se a Lady Francine? — corrigiu Pierce em tom de reprovação.

— Sim, Lady Francine. Agora, seria amável e nos deixar falar em particular um momento?

Pierce a olhou.

— Está tudo bem, senhorita?

— Sim, Pierce. Obrigada.

Olhando superficialmente para Heath como que dando uma advertência de que se comportasse, Pierce desapareceu pelo corredor.

— Que servente insolente — disse Heath. — Aqui todos são assim tão altivos?

Fancy não tinha intenção de ficar a falar da criadagem.

— Não compreendo por que veio.

— Há algum lugar onde possamos falar em particular?

Fancy estava começando ter medo dessa conversa, mas disse:

— Venha comigo. — Conduziu Heath à biblioteca, que fechou a porta e parou um instante para olhar as prateleiras que se elevavam até o teto, lotadas de livros.

Ao voltar a olhá-la, seus olhos a percorreram lentamente de um modo que a incomodou. Era o olhar de um homem para uma mulher atraente, e embora Heath tivesse dito freqüentemente que ela era bonita, nunca tinha visto nele o flagrante desejo que via agora.

— Se transformou em uma mulher impressionante — disse, adiantando-se para pegar suas mãos.

— Obrigada.

— Esse vestido foi ele que escolheu?

— Se você se refere a meu tutor, a resposta é não. O escolhi eu, como a todos os meus outros vestidos. Lucien nunca determinaria o que tenho que vestir.

— Lucien... com que familiaridade fala. Conheceu-o melhor depois que a trouxe para Londres?

Fancy ficou rígida, percebendo a sutileza da pergunta.

— Não vejo o que isso tem a ver com você.

— Houve um tempo no qual estava acostumada a me confiar tudo.

— Era uma menina.

— Quer dizer que o crescer a afastou que mim?

Fancy libertou suas mãos das dele e deu um passo para afastar-se.

— Não sei do que se trata tudo isto.

— Trata-se de seu tutor — disse ele, jogando suas luvas sobre uma mesinha e indo para a cristaleira dos licores para tirar uma garrafa de vinho do Porto.

Embora não fosse sua casa, Fancy ficou incomodada com seu modo de se comportar, agindo como se tivesse o direito de fazer o que quisesse.

Depois de ter servido um bom copo do forte vinho, voltou a olhá-la, o quadril apoiado contra o beirada da mesa e contemplando-a por cima do copo.

— O quanto você sabe sobre seu tutor?

— Por que o pergunta?

A tensão na mandíbula dele deixava ver que não o agradava que seus motivos fossem questionados.

— Fico me perguntando o que ele disse a você sobre o tempo que passou na Índia... e sobre a morte de George.

A menção de seu irmão atraiu a atenção de Fancy. Heath sabia que ela sempre se perguntou a respeito das circunstâncias que tinham rodeado a morte de George, já que nunca tinham ficado muito claras.

— O que acontece na morte de George? — perguntou ela, obrigando-se a olhar Heath diretamente nos olhos.

— Na noite que você iria se encontrar comigo na enseada, lembra?

— Sim.

— Não foi.

— Pelo mau tempo. — E por Lucien. Quando o tinha encontrado na biblioteca e o tinha visto segurando delicadamente em seus braços o gatinho, havia sentido a terra se mover sob seus pés.

Possivelmente esse tenha sido o momento em que pela primeira vez se sentiu apaixonada por ele. E após tinha havido muitos outros momentos. Percebera que não estava disposta a renunciar a ele e afastar-se.

— Sim, o mau tempo — disse Heath. — Depois partiu para Londres, me deixando sem notícia alguma a respeito de seu paradeiro. Tive que ameaçar Jimmy. O melequento se negou a me dizer durante muitíssimo tempo.

— Não o ameaçou, não é?

— É obvio que não — replicou ele secamente, olhando-a zangado. —

Simplesmente pensei que ele tomaria meu dinheiro e não diria nada. Mas parece que seu tutor deu a ele uma considerável soma para que não me dissesse seu paradeiro. O guri foi asquerosamente leal à causa.

Fancy ficou incomodada que Lucien tivesse usado seu dinheiro para comprar o silêncio de Jimmy. Mas possivelmente seus motivos não tinham sido completamente egoístas. Em muitos aspectos, a vida de Jimmy parecia refletir a de Lucien. Provavelmente ele se identificava com Jimmy.

— Então, como fez para que dissesse onde eu estava? — perguntou Fancy.

— Disse-lhe que era uma questão de vida ou morte, e que se eu não a encontrasse, podia acontecer algo terrível a você.

Ao ouvir isto o temperamento de Fancy se inflamou e voou através da sala para enfrentá-lo.

— Essa foi uma mutreta detestável e não posso acreditar que possa sequer me olhar, depois de haver dito semelhante mentira a Jimmy .

— Não falei nenhuma mentira — disse ele, agarrando-a repentinamente e dando uma sacudida. — Sua vida está em perigo.

— Que disparate!

— Ah, é? Alguma vez você perguntou a seu tutor a respeito do que exatamente aconteceu ao George? Ou deixou que se importar, agora que Cornualles é para você apenas uma insignificante lembrança do passado? Talvez tenha esquecido a horrível morte que teve seu irmão.

A fúria deu a Fancy uma força que nem ela sabia que possuía. De um puxão libertou um de seus braços deu-lhe uma bofetada.

— Como se atreve a questionar minha devoção por George?! Sabe quanto o amava, o quanto me custou seguir depois de sua morte. Chorei sobre seu ombro incontáveis vezes, e vem me dizer que me esqueci dele? Nunca o esquecerei! Agora saia daqui — exigiu. — E não volte mais.

— Não irei até que você tenha ouvido tudo o que tenho para dizer.

— Então fava o que tem que falar e parta!

— Bem — disse ele apertando os dentes, e olhando-a de cima a baixo como se ela tivesse se transformado em algo que inspirava repugnância e compaixão. — Você mudou, sabia? Você era uma moça doce; agora mal a reconheço. Se eu tivesse me casado com você, teria cuidado de você e teria livrado que perdesse a casa, mas não me quis. A única coisa que queria *Moor's End*. Pensei que quando a polícia marítima quase a apanhou, você abandonaria esse comportamento, mas o incidente só fortaleceu sua determinação. Na verdade pensei que teria que ser presa para perceber que não ganharia.

— Alguma vez creu em mim?

— Consenti com sei capricho. Porque era só isso, nunca teria podido salvar Moor's End sem ajuda financeira.

— Mas você alguma vez me ofereceu isso?

— Isso teria ido contra meu propósito, não percebe? Queria que fosse minha esposa.

— E estava disposto a me ver sendo presa, pra me ter?

— Se tivesse sido necessário, sim

Fancy viu então até onde tinha chegado sua credulidade.

— Foi você quem alertou a polícia a respeito de quando chegariam os carregamentos, não é verdade? Quis impedir que eu ganhasse esse dinheiro.

Quando ele não refutou a afirmação, ela sentiu ruir o restante do que tinha sido sua vida até pouco tempo.

— Não me surpreende que George não tenha nomeado você meu tutor. Ele sabia que era um farsante.

— E acha que Kendall foi uma melhor escolha? — zombou ele. — Pelo menos meu único crime foi tentar fazer você ver o quão ridícula era a empreitada em que tinha embarcado. Eu nunca assassinei ninguém.

Fancy ficou paralisada.

— O que está dizendo?

— O que quis dizer a você há dois meses. Seu tutor é a razão de seu irmão estar morto. A bala que matou George saiu da arma de Lucien Kendall.

Fancy sentiu como se o chão acabasse de se abrir sob seus pés e caísse para um escuro abismo.

— Não — disse num sussurro. — Ele teria me contado isso.

— E por que faria isso? Você não sabia a verdade e ele não tinha razão alguma para revelar-lhe. Provavelmente tinha a esperança de que se casasse com ele. Ele sabia do fundo que herdaria e suas possibilidades diminuiriam grandemente se você se inteirasse de que ele tinha causado a morte de seu irmão. Se isso não fosse incentivo suficiente, tinha também seu prestígio como filha de um conde, o que teria dado mais status a ele.

— E a você — encontrou forças para dizer, enquanto se esforçava por assimilar tudo isto.

George tinha recebido uma bala no tórax. A ferida, tinha causado hemorragia no estômago. Disseram que o tinham matado no cumprimento do dever, e nenhuma palavra mais. Nem como, nem por que, nem onde.

— Não fui eu o que ocultou isto de você — replicou Heath zangado.

— Ah, não? Então como é que sabe de tudo isto agora? — Ele se moveu nervoso sob o olhar escrutinador da jovem. — George me escreveu u dia antes de morrer. Não queria que você soubesse.

— Está mentindo.

— Teria vindo até aqui se não tivesse provas? — Extraiu uma parte de pergaminho dobrado e o entregou a ela. — Anda, leia.

Com mãos trêmulas Fancy desdobrou a carta, já um tanto amarelada e com a beirada desfiada. Seus olhos se encheram de lágrimas ao ver os familiares garranchos de seu irmão. Tinha pensado que não os veria nunca mais. E enquanto lia as últimas palavras que ele tinha escrito em vida, era como se o tivesse de pé diante dela, sussurrando ao seu ouvido:

Courtenay,

Acredito que quando receber esta missiva, eu já estarei morto. Feriram-me e não estou seguro sequer se passarei desta noite.

Mas não escrevo para de falar de mim, mas sim de Fancy. Meu único lamento ao deixar este mundo é deixá-la. Embora outros irmãos discutam e se ofendam mutuamente, Fancy e eu sempre tivemos um laço especial. Possivelmente se deveu a que sabíamos que não podíamos depender de ninguém mais que um do outro. Talvez tenha simplesmente sido porque Fancy não se importava que o mundo tivesse opinado que os irmãos deveriam ser rivais.

Ela sempre foi única. Meu coração sofre porque não verei o homem que ela escolherá amar ou aos filhos que terá, meninos lindos e sorridentes, de olhos verdes como samambaias e uma curiosidade inata sobre o mundo. Filhos e filhas que me chamariam de tio.

As lágrimas empanaram sua visão, seu corpo atormentado por mudos soluços. Ai, Deus, como desejava ter de volta George. Com que desespero sentia saudades. Não podia continuar lendo. Não podia suportar uma palavras mais. E entretanto, seus olhos voltaram para papel:

Espero que ela saiba que sempre cuidarei dela, sem importar onde eu esteja. Por agora, entretanto, devo deixá-la aos cuidados de outro e rogar que ele a valorize tanto como eu.

Sei que si perguntará por que não escolhi você. Foi simplesmente por conhecer seus sentimentos por Fancy o que me impediu de fazê-lo. Espero que confie no que fiz e que achei ser o melhor, e que o homem que é agora o tutor de Fancy cuidará bem dela. Ele é meu comandante, o Coronel Lucien Kendall.

Quando conheci o comandante ele me impressionou profundamente. Nada o

fazia retroceder. Eu duvidava que ele soubesse o que era medo. O tempo demonstrou que estava equivocado. Ninguém é infalível. Nem mesmo os heróis.

Certo dia um homem veio visitá-lo. Ninguém o conhecia. Mas pouco depois o coronel partiu, sem dizer a ninguém onde ia. Enviaram patrulhas para prendê-lo. Uma semana mais tarde retornou, e não era o mesmo homem. Algo tinha acontecido com ele.

Verificamos que tinha ido a Anandpur Sahib, lar dos Sikhs, é um lugar que nenhum estrangeiro, especialmente um oficial da Infantaria de Sua Majestade, viajaria se estivesse em seu juízo perfeito.

Sem importar se importar que a sanção o ameaçasse, não quis dizer o que o tinha levado a Anandpur. Jogaram-no na fossa durante três semanas. A maioria dos homens não teriam sobrevivido nem uma.

Mas o coronel resistiu. A primeira noite depois de ter tornado a entrar de serviço, entrou em sua tenda e não tornou a sair. Preocupado, fui vê-lo e o encontrei inconsciente sobre o cama de armar.

Quando voltei com um médico, encontrei um Sikh de pé fora da tenda com uma espada e me apontou a garganta. Gritou algumas palavras que não entendi e arremeteu contra o coronel. O que senti a seguir foi a bala.

Lembro de ter despertado e visto o coronel ajoelhado a meu lado, os olhos mortíferos e o rosto pálido, com a arma na mão. O Sikh caído morto a meu lado; a bala o tinha atravessado e tinha entrado em meu corpo. Não acredito que o coronel soubesse o que tinha ocorrido. Era como se...

—... como se não estivesse ali comigo — leu Fancy em voz alta, enquanto uma onda de desespero a invadia, recordando vividamente esse olhar do qual seu irmão falava, esse olhar fixo, mas ausente. Essa completa ausência de reconhecimento.

Lucien tinha sabido todo o tempo como tinha morrido George, e jamais havia dito uma só palavra.

Lembrava de ter se perguntado se esse peso sobre seus ombros seria culpa, se ele se sentiria de certa forma culpado pela morte de seus homens.

Desta vez tinha sido sua culpa. Era o culpado da morte de seu irmão e qualquer que fosse o sentimento que tivesse por ele, murchava para morrer, enquanto continuava lendo.

Não sei se tomei a decisão correta, mas o coronel necessita alguém que creia nele, alguém que mude sua vida e Fancy sempre soube curar as pessoas. Sei que ela pode curá-lo. Cuide dela, meu amigo. Nunca diga a ela o que revelei a você nesta carta. Ela pode não querer perdoar Kendall.

Adeus.

Fitz Hugh.

Fancy fechou os olhos e os papéis caíram no chão.

— Acredita em mim agora? — Perguntou Heath em tom triunfal. — Disse a você que Kendall é um assassino. Deveria ter sido enforcado em vez de ter se retirado do exército honrosamente.

Fancy se afastou dele. Não podia pensar. Era como se tivesse tornado a perder George e temesse que a angústia a derrotasse desta vez.

— Volta comigo para Cornualles, Fancy — suplicou Heath, agora de pé diante dela — Agora. Esta noite. Não fará falta se não vir Kendall nunca mais.

Fancy deixou cair a cabeça entre as mãos e não teve forças para resistir quando Heath a atraiu num abraço. Cada uma das imagens de sua história com Lucien passavam diante de seus olhos como uma linha do tempo.

Não ouviu o batido na porta, nem o pigarro de Pierce, até que Heath perguntou:

— O que há, homem?

— Lorde Redding veio procurar Lady Francine.

— Mande-o embora Pierce — pediu ela. — não me importa o que diga a ele;

— Talvez queira você mesma me dizer isso — disse o conde, fazendo que Fancy levantasse a cabeça e olhasse para a entrada, onde Christian estava de pé, suportando estoicamente o grosseiro desprezo.

— Meu Deus, o que aconteceu? — perguntou ao ver sinais de pranto em seu rosto.

Fancy só atinou sacudir a cabeça. Não podia suportar mais. Recolheu a saia e saiu correndo da biblioteca deixando para trás a voz de Heath chamando-a e o perfume das pétalas de rosas do buquê que ela tinha feito cair da mão de Christian ao passar voando a seu lado.

Até que chocou com alguém.

Ao levantar os olhos encontrou viu Tahj, que a segurava com o braço estendido, enquanto o vento entrava através da porta principal aberta, e suas roupas alaranjadas desprendiam aroma de incenso.

— Precisam de você — disse em tom urgente. — Tem que vir comigo

— Não— disse Fancy, sacudindo a cabeça. — Me Deixe em paz.

Ele olhou por cima do ombro de Fancy, e viu os homens de pé ali. A jovem se afastou de Tahj e como um furacão se dirigiu para as escadas.

— Ele vai se matar.

Fancy segurou com força o corrimão. Todos e tudo o que tinha conhecido estava desabando diante de seus olhos. Não queria que se importar com o que Lucien fizesse, embora as palavras de George ainda ressoassem dentro dela.

"Fancy sempre soube curar. Acredito que ela pode curá-lo."

Ela não podia curá-lo. Nem sequer queria fazê-lo. Queria acreditar nessa voz interior que lhe dizia que esperava que sofresse pelo que tinha feito a George; entretanto, voltou-se para olhá-lo

— Venha comigo — tornou a pedir estendendo a mão.

E Fancy a tomou.

Capítulo XVIII

Fancy não disse uma só palavra a Tahj enquanto o carro ia pelas ruas quase desertas de Mayfair e entrava em uma área da cidade que ela nunca tinha entrado.

Quanto mais entravam na zona, mais inóspita ficava cada vez menos lampiões espalhados pelas ruas para dar uma ilusão de segurança; pequenos grupos de homens de aspecto rude se congregavam nos becos e esquinas escuras, estalos de gargalhadas altas saiam pelas portas das tavernas.

Fancy ainda podia sentir o impacto de cada uma das palavras da carta de seu irmão, parecia-lhe ouvir esforço enquanto lutava para escrever as últimas notas de sua vida e perdoar o homem que tinha sido a causa de sua vida chegar ao fim muito cedo. Agora nada podia ferir George. Não podia dizer o mesmo com respeito a ela.

O carro parou com uma sacudida numa estreita rua lateral. Fancy não via sinais de bordel, taverna ou algum antro de jogo; só uma porta aberta.

— Onde estamos? — perguntou olhando inquisitivamente para Tahj que de pé sobre o meio-fio estendia a mão para ela, mais uma vez esperando confiança cega.

Conduziu-a para uma porta que abriu para revelar um comprido corredor que recordava um túnel com uma estranha luz azul fosforescente no final.

Um estranho aroma subia em espiral rodeando Fancy enquanto avançava pelo corredor com Tahj, perfume doce e acre que a fazia sentir enjoada. Lutava contra a necessidade de voltar sobre seus passos, não estava segura de querer saber o que envolvia essa estranha névoa azul.

Mas já era muito tarde para voltar atrás. De pé, à entrada de uma grande sala, o que viu tirou seu fôlego. Pelo menos quinze pessoas estavam no chão. Algumas totalmente imóveis e com uma palidez doentia, outras com olhos caídos e longos tubos na boca, brancas baforadas de fumaça formavam uma nuvem que flutuava em cima de suas cabeças.

— O que estão fazendo?

— Fumando ópio.

O olhar de Fancy se cravou de repente no de Tahj.

— Ópio? — Sabia o que era ópio e que se fosse administrado corretamente e em pequenas doses, podia acalmar a dor. Mas se abusasse dela, podia ser a morte.

— Por que me trouxe aqui?

No mesmo instante em que o olhar de ébano de Tahj encontrou o seu, Fancy soube. Tudo isto parecia terrivelmente óbvio e horrivelmente irreal.

— Onde ele está?

Tahj assinalou para o canto mais distante da sala, onde se distinguia iluminada apenas por um feixe de luz uma figura acocorada isolada do resto. E imóvel.

Fancy pegou a saia do seu vestido de noite e avançou esquivando da massa de corpos de homens e mulheres. Abafou um grito quando uma mão prendeu seu tornozelo.

— Venha nos dar um beijo, encanto — ouviu dizer uma voz trêmula, o que fez Fancy olhar para uma mulher de olhos encovados que sorria pra ela; faltavam dois dentes de baixo, tinha os lábios rachados e seu rosto parecia ter sido despojado do último vestígio de juventude. — Vamos, Princesa. Você vai gostar.

— Solte-a. — ordenou Tahj.

O sorriso se desvaneceu da cara da mulher enquanto voltava a escorregar para a letargia, deixando-os continuar.

A primeira imagem de Lucien que Fancy vislumbrou fez com que suas vísceras se contorcessem.

— Ai meu Deus. Parece que está... .

— Não está. Mas estará se não o tirarmos daqui.

Sentindo uma onda de fúria, Fancy se voltou para Tahj.

— E por que você não o tirou daqui antes que chegasse a isto?

— Porque mandou que eu fosse embora.

— E você o obedeceu?

— A decisão deve ser dele. É a vontade de Buda.

— Não me importa qual a vontade de Buda! Ele é seu amigo, antes de mais nada.

— E é por isso que fui procurar você. — Olhou-a longamente e com atenção.

— Você é sua amiga?

Por um instante os olhares se cruzaram e Fancy desviou o seu. Tinha diante

dela a possibilidade de ir, virar as costas a ele e agora ninguém a deteria. Lucien tinha causado a morte de George.

Em vez disso, ajoelhou-se diante dele e pôs a mão sobre sua testa. Estava ardendo em febre.

— Quanto tempo está assim?

— Desde a noite da festa na casa dos Fordham.

Por um instante Fancy ficou sem fôlego.

— Isso foi há três dias.

— Outras vezes esteve perdido por mais tempo.

Fancy fechou os olhos e finalmente entendeu tudo. Lucien era viciado e já por muito tempo. Então viu a caixa preta, a mesma tinha visto aquela noite na biblioteca. Agora estava aberta, revelando o conteúdo de uma vida oculta.

— Lucien — murmurou a jovem, inclinando-se para o rosto dele, profundamente impressionada por sua doentia palidez e as faces encovadas.

Olhou para Tahj.

— Me ajude a levá-lo.

— Não posso fazer isso, a menos que ele diga que deseja ir.

Fancy o fuzilou com os olhos.

— O que?

— Ele deve ir voluntariamente.

Fancy ficou de pé de um salto e o enfrentou.

— Vai me ajudar a levá-lo ao carro ou prometo que me encarregarei de que cada um dos dias de vida que restam a você seja um pesadelo.

Torceu para que a ameaça sortisse efeito, porque ela sozinha não poderia levar Lucien e nenhuma das pessoas à sua volta seriam de grande ajuda. O desespero fazia seu coração pulsar com violência. Tinha que tirá-lo dali. Precisava de um médico. Caso contrário morreria.

— Ele deve ir voluntariamente — repetiu Tahj com firmeza.

Fancy girou de repente, dando as costas a ele e mais uma vez caiu de joelhos junto de Lucien, levantando sua cabeça e dando ligeiros golpes no rosto.

— Acorda — pediu a ele. — Por favor Lucien, acorda!...

Ele resmungou e sacudiu a cabeça.

— Fancy...

— Sim — sussurrou ela. — Sim, sou eu. Abre os olhos, Lucien. Quero ver seus olhos. — Esses lindo olhos da cor de mar que a hipnotizaram desde a primeira vez

que se fixaram nela.

Lentamente, seus olhos se abriram, mas agora estavam apagados e perdidos. Mesmo assim, olharam-na.

— Minha doce Fancy. — Murmurou enquanto sua cabeça começada a cair para o lado.

— Não Lucien, fica comigo. — Sacudiu-o. — É necessário que venha para casa. Me diga que virá para casa.

— Para casa. — Resmungou, embora fosse óbvio que sem entender.

Ela levantou o olhar para Tahj.

— Já disse. Agora me ajude!

Depois de um leve vacilar, ele assentiu e inclinando-se para Lucien o levantou do chão com uma força impensável para um homem de sua estatura.

Juntos o colocaram no carro que os tirou depressa dos escuros becos dos bairros baixos e atravessando a noite os levou a rapidamente para *Charring House*.

Apenas uma das janelas da mansão *Charring Lane* brilhava com luz trêmula. O mordomo os esperava e ajudou a levar seu patrão ao quarto onde ele e Tahj o deitaram sobre uma sólida cama de colunas de madeira escura.

Tanto Tahj como o mordomo olharam para Fancy como que esperando que ela tomasse as decisões.

Olhando para o mordomo a moça disse:

— Chame o médico imediatamente.

— O senhor Kendall vai ficar bem?

— É claro. — Fancy não se permitiria pensar de outro modo.

O mordomo inclinou a cabeça, mas Tahj o deteve antes que desse dois passos.

— Nada de médicos — disse.

— Mas um médico precisa vê-lo! — protestou Fancy com veemência.

— Pela manhã todo mundo estaria informado de sua vergonha. Não posso permitir que isso aconteça. Jurei solenemente protegê-lo.

— Mas não em um caso assim! Ele precisa de alguém que cuide dele.

— Você cuidará.

— Não! — Fancy sacudiu a cabeça e deu uns passos afastando-se dele. — Não posso. — Apenas a idéia a aterrorizava. Se ele morresse... Descartou a imagem. E o que tinha feito a George? Como ela podia cuidar do mesmo homem que tinha tirado dela seu irmão? Virou-se bruscamente para olhar o monge de frente. — É impossível.

— Você esbanja tempo precioso. — Tahj deu meia volta e empurrou o mordomo para a porta.

— Onde você está indo?— inquiriu Fancy.

— Tudo o que precisa se enviado no elevador de carga. —Assinalou um painel em um canto do quarto. Ao chegar à soleira, olhou-a nos olhos. — Cuide bem dele, *saba priya*. — Então fechou a porta. O próximo som que Fancy ouviu foi o de uma chave que girava.

Ele a prendera!

Fancy respirou fundo e obrigou seus alvoroçados pensamentos se acalmarem. Tinha que pensar com clareza. Tahj não tinha deixado outra opção senão cuidar ela mesma de Lucien.

Olhou novamente o paciente estendido sobre a cama, que, embora mais magro, conservava um aspecto intimidador. A primeira vez que tinha cuidado dele tinha sido contra sua vontade. Ao que parece nada tinha mudado. Desta vez, entretanto, suas feridas não eram tão simples de tratar.

Aproximando-se da cama, sentou-se a seu lado, vendo-o claramente agora. Possivelmente com maior clareza do que tinha visto alguém em sua vida. Ele tinha sido um ídolo para um homem jovem. Um herói para seu país. Um filho que só tinha herdado a dor.

Para ela, homem que amava.

Fancy ouviu as bem azeitados dobradiças do elevador de carga e se aproximou depressa da parede para abrir o painel. Sobre uma bandeja havia uma grande jarra de água, um copo, uma tigela e um pano. Tirou as coisas e as acomodou sobre a mesinha de cabeceira.

Serviu um pouco de água no copo e então se inclinou sobre Lucien. Levantando a cabeça dele, inclinou o copo para sua boca.

— Bebe, Lucien — sussurrou e o sentiu mover-se, separando os lábios para deixar que um pouco de água gotejasse dentro.

Pôs água na tigela e mergulhou o pano. Suavemente o passou na testa; ainda estava muito quente. Precisava baixar sua febre e para isso ia ter que tirar suas roupas.

Seus dedos vacilaram nos botões da camisa. Tremiam ligeiramente enquanto o suave algodão se afastava lentamente, revelando o peito que ela tinha sentido sob suas mãos, ainda liso, ainda firme. Aí estavam os ombros incrivelmente largos onde suas mãos se detiveram tocando enquanto afastava o tecido para deslizar pelos braços, delineando os bíceps com o nódulo de um dedo então seguiu pelo antebraço antes de se dar conta do que estava fazendo.

Tinha uma tatuagem no outro braço, perto do ombro, uma representação

em tinta negra de um tigre e um dragão que transmitia muita força. Percebeu então que era o símbolo do *Shaolin*. A marca de um guerreiro.

Fancy notou outros sinais de batalha: uma pequena cicatriz em cima do bico da mama direita, uma cicatriz do lado esquerdo do ventre. Várias nos braços.

Quando a jovem o levantou para tirar a camisa apertada debaixo de seu corpo, suas mãos toparam com cicatrizes de chicote em relevo que atravessavam suas costas em todas direções.

Fechou os olhos para não chorar, mas as lágrimas desceram pelo seu rosto, caindo sobre o ombro de Lucien. Continuaram caindo enquanto virava seu corpo e suavemente esfregava suas costas com o pano fresco, desejando poder apagar cada uma daquelas cicatrizes.

Deslizou o pano pelos braços, continuou pelas costas das mãos e as palmas, onde os calos endurecidos testemunhavam os anos de trabalho.

Durante longos minutos esfregou os pequenos nós com os polegares, aplicando a mesma leve pressão nos pulsos, massageando os antebraços, sentindo a maleabilidade da pele sob seus dedos.

Deixou o pano de lado enquanto esfregava o peito colocando diretamente a mão na água para refrescá-lo. Ao chegar no cinto de suas calças vacilou.

Movendo-se depressa para a beirada da cama tirou suas botas e as meias, então desabotoou suas calças e as baixou, se lembrando quando Olinda havia dito para Lucien que Fancy nunca tinha visto um homem nu, que ela era uma boa garota. Mas Fancy sentia um claro impulso de ser uma garota má quando Lucien estava por perto.

Abruptamente, Fancy se levantou da cama e cobriu Lucien com um lençol. Lucien, recordando o que em tom de zombaria havia dito estando de cama na Cornualles a respeito de proteger sua própria virtude. Se ele soubesse como seus pensamentos se tornaram indecentes desde aquele dia, e como freqüentemente o tinha imaginado tal como estava agora, mas acordado e com ela entre seus braços.

A visão se desvaneceu quando ele começou a mover a cabeça para um lado e para outro, enquanto seu corpo tremia incontrolavelmente. Ela o tinha visto fazer o mesmo na noite que ficou cuidando dele e os pesadelos tinham atormentado seu sonho.

Sentando-se junto dele, tomou sua mão.

— Ssh — murmurou. — Eu estou aqui com você.

Acariciou-lhe o rosto e deixou que seus dedos deslizassem até o cabelo dele, que sentia como seda contra a palma da mão, enquanto tentava acalmá-lo falando com ele em suaves sussurros.

Ele deixou de revolver-se, mas continuou tremendo e, sem parar para pensar, Fancy levantou a roupa de cama bordada e deslizou para debaixo dos lençóis com Lucien, apertando seu corpo contra o corpo dele, murmurando suavemente em seu

ouvido, até que pouco a pouco os tremores começaram a diminuir.

Ficou deitada com a cabeça descansando sobre o peito dele, escutando cada batida de seu coração, convencida de que, pela força e regularidade do ritmo, pela primeira vez desde que o havia visto inconsciente, soube que ele sobreviveria.

Acomodou a cabeça dentro da curva do pescoço dele, e o poderoso elixir do sono fez efeito.

* * *

Fancy despertou ao sentir em cima de si o corpo de Lucien.

Suas mãos tirando seu corpete.

Sua saia levantada até a cintura.

Os quadris dele entre suas pernas abertas.

A firmeza de sua ereção contra ela.

Deixou-se levar pelo pânico, batendo em seu peito com os punhos fechados para tirá-lo de cima, mas ele levava vantagem em força e ela não podia movê-lo.

Fancy sentia a tensão se propagando através da pele dele, o impulso selvagem que o movia e gemeu quando ele aprisionou a boca com a sua, enquanto segurou seus pulsos e levantou os braços por cima da cabeça, deixando-a indefesa e morrendo de medo, irritação e crescente desejo.

— Não me deixe, Fancy — gemeu enquanto se apertava contra ela. — Não me deixe.

Fancy percebeu que a droga ainda o tinha sob controle, mas até nesse estado pensava nela. Agora o pesadelo que o acossava em sonhos era ela e queria acabar com o pesadelo. Não suportava a idéia de ser uma dor a mais que ele carregava.

Beijou-a intensamente, vorazmente, gemendo mais forte cada vez que ela cedia um pouco mais à sua investida.

Balançando-se contra ela, o membro firme deslizava de um lado para outro passando em seu vale acetinado, e raspando os mamilos com cada movimento do peito, até que Fancy segurou fortemente nele, desejando que esse prazer nunca acabasse..

Ela fechou os olhos, arqueando-se contra Lucien quando ele levou um mamilo à boca, passando a língua no sensível bico. Com o seu contato foi tirando dela sua capacidade de raciocinar. Ela agora sabia tudo o que ele tinha feito, mas seu coração não podia desprezá-lo.

Ele a fez ficar de lado e se moveu para ficar por trás dela, segurando suas mãos e puxou-a para que se apoiasse nele, enquanto a abraçava, e suas fortes mãos acariciavam seus seios, sem deixar que ela fizesse nada, a não ser sentir suas mãos na

frente de seu corpo e senti-lo encostado atrás dela. Mas Fancy queria que ele soubesse que ela não era um sonho, que estava ali de verdade com ele, e que não iria embora.

— Lucien, por favor... — mordeu o lábio enquanto esfregava suavemente seus mamilos. — Preciso de você.

— Estou aqui.

Então Fancy soube que ele estava ali, pelo menos nesse momento.

— Ponha sua perna sobre a minha — insistiu ele num sussurro rouco, agarrando uma de suas coxas, abrindo suas pernas, deixando-a vulnerável enquanto deslizava uma mão sobre o ventre dela, descendo e entrando no meio de seus pêlos frisados sentiu com seu dedo a umidade e calor. Ela estava pronta pra ele. Um de seus dedos acariciou suavemente em círculo um dos mamilos e o outro fez o mesmo ao redor da protuberância entre as pernas dela.

— Não deveria ter ido me buscar. Não queria que me visse nesse estado. — Empurrou apenas a ponta do dedo dentro dela, que se apertou contra ele.

— Está se destruindo.

— Se afaste.

— Não posso. — Não sabia por quê. Ela jamais deveria ter ido buscá-lo, jamais deveria ter se responsabilizado por sua cura. Mas não podia deixá-lo. Estava ligada a ele, querendo ou não, e quando ele a tocava, aí sim é que não conseguia mesmo pensar.

Lucien empurrou seu membro entre as coxas abertas dela, deixando que o sentisse se movendo. Ela estendeu a mão para segurá-lo, sentindo sua textura sedosa, sua dureza e desejando ter todo esse calor, todo esse poder profundamente dentro dela.

Começou a acariciá-lo com firmeza, suas mãos subindo e descendo ao longo de seu membro, até que ele a deteve e fazendo com que ela passasse o braço em torno de seu ombro para ele poder se inclinar e chupar seus seios, enquanto aumentava a fricção contra o tenso pico na parte mais íntima do corpo dela.

Fancy se contorcia de desejo, quase inconscientemente mas ainda restava um vestígio de racionalidade. Não podia deixá-lo fazer isto, não permitiria que a deixasse apenas com a lembrança de suas mãos e de sua boca, sem chegar jamais a conhecê-lo por completo.

— Não. — afastou-se dele, movendo-se até o outro lado da cama para olhá-lo de frente. E que Deus a ajudasse, foi um engano. Porque a imagem de Lucien naquele momento ficaria para sempre gravado a fogo em sua memória: o cabelo revoltado, roçando os ombros como seda escura, seu corpo um monumento à perfeição, com seus músculos esculpidos e superfícies firmes, sua masculinidade firme e grossa.

Mas a perdição de Fancy eram seus olhos, sua expressão perdida e vulnerável, o abismo insondável da dor, o medo de que voltassem a machucá-lo. E nesse momento compreendeu que, enquanto Lucien estivesse em sua vida, ela nunca seria imune a ele. Jamais seria capaz de deixá-lo.

Subiu sobre ele e o empurrou de costas sobre a cama.

— Fancy... — foi a única palavra que ele pôde pronunciar antes que o beijasse, dando a ele o que ele tinha lhe dado. Segurou suas mãos acima da cabeça enquanto ela montou sobre ele, acariciando o membro firme com sua umidade até ambos chegar à beira da loucura.

Então, ela se ajeitou e com o olhar fixo nele tomou na mão sua ereção e a acomodou debaixo dela, consciente de que com um movimento para baixo já não seria mais virgem.

Ele segurou sua mão na tentativa de detê-la.

— Não faça isso, Fancy. Não por mim.

— Sei o que quero, Lucien. Não me queixarei amanhã. Não direi que me forçou. Ninguém vai maltratar você por minha causa.

E com essas palavras, Fancy tomou sob seu controle a única área de sua vida sobre a qual tinha sentido algum poder, rogando que Lucien não a detivesse enquanto descia lentamente sobre sua ereção e sentia o estiramento e a quase insuportável sensação de estar cheia, e a barreira de sua virgindade.

— Rompe-a — insistiu ela. — Por favor.

Ele vacilou por um momento, então a pegou pela cintura, e antes que ela pudesse perceber, entrou em seu corpo com força, arrancando dela um grito. Deteve-se.

Fancy sacudiu a cabeça, esperando que a dor diminuísse antes de olhar para Lucien e ver o arrependimento em seus olhos.

— Não me fez mal.

Ela se levantou lentamente e deslizou para trás de novo, sentindo acalmar a dor com cada suave investida, e começou a se mover com crescente frenesi à medida que o prazer começava a tomar forma.

Lucien a guiou, fazendo-a mover-se mais lentamente e assim sentir a total e absoluta posse que nesse momento tinha ele do corpo dela. Ele se encostou contra a cabeceira, mantendo a jovem sentada sobre seu colo, uma nova posição que aumentava a intimidade, permitindo Fancy olhá-lo em cada movimento, e a ele ver cada uma das expressões do rosto da moça.

Ela jogou a cabeça para trás quando ele se inclinou e meteu na boca um de seus mamilos, olhando para ela enquanto mordiscava e lambia, enquanto tudo se esticava no interior de Fancy até que a primeira profunda pulsação desceu em espiral

através de seu corpo, envolvendo Lucien com crescente intensidade, vez após vez.

Em um lento movimento, a fez ficar de barriga para cima e arremetendo velozmente a penetrou, enquanto espasmos de calor líquido se propagavam através do corpo dela. Ela segurou fortemente em seus braços enquanto ele bombeava dentro dela até que ele sentiu que o gozo estava chegando, o corpo tenso como uma corda, e então saiu de dentro dela para derramar sua semente sobre a colcha.

Capítulo 19

De pé junto à janela coberta de geada, Fancy olhava o sol sair sobre a paisagem polvilhada de branco pela primeira nevasca do inverno.

Mais cedo tinha ouvido o ruído do elevador de carga sobre o qual tinha achado o café da manhã e uma nota perguntando se necessitava de algo. Seu pedido tinha recebido como uma resposta uma só palavra: "Não". Tahj não a libertaria de sua prisão, um lugar que para Fancy se transformara ao mesmo tempo em céu e inferno.

Lucien tinha dormido muito mal, despertando duas vezes e em ambas as ocasiões tinham feito amor. Depois destas portas, na escuridão, com o corpo do Lucien movendo-se dentro do dele, tinham relegado o passado dele a um lugar de onde não podia alcançá-los.

Tomando pena e papel a jovem se sentou diante da mesa, e ficou contemplando um objeto de adorno. Era um desses globos cheios de água, que tinha dentro uma aldeia; imaginou seus diminutos habitantes, rodeados pela segurança de seu mundo, ignorantes dos transtornos que existiam além das fronteiras de seu lar de cristal. Ela sentia algo muito parecido nesse momento.

Rapidamente escreveu uma nota para Lady Dane, explicando onde tinha ido e dizendo que Lucien estava doente. Então a enviou para baixo no elevador de carga.

Uma hora mais tarde recebeu uma missiva de Clarisse, que se mostrava claramente aliviada por saber que estava bem. Tinha estado terrivelmente preocupada. Em seguida passou a comunicar novidades que afetaram profundamente Fancy.

Ontem à noite alguém tentou fazer mal à Lady Rosalyn. O intruso deve ter subido pelo lado da casa e entrado por uma janela que não tinha fechadura.

O malfeitor atou e amordaçou a pobrezinha. Como deve ter se sentido

aterrorizada! Esteve a ponto de seqüestrá-la. O que a salvou do destino que a esperava, foi o sono leve de Pierce. O que seria de mim sem esse homem?

A notícia nem bem tinha chegado aos ouvidos de Lorde Manchester, e este se apresentou na porta de minha casa e literalmente irrompeu dentro. Exigiu que Rosalyn empacotasse imediatamente seus pertences, ante seus protestos e os meus, ambas recebidas com total indiferença de sua parte. Então ele a levou como por arte de magia, sem sequer nos dizer para onde. Rosalyn me fez prometer que diria a você que ela está bem e que não se preocupe, que ela entrará em contato com você logo.

Minha querida, devo confessar que ambas me preocupam muito.

Fancy dobrou o papel e o meteu no bolso de sua saia. Nunca em sua vida havia sentido tal impotência. Rosalyn precisara dela e ela não tinha estado ali para ajudá-la.

— Más notícias?

Fancy se voltou para encontrar Lucien apoiado sobre os travesseiros, coberto até a cintura pelo lençol, cujo fino material não ocultava em nada sua virilidade. Olhando-o agora, ela jamais teria imaginado o quanto estivera doente, exceto pelas sombras debaixo de seus olhos. E dentro deles.

— Como se sente? — perguntou ela, aproximando-se dos pés da cama. Notou que ele entrecerrava os olhos ao olhá-la, para lhe fazer saber que sua intenção de manter em distância entre eles não passava despercebida.

— Como novo.

— Sente-se febril?

— Não, mas tenho fome.

— Há uma bandeja. — Fancy mostrou a comida que tinha deixado sobre uma mesinha redonda num canto do quarto, mas ele não fez nenhum movimento para sair da cama. Ao contrário, ficou olhando-a até que ela não pôde sustentar mais o seu olhar.

— A respeito do que aconteceu ontem à noite... — começou a dizer ela.

— Lamenta o que aconteceu.

Fancy o olhou franzindo o cenho, então percebeu que ele tinha interpretado mal suas palavras.

— Não me referia a isso. Lucien, pensei que você fosse morrer.

— Sou muito teimoso para morrer — disse ele despreocupadamente.

— Este é um problema sério.

— Este problema — disse ele com um olhar agudo — não é assunto seu, sendo assim deixa-o. — Afastou as mantas e balançou as pernas para um lado da cama. Fechando os olhos levou uma mão à testa.

— Sente-se bem?

Assentiu com um breve movimento de cabeça.

— É quase o mesmo que uma ressaca.

— Mas não é mesmo e não pode enganar a si mesmo pensando que é.

Tirando a mão da testa a olhou com olhos apertados como se a luz ferisse seus olhos.

— Essa persistência é um de seus hábitos mais irritantes.

Fancy não ia deixá-lo desviar o tema da conversa.

— Por que faz isso?

— Fazer o que? — perguntou ele, vestindo as calças e deixando desabotoado o primeiro botão enquanto servia o chá que tinham mandado da cozinha.

— Por favor, deixa os joguinhos.

De pé, sustentando a xícara fumegante, ele disse:

— Quais são os motivos que tem uma pessoa para fazer algo? Compulsão? Autodestruição? Aborrecimento, possivelmente? É tudo a mesma coisa.

— Não é tudo a mesma coisa. Esteve metido naquele lugar durante três dias, Lucien. Três dias! Está doente, não aborrecido.

— Sei controlar o vício. Controlei-o por mais de dez anos.

Fancy ficou boquiaberta.

— Meu Deus!

Ele passou a mão no rosto, onde podia se ver uma barba de dias.

— Jesus, sinto-me como um urso pardo. — Fez o gesto para tocar a campainha.

— Não virão.

Ele virou para olhá-la.

— Perdão?

— Ninguém virá. Estamos presos.

— Ao diabo que estamos.

Com dois passos chegou à porta e girou o trinco. Quando nada aconteceu, deu um murro contra a madeira.

— Abram essa maldita porta! — gritou. Quando sua exigência não recebeu resposta, agarrou o trinco e o arremessou contra a porta com tal violência que Fancy pensou que esta sairia das dobradiças. — Juro que desta vez acabarei com sua vida, maldito monge beato!

Como o silêncio reinava do outro lado, deu um forte grunhido e virou, encostando-se pesadamente sobre a porta e golpeando a cabeça contra a madeira.

O chiado dos cabos o fez olhar de repente para o elevador de carga.

— Fornecimentos — disse Fancy. A jovem foi para a parede, abriu o painel e tirou a bandeja. — Utensílios para barbear-se. Ao que parece, o maldito monge beato o conhece bem. — Apoiou a bandeja sobre a cômoda.

— Não me barbeio sozinho em anos. Vou fatiar minha maldita garganta.

— Possivelmente isso é o que ele espera.

Lucien se afastou da porta, franzindo o cenho. Lançou uma olhada desgostada para os objetos e então olhou para ela.

— Poderia me ajudar?

— Poderia... mas pode ser que você não queira a irmã do homem que matou perto de seu pescoço com uma navalha na mão.

Depois de um instante, ele disse:

— Então você já sabe.

— Sim, sei. Mas seria melhor se eu tivesse ouvido a verdade de sua boca, entende?

Ele passou uma mão pelo cabelo e fechou os olhos.

— Tantas vezes quis dizer a você... Nunca pude achar as palavras.

Fancy lutava para se apegar à sua irritação e à sua dor, mas não podia esquecer as vezes que ele tinha falado de George, o sincero arrependimento que tinha expressado por sua morte, por sua horrível agonia. Mas a jovem não podia esquecer a morte sem sentido de seu irmão. Para ela teria sido mais fácil de aceitar se tivesse perdido a vida em combate.

— Esse dia tinha estado fumando, não é verdade?

Ele assentiu lentamente com a cabeça.

— Pensava que tinha vencido o vício, que podia começar uma nova vida.

— O que aconteceu?

Ele caminhou até uma cadeira junto à estante e se deixou cair sobre ela, os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça entre as mãos.

— Veio para ver-me um homem. Elhamed Jahmar. Eu o tinha contratado para encontrar o corpo de Sanji. Eu devia isso a ela. Eu seguia vivo, enquanto ela tinha perdido a vida. Eu sabia que sua família não a sepultaria em chão sagrado. Ela merecia isso.

Jahmar levou quase três anos, mas finalmente a encontrou em uma fossa para os *Intocáveis* nos subúrbios de *Anandpur Sahib*. Pensei que acharia paz uma vez que ela tivesse sido sepultada devidamente, mas me deu algo. —Sacudiu a cabeça. — Acho que foi demais para mim.

Reclinou-se na cadeira, com o olhar fixo no teto.

— A noite em que o assassino entrou em minha tenda eu era incapaz de compreender nada. Eu tinha profanado uma tumba, desonrado uma família. Uma vez me tinha liberado da pena merecida, e não iriam permitir que escapasse de novo. Nem sequer recordo ter pego a pistola. Só recordo como foi ensurdecador o estrondo do disparo. Só vi um homem. Mas depois que ele caiu... — Seus dedos se afundaram na beirada da cadeira.

— Mas sua consciência culpada não o permitiu deixar de consumir o ópio, não é? Por isso não se deu conta do que tinha feito.

Ele se levantou da cadeira e estendeu a mão para Fancy, mas ela se afastou.

— Tentei deixar — disse ele. — Juro que tentei. Mas o vício tinha me dominado. Fumar se converteu na única maneira de abrir os olhos cada manhã. Se tivesse podido morrer em lugar de seu irmão, o teria feito.

Fancy viu em seu olhar que falava muito sério. Mas o coração de Fancy ainda estava cheio de dor. Com o tempo o perdoaria. Mas não agora. Era muito cedo, e a ferida ainda estava aberta.

— Sente-se. — ordenou.

Ele franziu o cenho.

— O que?

— Na cadeira. Precisa ser barbeado.

Como ele ficou olhando-a, pegou sua mão e o empurrou de volta para a cadeira. Misturou tudo e encheu o pincel de espuma.

Com expressão cautelosa, ele a observou inclinar-se e ensaboar suas bochechas e a mandíbula, seguindo-a com o olhar quando ela pegou a navalha, de onde a luz arrancou um brilho sinistro.

Quando a jovem apoiou a lâmina contra o seu pescoço, ele segurou seu pulso, mas não disse o que ela esperava:

— Por que me deixou fazer amor com você ontem à noite?

Fancy olhou para a mão dele.

— Você precisava.

— Poderia ter dito não.

Ela não tinha querido dizer não.

— Até parece. Agora, poderia ficar quieto para que possa te barbear?

Ele parecia querer dizer algo mais, mas o fez inclinar a cabeça e começou a raspar sua barba. Era uma tarefa íntima e ela não queria admitir que estava gostando de fazer isso para ele.

Quando terminou, tirou a tolha do peito e deu leves batidas no rosto com ela. A expressão do olhar elevado para ela era quase insuportável.

— Sinto muito — murmurou, puxando-a pela cintura para atraí-la lentamente para seu regaço.

— Sei — disse ela num sussurro, escovando delicadamente o cabelo dele para trás.

— Sinto muito — expressou todo seu arrependimento com voz dilacerada derrubando as defesas da moça.

— Lucien... — pediu ela em voz baixa, com a dor oprimindo seu peito.

— Sinto muito.

Uma lágrima caiu dos olhos de Fancy.

— Não...

— Sinto muito. — Secou a lágrima com o polegar, procurando seu olhar, pedindo absolvição, não só pela morte do irmão dela, mas também por todos aqueles a quem ele acreditava ter falhado.

Fancy enfiou os dedos entre os cabelos, depositando então um beijo muito leve sobre seus olhos fechados.

— Está perdoado, Lucien — disse num suspiro contra sua pele quente, sentindo que a tensão o abandonava como se tivessem arrancado um peso dos seus ombros.

Ele não deixou de olhá-la nos olhos enquanto desabotoava o corpete do vestido, nem quando levantou sua saia, apertando suas coxas, nem quando ela deslizou a mão entre ambos corpos para liberar o pênis de suas calças.

Tampouco quando a penetrou, abraçando-a forte enquanto avançava dentro dela. Uma emoção muito mais forte que qualquer outra que ela tivesse sentido por ele antes os unia nesse momento.

Cada vez que a tocava era melhor que a última e Fancy tinha chegado a pedir seu contato, a cabeça jogada para trás enquanto ele entrava e saía de seu corpo, com lentidão e precisão, acariciando seus seios.

Rodeando com uma de suas mãos a parte de atrás da cabeça dela, segurou seu cabelo, atraiu sua boca para a dele, elevando os quadris contra as da jovem, rodeando-a com o braço enquanto ela se aferrava a seus ombros.

Gemidos, fracos dela, mais parecidos com grunhidos os dele. As bocas roçando-se apenas, enquanto o prazer se propagava, aumentando de intensidade a cada momento, ele dentro dela, sensação erótica e torturante. O corpo dela tremeu violentamente ante o último e profundo avanço. Fechou os olhos, enquanto Lucien meigamente afastou o cabelo do seu rosto, que ela afundou na curva do pescoço dele. Queria que ficasse dentro dela, porque quando estavam assim nada mais importava.

Sentia-se sonolenta quando ele a levou nos braços até a cama e deitando-se junto dela e a tomou entre seus braços.

— Agora também fez amor comigo porque eu precisava? —perguntou ele suavemente. Colocou um dedo sobre seus lábios, para que não falasse mais. Ele já devia saber a resposta.

Quando Fancy voltou a abrir os olhos, a tarde transformou em crepúsculo, a neve formava redemoinhos levada por rajadas de vento, criando uma paisagem de contos de fadas. Desta vez era Lucien que estava de pé junto à janela.

Voltou-se ao ouvi-la se mover.

— Com fome?

Assentiu, olhando-o ir até a mesa. Novos pratos tinham chegado e a comida tinha um aroma delicioso.

Ao levantar-se da cama percebeu que vestia apenas sua combinação.

— Pensei que estaria mais confortável sem o vestido —explicou Lucien. — Deixei uma de minhas batas sobre a cama.

— Obrigada — murmurou, deslizando os braços dentro da larga bata de seda, que arrastou atrás de si enquanto caminhava para a mesa.

Lucien pôs diante dela um prato com uma enorme pilha de fatias de presunto com uma colher de mel, alho *porró* e alcachofras cozidas, grossas porções de queijo *Stilton* e uma garrafa de vinho. Fancy suspirou extasiada enquanto mordia o presunto.

Lucien riu entre dentes enquanto lhe servia um copo de vinho.

— Está bom?

— Delicioso — respondeu ela, devorando uma parte de queijo. — Não posso acreditar na fome feroz que tenho.

— Fazer amor tem esse efeito.

A pele de Fancy começou a arder pelo calor que provocaram as imagens que o comentário de Lucien evocou em sua mente. Lucien movendo-se em cima dela, sussurrando palavras doces ao seu ouvido e contra seus lábios, como sua respiração tinha se acelerado a primeira vez que a penetrou, como ele se preocupou pelas necessidades dela antes que as próprias, e como a tinha abraçado depois de fazer amor, como se nunca fosse soltá-la.

— Acha que Tahj nos deixará sair daqui? —perguntou ela.

Cravou um pedaço de *alho porró* com seu garfo para dar a ela.

— Já não sei se me importo. — Fez uma pausa, então perguntou: — É a você?

Fancy não estava segura do que sentia. Pouco a pouco ele estava fazendo

com que desejasse ficar. Mas, como poderia ficar com o homem que tinha causado a morte de seu irmão? O perdoara, mas seria capaz de esquecer?

— Rosalyn precisa de mim — disse em vez de responder. — Parece que Calder a encontrou de novo.

Lucien apertou mais forte o copo de vinho.

— Verme maldito. Desejaria ter podido pôr as mãos em cima dele lá na Cornualles. Teria feito um nó e jogado do alto do escarpado.

— Calder sempre foi escorregadio. — Mordendo uma alcachofra, disse: — Parece que Lorde Manchester foi em socorro de Rosalyn.

Sem levantar os olhos, Fancy aguardou a reação de Lucien, considerando que até esse momento o papel de salvador tinha sido dele. Os cantos de seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Derek vai ter com que se ocupar.

— O que quer dizer?

— Que Lady Rosalyn significa quase tantos problemas como você.

Fancy lhe lançou um olhar zangado.

— Eu significo problemas?

— Ponhamos deste modo: é a única mulher que atirou em mim em toda minha vida.

Fancy deu um golpe sobre a mesa com seu guardanapo.

— Quanto tempo mais vou ter que ouvir essa acusação? Foi um acidente.

Lucien se reclinou em sua cadeira, com um brilho divertido no olhar.

— Não parece que você é um pouquinho problemática?

Fancy cruzou os braços sobre o peito e deu de ombros.

— Possivelmente um pouco.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Cheguei a pensar na cicatriz do tornozelo como em uma ferida de guerra.

Ao ver outra vez a zanga no rosto dela, apressou-se a acrescentar.

— Uma ferida que estou orgulhoso de ter. O atizador apontando para minha virilidade, bom... esquecer isso poderia levar mais tempo.

Fancy deixou escapar um suspiro exasperado.

— É obvio. Se algo tivesse acontecido a essa zona não poderia continuar sendo um mulherengo.

— Agora já não sou um mulherengo.

Ela pigarreou ruidosamente e o vândalo teve a audácia de olhá-la com um

amplo sorriso.

— Está com ciúmes — disse, feliz.

— Não estou! — Fancy empurrou sua cadeira para trás levantando-se bruscamente, mas ele a agarrou pela cintura e a atraiu para seu regaço. — Me Solte!

— *Ssh* — murmurou. — Só quero te abraçar. — Acariciou suavemente seu braço. — Não contei isto a ninguém, mas por muito tempo perdi o interesse pelas mulheres. Teve vezes em que pensei que o desejo tinha me abandonado para sempre. E então apareceu você.

Fancy relaxou um pouco e se aproximou dele.

— O que eu fiz?

— Ser você mesma. Vibrante, forte, valente. Foi como um raio de sol. E me fez desejar ser um homem melhor.

Fancy não pôde se conter. Olhou fixamente para ele.

— De verdade?

Ele assentiu.

— Poucas vezes em minha vida fui capaz de não dar importância às minhas origens e à minha vida passada. Mas você me fez esquecer.

Fancy o olhou de frente.

— Pode mudar, Lucien. Todas as pessoas podem mudar.

— Não posso fazer isso sozinho, Fancy.

— Não vai estar sozinho. Eu vou ajudar você.

— Por quê?

Fancy temia descobrir o porquê, e não podia dizer, nem para si mesma.

— Porque deve isso a George — respondeu solenemente. — E me deve isso .

— Sei — murmurou ele, dando a ela um raio de esperança enquanto beijava sua cabeça, rogando que finalmente tivessem chegando tempos melhores.

* * *

Um ruído despertou Fancy na metade da noite. Ao se virar percebeu que Lucien não estava na cama. Sentou-se e estendeu a mão para acender o abajur.

— Não — disse bruscamente da escuridão.

Piscando para afugentar o sono de seus olhos, Fancy o viu caminhando de um lado para outro diante da janela, iluminado por um raio de lua que lhe dava uma aparência fantasmagórica e revelava o grau de sua agitação.

— Lucien...

— Tem que conseguir que Tahj me deixe sair. Tenho que sair. — Como ela permanecia em silêncio, disse bruscamente: — Não me ouve? Faz com que abra a maldita porta!

— Lucien, por favor, volte para a cama. — Estendeu a mão, que ele pareceu não ver. Ia e vinha pelo quarto como leão enjaulado.

— Preciso sair. Só uns minutos. — Voltou-se para ela. — Por favor.

— Não, Lucien — murmurou a jovem. — Prometeu que tentaria.

— Tentarei. Estou tentando. — Passou uma mão pelo cabelo, que estava tão revoltado como se estivesse fazendo isso durante horas. — Posso ir diminuindo a dose gradualmente. Não pode pretender que deixe de um dia para o outro.

— Sei que vai ser difícil.

— Difícil? — gritou ele, girando e dirigindo-se a passos largos para a cama. — O que você sabe disto?

— Nada. Mas o que sei, é que se não sair disto agora, pode ser que nunca mais seja capaz de fazê-lo. Por favor, — sussurrou — venha se deitar comigo.

— Deus — grunhiu ele, puxando os próprios cabelos. — É tão *santarrona*...

Fancy saiu da cama e parou diante dele.

— Você me pediu ajuda.

— Não é deste tipo de ajuda que necessito.

— E então qual o tipo de ajuda que precisa? Quer que simplesmente diga "Vá em frente. Se mate". E isso?

— Isso não vai acontecer.

— Quer uma esposa, Lucien? Filhos? Há alguma coisa que signifique algo para você?

— Maldita seja. Sei o que estou fazendo. Agora chama o Tahj.

— Não.

Ele levantou o abajur da mesinha de noite e a lançou no outro lado do quarto.

— Chama!

Imediatamente soou uma batida na porta.

— Milady — disse a voz de Tahj. — Você está bem?

— Estou bem.

— Abro a porta? — perguntou o mordomo em tom ansioso.

— Sim! — rugiu Lucien.

— Não — o contradisse Fancy em voz igualmente alta.

Lucien a fez retroceder até deixá-la com as costas apertada contra a parede.

— Diga a ele que abra.

— Não.

— Faça isso agora, Fancy, ou...

— O que? — perguntou ela enquanto olhava furiosamente para ele. — O que vai fazer comigo, Lucien? Bater em mim?

Um olhar horrorizado apareceu no rosto de Lucien, mas ela tinha que abrir os seus olhos para que visse o que a droga estava fazendo com ele.

Cambaleando, se afastou dela para o lado oposto do quarto e incapaz de ficar quieto enquanto suas mãos se moviam sobre os livros, a mesa, as cadeiras, flexionando os dedos várias vezes.

Então se apoiou contra a parede e lentamente se deixou cair ao chão, onde cruzou os braços rodeando os joelhos e apertou a fronte contra elas.

— Não posso fazer isso.

Juntando coragem, Fancy caminhou para ele lentamente, tentando não fazer ruído, baixou o olhar até a cabeça caída e então se ajoelhou a seu lado.

Tocou seu cabelo com suavidade, alisando as mechas rebeldes, perguntando-se com desalento se ambos teriam força suficiente para acabar com este problema. Ele tinha sido viciado por tanto tempo... O que a levava a acreditar que ela poderia ajudá-lo? O que sabia ela sobre o que ele estava passando? Só sabia exatamente como era terrível a síndrome de abstinência que ele teria que sofrer.

Tinha visto uma vez, quando sua avó tinha cuidado de um amigo por quase uma semana enquanto o homem lutava para superar seu vício à morfina, que tinha começado depois de perder a parte inferior de uma perna por causa da gangrena. A lembrança do som fantasmagórico de seus gemidos vindo do apartamento de cobertura tinha provocado pesadelos em Fancy durante meses.

Mas enquanto olhava Lucien, soube que faria algo para o tirar disto.

— Venha para a cama — murmurou, erguendo o rosto dele para si e vendo em seus olhos um desejo contido, mas não por ela. Ele precisava de outra coisa com muita mais desespero, e a revelação partiu seu coração.

Ficou de pé diante dele e com gestos lentos começou a baixar as alças de sua combinação que deslizou por seus braços até o chão, onde ficou em torno de seus pés, deixando-a nua e vulnerável.

— Venha para a cama, Lucien — repetiu, estendendo uma mão para ele.

Ele a contemplou longamente e erguendo a mão trêmula tomou a dela

enquanto ficava de pé cambaleando, deixando seus olhos percorrê-la lentamente, sentindo seu corpo tencionar. Com um rugido, agarrou-a balançando-a entre seus braços e foi imediatamente para a cama, onde a estendeu atravessada enquanto ele desabotoava com dedos impaciente os botões de sua calça. Então abriu suas pernas e ficou em cima dela com frenética necessidade, penetrando-a com um único e rápido movimento, deixando-a sem fôlego enquanto bombeava dentro dela até ficar exausto.

Depois dormiu.

E ela ficou olhando as sombras que a luz da lua projetava sobre o teto, embalando Lucien em seus braços, com a certeza de que o pior ainda estava por vir.

* * *

O delírio começou na terceira noite, arrancando Fancy de um sono inquieto. Ao abrir os olhos viu Lucien de cócoras num canto do quarto, segurando contra o pulso a mesma navalha que ela tinha usado para barbeá-lo.

Sentiu o alarme soar em seu interior, mas temeu que um movimento rápido pudesse sobressaltá-lo e fazer com que o fio da navalha atravessasse sua carne.

— Lucien — sussurrou, aproximando-se lentamente para os pés da cama.

Sua cabeça oscilou de cima para baixo e a levantou lentamente como se fosse muito pesada. Tinha os olhos injetados de sangue e o rosto perigosamente pálido. A cada momento que passava, mais parecia com uma pessoa que estava morrendo.

Não tinha comigo nada desde no dia anterior e tinha as faces cada vez mais afundadas. A barba tinha escurecido seu queixo, mas nessa manhã se negou a deixar-se barbear por ela. As alucinações a floravam cada vez que ela se aproximava com a navalha. Como não tinha lhe ocorrido desaparecer com ela?

— Por favor, Lucien, abaixa isso.

Ele deu pequenos golpes com a navalha no seu pulso, e ela notou que parecia que ele estava fazendo isso há um bom tempo pois tinha pequenos cortes no antebraço.

— Ele nos fazia sepultá-los debaixo da árvore — disse, balançando-se de um lado para outro, com um forte sotaque *cockney*. — Disse a ele que não podíamos fazer isso. Não estava certo. Eles necessitavam que os sepultássemos como Deus manda.

— Quem, Lucien? — perguntou Fancy com suavidade enquanto deslizava os pés até o chão. — Quem vocês sepultaram sob a árvore?

Ele cobriu os olhos com a mão e um gemido de angústia retumbou do mais profundo.

— Os bebês — respondeu com voz estrangulada. — Ele disse que não podia

pagar nenhum enterro e que o pó voltava para pó.

O desespero apertava a garganta de Fancy.

— Você fala dos bebês de sua mãe que nasceram mortos? Seu pai os fazia sepultá-los sob uma árvore?

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu, e às vezes meu irmão Dorian, mas eu não queria que ele visse isso, então eu o fazia virar as costas. — Saiu de suma garganta um som parecido com uma risada, que logo se transformou em um soluço. — Eu roubei água benta da igreja de *Bluegate* para derramar sobre suas tumbas. — Olhou para ela. Seu olhar era atormentado. — Acha que foi pecado, roubar a água benta?

— Não, meu amor — murmurou ela, sacudindo a cabeça. — Fez o que era melhor para eles.

— Esperei que o padre entrasse no confessionário — disse ele, como numa confissão. — Então coloquei a água em uma garrafa e saí correndo. — Segurou a lâmina no alto, girando-a em direção à luz. — Não sabia nenhuma prece, assim inventei uma.

— Foi um bom irmão — disse ela docemente, enquanto se aproximava dele com cautela, com os olhos fixos na mão que sustentava a navalha.

— Um bom irmão — repetiu ele com voz estrangulada. — Aquela árvore já não estava ali quando retornei da Índia. Tudo tinha sido demolido, como minha vida. — De repente seu olhar cravou no de Fancy e a lâmina da faca cortou o ar quando ele levantou de repente. A ponta da navalha estava diretamente para seus seios.

— Onde estão meus irmãos?

Com o corpo tremendo como uma folha verde, Fancy estendeu a mão e com suavidade fechou os dedos sobre o pulso dele, abaixando sua mão.

— Nós os encontraremos — disse ela, girando sua mão para afrouxar com cuidado os dedos que apertavam o cabo.

Lucien a observava, o ar vibrando com a ameaça de uma tragédia, até que finalmente ele afrouxou a pressão e ela deslizou a navalha para fora de sua mão.

Uma onda de alívio a invadiu e fechou os olhos, com o coração pulsando como o de um colibri. Até esse momento não se deu conta de quanto tempo tinha passado retendo o fôlego.

— Não me deixe — implorou Lucien em um sussurro perturbador, seus dedos movendo-se lentamente pelo rosto dela.

— Não o deixarei — prometeu Fancy de maneira, promessa que brotava do fundo de seu coração.

Capítulo 20

Quase oito dias foram necessários para que a droga abandonasse o organismo de Lucien.

Houve momentos em que estiveram a ponto de ser vencidos, quando os tremores e o delírio eram tão terríveis que Fancy chegou a pensar que Lucien, parecia estar a beira da loucura, que se desintegraria. Outras vezes, ele rompia a chorar, afundando-se em abismos internos tão insondáveis que ela temia que pudesse não ressurgir jamais.

Agora, enquanto ele dormia pela primeira vez sem pesadelos, Fancy contemplava o amanhecer de seu nono dia em cativeiro. Pelo menos sabia que o pior já tinha passado. O que não sabia era o que seria deles. E possivelmente isso (mais que qualquer outra coisa) era seu maior temor.

Lucien tinha tornado impossível guardar qualquer ressentimento contra ele, com suas confissões à meia-noite em que, com dilaceradores detalhes, pintava vívidas imagens de sua juventude, dos irmãos e irmãs que tinha amado e perdido. Dos dias em que tinha pensado em acabar com todo o sofrimento.

Houve momentos nos quais Fancy tinha desejado tampar os ouvidos e não ouvir nem mais uma palavra dolorosa, pensar só no irmão que ela tinha perdido nas mãos do homem que ela tinha chegado a amar.

Sim, o amava. O amava com toda a alma, embora só admitisse para si em momentos tranquilos, como este. Ele tinha deslizado para dentro de seu coração e tinha derrubado todas as barreiras que ela tinha levantado para salvar ela mesma do desespero.

Uma batida na porta a arrancou de seus pensamentos. Voltando a cabeça disse em voz baixa:

— Adiante.

De pé na soleira da porta estava Tajh com a bandeja com o café da manhã. Estava diferente, parecia estar em paz, de um modo muito parecido ao de Lucien. A jovem e o monge se comunicaram em silêncio, as palavras eram dispensáveis entre eles enquanto ele caminhava lenta e silenciosamente para a mesa, com os pés calçados com sandálias, e colocava ali o conteúdo da bandeja.

Quando ele se voltou para olhá-la de frente, com as mãos postas e uma expressão solene nos olhos escuros, Fancy soube que não voltaria a vê-lo.

— Você, pedaço de... — disse uma voz fraca da cama, fazendo com que ambos se virassem e viram Lucien sentado, com o cabelo revoltado e as pálpebras inchadas mas com um olhar limpo e direto pela primeira vez em muito tempo.

— Vejo que não perdeu sua capacidade de se expressar, *vajra* — murmurou

Tahj em tom irônico. — E se me permitir isso, devo dizer que seu aspecto lembra uma enorme pilha de merda de camelo.

Um sorriso ensaiava curvar os cantos dos lábios de Lucien e finalmente o som profundo e intenso de sua risada retumbou ao brotar do peito. Era maravilhoso o ouvir rir.

— Sim, é mesmo? Mas me sinto estupendamente bem. — Olhou para Fancy, com expressão terna. — Será que estaria disposta a me barbear outra vez?

Ela cruzou de braços e disse em tom sério:

— Você tem duas mãos.

Ele sacudiu a cabeça com um brilho divertido nos olhos.

— Não vai mesmo me deixar fazer de inválido, não é mesmo?

— Claro que não!

Soltou um suspiro.

— Bom, suponho que devo me levantar e fazer algo para começar a parecer um ser humano outra vez.

Afastando as mantas balançou as pernas para um lado da cama. O impacto de sua presença deslumbrou como da primeira vez os sentidos de Fancy, que abarcava com o olhar cada centímetro desse corpo que estendeu a mão para suas calças e então caminhou para a mesa.

Embora tivesse perdido peso, seu aspecto continuava sendo extraordinariamente viril e os músculos se sobressaíam em relevo no corpo mais magro. A avidez com que tinham feito o amor durante os dias de confinamento fez brotar um doloroso desejo nela.

O que aconteceria agora que ele se recuperara? A vida que ela tinha desejado até uns poucos meses já não bastava para suprir o que lhe faltava interiormente.

— Devo me despedir. — Ouviu Tahj dizer solenemente.

Com uma fumegante xícara de café entre as mãos, Lucien olhou para Tahj com o cenho franzido:

— O que disse?

— Vou partir. É hora de eu ir.

— Ir? — Lucien se virou para seu amigo e companheiro de tanto tempo, com expressão incrédula. — Mas já acostumei à sua irritante presença. Não pode partir agora.

— Já não precisa mais de mim.

Fancy lamentava sua partida. Entre os dois homens havia um vínculo

especial. Se esse laço se partisse, ela temia que Lucien se sentisse à deriva.

— Então vai assim, sem mais nem menos? — Colocou com violência a xícara sobre a mesa e um pouco do café se derramou. — Pois bem, parte então. Vá para o diabo.

— Vai ficar bem sem mim.

De certa forma, Tahj tinha sido um escudo para Lucien, ajudando-o a vencer as tempestades. Agora que para Lucien tinham começado tempos melhores, Tahj não ia dar a ele uma desculpa para voltar a cair.

Apoiou uma mão no homem do Lucien, cruzando a barreira entre mentor e discípulo:

— Encontrou seu verdadeiro caminho, meu amigo. Agora deve percorrê-la sozinho. Nunca estarei longe se precisar de mim, mas duvido que vá precisar. — acrescentou olhando em direção a Fancy. — Adeus doce anjo da noite — disse a ela fazendo uma reverência, e então voltou a olhar para Lucien. — Adeus, *vajra*. Que sua vida seja repleta de muitas bênçãos.

Virando-se em silêncio, Tahj desapareceu pela porta.

Lucien caminhou até a soleira e apoiou as mãos sobre os umbrais, com a cabeça inclinada. Fancy, de pé detrás dele, afastou seus braços e apertou o rosto contra suas costas. O som abafado da porta principal que se abriu e se fechou flutuou até eles cruzando o corredor.

— Foi. — disse Lucien com voz vazia. — Finalmente consegui afugentá-lo de minha vida.

Com um gesto suave Fancy o fez voltar-se para ela.

— Você não o afugentou de sua vida. Você encontrou sua vida. Não vê? Por isso ele partiu.

Ele pegou seus pulsos, seguindo o percurso de uma veia com o polegar de maneira suave.

— O que encontrei, Fancy? O que me aguarda? Você sabe? Porque te asseguro que eu não sei. Todos estes anos acreditei que tinha perdido tudo. Enchi-me de ira por causa do que me tinha sido negado. E agora descubro que todas as coisas que tentei deixar no passado, as coisas que tentei esquecer, continuam aí. Ainda estou sozinho.

Fancy entrelaçou seus dedos com os dele.

— Não está sozinho.

— Nunca estarei curado de tudo, sabe... Acredito que a vontade sempre vai estar latente em mim. Tenho medo do que possa acontecer se não for capaz de controlá-la.

— Não adiantemos aos fatos.

Olhou-a fixamente com olhos que lembravam o turbulento mar da Cornualles.

— Por que, Fancy? Poderia ter o homem que desejasse. Por que queria estar comigo?

Nesse momento a resposta apareceu para Fancy com toda clareza.

— Sempre acreditei que reconheceria instantaneamente o homem da minha vida e que seria capaz de catalogar todas as razões pelas quais o amava. Imaginava uma espécie de conto de fadas. Mas as coisas não foram assim.

Lucien fechou os olhos diante dessa confissão, soltou suas mãos da dela.

— Sinto muito.

Capturando uma das mãos, a jovem a segurou contra o rosto dela.

— Eu não. Pensei que nunca seria capaz de perdoá-lo por George. Talvez achasse que não devia fazê-lo. Mas quando Tahj veio me dizer que estava mau, soube que tinha que ir para ti. Nada mais me importou. E durante estes últimos dias percebi que na verdade o que estava sentindo, que a necessidade de estar com você era amor, um amor forte e firme.

Virando sua mão, beijou a palma.

— O que quero é algo genuíno, Lucien. O coração bate forte cada vez que o vejo. — Ela apoiou a mão dele sobre seu coração, o deixando sentir a onda de emoções que a inundava cada vez que estavam juntos. — Meu irmão tinha muita mais visão do que eu jamais tinha imaginado. Ele o enviou até mim.

— Fancy... — sussurrou Lucien com voz ofegante, inclinando-se para beijá-la, deixando sair todas suas emoções enquanto a apertava forte contra ele, rodeando-a com seus braços.

O amor seria o laço que os manteria unidos na calma e na tempestade.

Epílogo

Véspera de Natal

As luzes de Cornualles brilhavam sobre o mar noturno corado de espuma, pulverizando estrelas douradas através da superfície de cristal e refletindo-se nos reluzentes janelas recém lavadas de *Moor's End*.

Fancy rodeou o corpo com os braços, sentindo uma felicidade sublime por estar de pé ali onde gerações dos Fitz Hughs tinham contemplado seu pedacinho de

céu.

Uma vez que se entregou sem reservas ao amor que sentia por Lucien, este não tinha perdido o tempo; obteve uma permissão especial para casar-se com ela no mesmo dia em que saíram do confinamento no quarto dele.

Depois, Lucien tinha demonstrado seu amor de mil maneiras. A levou para viver em Cornualles. Inteirou-se da dívida que pesava sobre Moor's End e a tinha pago em segredo, lhe entregando o título de propriedade da casa no mesmo dia em que a levava nos braços para cruzar a soleira. Em certo sentido, ele a tinha feito renascer, renovando nela a esperança que ela achava que tinha perdido para sempre.

Um imensa alegria e esperança a invadiu, ao vê-lo equilibrando uma braçada de lenha para a lareira e a imagem dele fazendo amor com ela junto ao fogo, como quase todas as noites dessa semana, fez que borboletas dançarem em seu estômago. A neve sdeira em seu cabelo e ombros. Nevara durante todo o dia, inaugurando a primeira do que Fancy esperava ser uma longa série de lindos Natais que viriam.

Afastando-se da janela, apressou-se a verificar seu aspecto. Quem teria pensado que uma diabinha que estava acostumada a viver vestida com calças na realidade gostava de se ver como uma dama?

Deu um beliscão nas bochechas e girou para olhar para a porta quando seu marido entrou com sua carga nas costas, trazendo consigo um estimulante vigor de ar invernal e flocos de neve.

— Precisa de ajuda? — perguntou com um olhar coquete e um descarado balanço de quadris.

Ele sorriu sensualmente enquanto se agachava diante da lareira a empilhar a madeira.

— Não acharia mal um beijo. Conhece alguém que pudesse me dar um?

Fancy inclinou a cabeça e se deu uns golpecitos com o dedo no queixo.

— Creio que poderia chegar a encontrar uma mulher disposta.

— Acha que essa mulher poderia se apressar? Meus lábios precisam de um pouco de calor.

Fancy não precisava de mais estímulos. Depressa se aproximou e se ajoelhando-se diante dele tomou entre suas mãos mornas seu rosto lindo (e agora tão frio) e apertou seus lábios contra os de Lucien. E foi apenas um segundo para que as chamas de um simples beijo se transformasse em algo muito mais ardente, puxando-a até tê-la muito junto a seu corpo, abraçando-a como se da última vez que se viram, tivesse transcorrido uma eternidade, em vez de uma hora. Sabia fazê-la se sentir amada e ela guardava esta bênção porque sabia que de certo modo era George quem tinha enviado este homem a ela.

O som de um pigarro entrou na consciência de Fancy, que piscando abriu

lentamente os olhos, para dar com Henry, o mordomo de Lucien, de pé na porta, com as bochechas usualmente pálidas agora acesas e o olhar desviado para o teto.

— O que aconteceu homem? — grunhiu Lucien, com a voz rouca de desejo.

— Chegou um pacote para o senhor. — Tirou um grande pacote de trás das costas e o entregou a Lucien.

Este ficou olhando-o fixamente; a marca no lacre era inconfundível. O emblema do Conde de Redding.

— O senhor vai precisar de mais alguma coisa?

Lucien sacudiu a cabeça e passou uma mão pelo cabelo.

— Não, isso é tudo.

Com uma inclinação de cabeça, o mordomo partiu.

Ele olhou longamente o pacote. Fancy o observava, temerosa pelo conteúdo da carta, seguindo Lucien com o olhar, enquanto ele atravessava a sala.

A luz da lua entrava em torrentes pela janela, revelando a vulnerabilidade de seus olhos enquanto ele entregava o envelope a ela.

A mão de Fancy tremia ao recebê-lo e tomando o abridor de cartas, tirou o lacre e pegou o papel que estava dentro. Na primeira folha estava escrito com delicada caligrafia feminina:

Meu muito estimado Lucien,

Fancy leu em voz alta as palavras escritas por lady Diana Slade.

Espero que esta carta o encontre bem e feliz e se ainda não a jogou no fogo, então resta uma esperança para o futuro.

Suponho que pedir a você que não despreze pra sempre o nome Redding seria muito. Eu não o desprezo, nem tampouco Christian, embora duvide que você creia nisso. Entendo meu irmão querido muito mais do que ele mesmo e acredito que também entendo você.

Meu desejo para todos nós, é que possamos deixar para trás os pecados passados e olhar para o futuro. Com o objetivo de tal fim lhe anexo alguns documentos que recebi recentemente do advogado de meu pai. Ao que parece, esses arquivos estiveram perdidos durante muitos anos e foram remetidos depois da morte de meu pai. Não quero que pense que Christian soubesse dessa informação e a manteve oculta de você. A caixa foi encontrada e aberta hoje.

Espero que encontre nestas páginas o que está procurando e que isso dê a você algum consolo. De todo coração desejo vê-lo feliz.

Feliz Natal.

Diana.

Fancy olhou nos olhos de Lucien enquanto entregava os documentos. Ele engoliu a saliva ruidosamente, vacilante antes de baixar os olhos para ler o documento que Diana tinha enviado.

Então fechou os olhos, enquanto as folhas eram amassadas em suas mãos. Com muito custo, Fancy esperou que as soltasse, enquanto olhava as palavras ali escritas, uma lágrima desceu por seu rosto.

A sepultura da mãe de Lucien tinha sido encontrada.

* * *

O dia amanhecia quando a carruagem parou com um longo rangido. Lucien não havia dito uma só palavra durante o trajeto. Com semblante sombrio estendeu a mão para ajudar Fancy a desembarcar do carro. O coração da jovem sofria por ele.

Os raios dourados salpicavam a erva descuidada que assinalava Pauper's Field, onde a mãe de Lucien tinha sido sepultada há quase doze anos, depois de ter adoecido de pneumonia numa prisão de devedores.

Ela e seu marido tinham sido enviados ali por não ter podido devolver um empréstimo.

Albert Kendall tinha sido assassinado ali, esfaqueado pelas costas por outro recluso quando tentava roubar os sapatos de um homem morto, e estava enterrado em outro lugar.

Entretanto, ainda restava um raio de esperança. Entre os papéis estava o registro de passageiros de um navio, com data de alguns anos. Nele figuravam os nomes dos irmãos e irmãs de Lucien. O navio tinha zarpado para os Estados Unidos. De modo que o clã Kendall estava lá, em algum lugar. Ela e Lucien não parariam até encontrá-los.

Lucien se deteve diante de uma pequena placa, que era único meio de identificação entre as lotadas fileiras.

Fancy se ajoelhou e limpou com um pedaço de pano a terra que cobria a placa colocando as flores que havia trazido.

— Sepultaram-na aqui como se fosse lixo — toda a amargura de uma vida derramada em sua voz.

Fancy afastou sua mão com suavidade enquanto se erguia.

— Podemos trasladá-la. E conheço um lugar maravilhoso.

— Onde?

— Ao lado de minha mãe. É um lugar lindo, no alto de uma colina que dá para

o mar em Meadow'Cove. Acho que ela gostaria.

Lucien estendeu a mão e acariciou seu cabelo.

— Amo você, sabia?

— Sei, sim. — Fancy o abraçou forte. — Sinto muito por sua mãe.

— Sempre esperei que meu pai tivesse um final abjeto. Mas, minha mãe... — Virou a cabeça.

Fancy rodeou seu rosto com as mãos e fez com que a olhasse.

— Sua mãe o amava. Teria se orgulhado do homem no qual você se tornou. E sei que ela teria querido que fosse feliz.

— Eu a faço feliz? — perguntou ele com o olhar tímido.

— Muito feliz — disse ela, beijando-o. — E isto não termina aqui, Lucien. Seus irmãos e irmãs estão vivos ainda. Temos um ponto de partida para empreender sua busca. Os encontraremos.

— Crê nisso de verdade?

— Sim — disse ela. — Agora é minha família e pode ser que tenho notado que sou muito protetora com aqueles a quem amo. Me conhece por ter golpeado algumas cabeças.

— Sei disso. — Ele se inclinou e levou a mão à parte de trás da cabeça.

— Leve isso em conta, meu marido, porque tem uma obrigação a cumprir.

— E que obrigação é essa, amor?

Fancy se apoiou nele e jogou os braços em torno do seu pescoço.

— Me dar a bênção de ter muitos bebês para amar e cuidar.

Os lábios de Lucien se curvaram em um sorriso malicioso.

— Dê como feito, querida esposa.